

COLEÇÃO

VIAGENS FILOSÓFICAS



CHIADO

B O O K S

Um livro vai para além de um objeto. É um encontro entre duas pessoas através da palavra escrita. É esse encontro entre autores e leitores que a Chiado Editora procura todos os dias, trabalhando cada livro com a dedicação de uma obra única e derradeira, seguindo a máxima pessoana “põe quanto és no mínimo que fazes”. Queremos que este livro seja um desafio para si. O nosso desafio é merecer que este livro faça parte da sua vida.

www.chiadobooks.com



CHIADO

B O O K S

Brasil | Portugal | Angola | Cabo Verde

Conjunto Nacional, cj. 205 e 206, Avenida Paulista 2073,
Edifício Horsa 1, CEP 01311-300 São Paulo, Brasil
Edifício Chiado – Rua de Cascais, 57, Alcântara – 1300-260 Lisboa, Portugal

Espanha | América Latina

Paseo de la Castellana, 95, planta 16 – 28046 Madrid
Passeig de Gràcia, 12, 1.ª planta – 08007 Barcelona
Brickell Avenue 1221, Suite 900 – Miami 33131 Florida United States of America

U.K | U.S.A | Irlanda

180 Picaddilly, London – W1J 9HF
Brickell Avenue 1221, Suite 900 – Miami 33131 Florida United States of America
630 Fifth Avenue – New York, NY 10111 – USA

Itália

Via Sistina 121 – 00187 Roma

© 2018, Ismael Specht e Chiado Books
E-mail: geral@chiadobooks.com

Título: Judas é Amor
Editor: Adriana Passarinho
Composição gráfica: Paula Costa – Departamento Gráfico
Capa: XXXXXX
Revisão: Ismael Specht

Impressão e acabamento:

CHIADO
P R I N T

1.ª edição: XXXXXXXXXX, 2018
ISBN: 978-989-52-4313-6
Depósito Legal n.º XXXXX

ISMAEL SPECHT

JUDAS É AMOR



CHIADO
B O O K S

Brasil | Portugal | Angola | Cabo Verde

Sumário

Introdução — Este é um livro apócrifo.	9
Capítulo I — Judas é Amor.	15
Capítulo II — Suicídio	25
Capítulo III — Amamos aprisionar e a teoria do Amor romântico transcendental	35
Capítulo IV — Não chegamos ao topo.	79
Capítulo V — Os humanos voltarão ao planeta Terra . . .	105
Capítulo VI — Eu queria estar morto.	119
Capítulo VII — Inferno — Todos serão perdoados	135
Capítulo VIII — Eu viverei para sempre	147
Capítulo IX — Número nove	153
Capítulo X — Jesus	159
Capítulo XI — Para Deus não existe o bem e o mal	183
Capítulo XII — Sexo	199
Capítulo XIII — Violência	213
Capítulo XIV — Lúcifer.	223
Capítulo XV — Caifás, Herodes, Pilatos e os Legisladores .	241
Capítulo XVI — Maomé foi traído.	251
Capítulo XVII — Blasfemos, corruptos e demagogos . . .	273
Capítulo XVIII — O deus Dinheiro	287
Capítulo XIX — Emanuel	301

Capítulo XX — As nove perguntas de Gerson	309
1. Religião, criada por Deus ou pelos homens?	312
2. Deus sendo unipotente e diante dessa diversidade de religiões que existem, teriam elas o mesmo objetivo? Por que muitos fiéis entram em conflito, inclusive bélico, em nome de Deus, sendo ele único e representando paz e Amor? . . .	326
3. Seria o Amor o dom supremo?	337
4. A traição se justifica sendo ela praticada para se atingir um nobre fim? Seria também um ato de Amor?	344
5. Altruísmo e compaixão, palavras de difícil compreensão. Quais os seus verdadeiros significados no desenvolvimento do ser?	350
6. Violência física e psicológica praticadas por religiões justificam-se por serem praticadas em nome de Deus?	356
7. Céu e inferno existem? Existindo, como compreender que determinada religião é verdadeira e única salvadora? E as demais, estariam condenadas ao inferno? Será que não vai faltar espaço para tantas almas perdidas?	364
8. Judas, tendo traído Jesus, executou um papel fundamental para realizar o projeto do Salvador? Sendo dessa forma, por que Judas se suicidou?	370
9. Espiritualidade e religião parecem se assemelhar, mas existem diferenças significativas, quais seriam as principais?	377
Capítulo XXI — Eu sou Judas	385
Capítulo XXII — Quem andar­á com os excluídos? . . .	415

Os religiosos e os moralistas trouxeram uma mulher apanhada em adultério, puseram-na no meio de todos e disseram a Jesus: “Mestre, esta mulher tem sido apanhada em flagrante adultério. *Moisés* nos ordenou na *lei* que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes?”. Isso diziam, experimentando-o, para ter de que o acusar. Jesus, porém, abaixando-se, começou a escrever no chão com o dedo. Como eles insistissem na pergunta, levantou-se e disse-lhes: **“Aquele que dentre vós está sem pecado, seja o primeiro que lhe atire uma pedra”**.

Introdução — Este é um livro apócrifo

Um livro apócrifo é aquele que é rejeitado por autoridades religiosas por conter informações contraditórias (erradas) em relação àquelas apregoadas pelas mesmas autoridades. Ou, ainda, também é considerado um livro apócrifo aquele que instiga pensamentos conflitantes com as doutrinas de uma autoridade religiosa. Um livro apócrifo é, portanto, basicamente um escrito de mentiras e afrontamentos às normas estabelecidas. E é exatamente isso que este material representa. Este é um conteúdo completamente desprezado do compromisso de trazer qualquer evidência comprovável e também tem o claro intuito de transgredir e instigar o pensamento considerado correto.

Geralmente, quando buscamos por uma leitura, por mais que discordemos do assunto ao qual vamos ler, sabemos que aquele autor se propunha a escrever algo no qual acreditava, de que estava convicto. Mesmo aqueles que se propõem a tratar de novas ideias e conceitos, defendem suas ideias. Nunca ouvi alguém que confrontado sobre as ideias que escreveu facilmente abdicar de suas convicções em virtude de concordar com uma ideia melhor ou diferente. Nunca ouvi alguém dizer, depois de ter colocado no papel sua teoria: “Estou errado.” Mesmo em um debate aflorado, as pessoas, inclusive eu, têm dificuldade em dizer: “Realmente, estou errado.” Isso pode acontecer em um momento posterior, quando os ânimos se acalmam, mas não durante o debate.

Então, em um livro, esse reconhecimento do erro é muito mais difícil, pois a vontade que nos leva a escrever é aquela que já deu muito tempo à razão e às emoções para se acomodarem e encontrarem lógicas suficientes para justificarem o posicionamento adotado.

Portanto, desde o princípio, desde o momento em que decidi colocar no papel minhas ideias, soube que estava lidando com pensamentos que nem eu mesmo me permitia muitas vezes pensar. Por exemplo, nunca pensei que meu nome não fosse o nome ao qual desde sempre aprendi que era o meu, mas só porque sempre me disseram que esse era o meu nome, isso não quer dizer que esse é o meu nome. Isso não quer dizer que esse tem que ser meu nome. Se eu quiser, eu posso ter outro. A lei de meu país me proíbe de mudá-lo apenas com base nesse argumento. Entretanto, quem disse que eu preciso respeitar as leis? Isso também é algo que sempre me foi dito. E a linha de certezas assim começa a se desfazer, e aos poucos as convicções que eu sempre tive foram sendo enfraquecidas. Esse parece um argumento simplório, mas observe como nossa vida é regida por muitas certezas que nos foram inculcadas desde que nascemos e da qual não questionamos? Por isso eu pergunto: que nome daríamos a nós mesmos se nos fosse possível hoje escolher, e que vida viveríamos se pudessemos nos livrar de nossa bagagem de conceitos inculcados em nós?

Quero neste livro deliberadamente errar. Sinto-me desconfortável com muitas das coisas aqui pensadas e escritas, mas dei-me a liberdade de pensá-las e compartilhá-las com você. Sei que vou às vezes ofender alguns leitores, principalmente aqueles que tenham verdades arraigadas em seu âmago existencial e às quais não permitem ser questionadas. Vivemos em uma era de extrema proliferação do conhecimento e revelações

científicas, e paradoxalmente, vivemos um extremo de ideologias irracionalmente defendidas por quem, além do mais, ainda ameaça aqueles que ousem questioná-las, vide os atentados terroristas que assolam a humanidade. Em virtude do respeito que temos por ideias diferentes, mesmo que consideradas erradas, optamos por não questionar, deixando estar. Entretanto, aqui resolvi escrever o que penso. Não quero ofender. Mas se alguém assim se sentir, desde já peço desculpas. Falarei o que penso mesmo assim.

Meu objetivo não é o de impor uma certeza, porém, gerar o desconforto da dúvida e o crescimento por meio do debate crítico e saudável, mas acima de tudo, respeitoso. Inevitavelmente, acabarei colocando algumas ideias de forma crítica para que sejam provocadoras. Se uma ideia é sustentável, ela será debatida e defendida com o diálogo, mas se não for, deve ser descartada.

Contudo, existe algo que me intriga. E isso se refere ao motivo que me levou a escrever este livro. E para entender isso é preciso que eu volte alguns passos em minha memória. Após ter escrito o livro *Intuição*, eu havia estabelecido que o próximo livro devesse falar sobre Amor. Eu queria falar sobre Amor porque por muitos anos essa palavra não fazia parte de meu vocabulário. Eu via nela um sinal de fraqueza. Contudo, via força na palavra ódio. Gostava de me alimentar do ódio. Não que fosse uma pessoa violenta em gestos. Pelo contrário, sempre fui gentil. Mas os pensamentos revolviam sobre a áurea do ódio. Por algum motivo, a partir dos 27 anos a palavra Amor começou a aparecer em minha experiência de vida. Não me refiro a um Amor romântico. Sempre procurei transcender esse conceito hollywoodiano de Amor, pois ele já estava claro no que era apresentado nos filmes. Minha repulsa pela palavra aos poucos foi se mostrando

uma percepção de que por trás dela deveria existir algo de transcendental.

Quando tentei começar a escrever sobre o tema, a via de expressão não estava clara para mim, e comecei sem muita convicção a tentar explicar o que era o Amor. Entretanto, logo nas primeiras frases, fui percebendo o quanto era inculto nessa experiência.

Abandonei a ideia de escrever até que a inspiração me visitasse para definirmos uma linha de raciocínio mais honesta com a minha realidade experiencial do que o Amor representa e de como poderia ser abordado. Foi então que em um dia de inspiração musical (pois às vezes componho músicas), deparei-me com a possibilidade de falar sobre o Amor de Jesus pela humanidade. Não da forma como todos os religiosos falam, mas da forma como eu havia tropeçado sobre a interpretação dos registros bíblicos. Na Bíblia é relatado o momento antecedente à traição por parte de Judas. Na janta antes da Páscoa, Jesus professa que um de seus discípulos iria traí-lo e, além disso, ainda indica que tal discípulo seria Judas. Contudo, Jesus não faz isso com a intenção de impedir o ato, mas, sim, com a nítida vontade de que o ato se consumasse.

Quando me deparei com aquela visão, Jesus aprovando o ato de traição, percebi o que era o Amor. O Amor é o perdão total. O Amor é força inexplicável. O Amor é a mãe que no livro “Precisamos falar sobre Kevin” visita e ama o filho, filho este que matou o seu marido e filha (logo, o próprio pai e irmã), e que não demonstra qualquer sinal de arrependimento ou empatia por sua mãe. O Amor transcende a lógica ou a capacidade humana de compreendê-lo. Então, nesse afã de inspiração, deparei-me com a falha da interpretação humana das religiões que dizem haver um inferno e uma punição aos humanos que pecam. Essa só podia ser uma lógica humana que busca a

justiça e a punição contra aqueles que nos ofendem. Para a nossa lógica e angústia humana seria absurdo imaginar um “Deus” que perdoasse todo tipo de ofensa. Queremos ser vingados contra aqueles que nos causam mal. Essa é a lógica humana. E encontramos conforto em assim pensar, mesmo que essa vingança venha apenas após a morte, uma certeza que alimentamos, mesmo não encontrando nenhum fundamento que a comprove.

Seguindo nessa linha de raciocínio, surpreendi a mim mesmo pensando na possibilidade da absolvição absoluta dos pecados da humanidade e o quão diametralmente oposto à lógica humana deveria ser a lógica divina a respeito da interpretação de erros e dos pecados. Coloquei no papel pensamentos para a composição daquela música que a princípio geraram uma dose de repulsa até mesmo em minhas emoções. Minha lógica me levou a pensar que “Deus” perdoaria aos piores criminosos. “Deus” perdoaria Hitler, o Diabo, os terroristas e até mesmo Judas. “Deus” perdoará a cada um de nós. Sem exceção. Todos irão para o paraíso. Não existe inferno. E esse é o Amor supremo. Um Amor que transcende nossa capacidade lógica e emocional. Uma lógica que de certa forma nos repugna. Por essa linha de raciocínio seguem as ideias deste material.

E assim surgiu a ideia para escrever um livro que falasse de Amor.

Este é um livro que permeia os temas da religião, da filosofia e da existência sob a ótica do Amor e das falhas humanas, especialmente as minhas.

Viver por si só já é um grande desafio. O que nos ajuda a levantar da cama todos os dias são as certezas que levamos dentro de nós. Muitas delas vindas desde os tempos de quando éramos crianças. Colocar em xeque essas certezas pode ser uma atitude muito perigosa. Pode

nos fazer perceber a linha tênue que separa a razão da loucura. Muitas pessoas nascem, estudam, trabalham, casam, têm filhos e morrem; muitas vezes infelizes, geralmente reclamando de muitas coisas. Acordam todos os dias, seguem a mesma rotina de ontem e dos dias anteriores, vão para casa, dormem e repetirão a mesma coisa amanhã, sem se perguntarem qualquer coisa sobre a existência, seguindo uma programação já pré-estabelecida. Outros se questionam e optam por desafiar a estabilidade de sua existência.

Trilhar um caminho diferente da maioria é perigoso, pode ser muito solitário, mas não errado, assim como não é de forma alguma errado optar por uma forma de vida mais convencional.

Capítulo I — Judas é Amor

Mateus 26.20-25: o traidor é indicado. Chegada a tarde, pôs-se Jesus à mesa com os discípulos. E, quando comiam, declarou Jesus: “Em verdade vos digo que um dentre vós me trairá.” E eles, muitíssimo contristados, começaram um por um a perguntar-lhe: “Porventura, sou eu, Senhor?” E ele respondeu: “O que mete comigo a mão no prato, esse me trairá. O Filho do Homem vai, como está escrito a seu respeito, mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido!” Então, Judas, que o traía, perguntou: “Acaso sou eu, Mestre?” Respondeu-lhe Jesus: “Tu o disseste.”

Mateus 27.3-5: o suicídio de Judas. Então, Judas, o que o traiu, vendo que Jesus fora condenado, tocado de remorso, devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos, dizendo: “Pequei, traindo sangue inocente.” Eles, porém, responderam: “Que nos importa? Isso é contigo.” Então, Judas, atirando para o Santuário as moedas de prata, retirou-se e foi enforcar-se.

Os quatro livros da Bíblia contam a narrativa da traição de Judas. Em um dos livros (Mateus) ficamos sabendo do desfecho resultante da opção de Judas em trair: ele comete suicídio.

Judas é Amor. É uma frase tão curta, mas muita coisa está implícita nela. O máximo que eu conseguiria reduzir uma frase e manter seu impacto seria dizer: “Ame Judas.” Há muito peso nessas palavras. Há muita força. Uma força

que arreventa paradigmas e conceitos há tanto tempo enraizados. Aprendemos tantas coisas ao longo da vida. Acostumamo-nos com aquilo que sabemos sem às vezes questionar tudo isso. Por que não pensar diferente? Por que não jogar tudo o que sabemos no lixo? Afinal de contas, tudo não passa de mero pensamento, não existe verdade absoluta por trás de nada. “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. A verdade é que não existe uma verdade apenas. Tudo é uma questão de argumentação e emoção. Argumentação que pode ser científica e provar algo. E emoção, que é um *link* poderoso entre pessoas, e é o oposto do racional. Judas é Amor significa razão e emoção jogadas uma contra a outra, e ambas jogadas contra nossas certezas. Não preciso estar certo, mas preciso gerar dúvidas. O que haverá depois, no nada? O que haverá depois das certezas? O que haverá depois do Amor e do ódio? O que haverá depois do desespero e da depressão?

Aos olhos de muitos, Judas é um dos piores seres humanos de que temos registro na história. Ele cometeu duas ações que repudiamos na sociedade: a traição e o suicídio. Mesmo em grupos criminosos, a traição é algo inadmissível. E a sociedade de forma geral vê no suicídio fraqueza. Judas praticou os dois atos. E se teve coragem para cometê-los, deve, por conseguinte, também ter cometido outros atos considerados deploráveis.

Por esses e outros motivos, ninguém gostaria de ser associado a Judas. Todos querem estar ou do lado de Jesus ou se posicionar como aqueles que refutam as ideias de Jesus ou de qualquer religião. Nunca ouvi ninguém defender Judas ou querer de qualquer forma ser associado a ele. Judas, o traidor. Judas, o fraco suicida. Judas, um indivíduo repugnante.

Alguns personagens históricos repugnantes são exaltados por sua força, crueldade, poder, megalomania.

Personagens como Hitler, Stalin, Charles Manson têm seguidores e discípulos fiéis. Contudo, nunca ouvi falar de grupos seguidores de Judas. É difícil sentir orgulho de Judas. Não há nada em sua história que seja motivo de admiração. Em um criminoso como Charles Manson há o orgulho de fazer parte de um grupo brutal, forte, com um líder lunático, com uma história que é exaltada por alguns artistas que se consideram disruptivos por defender ou brincar de admirar tal personagem corruptora da boa convivência social. Isso traz de certa forma alguma admiração.

Ser defensor de Judas não traz nenhum *glamour*. Não existe nenhuma ideologia por trás do ser histórico. Existe apenas um registro histórico corrompido, fracassado. Eis uma palavra que resume a história de Judas: fracassado. Dizem que o tempo cura ou corrige qualquer problema. Sabemos disso por experiência própria. O tempo pode até mesmo transformar um ditador em um herói. Os pontos negativos podem até ser perdoados ou aliviados a fim de que os pontos positivos sejam exaltados. Entretanto, não na história de Judas. Para sempre, a fim de que a história de Jesus faça sentido, mesmo que não seja verdade, é preciso que Judas sempre seja a imagem do mal.

Imagine-se sendo traído pelo seu melhor amigo e ainda por cima com um beijo. Um beijo de morte. Porque é assim que a Bíblia relata que Judas traiu Jesus. Agora, pior do que isso. Imagine-se sendo esse traidor. Imagine-se como Judas, beijando seu melhor amigo, a fim de entregá-lo à morte. Trair até não é tão difícil, principalmente quando, como geralmente acontece, traímos pelas costas, falando mal ou incriminando, tentando ao máximo não sermos descobertos. Agora imagine fazer isso face a face, sem intenção alguma de esconder que você é o traidor. Olhar nos olhos de seu melhor amigo e beijá-lo, para

confirmar que essa é a pessoa que você acredita que deve ser incriminada e morta. Que motivos lhe dariam razão para cometer tal atrocidade? Condenar Judas com base apenas nos escritos encontrados na Bíblia é precipitar-se no julgamento. O ato é tão ignóbil que parece pedir urgência em condenar Judas. Fez Judas o que fez porque quis e porque odiava seu mestre e amigo ou porque era o que tinha de fazer? E se fez o que tinha de fazer, por que cometeu suicídio, como se arrependido de ter feito algo com o qual não conseguiria conviver em sua memória? Antes de iniciar qualquer investigação explicativa, tente por alguns segundos colocar-se na pele de Judas. Tente imaginar a carga de conflito emocional que o atacava naquelas horas que se passaram desde o ato que o levou a levantar da mesa da ceia para trair até o momento em que o levou a cometer o suicídio.

Sempre que atravessamos uma crise emocional estressante nosso corpo reage em virtude da carga emocional. Funções básicas que antes operavam normalmente podem repentinamente desregular-se. Dias antes de um momento desafiador podemos ter noites de sono perturbadas, crises de apetite que podem traduzir-se em fome exagerada ou ausência de vontade de comer. Algumas feridas aparecem na boca, espinhas no nariz, úlceras, humor alterado, pensamentos antecipatórios exagerados e diversas outras paranoias e consequências físicas difíceis de controlar. E se compararmos os motivos que nos desestabilizam emocionalmente e fisicamente com os motivos que devem ter abalado as emoções e o corpo de Judas? Acredito que poucos terão situações que se equiparem em semelhança. Tente imaginar, então, em como se afigurava a pessoa de Judas alguns minutos antes de se matar. Tente imaginar esbarrando nele e olhando dentro de seus olhos. Tente se imaginar sendo

ele naquele momento. Como você estaria? Como estaria o seu corpo? Quem sabe desfalecido, respiração ofegante, pensamentos em turbilhão. Uma culpa de tal intensidade esmagadora que o leva a ter a certeza de que a única saída para tal aflição é acabar com a própria vida o mais rápido possível. E pense que provavelmente as opções das quais ele dispunha para eliminar sua vida não deveriam ser das mais eficientes e sem dor. Se ele optasse por enforcar-se deveria imaginar que tal ação seria dolorosa e demorada. Talvez a melhor opção de que dispunha seria pular de um penhasco de cabeça sobre pedras pontiagudas, provavelmente a morte seria instantânea e sem dor.

Não fosse a opção do suicídio, seria possível para ele conviver com a memória de ter sido o responsável por entregar à morte Jesus? Quão grande deve de ter sido seu ódio ao ponto de ter coragem de condenar seu amigo? Que momento foi capaz de implodir o ódio de Judas em um espaço de tempo tão curto, levando-o do ódio condenatório da traição à culpa e ao arrependimento? Normalmente erramos cegamente quando atormentados pelo estresse. Percebemos a gravidade do erro normalmente após algum tempo decorrido do evento do erro, quando tivemos algum tempo para pensar e colocar as ideias em ordem. Mas ao que tudo indica, Judas não dispôs de muito tempo para refletir sobre seus atos. Ele ainda estava sob o efeito do estresse esmagador dos eventos “demoníacos” daquele desfecho. Será que Judas não previu a crucificação de Jesus? Esse era um castigo comum naquela época. Será que Judas não tinha noção da gravidade das acusações contra Jesus e do movimento ao qual ele mesmo fazia parte?

Religiosos gostam muito de pregar a palavra de Deus e os ensinamentos de Jesus Cristo. Basicamente todos falam a mesma coisa. Todos querem nos forçar a aceitar

os preceitos de Jesus. E existe do outro lado os que não aceitam Jesus, os ateus, ou os mais extremos que são os satanistas, os que são a oposição de Jesus. E Judas, em todas as teorias, é excluído, rejeitado. Ninguém quer nada com ele. Todos nos negamos a ter qualquer tipo de associação com Judas. Ele cheira muito mal. O que ele fez foi repugnante. É fácil compreender essa lógica independentemente do posicionamento filosófico que defendamos. Queremos ser como Jesus ou queremos negar Jesus, mas definitivamente não queremos nada com esse mostro chamado Judas. Não somente isso, todo ser humano sempre age em busca da glória, mesmo quando age errado. Mesmo criminosos agem em busca de algo em que acreditam. Nem que seja por ego, querem ser algo grande. Querem deixar seu nome na história de maneira impressionante. Entretanto, Judas não quis nada disso.

Ninguém quer ser associado a Judas. Todos os religiosos cristãos querem ser como Jesus. Nós, de forma geral, queremos ser os super-heróis. É difícil encontrar alguém que queira ser o vilão. A não ser que o vilão tenha superpoderes e seja idolatrado. Ninguém quer ser o fracassado, o ridículo, o perdedor. Ninguém gosta de ser humilhado. Ninguém gosta de ser excluído. Gostamos de ser amados e respeitados. É bom pensar assim. Não estou dizendo que é errado querer o melhor para si mesmo ou querer ser o melhor. Mas talvez o que eu queira dizer, e por isso pensei em Judas para isso, é que na vida real, na maioria das vezes, não somos super-heróis em nada. Somos meros humanos. Muitas vezes, muitas manhãs, acordamos sem propósito, sendo o mesmo que já fomos ontem e pouco motivados para construir um futuro diferente, que começa no hoje. Somos apenas humanos, e mesmo que acreditamos fazer toda a diferença no mundo, ainda assim, somos apenas

humanos, e dentro de nós, apesar da idolatria dos outros, sabemos disso. Pior do que isso, muitas vezes fazemos mais o papel de Judas do que de qualquer outro herói. Queremos acreditar que somos bons, até usamos palavras boas. Repudiamos muitas vezes até mesmo pensamentos em desacordo com a norma ou com o aceitável. Mas se pararmos para verificar nossas ações de fato ou se de fato tivéssemos coragem de pensar o que realmente temos guardado dentro de nossa caixa de pensamentos, dar-nos-íamos conta do quanto nos assemelhamos muito mais a Judas do que gostaríamos de pensar.

Religiosos gostam de pensar ideias elevadas. Gostam de pensar em passagens das escrituras que demonstram eloquência e ações inspiradas. Mas a verdadeira realidade de nossas vidas muitas vezes revela a fraqueza de nossas ações, a insipidez de nossa existência, a falta de paixão em nossas relações interpessoais. Nosso rancor. Nosso ódio pelos outros. Nossa falta de compreensão e ansiedade egoísta em ser notado e amado.

Sem Judas, a história de Jesus não teria sido a mesma. Judas é o personagem fundamental para o desfecho que viria a marcar a divisão da história de grande parte da humanidade. Mesmo aqueles que refutam os ensinamentos de Cristo não podem negar conhecer os fatos da existência desse personagem.

Judas cumpriu sua missão como ninguém. Ele cumpriu com a dedicação e envolvimento máximo que alguém pode depositar em um gesto. E esse sentimento é o Amor. Seus atos mais abomináveis e horrendos não foram feitos com ódio ou com a vontade de abraçar o poder. Seu gesto foi feito como um salto de um penhasco em direção à destruição total que só o Amor supremo pode gerar. Amar significa abdicar de toda a nossa compreensão de quem nós somos e do que queremos.

Não importa o eu no Amor, só importa o outro. Não importa sermos odiados no Amor, não queremos nos defender de nada. O Amor é maior do que tudo e Ele não pede nada em troca. Judas não quis nem as moedas. Judas foi todo Amor em seus gestos desesperados. Judas é Amor porque ele foi o único discípulo que aceitou o peso da sua decisão de seguir o mestre. Todos os outros discípulos se esconderam no momento da dificuldade, Judas traiu descaradamente. Ele foi o único discípulo que teve papel fundamental no desfecho dos planos de Jesus. O Amor também é coragem diante dos desafios, e Judas foi o único que levou a cabo todas as ações a que se propôs, por mais intransponíveis que pudessem parecer, e por mais horrendas. Ele conjecturou, ele traiu por dinheiro com um beijo, ele se arrependeu dolorosamente, ele se matou. Judas foi Amor. Todos os outros discípulos passaram despercebidos durante a vida do Mestre com eles. Alguns deles, é relatado na Bíblia, ainda se acovardaram na hora em que Jesus mais precisou. Quando Jesus precisou de Judas para traí-lo, Judas estava pronto.

Os pregadores das diversas denominações religiosas e filosóficas geralmente querem primeiro comparar-se com o mais elevado de seus dogmas e depois tentam impor sua forma de pensar e viver sobre os outros como se esse fosse o melhor ou como se eles mesmos fossem melhores do que os outros. Não percebem, e não percebemos, que estamos todos mais próximos de Judas do que de qualquer outro discípulo no que tange vivência moral. É muito mais longe estamos, então, de uma forma de vida que se assemelhe um mínimo sequer da de Jesus. Temos medo de admitir, olhando no espelho, que somos em atos muito mais próximos de Judas do que gostaríamos. Sentimo-nos confortáveis em condenar Judas, como se fôssemos

nós melhores do que ele, quando na verdade somos mais parecidos como ele do que gostaríamos de admitir.

E qual o problema em se parecer com Judas? Qual o demérito nisso? Ele apenas cumpriu com a sua missão. Ele tinha os defeitos dele e os admitiu para si mesmo. Por que não admitirmos também que somos terrivelmente falhos? Afinal de contas, a culpa não recai apenas sobre nós. Somos apenas as criaturas. Fomos criados assim. Tenhamos Amor por nós mesmos e por nossas falhas. Nós não somos perfeitos e não temos de nos martirizar em pensar que temos a obrigação de sempre acertar. Não temos muito menos de aceitar que outros imponham sobre nós esse fardo, como muitos gostam muitas vezes de tentar fazer. Judas amou a si mesmo. Jesus pediu que amássemos ao próximo como a nós mesmos. Não há como amar ao próximo sem amarmos a nós mesmos. Todos os outros apóstolos queriam amar aos outros, fazer a obra de Jesus, mas eles não amavam a si próprios, sequer conheciam a si próprios e suas falhas, queriam ser perfeitos, achavam-se prontos. Por não se conhecerem, por não amarem suas falhas, o que não era culpa deles, não eram também capazes de amar os outros e de fazer o que tinha de ser feito. Bastou Jesus morrer para que os discípulos que se consideravam continuadores da obra de Jesus começassem a meter os pés pelas mãos. O único que teve coragem de encarar suas falhas nos olhos foi Judas. O único discípulo do Amor. Judas é Amor e ele vive até hoje em nossas condenações em virtude da vida que levou. Ele ainda existe em nossa memória para nos assombrar e nos lembrar daquilo que nós mesmos somos: seres humanos deploráveis, mas nem por isso indignos de pena e perdão, os mesmos sentimentos que Jesus nutriu por ele e por nós. Mas nós não temos vocação e muito menos capacidade para ser Jesus. Sejamos, então, aquilo para o qual nascemos para ser: Judas.

Capítulo II — Suicídio

Admiro aqueles que cometeram suicídio. Respeito sua atitude. São seres humanos de uma coragem dificilmente comparável. Chegar ao ponto extremo de levar a cabo o plano de findar a própria vida deve exigir muita determinação. É uma vitória dantesca contra a própria natureza. É o confronto imbatível de um ser para consigo próprio. O quão forte tem de ser a vontade do indivíduo para interromper a própria existência não cabe em minha compreensão. A luta travada no íntimo desse indivíduo deve ser assombrosa. A alma provavelmente está dividida em duas. Uma quer viver, luta para se manter viva, a outra quer acabar. Essa pessoa já não pode ser mais chamada de indivíduo, pois agora, invariavelmente, está dividido. Fomos programados para viver, não para nos suicidar. Toda a nossa programação de vida nos diz que devemos viver. Quem se mata exerce o maior ato de liberdade do qual um ser humano é capaz. Vencer esse embate requer força. Nesse caso, como a força parte da mesma criatura, as duas forças opostas provavelmente se equivalem, o que torna o embate ainda mais dramático. Alguém que já saltou de considerável altura, seja para pular na água, saltar de um avião com paraquedas, voar de asa-delta, ou qualquer coisa desse tipo, sabe do medo que antecede o ato, e deve lembrar que a decisão de pular é como que o limiar entre o medo e um mínimo de coragem que sobreleva esse imenso desafio. O suicida é alguém que sobrepuja em coragem os destemidos que saltam para

testar a sorte, os suicidas têm a coragem de saltar para garantir que morrerão.

Não quero com isso dizer que apoio o ato do suicídio. Mas também não o condeno. Se alguém me dissesse que está pensando em cometer suicídio, diria que não o fizesse. E me colocaria à total disposição de tal pessoa para ajudar, para ouvir pelo menos. O que em muito me perturba é o que leva pessoas a cometerem suicídio. Minha capacidade humana consegue apenas tentar imaginar o peso interno que sofre alguém que chega à determinação de tirar a própria vida. Eu não gostaria que ninguém sofresse internamente a tal ponto de ter que acabar com a sua existência. O quão emocionalmente pesado deve ser o levantar e o deitar de uma pessoa que logo ali irá se suicidar. Não acredito que tal pessoa não tenha algo pelo que valha a pena viver, mas que algo em sua vida é tão esmagador, que tira o brilho de todo o resto. O momento pelo qual passa deve ser tão atormentador, angustiante, que nada mais importa. Não é apenas o pensar em acabar com a existência, pois todos nós que passamos por alguma tormenta chegamos a alimentar um pensamento mesmo que tímido sobre essa possibilidade, refiro-me àquele ser humano que de fato pensa no ato, maquina a forma de consumá-lo e, por fim, coloca-o em prática. Quão intensa deve ser a dor dessa pessoa?

Eu não gostaria que ninguém sentisse dor tão grande que a levasse a se matar. Não existem culpados nessa história. Somos todos vítimas. Tento me colocar no lugar das pessoas que ficam: amigos e familiares. Sei que não tenho o direito de tentar me colocar no lugar de ninguém, ainda mais em se tratando de tal assunto. Peço perdão por fazê-lo. Entretanto, o que penso não parte de mim enquanto ser humano. Os pensamentos se alojam em mim sem me pertencer. Apenas os exponho. Sei que preciso

fazê-lo por algum motivo que não consigo explicar. Se ofendo alguém ao expô-los, peço perdão. Assumo a culpa. Entretanto, incomoda-me pensar que alguém neste momento esteja pensando em se matar. Destrói-me por dentro pensar na dor que irá dilacerar as pessoas ao redor ao serem atingidas por tal ato. Que pensamentos afligirão os familiares e amigos? Dor, ódio, culpa (alívio?), desespero? Quem pensa em tirar a vida deve também pensar no impacto que seu ato gerará. Será que, mesmo assim, sua dor o esmaga a tal ponto, nem para poupar seus amados ele vê razão em existir?

Antes de começar a escrever este capítulo, eu imaginava que tinha as ideias prontas sobre o que iria escrever. Já tinha, antes de iniciar, conversado com amigos e falado a respeito do tema. Obviamente que o suicídio não é um tema que atinge muitas pessoas próximas que conhecemos, então, apesar do choque de ouvir sobre o tema ao qual eu intencionava abordar, ninguém expressou mais do que surpresa. Todavia, em meu exercício de escritor em tentar compreender e amar o suicida com todas as minhas forças, fui me deparando com dificuldades no caminho. Antes de começar a escrever, parecia-me que eu iria falar apenas de uma pessoa que já tivesse cometido o ato e, portanto, era minha intenção lançar a essa pessoa, pelo menos em memória, minha intenção verdadeira de Amor em tentar compreender e abordar uma perspectiva diferente sobre o tema. Foi pouco antes de começar a escrever, enquanto deixava minha mente mergulhar nas linhas que iria desenhar, que percebi o quanto tal tema impactaria não na morte, mas na vida. Na vida daqueles que ficam. O suicida comete seu ato de coragem, entretanto, deixa para trás muitas pessoas. Então, na verdade, a dor não é encerrada, mas transferida, antes de uma pessoa, agora para muitas. Antes muita dor se concentrava em um

corpo que não podia suportá-la, agora é dividida por muitas pessoas, amigos e familiares.

É sobre isso que por fim veio a se tratar este capítulo. Em minha sincera angústia em saber que algumas pessoas sofrem tanto ao ponto de cometer um ato tão intenso e que gera ainda mais sofrimento, pois o suicídio é uma semente de dor que floresce mais dor. É uma planta cortada pelo caule, no qual a raiz volta a florescer com a mesma aflição.

Aos suicidas resta o meu sincero desejo de que não levassem a cabo tal ato, mas aos que já o fizeram ou o farão, fica o meu registro de admiração por sua coragem em meio a tanto sofrimento. Não são vocês os culpados pelo que sentem, vocês são as vítimas, e diferente de outros que aplacam sua dor atormentando outras vidas, vocês a resolvem com intrepidez. Aos familiares, resta a minha tentativa injusta de confortá-los ao dizer que são vítimas de uma situação irresolúvel. Provavelmente não terão para onde fugir, terão que enfrentar as consequências de um ato que não é seu. Não são culpados; são vítimas também. A sociedade não está preparada o suficiente para que uma tragédia tão grande ocorra em seu meio, e muito menos preparada humanamente para servir de amparo aos que passam por isso. Todos nós que criticamos e não sabemos ajudar precisamos ser perdoados por nossa ignorância. Inclusive eu, que escrevo palavras tão distantes de encontrar o conforto para aqueles que precisam, devo ser perdoado. Fica aqui a tentativa de alcançar a aflição do outro e reduzir minha incapacidade em compreender a dor de quem tanto sofre. Perdoem-me por tal.

Só consigo amar e admirar quem cometeu suicídio e colocar no mais alto pedestal da existência humana quem teve tamanha coragem e quem por algum tempo suportou tamanha dor. Respeito e amo profundamente os familiares e amigos que têm de conviver com os

estilhaços da morte de alguém que se suicidou. Mas tudo isso me leva a pensar em como podemos ajudar quem pensa em se matar. Recentemente assisti a um vídeo de alguém que falava do comportamento de pessoas que vivem na depressão (fortes candidatos ao suicídio), e em como eles tentam maquiagem o que sentem com sorrisos e gestos carinhosos. Também há aqueles que vejo sofrerem ao meu redor, são esses muitas vezes pessoas com quem é difícil de se conviver, pois estão sempre reclamando, pedindo ajudas e conselhos, mas que acabam por simplesmente não fazer ou não aceitar os conselhos mais óbvios que oferecemos, e continuam então em sua rotina de reclamações, choros, crises depressivas, súplicas por carinhos, atenção, ouvidos amigos etc.

Também já ouvi (e também eu já pensei isso) pessoas dizerem que os depressivos precisam ajudar a si mesmos. Que o problema é que eles mesmos não se ajudam. Ou que só depende deles sair daquele estado. Nós todos, e eu principalmente, podemos ser muito cruéis com as pessoas. E mais cruéis ainda com pessoas que sofrem profundamente. Especialmente pessoas em crises agudas de depressão. Talvez essas pessoas estejam atuando por meio de uma máscara de felicidade para tentar esconder o quanto realmente estão sofrendo ou talvez estejam tentando esvaziar suas dores por descrições infinitas de seus problemas. O fato é que estamos às vezes muito ocupados e pouco preparados para ouvir por muito tempo o problema dos outros. Afinal de contas, também temos os nossos problemas. Não temos muito tempo para ajudar. Se a pessoa falar uma vez de seus problemas, de forma sucinta, ouvir nossas recomendações e resolver o problema, tudo bem. Mas se demorar mais do que isso, já nos incomodamos. E se a pessoa usar a estratégia

de disfarçar a dor com sorrisos e brincadeiras, então somos ainda mais incapazes para decifrar tal enigma.

E aqueles que nos machucam e nos ofendem, mas que no fundo apenas fazem isso porque estão ainda mais profundamente machucados e tristes? E aqueles que nos machucam porque secretamente invejam nossa felicidade? Rapidamente eu me sinto ofendido por alguém que me “arranha” verbalmente, mas geralmente sou lento em perceber que tais pessoas vivem perturbadas e infelizes, enquanto eu me ofendo por tão pouco quando levo uma vida da qual só tenho a agradecer. Eu deveria estar mais preparado para compreender e ler nas entrelinhas do comportamento daqueles que me cercam, geralmente amigos ou colegas de trabalho. Afinal de contas, será que a vida é o meu trabalho ou o meu convívio com essas pessoas que me cercam? E será que amar é desfrutar somente de coisas boas? Não será principalmente estar pronto para ser ferido e pronto a ajudar aqueles que têm muito mais problemas que nós? Vivemos um mundo tão material que passou a ser mais importante observar como nos vestimos e não como nos sentimos. Sabemos avaliar o exterior das pessoas, mas somos inaptos para ler os olhos daqueles que sofrem. Somos treinados para sentir tesão, mas despreparados para sentir compaixão. Somos rápidos para julgar, mas lentos para ajudar. E de repente, quando menos esperamos, alguém se mata perto de nós ou na mídia, e então ficamos chocados.

Não seria, contudo, também uma forma de imposição nossa querer ajudar alguém ou acreditar que alguém precisa ser ajudado? Não será meramente um direito de cada um fazer o que bem acreditar mais conveniente? Se um ser se sente a tal ponto sufocado por sua própria existência, não será meramente um direito de tal pessoa acabar com a própria vida? Não é essa simplesmente uma

das soluções para os problemas que enfrentamos? Não podemos facilmente, em vez de sermos surpreendidos pela morte, escolhermos o momento em que queremos morrer? Por que motivo haveríamos nós de ser obrigados a viver uma vida que não nos agrada? Parece fácil para alguém que se sente bem querer ajudar ou impedir que alguém cometa suicídio. Mas será de fato correto isso? Raramente nos importamos com qualquer decisão que as pessoas tomam ao longo da vida no que tange seus próprios problemas, por que então haveríamos de nos preocupar justamente com esse, ainda mais de no caso da pessoa não se matar, ainda por cima continuar sentindo suas dores emocionais? Como disse logo no começo, o que me atormenta é saber que algumas pessoas sofram tanto ao ponto de não aguentarem mais viver. Isso é algo que me parece injusto, infeliz.

Será que viver é algo que valha tanto a pena assim? Será que alguém pode justificar a obrigação de viver? A quem compete decidir se de fato alguém deve ou não continuar vivo? E a quem compete dizer que viver é passível de ser bom a todos. Talvez alguns sofram, mas depois de algum tempo encontrem razão e alegria em viver, mas será isso possível a todos os que sofrem? Será de fato uma obrigação nossa impor a vida a quem não quer naturalmente viver? Ou pior, a quem não consegue naturalmente bem viver?

Talvez a nossa sociedade esteja tão esfacelada que cacos de desilusão machuquem pessoas sensíveis o suficiente para perceberem tal absurdo. Alguns de nós vivemos tão apartados de qualquer análise da realidade que não percebemos as mazelas que nos rodeiam. Às vezes não percebemos os descontentamentos que fazem parte de nossa vida. Podemos sem perceber viver uma vida sem brilho, sem nem sequer nos darmos conta disso.

Podemos viver em meio a uma sociedade caótica sem considerarmos isso um problema. Nossa vida pode acabar se tornando algo que não condiz com nosso potencial ou ideal e mesmo assim vivermos apáticos quanto a isso. Entretanto, outras pessoas sentem o que não lhes conforma. Outras pessoas absorvem o que há de errado. Contudo, absorver tais calamidades pode fazer muito mal.

É possível admitir que exista muita coisa de errado com a vida. Para algumas pessoas a vida com certeza é muito dura. As coisas às vezes simplesmente acontecem. Para algumas pessoas a vida é mais dura do que para outras por uma simples questão de constituição fisiológica. A própria formação física e cerebral pode pregar peças na vida de alguém despreparado para se defender contra inimigos muitas vezes invisíveis, muitas vezes, dentro de nós mesmos. Quando o problema é meramente fisiológico, digamos uma má formação cerebral, um tratamento para algum tipo de doença pode custar caro ou, mesmo assim, onde encontrar o tratamento específico do qual a pessoa em necessidade precisa? Quem está apto a ajudar aqueles que precisam de atendimento especializado? Como distinguir tudo isso, de tudo isso?

E as pessoas que não enfrentam tais problemas e não pensam em se matar, e vivem uma vida aparentemente tranquila, será que isso está certo? Será que a apatia com relação aos problemas que nos cercam é de fato um sinal de saúde existencial? Será que as pessoas que sofrem não são as que de fato conseguem sentir o mal que por fim permeia a existência?

Digamos que Deus tenha de fato criado tudo, então é óbvio que a dor também é uma de suas criações. Então por que evitá-la? Talvez esteja na dor a razão do verdadeiro entendimento da realidade?

Quem somos nós para tentarmos impedir que alguém faça de sua vida o que lhe bem aprouver? Tirar a própria vida pode ser um ato de liberdade. Quem foi que disse que tirar a própria vida é errado? Por que fazemos disso um caso para tanto espanto? Um dia todos nós morreremos. Então por que não ser eu mesmo aquele que escolherá o dia e a forma disso acontecer?

Mas não é tudo isso o que realmente me preocupa. O que me incomoda de fato é a dor de quem sofre e busca no suicídio a solução. Pensar sobre os problemas existenciais, sofrer com situações ruins, desesperar-se perante certos acontecimentos da vida são situações simplesmente naturais. Porém, viver de forma que atormenta profundamente constantemente não é natural. Pensar em morrer quando estamos muito tristes é normal. De fato, tirar a própria vida é um ato de tamanha dor que somente quem o faz tem o direito de interpretar seus motivos.

Entristece-me pensar que algumas pessoas sofrem profundamente. Algumas pessoas nesta vida atravessam calamidades insuportáveis, mas resistem. Muitas dessas calamidades muitas vezes são criadas por outros seres humanos, o que torna o problema ainda mais agravante. Algumas pessoas passam por situações inadmissíveis, mas resistem. Essas pessoas acabam mostrando sinais de força psicológica sobre-humana. É quase como um superpoder: o poder sobrenatural de aguentar as injustiças e as dores esmagadoras da vida. Mas por que aguentar uma vida tão dolorida? Por que algumas pessoas precisam ser submetidas a sofrimentos tão avassaladores? A dor de cada um não é proporcional às circunstâncias, mas proporcional à dor que cada um sente. A dor é um sentimento de cada um. Infelizmente é difícil aliviar a dor do outro. Muitas vezes nem esse outro consegue aliviar

sua própria dor ou se defender contra as investidas da dor. Lamentavelmente a vida é infeliz para muitas pessoas. Alguns encontram forças para viver em meio à dor, outros encontram forças para acabar com a vida que gera a dor.

Admiro os que encontram forças para continuar vivendo em meio às suas dores. Amo, respeito e admiro quem achou coragem para dar um basta definitivo à dor. Não consigo compreender. Não consigo ajudar. Apenas consigo respeitar.

Capítulo III — Amamos aprisionar e a teoria do Amor romântico transcendental

Hoje olhamos para o passado e ficamos estarecidos com algumas ações praticadas pela raça humana. Não conseguimos compreender como fomos, enquanto seres humanos, de forma geral, capazes de atos tão cruéis. Exemplos são as guerras praticadas e a nossa desculpa de estar defendendo nossa pátria, para que pudéssemos matar outros seres humanos de forma cruel e sem peso na consciência. Da mesma forma queimamos no passado, enquanto seres humanos racionais, pessoas em fogueiras. Pense na crueldade em se queimar alguém vivo por causa das coisas que essas pessoas apenas disseram.

Mas não fica no passado o leque de atrocidades das quais somos capazes. É difícil acreditar que ainda hoje apedrejamos até a morte pessoas que consideramos desrespeitar certos preceitos religiosos. É difícil pensar que ainda hoje vivemos o separatismo por causa da cor de pele ou por causa da opção sexual dos outros. Espantame ver irmãos humanos caindo na armadilha política de pessoas mal-intencionadas que ainda vivem pela máxima de dividir e conquistar, e que ainda faz muitas vítimas, que acreditam estar defendendo um ideal de vida política quando na verdade nada mais são do que presas de um sistema político que visa apenas a manipular.

Então me pergunto quais não serão as ações que praticamos hoje e que num futuro não muito distante

serão repudiadas por nós. E é nessa linha de raciocínio que acabei pensando em algumas ações que estão tão entranhadas em nossa epiderme que nem sequer nos damos conta. Não vou me debruçar sobre atos que por óbvio são deploráveis como o racismo, o preconceito, a violência de qualquer estirpe, posicionamentos políticos cegos, atos obviamente questionáveis. Deve haver outros comportamentos mais sutis que podem gerar um debate mais gostoso por serem menos óbvios. Contudo, não é porque trarei à luz das minhas dúvidas e argumentos tais assuntos que me julgo detentor da verdade sobre eles. Apenas expô-los-ei para que engendrem um salutar debate sobre temas que a meu ver são menos desumanos como os anteriormente enumerados.

Chama-me muita atenção perceber como nós seres humanos, e claro, inclusive eu, gostamos de aprisionar tudo aquilo que dizemos amar. Botamos nossos olhos sobre algo que dizemos admirar e imediatamente queremos isso para nós. E o mais incrível de tudo é que criamos lógicas para justificar nossa ação.

Veja o caso mais banal de todos, os zoológicos. Temos curiosidade e apreço pelos animais de diferentes espécies que não fazem parte da nossa realidade cotidiana. Então mais do que prontamente engendramos uma ideia que resolve esse problema. Tiramos espécies exóticas de seus habitats naturais e as colocamos em jaulas ou espaços exíguos, em um local público onde o acesso é facilitado para aqueles que também querem poder admirá-las. Não tenho dúvidas de que muitos zoológicos prestam um auxílio a alguns animais que se não fosse o socorro dessas entidades teriam um fim trágico na natureza. Entretanto, quantas não são as vezes em que no afã de querer ajudar acabamos unicamente piorando uma situação? Qual não seja o caso também das espécies em extinção. Queremos

ajudar esses animais a não se tornarem extintos, pois não conseguimos conviver com um fato tão corriqueiro na natureza. Espécies desaparecem naturalmente e não há nada de antinatural nisso. A vida é selvagem e brutal por si só e muito violenta muitas vezes. Mas é assim que ela é constituída, e interferir nisso é prejudicar o equilíbrio espontâneo da existência. Da mesma forma que às vezes querer amenizar a dor de alguém e impedi-la de desenvolver os músculos emocionais necessários para uma vida plena mais prejudica do que ajuda, querer interferir na brutalidade aparente da natureza também é interferir em um processo que funciona plenamente bem sem a nossa participação. Tudo isso não passa de uma desculpa para um fato que é real sobre nós mesmo: não é que tenhamos tanto interesse assim em ajudar, salvo alguns casos, mas é sim o caso de que gostamos muito de aprisionar aquilo que admiramos.

Veja como colocamos em gaiolas lindos passarinhos. Dói-me muito só de pensar que pessoas sejam capazes de fazer isso. Eu mesmo já o fiz quando mais jovem. Incomoda-me ainda mais pensar que tais pessoas façam isso por genuinamente apreciar o canto e a beleza de tais animais. Nem sequer por um momento dão-se conta do mal que fazem. Acredito verdadeiramente que muitas dessas pessoas realmente não fazem isso com uma intenção maldosa. Percebo que elas de fato têm uma motivação genuína. Elas puramente falando não se dão conta de que estão aprisionando um ser vivo que nasceu livre e com um dom lindo de cantar, além de sua beleza física natural. E o que dizer de nossos pobres e queridos cachorrinhos? Em nossa cultura brasileira e em muitas outras no mundo é muito comum domesticar cães. O que justifica alguém colocar uma coleira no pescoço de um ser que nasceu para ser livre e feliz? Quem nunca viu ou até

mesmo teve no pátio de casa um cachorro preso por uma coleira para que cuidasse da casa e também para que não fugisse? Quem nunca viu outra pessoa caminhando na rua trazendo preso por uma coleira um cachorro? Claro que vão dizer que os cães são agora animais domesticados e que se os prendemos e os trazemos guiados às coleiras é para protegê-los de possíveis acidentes e também para proteger outras pessoas de possíveis acidentes envolvendo esses bichos. Claro que compreendo os motivos que levam as pessoas a fazerem isso. Inclusive percebo, apesar de soar absurdo o que vou dizer, a complacência dos bichinhos para com os desejos dos seres humanos. Não apenas isso, muitas vezes parece que os próprios cães querem a maestria dos seres humanos. Não poucas foram as vezes que cheguei em casa para ver ali um belo cão abandonando quase que a implorar por fazer parte da minha vida e ser acolhido por mim. Por ver o apreço dos animais caninos por estar na presença humana verifico que apesar de estarem perdendo sua liberdade natural, esses seres não parecem se importar muito com isso e de fato sentem-se felizes em ser aprisionados por seus mestres humanos. Vez ou outra fogem quando têm oportunidade, mas geralmente acabam voltando porque dão falta da comida fácil que, por terem sido domesticados, perderam a capacidade de adquirir por méritos próprios. É como uma troca. Eles nos dão algo do qual carecemos que é Amor incondicional, e nós em contrapartida lhes damos abrigo e comida, além do Amor também, é claro. Os cachorrinhos parecem muito confortáveis com a troca da liberdade natural que fazem. Resta-me a dúvida em saber se o fazem por raciocínio lógico ou por pura ignorância. Talvez a resposta seja óbvia. De qualquer forma, parece-me cruel aprisionar um passarinho em uma gaiola, bem como me tortura os olhos ver qualquer cachorro preso

por uma coleira. Aliás, coleiras no pescoço dos animais não é a única simbologia de aprisionamento que nós seres humanos utilizamos para limitar a liberdade dos seres que amamos.

Isso que é feito com os cães me lembra muito o que era feito com os escravos antigamente. É óbvio que a associação é grotesca por todos os argumentos que você possa querer usar para me criticar por fazer tal comparação e concordo com você. Também espero não precisar deixar evidentemente clara minha total repulsa pelo que foi feito entre seres humanos com relação à escravatura. Acho errado. Contudo, há de se observar que no passado nem todas as relações de escravidão e de relação entre senhor e escravo eram de todo ruins. Alguns senhores eram violentos com seus escravos e os mantinham em condições de vida precária, enquanto que uma outra parte tratava seus escravos com uma certa dignidade. Tanto assim que esses escravos não questionavam a sua condição de escravos. E é exclusivamente aqui que faço a minha relação completamente vulnerável com a dos cães domesticados. Tanto esses como aqueles parecem seres de uma consciência inferior no que tange sua liberdade. Ambos não compreendem (os escravos não compreendiam na época) a sua natural condição de serem livres. Todos em sua constituição natural são primordialmente livres! O ser humano é o único na natureza que condiciona às coleiras e limitações físicas outros seres, sejam eles humanos ou animais. Por algum tempo alguns escravos não questionavam sua condição de escravo. Eles aceitavam aquilo como natural. E os próprios senhores donos de escravos daquela época não consideravam que estavam fazendo algo de errado. Ambos viviam em um estado de consciência inferior, um aprisionando e o outro aprisionado. Para ambos isso não era uma condição ruim

passível de reclamação. Pelo menos não nos casos em que não era imputado dominação pela via da violência física ou emocional. É a violação da condição física e emocional de aparente normalidade que pode fazer com que uma das partes se rebelde contra uma situação como essa. Os escravos buscaram sua liberdade por causa daqueles que eram maltratados e abusados por seus senhores. Quer todos fossem bem tratados e de certa forma respeitados, talvez ainda hoje vivêssemos a escravidão desenfreada como era praticada antigamente. Terrível é saber que esse tipo de prática absolutamente abominável é ainda praticada atualmente em algumas partes do mundo. Ela não está restrita ou caracterizada apenas pela imposição de uma cor sobre a outra, mas de um ser sobre outro. E como no caso dos animais, na imposição dos seres humanos sobre os seres animais. A escravidão pode ser disfarçada de diversas formas e aplicada não exclusivamente pela via física, mas também psicológica ou emocional.

Isso me leva a outra forma de aprisionamento praticado pelos seres humanos sobre aquilo que admiram e dizem amar. Trata-se do casamento. Veja que assim como no cachorro que dizemos amar e colocamos uma coleira em seu pescoço, bem como no escravo que algumas vezes também recebia alguma forma de impedimento de liberdade, no casamento também é utilizado uma espécie de coleira chamada aliança e que é usada simbolicamente em um dos dedos. Veja como todos nós seres humanos nascemos aparentemente livres, vivemos por algo em torno de vinte anos assim, até que nos apaixonamos por alguém e então mutuamente decidimos nos casar. E, no advento do casamento, o que acontece é que nos aprisionamos um ao outro com promessas de nunca desfazer tal união independentemente do que aconteça. Está convencionalizada em nossa sociedade a prática de tal forma de escravatura.

E ela é de fato pouco condenável quando na verdade o que há é um pacto mútuo entre as partes, com a diferença de que na escravidão sobre os negros que teoricamente já foi abolida, onde uns tiravam vantagem sobre outros, e onde uns eram oprimidos e tirados vantagem por parte dos outros, no caso do casamento acontece que ambos mutuamente acordam em limitar suas liberdades, no qual ambos tornarão a vida um do outro menos feliz do que poderia ser no longo prazo. Ambos se impõem a si mesmos a condição de escravos. É claro que no princípio de um relacionamento a felicidade é exacerbada. Não existe nada mais efervescente do que os dois primeiros anos de um relacionamento. O que acontece no processo químico de nosso corpo é uma revolução de prazer e alegria difícil de explicar.

O problema é que esse estado químico de excitação não durará mais do que a empolgação de uma criança quando ganha um brinquedo novo. A criança para ficar feliz novamente precisará de um novo brinquedo. Os adultos para sentirem toda aquela empolgação novamente somente a encontrarão em outra pessoa, salvo alguns casos que de fato dão certo. Mas por algum motivo o ser humano criou esse contrato de que uma pessoa deveria estar obrigada a outra pelo resto da vida. É claro que quando estamos sob os efeitos químicos da paixão essa parece ser uma ótima ideia. Entretanto, não raro, e mais comumente do que não, as pessoas se dão conta após um período muito curto de que essa foi uma decisão equivocada. Quando nos apaixonamos queremos estar com o amado o tempo inteiro e não nos condenamos por abdicar de tantas outras coisas que normalmente fazíamos e que agora passam a ser desinteressantes. Por exemplo, uma mulher antes saía com as amigas e tinha uma vida social muito ativa, mas que depois da contração do matrimônio se extingue por completo.

É perfeitamente saudável e compreensível a empolgação e atenção que despejamos sobre o amado no princípio do relacionamento e admito não haver nada mais prazeroso do que isso. Mas daí a ter que colocar uma coleira em ambas as pessoas para que se limitem a uma vida a dois para o resto de suas vidas é algo que não faz sentido. Aliás, para não ser tão generalista, isso não faz sentido do ponto de vista de uma imposição. Isso faz, no entanto, total sentido no ponto de vista de uma situação que se desenrola naturalmente. Se duas pessoas conseguem se manter felizes e completas ao longo de uma vida a dois exclusivamente é obvio que não devem separar-se a fim de tentar uma vida com outras pessoas correndo o risco de nunca encontrar pessoas que lhe façam tão bem quanto as primeiras. O que questiono é o contrato de impor sobre ambas pessoas uma responsabilidade para o qual não sabem se estão aptas a cumprir para o resto de suas vidas. Decidem em um momento da vida algo que deve ser cumprido pelo tempo que ainda hão de viver, sendo que ninguém as incumbiu de tal decisão tomar, a não ser elas mesmas. Impõem-se a si mesmas uma prisão em uma fase da existência em que processos químicos que acontecem em nosso corpo nos inibem de pensar da forma mais racional. Não incomum são os casos de pessoas que vivem uma vida muito infeliz e sentindo-se obrigadas a tal por uma decisão e um contrato mútuo de pouca força racional. Se olharmos para a natureza a fim de tomarmos um pouco de sabedoria, veremos que nenhum outro animal adota esse comportamento. Novamente, é típico do ser humano gostar de aprisionar a quem ama ou admira.

É claro que eu estou sendo puramente racional em minha análise. Por óbvio que já caí nas armadilhas da paixão e não estou salvo de me engolfar em ações que vão contra tudo o que aqui estou a analisar. Mas o que

é isso que acontece em nosso biológico capaz de turvar por completo nossa razão? Grosseiramente explicando é perceptível que a natureza tem um plano de continuidade da existência que depende da ação de seus participantes para que aconteça. Em todos os outros animais essa ação acontece puramente de forma irracional e instintiva. Flores e baleias reproduzem-se instintivamente, respeitando as leis da natureza. Árvores e borboletas também respeitam a mesma lei. Cachorros e gatos também. Não é difícil observar que a natureza, a vida, reproduz-se inexoravelmente. Nós humanos fazemos parte da mesma natureza, logo, estamos sujeitos às mesmas leis. Exceto como em nenhum outro caso, a não ser esse, temos a opção de burlar a natureza, a muito custo. Quando nos apaixonamos somos inebriados pelo poder avassalador da lei da natureza que quer que continuemos seu projeto de existência. Diferente da atração que temos por um amigo a quem muito amamos, quando nos apaixonamos somos atraídos para o sexo, para a reprodução. Nesse momento da paixão, a natureza lança sobre nós um feitiço que bloqueia nossa capacidade de raciocinar e nos faz agir mais como os animais, ou seja, de forma instintiva, buscando a reprodução de nossa espécie. Até aqui, nada de errado. Acontece que não está na lei da natureza, pelo menos não para todos os outros animais, que devemos nos manter com o parceiro pelo qual tivemos essa atração temporária. Essa influência é tão poderosa para bloquear nossa razão que tomamos a decisão de nos mantermos no estado de paixão para o resto da vida, sem saber que tal estado bioquímico não perdurará.

Não sou nenhum neófito a fim de não perceber que as coisas são mais complexas do que isso e me dar por satisfeito com tal argumentação por demais rasa. Há em nós seres humanos estados de consciência mais elevados

que nos tornam um pouco mais complexos e que nos fazem agir de forma um tanto mais dinâmica do que qualquer outra espécie. Há em nós fatores como as emoções (que são poderosíssimas), criatividade, uma memória de longo prazo mais consciente do que em outras espécies, fatores culturais, a própria consciência e outros fatores que nos tornam não melhores, mas mais conscientes do que as outras espécies, e até mais conscientes do que a nossa própria espécie se estudada em momentos diferentes da história. Somos além de tudo seres que evoluem. Não é difícil perceber que temos mais consciência e razão do que um cachorro ou um gato. Não é com a mesma docilidade que aceitaríamos uma coleira no pescoço em troca de abrigo e comida. Também não é difícil de perceber que estamos mais conscientes enquanto seres humanos do que nossos antepassados escravos e senhores escravocratas. Ambos no passado tinham uma consciência de que aquele comportamento era aceitável, sendo que não o era de forma alguma, e não o é ainda hoje (que fique claro, pois isso ainda acontece em alguns lugares, infelizmente). Logo, se somos naturalmente mais conscientes do que outras espécies, e se além do mais ainda estamos evoluindo, conseqüentemente podemos concluir que não alcançamos ainda nossa total potencialidade consciente. Ou ainda, assim como somos mais evoluídos conscientemente e racionalmente do que outras espécies, também nada impede que outras espécies sejam mais evoluídas nesses quesitos do que nós. E se somos menos evoluídos que nós mesmos do futuro, ou que outras espécies, então não temos condições de perceber tais evoluções. Logo, somos prisioneiros de nossa própria espécie e momento evolutivo. Talvez é daí que venha nossa frustração e necessidade de aprisionar tudo aquilo pelo qual nos encantamos.

Enfim, esses são devaneios para outro capítulo deste livro, e que apesar de ter certa relevância e importância para a compreensão dessa lógica, não precisa aqui de mais explicação do que já foi dado. Voltemos ao que antes pensávamos. Muito bem, então como seres que participam da existência, estamos presos às leis que a regem. Uma delas, poderosíssima, é a da reprodução, que vez por outra joga sobre nós seu feitiço, fazendo-nos cumprir com nosso papel de manter na vida a presença da espécie humana. Entretanto, o fato que analisamos não é esse por si só, mas o fato de darmos um passo além nesse papel de mantenedores da existência de uma espécie, e além disso, criamos leis que não fazem parte da lei primordial. Não é uma lei da natureza que aprisionemos a nós mesmos àquele que foi atingido, assim como nós pelo feitiço da paixão. Somos livres, assim como os cachorros, a buscarmos nossa vida além da exclusividade de um parceiro para o resto da vida. Não há nada que diga na natureza que somos obrigados a ficar, e não há nada que diga que qualquer pessoa esteja obrigada a ficar conosco exclusivamente por toda uma vida. Apenas o ser humano criou essa lei.

Como já disse com outras palavras, não sou ingênuo de acreditar que não há em nós outros fatores que atuam para que assim ajamos. Um fator de grande impacto é a emoção. É a emoção que é jogada ao pico da potencialidade quando somos inebriados pelo poder reprodutivo da natureza. A emoção positiva que sentimos quando somos atacados pela paixão é deliciosa. A emoção é o oposto da razão. Comumente a emoção exerce mais influência sobre nós do que a razão quando resolve agir. Normalmente não escolhemos o momento em que a emoção irá atuar sobre nós. Por exemplo, quando alguém nos xinga, é a nossa emoção que entra em ação, fazendo-

-nos revidar ou sentir raiva. Bem como quando alguém nos elogia, é nossa emoção que nos faz retribuir o elogio e nos sentirmos felizes. Nossa razão está no banco de reservas nesse momento, sem atuar. Talvez quem nos xinga tenha o direito de fazê-lo, pois cometemos um ato de total irresponsabilidade previamente colocando a vida de outras pessoas em perigo, mas nossa emoção não deixa nossa razão compreender a situação naquele momento. Talvez a pessoa que nos elogia apenas o faça por mera formalidade ou interesse oculto, mas nossa emoção não permite que nossa razão avalie o fato com plena elucubração. Essa é a emoção, nossa fiel companheira, que se não pode ser aniquilada ou aprisionada, pode pelo menos ser domesticada.

É essa emoção de afeto por outra pessoa ou animais que nos leva a querer aprisioná-las. Como gostamos muito daquela pessoa, queremos que ela esteja protegida e, portanto, queremos-la por perto o tempo todo e não queremos que ela corra riscos. Mas se a nossa razão estivesse no comando, perceberíamos que é impossível querer manter alguém o tempo todo sob nossa vigilância. Assim como a paixão é uma nuvem passageira sobre nossas cabeças, ela também o é sobre a cabeça das outras pessoas, e querer aprisionar (cuidar) de alguém que logo quererá se ver livre de nós é ilógico, é apenas emocional. Claro que não está errado querer proteger, querer o melhor para as pessoas que amamos ou por quem temos extremo afeto e paixão. Errado é querer mantê-las sob nossa vigilância constante contra os males da vida. Afinal de contas, a vida é feita de riscos e acidentes.

Será então que é a mesma emoção que nos leva a contrair um contrato de casamento com outro ser humano com vigência de uma vida inteira? A emoção é uma delas, sim. Quando sob o efeito da emoção da paixão (a qual

muitas vezes damos o nome de Amor), não queremos ver que esse efeito tem poder passageiro. Enganamo-nos ao ponto de acreditar que essa emoção será duradoura. Então, em um ato historicamente estabelecido que simboliza afeto, propomos a outra pessoa em casamento. A outra pessoa, também sob o efeito da paixão, e sob influência cultural que diz que esse ato é louvável, aceita com alegria. O que acontece de fato nesse contrato é que implicitamente dizemos que a partir daquele momento está oficializado o contrato que diz que ambos só poderão demonstrar afeto romântico um pelo outro e que só poderão ter relação sexual recíproca, sem a participação de terceiros. Acabamos de transformar um ato natural que visa exclusivamente à procriação em uma lei humana mais parecida com uma prisão psicológica. Acabamos de colocar uma coleira em forma de aliança no dedo da outra pessoa. De fato, nós seres humanos amamos aprisionar.

Contudo, há outros fatores de forte atuação sobre nossas decisões desse tipo. Um é o fator cultural que diz que o casamento e o relacionamento afetivo e sexual se devam dar apenas com uma pessoa. E é, portanto, exatamente isso que eu espero que aconteça. Mesmo eu, que analiso o tópico abordado com extrema frieza e razão, não conseguiria me desvencilhar do poder que a cultura exerce sobre a programação do meu comportamento. É a cultura em que vivo que me disse desde sempre que eu preciso assim viver, que me faz agir dessa forma, além daquela imposta pela própria natureza por meio de suas leis. Então, mesmo que por um momento eu consiga pensar diferente do que a cultura impõe, confesso que é difícil colocar tal pensamento em prática. Agora já são duas as forças que agem sobre nossas decisões, as emoções e a cultura, sendo que as emoções ainda têm outras artimanhas de influência. São minhas emoções de

ciúmes, raiva e possessão que me fazem perder a razão só de pensar que a pessoa por quem estou apaixonado poderia ter relações sexuais com qualquer outra pessoa. Por mais que, assim como no reino animal acontece, eu consiga raciocinar que é natural que um ser humano possa ter relações sexuais com quantas pessoas bem compreender vantajoso, minhas emoções não me permitem agir de acordo com minhas ideias. Então, por ser um refém da minha cultura e emoções, também quero fazer de refém justamente a pessoa por quem mais tenho apreço, paixão e atração sexual. E talvez o oposto, a outra pessoa, também possa ter as mesmas intenções inconscientes sobre mim.

Há culturas, por exemplo, em que o homem pode ter mais de uma mulher de forma abalizada pela lei. Não sei de nenhuma lei que permita que mulheres tenham vários homens. O que é obviamente errado. Aliás, acho errado que exista qualquer tipo de lei que interfira nas opções pessoais de qualquer indivíduo ou grupo. Isso não é uma questão apenas de lei, mas sim também de cultura, que por sinal, tem um peso muito forte sobre a forma como as pessoas vivem. Atualmente os paradigmas da cultura estão mudando drasticamente. Antigamente era cultural que se respeitassem alguns passos no processo de evolução existencial. As pessoas em sua vasta maioria se apaixonavam por alguém quando jovens; depois o homem propunha tal pessoa em namoro; após isso propunha em casamento; então noivavam por um ano em média; depois se casavam; tinham filhos; envelheciam juntos; não se separavam; tinham netos; durante todo o período trabalhavam ansiosos pela aposentadoria; e depois de velhos, morriam. Esse era basicamente o roteiro escrito por nossa cultura e que deveria ser vivido por todas as pessoas. Em países diferentes as culturas variam, mas seguem um roteiro pré-estabelecido. O Brasil tem mudado muito

ultimamente e tem-se permitido a cada pessoa escrever seus próprios roteiros de vida, não sem alguma crítica quando tal roteiro é muito criativo e diferente daquele cultural ao qual estamos habituados. Outros países ainda seguem roteiros mais restritos. Alguns até violentos e opressores. E em todos os países invariavelmente, além da cultura, a lei também impõe algumas normas. Isso não precisa ser associado a uma prisão como anteriormente o fiz, pois passa uma ideia de situação por demais imposta, mas é talvez um paradigma ao qual é difícil quebrar quando a cultura é muito arraigada.

Quando falo da liberdade que teoricamente temos de ter quantos parceiros sexuais quanto gostaríamos de ter confesso que eu mesmo não sou capaz de aplicar tal ideia à prática. Da mesma forma que eu espero que a pessoa por quem estou apaixonado e com quem estou me relacionando tenha relações afetivas e sexuais apenas comigo, também eu me comporto da mesma forma tendo apenas relações com tal pessoa. Eu tenho certeza de que assim penso em virtude do meio cultural em que fui criado. Não sei como eu pensaria se tivesse sido criado em uma sociedade em que o homem pode ter mais de uma mulher. Por influência de minha cultura eu acho isso completamente errado, especialmente porque tal lei não se equivale em direito para as mulheres, apenas para os homens. Contudo, mais do que isso, eu não sei como eu pensaria se não tivesse tido a influência de qualquer cultura ou lei. A minha dúvida é exatamente esta: como eu pensaria (razão) e agiria (emoção) quer não tivesse sido influenciado educacionalmente por qualquer tipo de teoria sobre relações afetivas e sexuais, considerando que as outras pessoas, homens e mulheres, também não tivessem sido ainda influenciados por nenhuma forma de cultura ou lei? Será que o meu comportamento seria como

o dos animais que se entregam aos prazeres da carne por mera reprodução? Será que eu me permitiria ter várias mulheres ao longo da vida e aceitaria naturalmente, sem ciúmes ou raiva, que as parceiras com quem eu tivesse relação tivessem relações com outros homens também? Será que eu naturalmente desenvolveria as mesmas teorias que a minha própria cultura impõe? Considerando que nenhum desses paradigmas culturais e leis existiam em algum momento no passado, e que passaram a existir em virtude das relações entre os seres e da imposição da vontade ou argumentação dos mais fortes sobre a maioria, é de se imaginar e supor que há também a possibilidade de que eu mesmo estivesse dentre aqueles que criariam leis e estimulariam comportamentos culturais e sociais dos quais eu mesmo critico neste momento. Tudo é possível nesse âmbito. Talvez tudo o que eu estou a falar e questionar agora seja uma construção de uma ideia que virá a ser criticada e considerada completamente errada e retrógrada no futuro.

Além da cultura, lei e emoções que até aqui analisamos, é importante ressaltar outro ponto que nos diferencia dos animais, que é a nossa capacidade de planejar pensando no futuro. Então, é óbvio que quando nos associamos a outra pessoa e prometemos Amor eterno, aparte a questão das emoções, o que também está em ação aqui é a nossa capacidade de pensar o futuro. Diferente dos animais, somos capazes de calcular que trabalhando a dois, somos mais fortes do que trabalhando sozinhos na construção de um futuro, e também por isso o matrimônio se justifica não apenas como uma prisão, mas como um contrato de trabalho conjunto com o intuito de alcançar algo melhor do que alcançaríamos se trabalhássemos sozinhos. Além disso, também diferente dos animais, que quando procriam, o macho abandona os cuidados da cria à fêmea,

nós seres humanos sabemos que a responsabilidade pela geração de uma vida deve pelo menos logicamente falando recair sobre o casal responsável por aquele ato, e que mesmo que ambos não fiquem juntos pelo resto da vida, a responsabilidade pela criança não pode ser abdicada por uma das partes. É claro que há casos em que pais se comportam como animais e abandonam suas crianças, mas isso é um desvio do que aqui estamos analisando mais de forma geral do que de forma específica. Vale mais o raciocínio geral do que casos específicos. Pois, enfim, o que estamos tentando analisar e compreender é que os seres humanos se juntam e se “prendem” a fim de aumentar suas possibilidades de crescimento social e financeiro, no qual um auxilia o outro, e também com o intuito de responsabilizarem-se mutuamente pela construção de algo que é inquestionavelmente lindo, que é a família, e que é mais comum aos seres humanos do que aos animais. Pelo menos somos mais capazes de fazer isso de forma racional, a mim parece, do que os animais.

Mas aqui também pode haver a interferência das emoções, que não precisa necessariamente sempre acarretar em uma forma de comportamento que vai contra nossas intenções ou com a melhor razão. Aqui as emoções de trabalho em conjunto e construção de uma família podem justamente dar força a um raciocínio lógico que consideramos apropriado. Ou seja, a minha lógica, independentemente de minha cultura (assim acredito), diz-me que é correto associar-me a outra pessoa a fim de construir uma vida comum de interesses, especialmente quando parte desse objetivo é construir uma família, e a emoção, que pode sofrer alterações ao longo dessas diferentes etapas da vida, pode me ajudar a fortalecer minha convicção em me manter em meus objetivos. Então a emoção que em um momento se referia a uma paixão

caracterizada por atração sexual, ao longo do tempo pode se transformar em uma emoção que me faz ter prazer em compartilhar de minha vida, planos, conquistas e desafios, com uma pessoa que pensa de forma alinhada com a minha, e eu com a forma de pensar também da outra pessoa (não precisando ser igual, mas havendo respeito e compreensão pelas ideias um do outro), pode ainda no futuro quando da ação de conceber uma criança, ou várias, ainda se transformar em uma forma de emoção que mais se aproximada do que se compreende por Amor, pois percebe-se que a partir desse momento os planos de vida começam a ser deslocados do que a pessoa quer para si mesma, e passam a ser colocadas no que se espera de bom para a vida de outro ser humano, nesse caso a criança (ou crianças). O casal continua trabalhando e juntando forças para chegar a um mesmo objetivo. Há nisso, confesso, uma grande virtude. Apesar de qualquer crítica que eu possa fazer ao matrimônio, e muitas vezes usar termos como prisão e coleira, sou humanamente capaz de perceber haver nessa forma de vida um quê de elevado e especial. Vou ainda levar nossa análise ao ponto do Amor romântico transcendental, mas antes de fazer isso, quero apenas levantar outra crítica, que não seria a última, mas que já basta para termos uma compreensão considerável de argumentos que não sirvam para nos dar um parecer definitivo sobre a questão, pois não é esse o objetivo de fato, mas que nos dão base suficiente para iniciar um debate agradável e com opções de caminhos a serem trilhados, não necessariamente para chegar, mas para fazermos aquilo que há de mais lindo na existência: trilharmos juntos conversando.

Casais de todas as gerações, não todos de forma geral, mas uma grande maioria, enfrentam um problema recorrente quando o feitiço da paixão lhes deixa o corpo,

que é o de voltar a si e perceber as irracionalidades que cometeram quando estavam enfeitiçados. Como já disse, a mim é ilógico que duas pessoas se imputam a obrigação de viver eternamente juntas quando têm a liberdade de simplesmente não o fazer. Considero isso uma autoimposição a uma vida em uma prisão. Considero isso o mesmo que fazemos com os cães, a quem colocamos uma coleira para lhes limitar os movimentos e a liberdade, e também para estabelecer uma relação de possessão, o ser humano possui o cachorro (que tanto ama), com a diferença de que nas relações humanas nós em vez da coleira, usamos uma aliança para mostrar nossa possessão sobre aquela pessoa e para lhe limitar as liberdades. Ainda cabe observar, nós seres humanos gostamos de usar o verbo possessivo ter para outra pessoa, como se fôssemos capazes de possuir os outros. Por exemplo, mães dizem: eu tenho dois filhos; namorados verbalizam eu tenho uma namorada; esposas afirmam: eu tenho um marido. A utilização deste verbo possessivo, ter, nesses casos está completamente equivocado, e não sei até que ponto o erro na utilização desse verbo em nossas relações interpessoais não cause um dano catastrófico em nosso subconsciente. Pois, ao passo que posso perfeitamente dizer sobre uma casa que eu a possuo, que eu a tenho, da mesma forma que posso dizer ter três carros, pois de fato, se eles me pertencem, não corro o risco de que eles mudem de ideia e externalizem sua vontade de não ser mais possuídos por mim. Ou também quem sabe também possamos usar o verbo ter com animais domesticados, como por exemplo, eu tenho dois cachorros ou eu tenho três gatos.

Entretanto, essa mesma forma de pensar não pode ser aplicada aos seres humanos. Isso está equivocado. Está errado dizer que eu tenho alguém. Pois diferentemente dos objetos ou animais aos quais tenho condições de

possuir, outro ser humano não é passível de ser possuído, até porque não vivemos (na maioria das sociedades) em um regime de escravidão. Portanto, as pessoas têm o total direito de deixar de fazer parte de nossas vidas. E quão devastador sabemos que isso pode de fato ser quando acontece. Quão ruim é descobrir que uma pessoa não deseja mais compartilhar sua vida com a nossa quando nós ainda temos o desejo ou a paixão que compele para tal forma de vida. É por isso que mais acertado seria dizer que, em vez de, por exemplo, dizer que eu tenho uma namorada, dizer que eu compartilho minha vida com outra pessoa. Seria mais acertado dizer que ambos decidimos estar juntos. Agora, sim, seria mais correto dizer que estamos juntos, em vez de dizer “eu tenho uma namorada”.

Muito bem, dito isso, sabemos que muitos casais, passado o calor da paixão que dá um brilho realmente muito especial ao convívio entre duas pessoas, optam por permanecer convivendo, mesmo que a relação não seja mais como era. Mesmo em casos até mesmo em que a relação passa a de fato ser ruim para ambos. Para compreender melhor o que eu quero dizer, usemos o exemplo de um casal que se apaixona. Nesse exemplo o homem procura fazer de tudo para aparentemente conquistar a atenção da mulher por quem se apaixonou e por quem talvez até perceba uma certa reciprocidade. Entretanto, mais comumente do que não, não é possível simplesmente decidir por se estabelecer um relacionamento, é preciso primeiramente que haja alguma investida por parte do homem com ações de conquista. Então o homem pode começar a convidá-la para sair, pode dar-lhe flores, alguns presentes, ele a leva a lugares românticos. Ela, também interessada nele, demonstra reciprocidade. Ambos, atacados agora pelo

efeito da paixão têm interesse sexual um pelo outro e por isso têm interesse em compartilhar agora um espaço de tempo um com o outro maior do que despenderiam até mesmo a um melhor amigo. Ambos passam a se ver com frequência e ter uma vida íntima intensa. Ambos passam a ter olhos apenas um para o outro. Ambos procuram se arrumar para estar um na presença do outro. Ambos querem fazer atividades interessantes e divertidas para os dois. Então decidem oficializar o que normalmente se chama de namoro e passam a desfrutar da presença física e emocional um do outro. Quando após um tempo existe uma certeza de que aquela pessoa representa alguém com quem se quer estar, e a outra pensa da mesma forma, podem então decidir por oficializar socialmente essa união por meio do casamento. Isso é mais ou menos o que a nossa cultura estabelece como natural e que nós dificilmente questionamos. Alguns casais irão viver, então, uma vida feliz. É natural que após dois anos a força da paixão arrefeça, dando espaço a uma outra habilidade humana, conhecida como memória. Então continuaremos convivendo em virtude da memória positiva que tivemos com aquela pessoa e das novas memórias positivas que vão sendo construídas ao longo de toda uma vida. Veja que os animais não têm esse tipo de capacidade. Eles não demonstram possuir uma memória forte e racional que os fazem permanecer com quem tiveram algo de bom. Eles parecem sim ter uma memória mais instintiva. Enfim, tendo passada a paixão, fica ainda a memória daquilo que um dia foi muito bom. E sim, novos episódios bons podem ser construídos, mas a partir de então de maneira mais voluntária e menos influenciada por um processo da natureza.

Todavia, esse tipo de relacionamento requer não apenas convivência natural, mas também esforço, e por que não,

compatibilidade de personalidades. Para muitos casais ao fim do poder influenciador da paixão a convivência pode se tornar algo difícil e muitas vezes impossível. Em meu ponto de vista, se um relacionamento se torna insuportável, não há por que insistir nele. É possível simplesmente terminar com ele e iniciar novamente com outra pessoa. O que muitas vezes acontece é que alguns casais insistem em um relacionamento que é ruim para os dois, seja por pressão da religião ou por comodismo. Muitos casais acabam por se acostumar com uma situação ruim. Então o que vemos é que um relacionamento ao longo do tempo de forma generalizada pode cair em uma das três situações. Primeiro, o casal pode ter compatibilidade de personalidades e uma história positiva de convívio; segundo, o casal pode ter entrado em um período nem ruim nem bom de convívio, mas sim algo morno e apático, sem graça para os dois; e terceiro, esse casal realmente não tem compatibilidade, uma condição que prejudica em muito as condições que possibilitariam conviver ainda juntos.

A teoria do relacionamento do Amor romântico transcendental pode se aplicar a todos os três casos, mas no terceiro, no qual realmente não há o que fazer, acho mais difícil. Já no primeiro caso, dos casais que estão bem, tem a capacidade de talvez melhorar ainda um pouquinho o que já está bom, e no segundo caso, esse sim, tem chances de melhorar em muito um relacionamento que apenas caiu em descuido.

Essa teoria não tem nada de absurdo. O que acontece é que os casais ao longo do tempo vão perdendo a mágica que os primeiros meses e anos de um relacionamento proporcionam naturalmente. Muito da criatividade e esforço que aplicávamos no começo do relacionamento vai-se arrefecendo e o relacionamento cai em desânimo

para ambos. Geralmente é o homem o maior culpado por tal situação. As mulheres têm em geral mais facilidade para manter os costumes e as certezas que levaram pela opção de uma vida a dois. Em geral os homens se deixam acomodar pelo relacionamento. Até porque muito das artimanhas da conquista de fato recaem sobre o homem, e ao longo da vida a dois, quando esses artificios já não precisam mais ser usados, ele acaba caindo no comodismo. Mas de qualquer forma, um pouco mais de um lado ou pouco menos do outro, ambos têm de fato responsabilidade pela situação. O objetivo dessa teoria não é encontrar culpados, mas sim buscar uma solução. E se você está lendo esta mensagem agora, então caberá a você dar o primeiro passo. Se ambos estão lendo este mesmo livro, bom, cabe agora então aos dois. Mas lembre-se, quando se trata do Amor, não estamos falando de uma emoção, estamos falando de uma decisão, uma ação inquestionável e imutável. Essa ação tem que ser desprovida de expectativa. Ou seja, se cabe a você buscar a mudança, isso não quer dizer necessariamente que a ação gerará os frutos esperados. Se isso infelizmente for assim, é importante que não se jogue a culpa sobre o outro lado, e muito menos sobre si mesmo. É preciso agir com total desprendimento de resultado. Tem que se de agir com a melhor das intenções e capacidade, isso sim. Mas sem qualquer tipo de cobrança.

Tenho sido muito duro em minha abordagem sobre o tema dos relacionamentos interpessoais afetivos e tenho colocado os seres humanos no mesmo nível dos outros animais e da natureza. Mas em minha observação os seres humanos têm a capacidade de escapar das garras aprisionadoras das leis que regem o universo sempre que eles fazem uso daquelas características transcendentais que os diferenciam dos outros animais e plantas. Os

animais e até mesmo os seres humanos são em um primeiro momento alvos da bioquímica que estimula dois seres a se quererem influenciados pela paixão. É então que começa o jogo da conquista. Isso acontece na natureza de diversas formas diferentes, mas todos os seres vivos estão sujeitos a essa lei. Entretanto, o ser humano pode transcender, sem desprezar essa lei, quando ele decide, quando abandonado pelo poder arrebatador da paixão, renovar seus votos de paixão pela mesma pessoa, mas agora de forma racional e voluntária. Para o homem que conquista uma mulher uma vez e a deixa depois que o efeito da paixão lhe deixou há pouco mérito, pois age quase que instintivamente, até porque a mulher também estava sob os efeitos da bioquímica da paixão, o que facilitou o seu trabalho. Agora, para o homem que decide conquistar a mesma mulher várias vezes ao longo de uma vida transpondo assim os limites da força da natureza, há nesse contexto muito mais mérito. E a lógica se aplica à mulher também, pois não é obrigatoriamente uma função do homem a de conquistar, as mulheres têm todo o direito de também tomar a dianteira no jogo da conquista. Casais que descobrem que o segredo para uma vida plenamente feliz a dois está no fato de ambos trabalharem diariamente no jogo da conquista são plenamente realizados. Somente eles sabem o quanto retribuidor é uma vida assim. Conquistar uma pessoa uma vez é fácil e prazeroso, conquistar a mesma pessoa várias vezes é complexo e extremamente recompensador. Em minha opinião, uma vida inteira a dois é algo ilógico do ponto de vista racional, mas para aqueles que descobrem o segredo de uma vida a dois com plenitude e companheirismo é uma prova de que minha teoria está sujeita a falhas de concepção. Fico muito feliz de que isso aconteça, pois, afinal de contas, estamos analisando o ser humano, um ser por demais complexo

para ser aprisionado no que quer que seja, principalmente uma teoria.

Vamos focar em exemplos que mostrem a tentativa de um homem em aplicar a teoria do Amor romântico transcendental para fins de praticidade da explicação. Com o entendimento da explicação, bastará no caso da mulher inverter a lógica e usar de criatividade para usar os conceitos como base para aplicar a mesma ideia de forma profícua, ou ainda de uma mulher por outra mulher, ou de um homem por outro homem, o que importa de fato é a lógica da explicação e não os pormenores de como ela deve de fato ser aplicada, cada caso merece sua devida adaptação, bastando para isso que compreendamos o essencial. Enganam-se aqueles que pensam que são grandes gestos que conquistam as pessoas. Normalmente são os pequenos detalhes. Não é o fato de no começo do relacionamento o homem levar a mulher a restaurantes caros e chiques que a conquista, mas sim o fato de além de fazer isso, mais importante do que isso, demonstrar total interesse por aquela mulher que tenta conquistar. No começo do relacionamento o homem quer saber tudo sobre aquela mulher. Ele está interessado. Ele olha para ela com olhos apaixonados que brilham de alegria por poder olhar para o ponto central de toda a sua paixão. Homens irão concordar comigo quando afirmo que quando estamos na presença daquela mulher por quem realmente sentimos aquele algo de diferente, a atração sexual fica em segundo plano, o que realmente nos move é a simples vontade de estar na presença da mulher que nos faz sentir bem, e é essa sensação de bem-estar que posteriormente irá se transformar em algo mais do que carnal, e sim transcendental. Mas, enfim, o que estamos a observar aqui não é o sexo ainda, mas o incrível e simples poder que a curiosidade do homem sobre a mulher exerce. Como é

bom saber que alguém nos admira e sente interesse por aquilo que somos.

E é geralmente esse ponto tão simples que faz um relacionamento cair em desgosto. Não são os presentes caros, não são as flores, não são as idas a restaurantes caros, é sim a perda de interesse pela outra pessoa que faz com que o relacionamento arrefeça. As mulheres são muito mais sensíveis a esses detalhes. É por isso que prefiro direcionar as sugestões aos homens, pois geralmente são eles que tropeçam mais no relacionamento a dois do que as mulheres. Os homens geralmente falham em perceber esses detalhes ou confundem as razões que levam um relacionamento a decair. O homem no começo do relacionamento só tem olhos para a mulher amada. Ao longo do tempo ele começa a ter olhos para todas as outras mulheres que passam na sua frente, para as mulheres dos vídeos pornô, para os jogos na televisão, para o brilho dos pneus de seu carro tão adorado, e para tantas outras coisas que não se comparam com a mulher de valor inestimável que um dia ele conquistou. Mas lembre-se, não cabe aqui neste momento a tarefa de julgar e culpar alguém. O que acontece com o homem não é nada mais nada menos que um processo natural. É natural perder-se o interesse por algo que vemos o tempo inteiro. E esse tipo de atitude é o que faz de nós seres humanos sermos não mais do que qualquer outro animal. Alguns homens talvez agora argumentariam em sua defesa que ao longo do tempo suas companheiras também pararam de se arrumar tanto quanto no começo do relacionamento, e que isso é um fator que leva a perda de interesse, até porque quando olham ao redor veem muitas outras mulheres que se arrumam e chamam muito mais atenção do que sua própria mulher. Isso não é verdade. Pois no começo do relacionamento, são justamente os pontos mais sutis que

atraem sua atenção. É inclusive acordar ao lado da sua parceira, mesmo sem maquiagem e toda descabelada que gera tanto prazer em um casal recentemente apaixonado.

Mas como voltar a ter esse brilho de curiosidade no olhar sendo que agora já conhecemos tão bem a pessoa com quem convivemos? A verdade é que nunca conhecemos uma pessoa assim tão bem e muito menos por completo. O que acontece é que nos acomodamos. Deixamos sim de ter interesse. Uma pessoa é um ser complexo que vai evoluindo e mudando ao longo da vida. Sempre teremos coisas novas para descobrir sobre a mesma pessoa. Então de forma prática uma estratégia para manter ativa essa curiosidade tanto de um como pelo outro é buscar fazer atividades de re-conhecimento exclusivo para o casal. Isso também não pode, claro, ser algo mecânico, para não cair novamente na monotonia. Estou falando de atividades esporádicas e variadas em que o casal terá sempre a chance de conhecer-se um pouquinho novamente. Mesmo para casais que já tenham filhos, é importante vez ou outra tirar um tempinho para que os dois possam fazer algo diferente juntos, sozinhos. É como se tirassem um tempinho para namorar. E por que não às vezes fazer algo até mesmo apimentado? Por que não ir a um motel e fazer algumas sacanagens? Por que não tirar um final de semana ou uma noite para pousarem fora de casa em uma cidade diferente? Por que não tirar uma noite para ir ao cinema e dar uns beijos secretos quando as luzes se apagarem? É necessário de vez em quando sair para ir a um restaurante caro? Sim, é necessário! As mulheres gostam de sair e usar uma roupa bem bonita. Elas gostam de fazer isso para os seus homens. Elas gostam de ser notadas pelos seus homens (sim, eu sei que às vezes elas gostam de ser notadas por outras mulheres!). Vejamos que são esses pequenos gestos que vamos deixando de lado e

esquecendo, e que são tão simples, mas tão prazerosos, que fazem um relacionamento ser algo tão bom. São esses pequenos gestos que vão despertar em nós novamente a curiosidade que um dia tivemos. E é espantoso perceber o quanto temos a redescobrir dessa pessoa que há tanto tempo já convive conosco. E percebeba que casais que vivem felizes são capazes de fazer isso automaticamente. Eles mantêm a curiosidade de conhecer um ao outro ativamente por meio de pequenas e sutis atividades.

Veja que na ideia anterior outro ponto importante foi sutilmente introduzido, que é a atividade da surpresa. Pois sim, a surpresa está nos detalhes que mencionamos de fazer coisas diferentes. Dar presentes sem motivos, simplesmente porque queremos dar. Veja que no começo de um relacionamento fazemos de tudo para surpreender a pessoa amada. Encontramos qualquer desculpinha esfarrapada para presentear a outra pessoa. Somos extremamente criativos. Estamos o tempo inteiro pensando em diferentes surpresas. Para que possamos ter esse talento é preciso que primeiramente observemos a pessoa, conforme esclarecemos anteriormente. Então uma pessoa atenta e curiosa pela pessoa amada passa a ser criativa para surpreender. Alguns homens dirão que é caro presentear ou que as mulheres só se contentam com presentes caros. Não é verdade! Sim, os homens devem de vez em quando dar presentes caros às suas mulheres, afinal de contas, elas são o bem mais precioso com o qual eles têm a honra de conviver, então, devem sim mostrar o valor de uma mulher presenteando-a com algo que mostra o desprendimento material do homem em presenteá-la com algo que tente se equivaler ao nível dela. Para isso basta o homem poupar em algumas cervejas ou produtos especiais para o carro e terá condições de vez ou outra dar algo de maior valor monetário para sua mulher. Entretanto,

não é o valor do presente que damos que conquista uma mulher, mas sim a surpresa e a intenção. Nós homens acostumamo-nos a dar presentes por obrigação em datas estabelecidas, como dia dos namorados, anos de namoro ou casamento, e outras tantas celebrações. E está certo e é necessário dar presentes nessas datas, sim. Mas é preciso dar com vontade e criatividade. E além dessas datas, é preciso surpreender com pequenos gestos em momentos completamente inesperados. Para alguns casais isso pode ser um beijo antes de ir dormir, pois já faz mais de anos que não se beijam. Para outros pode ser levar uma flor quando voltar para casa. Ou quem sabe comprar o chocolate favorito dela. Para outros pode ser escrever uma carta de amor. Por que não? Ela vai talvez fazer alguma piadinha a respeito disso? Vai sim. Ela vai perguntar quais são as segundas intenções desse presentinho. Mas lá no fundo ela vai amar o gesto. Ela vai se sentir amada. E um homem que é capaz de reconquistar todos os dias a sua mulher irá descobrir o quão maior será a retribuição dessa mulher para com ele. Geralmente quando um relacionamento cai na monotonia ou acaba é porque o homem deixou que isso acontecesse por falta de cuidados mínimos, pois as mulheres são capazes de amar e demonstrar muito mais do que os homens. Mas é claro, todo Amor não correspondido uma hora cansa. Ah, mas a minha mulher não gosta de nada disso que você sugeriu! A questão não é o que eu sugeri, mas sim usar a criatividade e pensar em algo que seja simples e que vá fazer a sua mulher feliz. Lembre-se, não é o valor, é o gesto. Mas sim, às vezes tem que investir mesmo. Então aqui vão mais algumas dicas: pague uma tarde num SPA; pague um corte de cabelo; leve-a para jantar; leve-a para tomar uma champanhe no parque; leve-a ao shopping; leve-a para comprar flores; leve-a para tomar um sorvete; convide-a para caminhar;

prepare uma noite romântica; dê uma passadinha em uma *sex shop*; diga para ela que você a ama; dê um abraço apertado; dê um beijo apaixonado; dê um tapinha na bunda dela e diga o quanto ela está gostosa; faça Amor com ela como há muito tempo você não fazia; faça uma tatuagem de Amor por ela; comecem um curso de dança juntos ou de culinária; enfim, use a criatividade, mas faça pequenos gestos que mostrem o quanto essa pessoa é importante para você. E se você acha que ela não é tão bonita quanto as outras mulheres, que ela engordou e não se arruma mais, pense que essa é a mulher que aguenta conviver com você e que está do seu lado, foi essa mulher que aceitou ficar com você, e se você demonstrar um mínimo de Amor que seja por ela, é você que na verdade vai sair ganhando, porque essa mulher vai te amar ainda mais do que ela já tem feito esse tempo todo, mas foi você quem perdeu a capacidade de perceber e apreciar isso. Então pare de desculpas e faça algo hoje mesmo.

Muitos homens reclamam do descuido físico de suas mulheres, principalmente após uma ou duas gravidezes. Em primeiro lugar, as mulheres estão muito mais sujeitas às mudanças que o tempo e as circunstâncias trazem do que os homens, então, o mínimo que um homem deve fazer é ter consciência disso. E em segundo lugar, nós homens já paramos para nos observar? Já paramos para perceber o quanto nós mesmos nos descuidamos ao longo do tempo? Quando recém começamos a namorar aparamos a barba, mantemos um corte de cabelo moderno e aparamos os pelos em áreas mais íntimas. Usamos roupas bacanas. Temos um perfume especial para sair. Jamais usamos uma roupa esfarrapada para receber nossa recém-namorada em nossa casa para dormir. Não nos atiramos no sofá que nem um cobertor largado. Não aparecemos na frente dela suado e fedendo a cerveja. E tudo isso por razões óbvias,

porque sabemos que elas não gostam disso. Então por que motivo depois de mais tempo de convívio passamos a não observar esses pequenos detalhes? Se achamos que a aparência é importante de lá para cá, saibamos que esse quesito também é importante de cá para lá. Então a dica é o quanto antes dar uma repaginada no visual e nas boas maneiras. Para começar, sugiro ir a um salão de beleza, homem, você mesmo, ir a um salão de beleza, e mudar o corte de cabelo, mudar o estilo da barba ou deixar uma barba *sexy* crescer; ou, se é careca e sem barba, ir ao salão para passar nem que seja um perfume na careca e no rosto! Não é só para sair ou para participar de alguma reunião que precisamos estar bem aparentados, mas para ir ver a mulher que amamos também. E se você chegar mais cedo do que ela, pelo menos de vez em quando se arrume para recebê-la e surpreendê-la. Ela vai rir da sua cara se fizer isso? Vai. Mas vai adorar a surpresa.

E se você for daqueles homens que com o tempo foi se descuidando e parou de praticar esportes, começou a tomar umas cervejas a mais e passar tempo demais na frente da televisão, aquela barriga de cerveja começou a crescer, ficou careca e, ainda por cima, veste-se mal, você pode ter certeza de que você está pisando na bola. Se você ficou careca e feio, não tem problema, a mulher não vai deixar de te amar por isso, mas se você ficou desleixado e preguiçoso com o seu corpo, isso sim é um problema, pois isso mostra que você não se importa mais em aparecer bonito para ela. Você não precisa entrar em uma academia para ficar com a forma física de um adolescente, mas pelo menos fazer um mínimo esforço para melhorar a sua aparência é um empenho que vale a pena, porque você vai se sentir melhor, vai fazer bem para o seu próprio ego. E qual não vai ser a surpresa da sua mulher quando ela vier lhe perguntar o porquê de você estar cuidando tanto assim

da sua aparência, se por acaso tem outra mulher, e você disser que está fazendo isso por ela. Ela com certeza irá amar. E se por acaso ela nem der bola, saiba que cuidar da própria aparência é acima de tudo um ato de Amor próprio. E não importa se você é de uma religião que diz que a aparência não é importante. Isso é mentira, porque a aparência nada mais é do que um reflexo de quem nós somos por dentro, assim como uma casa toda bagunçada é um reflexo de quem mora naquela casa. Eu nunca vi um budista maltrapilho, mas sim sempre com roupas bem bonitas e uma careca bem lustrada, isso é um sinal de vaidade positiva de alguém que ama a si mesmo e as pessoas a sua volta.

Algo que percebo e que me preocupa muito são aqueles casais que passam a viver exclusivamente um para o outro. Aqueles que se excluem do convívio com outras pessoas e com outros círculos sociais. Eles acham que só precisam um do outro e que se bastam para viver. E tem ainda aqueles que não largam um do outro. Aonde um vai, o outro também vai. E se um não pode fazer isso sozinho, o outro não pode ir naquele lugar por contra própria também. Gente. Pensem. Só viemos a descobrir a pessoa que amamos muitos anos depois de já termos nascido. Boa parte de nossas vidas passamos sem conhecer a pessoa amada e desenvolvemos um círculo de convivência que não dependia dela. Então vejo como importante e saudável que casais façam coisas sem a presença do outro. Por exemplo, é importante que a mulher possa sair para tomar um chope com as amigas e conversar coisas de mulher. Acho importante o homem ir jogar o futebol dele e tomar uma cerveja com os amigos e falar todas aquelas bobagens que os homens tanto gostam de falar. Não tem por que negar ou fazer de conta: há coisas que gostamos de fazer e que não fazem parte da opção da outra pessoa.

E não há problema nenhum nisso. Tem de haver sim respeito. Se há essa liberdade, é preciso que ela seja bem usufruída e muito respeitada por ambas as partes. Então, para deixar bem claro. É importante que ambos tenham a liberdade de fazer coisas que não dependam sempre da presença do outro. Há casais que nunca fazem nada separados. Nunca vão a lugar nenhum sem o outro, nem ao supermercado às vezes! Essa convivência quase que umbilical não é salutar. Por mais que o casal possa nem ver mal algum nisso e não se incomodar, ainda somos indivíduos, e isso significa que devemos manter um pouco do nosso individualismo, e para que isso aconteça, a confiança mútua é imprescindível. Os casais que são muito fusionados, geralmente são ciumentos, e isso futuramente pode não acabar em um final feliz.

Pense no pior que poderia acontecer. Pense que um dos dois possa morrer. Como ficará a vida do outro que dedicou todo o seu tempo apenas a uma pessoa? Com certeza isso trará muitas dificuldades. É preciso pensar na relação amorosa acima de tudo como em uma relação de amizade. Assim como não temos apenas um amigo e não fazemos tudo na nossa vida sempre com o mesmo amigo, da mesma forma, não devemos fazer tudo sempre com a nossa pessoa amada.

Para encurtar um pouco essa conversa, até porque acho que a mensagem já está mais do que quase clara, vamos pensar em um último ponto que talvez possa ser melhorado na vida a dois. Muitos dizem que o sexo não é importante em uma vida de casados, e que o que vale de fato é a cumplicidade. Talvez você não tenha ouvido isso ainda, que bom, eu já ouvi várias vezes, principalmente nos círculos religiosos que frequentei. E não há nada mais errado do que pensar assim. Claro que a cumplicidade e amizade têm que ser o fator determinante para que um

casal esteja bem junto, sim. Mas a satisfação sexual é o termômetro que vai dizer se essa cumplicidade de fato existe, e se o relacionamento de fato vai assim tão bem. De novo aparece aquela velha história de a religião e muitas culturas atribuírem culpa e erro no ato sexual. Esse que é o ato mais lindo, prazeroso e normal da natureza. Enfim, deixarei de lado qualquer crítica nesse sentido para fazê-la em outro momento. Mas é importante ter bem claro que o sexo faz parte de uma vida a dois que seja plena e feliz. O sexo não é apenas um ato carnal que se faz para aliviar a acumulação produzida de espermas. Não. O sexo também é uma brincadeira e uma conversa corporal entre o casal. O sexo é o momento em que um demonstra sua atração física e emocional pelo outro. É quando se permite tocar e ser tocado nas partes em que não deixamos ninguém mais chegar com tanta intimidade, principalmente naquela parte que ninguém vê: a nossa alma. No sexo nos despojamos não somente das roupas, mas de nossos males e problemas, e, principalmente, desavenças entre o casal. Então, sim, uma vida sexual ativa e feliz representa um casal feliz. E se por acaso a vida sexual estiver em baixa, grande parte da solução está nas estratégias mencionadas acima. Muitas vezes os homens reclamam que as mulheres são frias. Mas tenho certeza que se o homem começar a procurar praticar pelo menos uma das ideias sugeridas anteriormente as coisas vão aos poucos mudar para melhor. Mas se mesmo assim não melhorar muito, ainda há algo mais a se fazer.

Lembre que o sexo não é uma coisa séria. Não existe nada de pecado no sexo e nada de religiosidade envolvida. O sexo foi inventado muito antes da religião, todos os seres vivos o praticam na maior naturalidade do mundo. Então, em primeiro lugar, é preciso pensar assim, o sexo é uma coisa boa, leve, até mesmo uma

brincadeira. Às vezes, o que falta para o casal, ou que se perdeu ao longo do tempo, é tirar aquele tempo mais espichado para brincar de papai e mamãe. É isso mesmo, brincar. Dar risadas, divertir-se e sentir muito prazer. Formas de estimular isso é o homem sugerir uma massagem relaxante na mulher. Tenha certeza absoluta de que ela vai desconfiar muito de um homem que nunca propôs isso quando ele sem motivo nenhum sugerir uma massagem. Ela vai rir na cara dele sim. E essa é justamente a ideia, criar surpresas. Muito bem. Munido de um bom creme (espero que os detalhes mínimos estejam de certa forma implícitos), ele, claro, pede que ela tire a roupa e com todo o Amor e atenção do mundo vai fazer nela a melhor massagem que ela já recebeu na vida dela, em todos os pontos do corpo dela, com muito carinho e, também, com bons toques de safadeza. Eis aqui uma estratégia que vai despertar os desejos carnis mais escondidos em qualquer mulher. Se você acha que é só fazer uma massagem de cinco minutos e partir para o sexo, você não está compreendendo nada. A sua massagem não pode durar menos de uma hora. Seus braços devem cansar ao ponto de quase caírem, mas você deve garantir que a mulher deitada embaixo de você vai sentir prazer como nunca. E se por acaso ela não dormiu de tanto prazer que sentiu e ainda estiver a fim de transar com você, então, meu amigo, trate ela como uma deusa e faça por ela ainda mais. Não pense em gozar em cinco minutos. Faça de tudo mais uma vez para dar a ela todo o prazer que ela merece. Não goze nos próximos trinta minutos e tente fazê-la gozar nem que seja apenas uma vez. Se você conseguir fazer tudo isso por ela, eu garanto que ao final, quem terá ganhado de fato será você. Depois de tudo isso, aí sim você pode gozar. E prepare-se, pois será uma gozada inesquecível!

Além disso, como já mais ou menos pincelei antes, como o sexo é também uma brincadeira de sacanagem, às vezes é preciso fazer mão de alguns brinquedos. Eis que uma *sex shop* pode ajudar em muito nesse quesito. Há casais que nunca foram em uma. Eis aqui uma oportunidade. E se por acaso a mulher não se sentir à vontade em ir a uma, algo que eu acho muito difícil de acontecer, então o homem vai lá e pede ajuda às atendentes e compra as coisas mais divertidas para ele e para a sua mulher. Pode comprar desde os dadinhos com posições até vendas para os olhos e algemas, bem como também cremes estimulantes e com sabores variados. Enfim, opção é o que não vai faltar. O importante é colocar nesse relacionamento muita brincadeira, sacanagem e, acima de tudo, uma vontade imensa de dar prazer à outra pessoa, pois é quando damos prazer na relação sexual que na verdade recebemos mais do que o dobro de volta. E o contrário também é verdadeiro, quando queremos receber todo o prazer do mundo, geralmente a frustração é grande. Sexo e Amor são matemáticas do coração e não da razão. Só para completar essas ideias, doses de álcool também ajudam muito para aumentar o apetite sexual, mas sem exagero, e se optar por uma cerveja, a marca que ela prefere, e não a marca vagabunda e ruim que o homem está habituado a beber.

Brincadeiras a parte, esse é sim um fator determinante para um bom relacionamento. Uma ativa e interessante vida sexual. Ela não pode ser somente por obrigação. E não pode ser para o prazer somente do homem, como acontece muitas vezes. Antes de dormir o homem chega, faz o seu serviço, sente-se satisfeito, vira para o lado e dorme, a ainda por cima, ronca. Talvez ele não perceba, e talvez ela não reclame, mas isso é errado. Às vezes o relacionamento é feito de um diálogo sem palavras, então

é importante estar atento aos detalhes não ditos. E o sexo é um dos momentos em que mais dizemos sem externar qualquer palavra muitas vezes. Que então digamos tudo o que não temos condições de dizer em palavras por meio de uma vida sexual muito ativa e excitante. Mas acima de tudo, muito divertida.

É claro que existem muitas outras formas de alavancar um relacionamento que possa talvez estar atravessando alguma dificuldade ou que possa talvez estar apenas um pouco morno. Tudo o que eu aqui busquei trazer foi uma forma de instigar e provocar nossa forma de encarar nossos relacionamentos afetivos. Espero ter deixado bem claro que o relacionamento não deve ser uma prisão, como muitas vezes sem querer acabamos impondo, e que acima de tudo deve ser algo bom para os dois, e que a partir do momento que assim não o for, especialmente depois de ter tentando todas as estratégias possíveis, é mais do que salutar buscar outras possibilidades. É também importante ressaltar que as ideias aqui propostas não são a solução para casos extremos de insatisfação conjugal. Se as ideias aqui sugeridas não servirem ou forem aparentemente sobremaneira ineficazes, há que se procurar uma ajuda profissional de um psicólogo ou outro profissional da área. Eu de minha parte, apesar de todas as críticas que faço, acho extremamente importante lutar para que o Amor jamais morra ou enfraqueça entre um casal. Aqui em meu exemplo trabalhei mais sob o ângulo do homem, especialmente por acreditar que é normalmente ele quem deixa a desejar em um relacionamento, mas é importante observar que nem sempre é assim. Então se você, mulher, estiver lendo este livro, é importante que faça uma avaliação sincera para ver se quem sabe nesse caso é você quem está deixando a desejar no relacionamento e quem tem que tomar algumas iniciativas para trazer o Amor e a

paixão de volta, e talvez seu companheiro seja alguém por quem vale a pena lutar. E se você, homem, estiver lendo isso agora e de fato você é o problema, então, mãos à obra urgentemente com todas as suas forças. E para ambos é importantíssimo ter em mente que não há culpados. Jamais jogar na cara de alguém a culpa por uma situação errada irá resolver qualquer coisa. Não faça isso. Se for necessário sentar e conversar para expor alguns pontos, então, sim, que assim se faça, mas sem acusação, e sempre assumindo alguma responsabilidade pela situação em que nos encontramos.

E por fim, para definitivamente finalizar, vejamos o que fazer no momento mais crítico pelo qual um relacionamento pode passar: uma traição.

Vou ser bem sucinto em minha elucubração do assunto. Basicamente acredito que ambas as partes devem perdoar quando isso acontecer. Se a mulher trair, o homem deveria perdoar. Se o homem trair, a mulher deveria perdoar. E assim por diante, de acordo com outras formas de opção sexual e quantidades de parceiros. Enfim, sou a favor do perdão sempre. Acho o perdão um ato de Amor elevado. Entretanto, sei da dificuldade de se presentear alguém com um perdão, principalmente em um caso como esse. Confessadamente admito que eu mesmo não sei se de fato eu seria capaz de tal ato. Eu gostaria de ser capaz, mas admito não ter certeza. Enfim, o que vale é a teoria, e para os que precisem colocá-la em prática, fica o mérito e as benesses que vêm àqueles que são capazes de viver uma vida mais elevada. Aos que por ventura não sejam capazes, não há demérito nenhum, é um direito seu não perdoar quem lhe traiu.

Mas antes de mais nada, o que é a traição no caso de um relacionamento? Simplifiquemos e digamos que é o fato de uma das partes quebrar esse acordo tácito de

basicamente não transar com outra pessoa ou nem mesmo demonstrar qualquer sinal de afeto romântico por qualquer outra pessoa. Esse contrato advém daquilo que bem no início deste capítulo tratamos, que é noção de possessão que temos sobre as outras pessoas, especialmente aquelas por quem mais temos apreço e amamos, e qual não seja também, especificamente aquela por quem temos atração sexual, pois de fato não temos essa implicância possessiva sobre nossos amigos, afinal de contas, permitimos que nossos amigos se relacionem com outras pessoas naturalmente. Até mesmo aquele amigo com quem transamos e por quem não temos mais do que o afeto amigável, permitimos-lhe que transe com outras pessoas, entretanto, por aquele que nutrimos de fato uma emoção mais intensa, nutrimos também o desejo de possuir com exclusividade (eu me encaixo nessa situação, apesar de criticá-la). É basicamente daí que advém a traição, quando alguém quebra esse pacto.

Há dois erros nesse caso. Um que é o fato de presumirmos possessão sobre qualquer outra pessoa. Mas, enfim, concordo que se houve um acordo em que ambos concordaram pelo respeito, ele deveria de ser mantido, e quem o quebrou, então, traiu esse pacto. O segundo erro é o de no caso de não perdoar, implicitamente dar a entender que uma pessoa não tem o direito, ou que não está sujeita, a errar. Todos nós somos seres humanos, então todos nós somos falhos e sujeitos a errar. Principalmente nesses casos que envolvem o coração, e até mesmo tesão, e não se referem exclusivamente a questões da razão.

É claro que ser traído dói. Eu sei que não é uma matemática simples e precisa. Eu sei que quando gostamos de alguém, nós não queremos ser traídos. Dói muito mais ainda descobrir que alguém além de nos trair, não nos quer mais. Dói menos poder decidir não querer perdoar e

querer deixar a pessoa. Dói muito mais, além de tudo, não ser dada a opção nem de perdoar, nem de deixar a pessoa, pois o outro lado já tomou a decisão de, além de nos trair, também nos deixar. Tudo isso dói muito. Muito da dor vem do nosso despreparo e ingenuidade no que tange relacionamentos amorosos. Infelizmente fomos mal-educados na matéria do coração ou não fomos educados de forma alguma. Devíamos saber que lidar com pessoas é como uma negociação de alto risco, sem garantias, e com grandes possibilidades de perda ou de ganho. Assim como podemos ser a pessoa mais feliz do mundo se encontrarmos e se formos a pessoa certa, da mesma forma podemos ser a pessoa mais infeliz do mundo ou ser o responsável por transformar a vida de outra pessoa em um inferno. Algumas pessoas se matam por causa de um Amor frustrado. E isso é compreensível. Nós não fomos educados para entrar preparados de fato em um relacionamento a dois (falando de nossa cultura). É mais garantido investir na bolsa de valores na empresa de mais alto risco do que investir na pessoa que mais parece ser o Amor de nossa vida. Em uma transação financeira estamos cercados de todas as proteções e contratos possíveis, além de estarmos minimamente cientes dos altos riscos que corremos. Em um relacionamento amoroso, apesar de existir alguns contratos e leis, eles não nos protegem contra o maior risco que há na vida: ser destruído em nossa certeza de ser amado. Só quem já foi traído, só quem já foi deixado, só quem já foi trocado, sabe a dor que isso pode causar. E infelizmente o culpado não é quem trai, deixa ou troca, pois esse é um direito irrevogável, o culpado infelizmente é apenas aquele que não sabe lidar com a situação. Você pode discordar dessa lógica, mas a realidade não vai se importar com a sua opinião. A vida pode ser mais dura e injusta que qualquer negociação malsucedida. Devíamos

entrar em qualquer relacionamento, mesmo com aquela pessoa que parece ser a mais incrível e amorosa que já conhecemos, sabendo que a qualquer momento ela pode mudar de ideia e desistir do acordo estabelecido. Assim como nós podemos fazer o mesmo. Tudo isso porque na vida não possuímos ninguém. Não somos donos das outras pessoas. As pessoas não são como nossos cachorrinhos para que coloquemos uma coleira e a impeçamos de fugir. Isso não pode ser feito. Porque esta é a verdade: não somos donos de ninguém. Nós não temos uma namorada. Nós não temos uma esposa. Nós não temos uma amante. Nós apenas dividimos nossa vida e tempo com uma pessoa, e é isso, até que um dos lados canse e vá embora. Mas às vezes nenhum dos lados cansa e tudo continua muito bem.

E não seria essa de fato a maior forma de Amor? Pois o Amor de verdade confere a liberdade. Mesmo para aqueles que querem ir embora. É fácil amar aqueles que querem ser amados. Mas e como amar aqueles que querem partir? Pois o Amor de verdade permite que o outro vá. Mesmo que seja para nunca mais voltar. Isso é Amor de verdade. Não parece tão divertida agora essa forma de Amor. Gostamos mais daquele Amor que nos é apresentado nos filmes de Hollywood. Mas a vida não é um filme. E muitas vezes não tem final feliz. Entretanto, geralmente é feita de finais. Muitas vezes tristes. O Amor não é só felicidade. O Amor também pode ser muita dor. Na verdade, o Amor é as duas coisas. O Amor não castiga, não pune, não culpa. Quem faz tudo isso é o ódio. E o ódio é uma forma de oposto ao Amor. Numa coisa as pessoas estão muito certas, o Amor não tem fim. Realmente. O Amor não deve acabar porque fomos traídos pela pessoa amada. Não. O Amor não vai buscar vingança contra a pessoa que nos traiu. Não. O que busca tudo isso é a preocupação consigo mesmo e a própria imagem. Quem ama de verdade sabe

que do outro lado existe uma pessoa com sentimentos e liberdade que em algum momento da vida pode mudar e ser diferentes dos meus. Mas a essência da pessoa que um dia amei ainda está lá. E como Amor não é possessão, então cabe ao meu Amor não apenas permitir que o outro vá, mas ainda desejar o melhor para a outra pessoa. Se não é assim, então o que eu sempre quis foi o meu próprio bem. E não há erro nenhum em querer meu próprio bem, o único detalhe é que isso não é Amor.

Portanto, conferir o perdão a alguém é por um lado admitir que não temos o direito à posse sobre nenhum ser humano, e segundo, que lhe permitimos o direito de errar, já que compreendemos que a parte que trai é um ser humano, e mais importante, que nós, também sendo humanos, estamos da mesma forma sujeitos a falhar, e somos, portanto, da mesma forma, merecedores de perdão.

Percebo que de forma geral a mulher tem mais inclinação para perdoar, apesar de não ter certeza nenhuma de tal afirmação, talvez os números práticos mostrem coisa diferente, mas, enfim, apostaria nessa ideia em virtude de sentir uma inclinação cultural de aceitar mais uma traição masculina, e, portanto, perdoar mais as traições masculinas do que as femininas, pois sobre o homem, culturalmente falando, recaem o peso da sua honra e coisas do tipo, de pouca valia efetiva.

De qualquer forma, entendo que perdoar não significa necessariamente continuar convivendo com a pessoa que traiu. É perfeitamente compreensível que perdoar já é em si um ato de grandiloquência e que ainda querer que a pessoa que perdoa se submeta a continuar convivendo com a pessoa que traiu, se isso for impensável, é algo que não se deve impor. O fato é que há grande elevação emocional e intelectual em uma pessoa que consegue, além de perdoar, ainda continuar convivendo com a pessoa que traiu. Uma

pessoa para falar de Amor transcendental é aquela que por ventura já passou por isso e teve a inexplicável capacidade de perdoar a esse nível, ou daquele que mesmo que não tenha passado por isso, mas que teria a capacidade de tal ato fazer. Espero que ninguém tenha de ser posto à prova de tal maneira para provar seu Amor, mas fato é que tal pessoa sim pode dizer que ama e que está acima da capacidade emocional e intelectual da grande maioria das pessoas, pois tal atitude é louvável.

Então, assim, encerra-se este capítulo e de minha parte com uma única certeza, a de que não sou capaz de colocar em prática na atual fase evolutiva em que me encontro as ideias que eu mesmo aqui transcrevi, fato que prova que o que escrevo não parte de mim, mas de uma compreensão mais elevada da qual eu mesmo não tenho mérito nenhum. E para aqueles que são capazes de colocar em prática tais ideias, tenho a certeza de que são os verdadeiros possuidores de uma vida muito mais plena e feliz.

Há grande coragem e mérito naqueles que se entregam à outra pessoa por Amor.

Capítulo IV — Não chegamos ao topo

Nós enquanto seres humanos temos o potencial de nos aperfeiçoarmos ilimitadamente. Sempre que nos comparamos, historicamente ou pessoalmente, com o passado, percebemos uma evolução. Então, se projetarmos essa evolução para o futuro, há que se calcular não haver fim para tal evolução. Essa evolução pode ser qualitativa e quantitativa. Por exemplo, há muitos anos havia poucos tipos de receitas de cervejas, e era produzida uma quantidade específica. Atualmente existem muitos tipos de cerveja e de variadas e melhoradas qualidades, em quantidades muito mais altas que aquelas do passado. O mesmo poderia ser dito a respeito dos pensamentos. Veja que no passado tínhamos alguns pensadores que propunham algumas formas de raciocinar mais elevadas. Atualmente dispomos de uma quantidade muito maior de pensadores para muito mais áreas do conhecimento em uma quantidade muito grande de materiais, quantidade tão grande que talvez seria impossível absorver todo o conhecimento de qualidade produzido pela humanidade em apenas uma vida.

Talvez você possa dizer que isso não é assim, e que há muitas pessoas que não acompanham essa evolução. Eu consigo entender esse argumento. O que eu vejo é talvez uma proporção de 10/90. Dez por cento da população mundial tem acesso ao que há de melhor em educação ao longo da história e sempre foi capaz de desenvolver o que há de melhor no ser humano em termos de

conhecimento, e os outros 90 por cento sempre acabam sendo mais uma força de produção e de trabalho do que de desenvolvimento intelectual. Mas mesmo esses 90 por cento, se comparados com os 90 por cento de muitos anos atrás, também obtiveram alguma evolução intelectual. Contudo, o foco de nossa análise aqui é naqueles que conseguem forçar a capacidade cognitiva do homem ao seu potencial máximo, e nesse potencial intelectual intrínseco a cada ser humano.

Fato é que possuímos dentro de nossa cabeça um instrumento de processamento de informação e de capacidade criativa fascinante, conhecido como cérebro. Como digo em outra parte deste livro, certa feita conversávamos, meu amigo e filósofo Rômulo Richard e eu, sobre as belezas da existência, e nos deparamos com esta maravilha da qual todo ser humano dispõe: o cérebro. Alegoricamente associamos o cérebro a um parque de diversões. Pois com o cérebro somos capazes de vivenciar diversas aventuras e terrores. Tudo criado por essa ferramenta até que bem pequena, mas de potencial talvez difícil de calcular. Vemos que alguns seres humanos são capazes de desenvolver essa ferramenta de forma absurda. Quais não sejam os casos de pessoas como os filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles, que postularam ensaios filosóficos complexos anos antes de Cristo. Material esse tão complexo que até mesmo nós teríamos dificuldade em digerir tal conhecimento. Pulando para o futuro alguns anos, qual não foi então a capacidade de um poeta como Dante Alighieri, que compôs uma obra-prima em torno de 1300, anos antes de as Américas sequer serem colonizadas. O que dizer de Shakespeare, que até hoje gera calafrios e não poucas dificuldades de compreensão em qualquer um que se aventure em lê-lo? Sem falar de tantos outros gênios do

passado como Da Vinci, Michelangelo, Galileu Galilei, enfim, uma lista longa.

Aqueles foram gênios dos quais mais ouvimos falar com admiração e que parecem até seres de um outro planeta que não o nosso. Entretanto, temos nossos próprios gênios da contemporaneidade, alguns falecidos, outros ainda vivos, como Gandhi, Einstein, Stephen Hawking, Steve Jobs, Bill Gates e, também, Elon Musk. Observação imperiosa deve ser feita ao fato de que aqui cito apenas poucos dos gênios deste nosso minúsculo planeta, bem como deixo de citar em minha ignorância muitos outros, dos quais simplesmente desconheço e que, quem sabe, não impossível de ser, tenham sido, ou sejam, ainda mais desenvolvidos que os aqui mencionados.

O que todas essas pessoas têm em comum é que elas se propuseram em vida a desenvolver ao máximo suas capacidades intelectuais e com isso presenteiam a todos com obras do seu trabalho que ajudam a humanidade a evoluir. São pessoas que parecem desprovidas de limites e medos. Elas levam suas habilidades a extremos. Não raras são as vezes que são brutalmente criticados e encontram barreiras de todas as formas pelo caminho. Pessoas de menos visão e capacidade intelectual que elas não compreendendo os desígnios desses gênios agem até mesmo com crueldade. Veja o caso de alguns como Sócrates e Jesus Cristo, que foram condenados à morte por causa de suas ideias. Ideias essas que ainda hoje parecem à frente do nosso tempo, mesmo tendo-se passado mais de dois mil anos. Um percentual baixo de nossa população seria capaz de compreender os escritos de Platão a respeito das ideias de Sócrates (pois Sócrates mesmo nada deixou de escrito). Temos também um homem muito a frente de seu tempo em Giordano Bruno que foi condenado a morte pela inquisição em virtude de

suas convicções a respeito das leis da natureza. Temos também Isaac Newton, que não foi tão criticado em seu tempo, mas que desenvolveu teorias que ainda hoje, mais de trezentos anos depois, são de difícil compreensão para a maioria das pessoas. Muitas de suas teorias e cálculos complexos sobre a gravidade foram desenvolvidos aos 23 anos de idade. Muitas pessoas nessa idade, inclusive eu, não têm sequer capacidade de compreender tais cálculos, quanto mais formulá-los.

Muitos atribuem a essas pessoas o dom da genialidade que teria nascido com eles, sendo conseqüentemente um dom não alcançável a qualquer pessoa que o quisesse repetir. Ou seja, seriam esses gênios seres humanos abençoados. Avaliando rigorosamente, acredito que não seja meramente assim. Avaliando a vida da maioria desses grandes nomes da nossa humanidade percebo claramente dois pontos básicos. Um, que eles foram estimulados desde muito cedo para a área que viria a ser de sua especialidade em vida adulta, dando a eles uma vantagem de tempo sobre outras pessoas que viessem a aventurar-se pelas mesmas ciências. E dois, por trabalharem com algo pelo qual são apaixonados e, portanto, não se importaram em dedicar tempo e esforço para aprimorar suas capacidades nessa área que desde muito cedo descobriram ser aquilo pelo qual tinham paixão. Pois gostar muito de fazer alguma coisa nos dá essa extra energia para fazer muito mais de tal atividade e para além disso, desempenhar tal atividade com muita atenção e absorção de informação. Uma pessoa desgostosa daquilo que faz procura despender o mínimo de tempo fazendo tal atividade e prestando o mínimo de atenção possível. Para ilustrar esse exemplo, peguemos aleatoriamente o caso de dois atletas notadamente excepcionais em suas áreas, Kelly Slater, no surf, e Kobe Bryant, no basquete. Ambos foram

apresentados a suas atividades em uma tenra idade, então, tiveram ampla margem de tempo para aprimorar mesmo vagarosamente uma arte que quando finalmente madura estaria já muito à frente de qualquer outra pessoa que por ventura não teve o mesmo tempo de aprendizado, por ter descoberto a mesma atividade muito depois. Além disso, ambos sempre amaram suas atividades, mesmo depois de terem alcançado um sucesso invejável, não pararam de aprimorar sua arte, dedicando a ela muita atenção e intelectualidade. Esforço esse que só esmera quem muito ama o que faz. Imaginemos outro exemplo. Alguém que desde cedo, influenciado pelos pais advogados, começa a viver nesse ambiente de linguagem jurídica e frequenta com os pais ambientes que lhe despertam a curiosidade pelo direito, digamos, desde a idade de três anos. Tal criança, então, decide desde muito cedo seguir os passos da família e já quando aprende a ler começa a ler livros de filosofia e direito que encontra nas estantes de casa. Qual não será a vantagem desse ser humano sobre qualquer outro que viria a optar pela carreira no direito, digamos, lá pelos dezesseis anos, que é a idade em que mais ou menos começamos a formular nossa opção por uma carreira profissional? Não há como não acreditar que o primeiro indivíduo terá muito mais capacitação para desenvolver tal atividade. Então, basicamente, esses dois pontos, descobrir muito cedo uma área de paixão e dedicar muito esforço e atenção nessa área, são o que definem o que muitos de nós nos habituamos chamar de dom ou talento.

Isso prova que tal desenvolvimento intelectual não tem limites, e que quanto antes desenvolvido, melhores serão seus resultados, e que mesmo nos casos que citamos do esporte, o que se destaca é a capacidade intelectual dos atletas muito mais do que a física, porque a física, invariavelmente, apresenta algumas limitações corporais

naturais, já a intelectual não parece ter qualquer limite. Veja o caso de Elon Musk, um exemplo mais recente de genialidade e desenvolvimento da capacidade intelectual. Parece não haver qualquer forma de limite para o que ele possa fazer no campo intelectual. Parece não haver nesse ser qualquer forma de limitação intelectual ou emocional. Pois o que para muitos outros seria motivo de muito medo, para ele simplesmente parece não ser. O que para muitos outros seria demais para uma pessoa pensar, para ele parece simplesmente não ser. Passa a nítida impressão de que para ele não há barreiras. E mesmo no caso dele, após estudar sua biografia, é nítido o desenvolvimento que foi construído desde muito cedo e que foi aprimorando-se por um esforço próprio de alguém que tem paixão e muita atenção pelas coisas que faz. Isso prova então que a todos nós é dada a liberdade de explorar nossas capacidades intelectuais, e que elas não ficam restritas a um seleto grupo de pessoas sortudas que a vida escolheu para presentear com tamanha sorte. Não. A todos é dada a mesma possibilidade. A todos nós me parece bastar buscar aquela atividade que amamos fazer e desenvolvê-la com o máximo de nossa energia. A sorte está no fato de conseguir descobrir a atividade pela qual teremos paixão o quanto antes possível.

Muitos poderiam agora dizer que optar por tal atividade não é possível, pois há muitas outras responsabilidades a cumprir que não lhes permitem optar por seguir fazendo aquilo que de fato amam. Veja bem que, novamente, se estudarmos a biografia desses grandes homens que citamos, não é como se a vida deles tivesse sido muito fácil por terem descoberto uma área pela qual são apaixonados. Eu diria até que para muitos descobrir tal área se tornou um fardo muito pesado, pois os fez andar na vanguarda do pensamento e das novas ideias, peso esse que lhes incutiu

desafios para além daquele que pareceria suportável para qualquer ser humano. Podemos voltar aos exemplos de Sócrates e Jesus, ou até de outros como: Gandhi, Martin Luther King Jr, Stephen Hawking, Joana D'Arc e tantos outros. As dificuldades na vida parecem fazer parte de qualquer pessoa indistintamente. A diferença parece ser que aqueles que optam por viver de desafios fazendo aquilo que amam são mais realizados e desenvolvem suas potencialidades mais do que aqueles que optam por viver os desafios de atividades das quais não lhes satisfazem por completo. Aliás, optar por viver daquilo pelo qual se ama é uma forma de vida que exige muita coragem, pois os desafios para aqueles que optam por trabalhar com aquilo que gostam naturalmente traz consigo muito mais desafios. E isso se explica pelo fato de que quem opta por essa forma de vida naturalmente procura sempre o autodesenvolvimento, e a evolução inevitavelmente só acontece quando somos desafiados por dificuldades.

E não seria essa uma das razões para existirmos? Evoluir ao máximo que formos capazes intelectualmente e também naquelas áreas que achamos mais interessantes? Quando pequenos somos estimulados a fazer isso por nossos pais em nossos primeiros passos e palavras. Nos primeiros anos de vida somos curiosos e abertos a todo o tipo de aprendizado. Logo no começo da vida tudo é novidade e é captado pelos nossos sentidos. No entanto, ao longo da vida vamos muitas vezes sendo sobrecarregados e perdemos essa vontade de aprender coisas novas o tempo todo. Algumas pessoas são tão asfixiadas pela rotina de trabalho que perdem completamente o interesse pelo aprendizado e desenvolvimento. Pois para aprender é preciso dispendir energia. A capacidade de aprender requer muito esforço. Eu sempre digo que trabalhar é o ato de fazer nada. Digo isso porque muitas atividades

profissionais são desenvolvidas pelas pessoas depois de algum tempo de domínio da atividade simplesmente no piloto automático. Enquanto que pensar, isso sim é fazer alguma coisa. Um exemplo disso é a leitura. Essa é uma atividade em que nada está fisicamente sendo produzido, mas que, no entanto, requer muito esforço e energia para que a informação seja captada, e enquanto existência é um momento em que estamos dando ao nosso cérebro sua verdadeira utilidade. Ou então talvez um exemplo mais apropriado, estudar na universidade. Só quem já passou por isso sabe da dificuldade que é conciliar os estudos universitários com o trabalho. Então, muitas vezes optamos por estudar por algum tempo para, depois, com a vida profissional já mais estabelecida, dedicarmos-nos à carreira profissional. Não seria muito melhor e correto mantermos uma vida inteira de estudos e aprendizados? Geralmente reduzimos a intensidade de estudos e aprendizado em virtude da necessidade de trabalhar e de cumprir com nossas funções em família. No entanto, não seria muito melhor continuar aprendendo e desenvolvendo nossa intelectualidade continuamente em seu nível o mais próximo do máximo possível?

Fato é que algumas pessoas, quem sabe esses dez por cento da população, dedicam-se ao constante autodesenvolvimento e aprendizado. São pessoas que estão constantemente desenvolvendo o máximo de si. Estejam elas no mundo corporativo ou dos esportes, são pessoas que levam as potencialidades humanas ao seu limiar. Para vias de exemplo e compreensão, mesmo sabendo que devam existir muitos outros desconhecidos que vão ao máximo de suas capacidades intelectuais, gosto de usar o empreendedor Elon Musk. Ele está constantemente se autodesafiando a fazer coisas novas. Ele no começo de sua carreira profissional criou algumas

empresas bem-sucedidas às quais vendeu a fim de usar o capital em novos empreendimentos, sempre mais ambiciosos que os anteriores. Em suas mais recentes investidas ele decidiu que iria tentar levar o ser humano à Marte. Além de todos os outros empreendimentos que ele tem, como carros elétricos, painéis de absorção de energia solar, provavelmente seja o objetivo de levar a raça humana a Marte o que melhor simboliza essa capacidade do ser humano em explorar seus próprios limites intelectuais. Levar a humanidade a outros planetas sempre foi considerado um empreendimento restrito ao esforço dos governos. Até porque o investimento, em termos de capital, sempre foi muito elevado. Entretanto, ninguém disse que uma pessoa não poderia por conta e capitais financeiros próprios tentar desenvolver um sistema que levasse as pessoas a outros planetas. Elon Musk certamente pensou assim e acreditou que ele poderia juntar suas forças e condição financeira, além da criatividade, para angariar mais capital, juntamente, sem dúvidas, com mais um tanto de pessoas e uma equipe muito qualificada, para desenvolver todo um sistema em muitos sentidos, diferente de tudo o que de mais desenvolvido já se tinha criado até então para levar o ser humano a outros planetas. Elon Musk é, sem dúvidas, alguém que, com tantos outros que me parte o coração não citar nesta obra ou simplesmente desconhecer, cabe perfeitamente na definição de gênio. Gênio principalmente nesse sentido de alguém que está constantemente explorando o máximo de suas capacidades intelectuais. E para que não passe despercebido, é necessário ressaltar o nível de estresse e desafios de pessoas que decidem trilhar essa forma de vida enfrentam. Imagine você as dificuldades dantescas pelas quais um empreendedor do nível de Elon Musk deve obrigatoriamente ter de enfrentar constantemente, ou

então uma equipe de gênios que trabalha incansavelmente ao longo de uma vida muitas vezes para realizar um projeto grandioso como esse de levar o ser humano ao espaço. De certa forma explorar nossas capacidades cognitivas é como explorar o espaço, pois ambos são uma forma de trabalho e energia despendidas para explorar o desconhecido e preencher os espaços vazios deste universo com o conhecimento que aos poucos vai sendo levado pelo ser humano.

Após dizer tudo isso, fui capaz de preparar o terreno para o que eu realmente queria dizer neste capítulo. Apesar de todo esse conhecimento e capacidade que algumas pessoas desenvolveram e, se pegássemos então de todos esses grandes gênios que desenvolveram ao máximo suas capacidades intelectuais, e dentre esses selecionássemos aquele que foi capaz de desenvolver ao máximo o potencial que um ser humano foi capaz de desenvolver até então, poderíamos afirmar sem dúvidas que mesmo esse ser humano, seja ele um contemporâneo ou um de nossos antigos filósofos, não chegou ainda ao máximo que um ser humano é capaz de alcançar em termos de capacidade intelectual. Talvez ele tenha chegado em seu máximo potencial, mas ele com certeza absoluta não chegou ao máximo que um ser humano pode de fato usar de sua capacidade cognitiva, ou no potencial que nós seres humanos ainda desenvolveremos e utilizaremos de poder mental. Somos capazes de ainda ir além e com certeza o faremos.

Justiça seja feita, esses seres humanos que tanto desenvolveram sua intelectualidade são o pilar de sustentação que nos permitirá no presente e no futuro dar continuidade à evolução humana em busca de conquistas em fronteiras ainda não descobertas. Na ciência isso fica ainda mais evidente quando descobrimos que há cientistas

que hoje trabalham em projetos aos quais eles sabem que não serão capazes de completar em vida, ou que nossa atual ciência não é capaz de concluir com a atual tecnologia que dispomos, e que caberá às futuras gerações dar continuidade a tais estudos. Fica, portanto, clara a importância individual de se desenvolver nosso potencial intrínseco, bem como a contribuição humanitária que isso acarreta, pois pelo fato de pessoas terem dedicado suas vidas ao desenvolvimento do conhecimento humano, outras pessoas podem desfrutar dos resultados por essas pessoas alcançados.

E a nós, meros mortais, o que resta? Bom, a meu ver resta a certeza de que nada nos impede de trilhar o mesmo caminho. E não haverá desculpa que não seja desbancada se comparada com as dificuldades enfrentadas pelo grande cientista Stephen Hawking. Quem poderá dizer que não é possível, sendo que ele nos serve de inspiração para enfrentar qualquer desafio, físico ou intelectual?

Encanta-me, e até assusta um pouco, pensar que temos dentro de nós essa capacidade toda. Enche-me de alegria saber que nada me diferencia desses grandes nomes do desenvolvimento humano. Essa provocação estende-se a você também. A cada um de nós foi dado todo esse potencial. Cada ser humano que dispõe de um cérebro em boas condições de funcionamento é capaz de muito. Considerando tudo o que a ciência já fez e se propõe a ainda fazer, sou capaz de arriscar dizer que a palavra impossível não existe nesse dicionário. E sendo que a ciência é feita única e exclusivamente por pessoas, então cada um de nós pode ser um cientista, basta querer. Ou quem sabe um grande empreendedor, esportista, artista, escritor. Onde poderemos chegar cada um de nós, você e eu, se nos propusermos a aprender constantemente, e a colocar em prática nossas ideias mais absurdas? Afinal

de contas, querer levar o homem a Marte com recursos próprios também era uma ideia absurda há bem pouco tempo.

Enfim, com pouco jeito, mas muita expectativa, com aceleração cardíaca de ansiedade, fico a pensar que tudo o que fizemos até aqui, e que mesmo o ser humano intelectualmente mais desenvolvido que já existiu, nada mais é que apenas a pontinha desse *iceberg* do conhecimento e da potencialidade humana. Mesmo o ser humano mais evoluído que já existiu não representa o máximo do que pode ser desenvolvido. Ainda podemos ir muito além, e qualquer um de nós pode desenvolver nossas habilidades cognitivas além daquilo que já foi desenvolvido. Podemos ir além, basta querer, ao que me consta. Não, isso não é fácil, disso tenho certeza. Mas sim, pode ser feito. Podemos ir muito além. Não há limites. Dispomos dessa ferramenta de potencialidades infinitas que é a nossa mente. Todos nós temos um parque de diversões a nosso dispor pelo tempo em que estivermos vivos para ser utilizado sem qualquer preço a ser pago por isso. Nosso cérebro é a máquina mais complexa que existe, e ela nos pertence. O que aconteceria se nos propuséssemos a passos lentos, mas concisos, a destrancar as portas das nossas potencialidades todos os dias de nossa vida? Aonde será que isso iria nos levar?

É interessante observar que no esporte de alto desempenho, no qual os atletas levam seus corpos ao limite do potencial humano, é comum haver lesões. Além do mais, o tempo de vida profissional de um atleta está restrito a alguns anos, por mais que o atleta tenha uma boa qualidade de performance sem lesões ao longo de sua vida profissional. Ou seja, por melhor condicionado e até mesmo por mais sorte que um atleta tenha em sua carreira profissional, o máximo que ele poderá exigir de seu

desempenho físico tem um limite. Fato esse que não ocorre quando se trata do potencial intelectual. Observe que para o desenvolvimento cognitivo não existe o risco de lesão e também não existe o fator limitador do tempo. O cérebro não corre o risco de sofrer alguma lesão se for exposto a uma rotina de treinamentos intensos. O que acontece é que o potencial cognitivo se expande continuamente. Além do mais, essa expansão cognitiva não está restrita a uma fase da vida do ser humano. Pelo contrário, o ser humano pode desfrutar do seu máximo potencial intelectual ao longo de toda sua vida, pois ele é cumulativo. Tudo o que se aprende em vida não se perde, mas vai se acrescentando e pode ser utilizado em qualquer período da vida, e vai sendo acrescido de novos conhecimentos. Logo, não há apenas um momento da vida que seja considerado o ápice. A vida como um todo é marcada por uma curva de evolução constante. Talvez o que possa notar-se é o fato de que provavelmente ao longo dos primeiros anos de vida a capacidade de assimilar nova informação seja mais intensa e possível, ao passo que com o decorrer dos últimos anos de vida esse potencial venha a diminuir. Mas isso não é de forma alguma uma afirmação científica, apenas uma suposição, que tem o intuito de dizer que, mesmo em um cenário não tão positivo de aprendizado, ainda assim ele acontece, e é positivo e constante, por mais que possa vir a diminuir.

Mas se todos nós possuímos tamanha riqueza em nosso corpo, que é a capacidade cognitiva de nossos cérebros, por que nem todos nós usufruímos de tamanha benesse? Além disso, por que porção tão pequena da população faz uso dessa potencialidade? Por que não somos mais bem instruídos a fazer bom uso dessa ferramenta? Se pessoas geniais como Galileu tiveram acompanhamento profissional para que desenvolvessem

suas potencialidades, então por que nem todas as pessoas receberem o mesmo acompanhamento? E não é como se tivéssemos que ter sempre ao nosso lado alguém que nos dissesse o que fazer, mas apenas ter a voz instrutora que nos acordasse para o fato de termos em nós um tesouro inestimável, pois além de todas as benesses que essa ferramenta nos oferece, ainda contamos com o fato de que somos capazes de aprender por nós mesmos. Não é imperativo para que ampliemos nosso conhecimento que tenhamos que ter sempre a presença de alguém nos instruindo sobre novos conhecimentos. A partir do momento que percebemos possuir esse potencial, podemos, por conta própria, buscar nosso próprio desenvolvimento intelectual.

Tal consciência seria de extrema valia para toda a humanidade, pois note como quando temos uma pessoa, ou um pequeno grupo de pessoas, que alcança destacado desenvolvimento intelectual, toda uma gama irrestrita de pessoas beneficia-se de tal desenvolvimento, não apenas no período histórico ao qual pertencem, mas mesmo posterior. Tenhamos como exemplo o caso dos pensadores gregos que viveram há mais ou menos quinhentos anos antes de Cristo. Tais pessoas representaram uma quantidade reduzida da população que viveu naquela época, pois muitas outras pessoas e civilizações ainda eram bárbaras, enquanto que eles discutiam já sobre política e ética. E vejamos também como nós, mais de dois mil e quinhentos anos depois, ainda desfrutamos daquele conhecimento. Aliás, quantos de nós da corrente civilização seríamos capazes de ler e compreender o que aqueles pensadores criaram? Creio que uma parcela muito reduzida de nossa população. Talvez, para se ter uma ideia de proporção do que queremos dizer, quem sabe apenas dez por cento de nossa população.

Mas então, se o conhecimento humano evolui e se nós seres humanos temos a nosso dispor tamanho conhecimento, por que todos não desfrutam, ou pelo menos não a grande maioria, de tal potencial? Por que não há mais incentivo para que todos busquem ao máximo o desenvolvimento de seus potenciais intelectuais? Se não é nem preciso que as pessoas tenham auxílio direto para que aprimorem sua potencialidade, pois são capazes de fazê-lo mesmo por conta própria, por que não ouvimos em nossos meios de comunicação nossas autoridades intelectuais falarem de tal vantagem? Por que nossas autoridades políticas, que estão à frente de nosso desenvolvimento econômico e social, não vêm até nós por meio de aparelhos midiáticos dizer que temos o potencial de, pelo nosso próprio esforço, alcançar o desenvolvimento cognitivo? Pois todos sempre falam sim da importância da educação em nossas vidas, sem nunca dar nenhum deles a devida atenção a esse ponto. Mas ao fazer isso, dão a entender que esse potencial é como se não pertencesse a nós, e dependesse sim de algum estímulo externo. É como se nós dependêssemos de investimentos em educação por parte do governo para que de fato pudéssemos ter acesso ao desenvolvimento educacional. Não há mentira maior do que essa. A ferramenta de aprendizado já se encontra em nós e todo o seu potencial latente não depende de nada externo, basta que queiramos usar nosso cérebro a todo o seu vapor e assim pode ser feito. Não dependemos de que ninguém venha e utilize essa ferramenta por nós. Não dependemos de que ninguém venha e nos ajude. Podemos fazer tudo por conta própria. É claro que uma ajuda externa auxilia a tirar o máximo de proveito dessa nossa potencialidade, mas ela não é imperativa. Em vez de esperar que os políticos invistam na educação que nunca chega, já seria

um grande passo para frente que eles, sem gasto nenhum, dissessem à nossa civilização que buscássemos por nós mesmos o aprimoramento educacional por vias como a leitura, o estudo por meio da internet, que hoje em dia propagou o conhecimento de forma indiscriminada, ou que buscássemos o aprendizado constante por cursos diversificados. Se eles fossem até a mídia de grande massa e nos inspirassem a ler mais, isso por si só já teria um impacto poderosíssimo em nossa sociedade.

É como se nós tivéssemos alienado nossa capacidade de aprender a uma terceira entidade. Vejo que passamos a vida a reclamar de nossa estrutura educacional e que o governo não faz nada para mudar, como se o potencial de aprendizado dependesse dessas entidades. Para nossa sorte, isso não é assim, pois o aprendizado é um potencial nosso inalienável, até porque eles nunca farão nada para melhorar nossas condições de aprendizado. Teremos que fazer isso por nós mesmos. E para aqueles que porventura pudessem criticar essa teoria de que por meio de apenas incentivo já poderíamos melhorar as condições de aprendizado de nossa sociedade, analisemos e percebamos como acontece no esporte. A grande mídia cria diversos ídolos do esporte e com isso influencia toda uma gama de jovens que buscam desenvolver-se fisicamente, pois são influenciados por tais ídolos a acreditar que eles mesmos também são capazes de alcançarem tal potencial. No caso do Brasil, temos o exemplo do futebol. Toda uma geração de crianças sempre é influenciada por tantos ídolos a buscar o desenvolvimento físico para um dia realizarem o sonho, que é restrito apenas a alguns poucos dedicados e afortunados de se tornarem grandes jogadores de futebol bem-sucedidos financeiramente. Veja como o exemplo positivo funciona. Mas veja como no esporte há uma limitação, pois nem todos poderão alcançar o

patamar máximo de desenvolvimento esportivo, ele também será restrito a um período da vida do atleta, e tal desenvolvimento beneficia apenas financeiramente um grupo muito reduzido de pessoas por um período também limitado. Diferentemente do que acontece quando se desenvolve a potencialidade intelectual das pessoas, que como já mostramos no exemplo dos gregos, beneficia não apenas um grupo exclusivo de pessoas em um espaço de tempo, mas também muitas pessoas muitos anos depois. Apenas imagine você se, em vez de ídolos do esporte, tivesse ídolos da intelectualidade. Imagine se fôssemos bombardeados pela mídia com exemplos de grandes cientistas e grandes empresários. Pense no impacto que teria se fôssemos informados o tempo inteiro a respeito dos grandes feitos dos pensadores de nossa sociedade ao redor do mundo. Imagine se vibrássemos juntos as conquistas alcançadas nos campos da ciência e da tecnologia. Imagine você se tivéssemos programas especializados que comentassem o tempo inteiro as terminologias técnicas a respeito das mais diversas descobertas intelectuais de nossa sociedade, assim como fazem com debates esportivos sobre jogos. Veja que todos esses debates esportivos e análises que são feitas não levam a nada e não ajudam ninguém a melhorar suas condições de vida. É como se fosse uma prisão. Nossa grande mídia fica grande parte do tempo nos estimulando a pensar sobre tópicos que não nos ajudam a desenvolver nossa capacidade intelectual. Preenchem todas as programações com conteúdos improficuos. Bombardeiam-nos com programações esportivas, programações novelísticas, escândalos políticos e alguns tantos outros, todos descartáveis para fins de conhecimento aproveitável. Não há nenhum debate fervoroso sobre conhecimentos tecnológicos e científicos. Não vejo nenhum debate

ferrenho sobre os últimos lançamentos literários. Sobre as últimas descobertas científicas. Sobre os grandes nomes da nossa indústria, que tanto fazem pelo desenvolvimento de nossas sociedades.

Mas a partir de tais observações poderíamos então começar a conjecturar e desenvolver algumas teorias da conspiração e dizer que talvez exista justamente algum interesse por algum grupo limitado de pessoas para que toda essa grande massa de potencialidade intelectual não seja desenvolvida. Imagine você o quão difícil seria para esses grupos políticos e empresariais que controlam os meios de produção da sociedade manipular a grande maioria das pessoas para que agissem da maneira que melhor beneficiasse a si mesmos. Imagine o quão difícil seria, principalmente para o governo, manipular as pessoas e as leis se tivessem que fazer isso com um grupo de pessoas instruídas e bem desenvolvidas intelectualmente. Imagine a tragédia que seria tentar explorar pessoas que fossem tecnológica e intelectualmente bem desenvolvidas. Seria no mínimo muito mais difícil. Imagine se o presidente de um país resolvesse ir à mídia para estimular as crianças do país a ler. Imagine se ele fizesse isso uma vez por semana por apenas um minuto, o impacto positivo que isso teria na sociedade. Não vejo nenhuma autoridade política sequer fazer esse mínimo esforço de real impacto positivo. Não vejo ninguém dizer que possuímos um poder indizível a nosso dispor. Somos alienados de nossa própria capacidade. Somos alienados e manipulados justamente para não pensar, justamente para não desenvolver nosso potencial intelectual. Faz-se muitas vezes um esforço muito maior e um investimento monetário gigantesco em ações que de fato têm pouco impacto positivo. A verdade é que o resultado do desenvolvimento intelectual de cada um depende de cada pessoa, e não pode ser absorvido

pelo estado em sua totalidade. O estado pode dar o suporte, mas a responsabilidade por aprender é sempre de cada indivíduo. É isso que muitas pessoas não sabem. Elas acreditam que o governo precisa fazer por elas em termos de educação, e o governo faz questão de que as pessoas continuem pensando que toda a responsabilidade pelo desenvolvimento cognitivo da sociedade depende do governo. É muito bom que as pessoas sejam alienadas para serem manipuladas a trabalhar e consumir. É claro que eu vejo o benefício disso, pois assim a máquina econômica funciona. É claro que se as pessoas de repente passassem a pensar demais haveria uma desestabilização econômica momentânea. Mas talvez isso não fosse assim tão trágico, talvez em vez de nós consumirmos tantas coisas inúteis, passaríamos apenas a consumir coisas mais úteis voltadas principalmente para a educação. Haveria sem dúvidas um terremoto em nossa estrutura social a partir do momento em que as pessoas descobrissem o potencial latente gratuito jacente em suas cabeças.

O intuito ao falar dessas ideias não é o de propor a solução para nenhum tipo de problema. De forma alguma. Não quero com isso dar a entender que resolveríamos qualquer conflito político ou que o mundo seria melhor se minhas ideias fossem aplicadas à prática. Longe disso. A única intenção aqui é apenas a de chamar atenção ao potencial inerente a cada um de nós e de quão longe estamos de chegar perto do que possa ser de fato o máximo capaz de ser desenvolvido e alcançado por um ser humano. Se no passado tivemos, e se hoje em dia temos, pessoas que conseguiram desfrutar de potencial intelectual humano invejável, tenhamos a certeza de que isso não chega nem perto do que de fato pode ser desenvolvido por um ser humano. Se Einstein conseguiu, por meio de sua intelectualidade alcançar patamares tão

impressionantes, saibamos que esse patamar pode ser atingido por qualquer pessoa que se proponha a atingi-lo, e que esse patamar não foi o limite máximo possível de ser atingido por qualquer ser humano, é possível ir ainda muito mais além. Que conhecimentos e que poderes não se encontram para além desse potencial desconhecido pelo ser humano?

Imagine o que poderia acontecer se nos propuséssemos a forçar nossa máquina cerebral para atingir o máximo de seu potencial naquelas áreas as quais mais amamos? Imagine se assim como atletas profissionais, que levam seus corpos ao limite correndo o risco de sofrer sérias lesões, e por um período restrito de anos, tentássemos da mesma forma levar nossos cérebros a desenvolver suas mais incríveis capacidades, nesse caso, sem qualquer risco de lesão, e sem limite de tempo, pois podemos desenvolver nossas habilidades cognitivas por quanto tempo nos for dado viver?

Possuímos em nosso crânio a máquina mais incrível conhecida do homem e ao mesmo tempo talvez muito pouco explorada. O cérebro é sem sombra de dúvidas a coisa mais valiosa que existe no universo. O que poderia valer mais do que um cérebro em termos de complexidade e capacidade? Claro que tudo no universo é de uma beleza inexpressível, mas os segredos ocultos nessa máquina entre nossas orelhas ultrapassam qualquer maravilha. Em pensar que algumas pessoas se consideram ricas por possuírem riquezas físicas e materiais como joias, carros e mansões. Nada disso se equivale em riqueza ao nosso cérebro. Pior ainda para aqueles que acham que ricos são os que possuem todos esses bens, sem saber que a verdadeira riqueza dos milionários e bilionários está em sua capacidade de usar sua inteligência racional e emocional. Pessoas

ricas são aquelas que sabem usar sua inteligência e sabedoria. Pobres não são aqueles que não têm dinheiro ou uma condição social minimamente considerável, mas aqueles que desconhecem a riqueza que carregam dentro de si. Isso pode acontecer de forma involuntária tanto para os ricos quanto para os pobres, ambos podem não se dar conta da riqueza que carregam em si.

É incrível ver pessoas sendo tratadas muitas vezes como meros animais, aprisionadas a um sistema de vida que não compete a um ser humano munido de tamanha capacidade intelectual. Muitos homens de grande envergadura intelectual aprisionam muitas vezes seres humanos de menos desenvolvimento intelectual em um sistema de vida que suga a energia da maioria, a fim de produzir riquezas materiais para essa minoria poderosa. Vivemos em uma sociedade na qual alguns sabem do poder intelectual que têm e fazem uso dele, para o bem ou para o mal, e outros não sabem do poder intelectual que possuem, do potencial jacente em suas cabeças, e vivem, portanto, apáticos, numa vida destituída da maravilha da existência da qual somente os seres humanos podem desfrutar.

Um ser humano munido e consciente de sua potencialidade intelectual é capaz de realizar qualquer coisa. Arriscar-me-ia a dizer que talvez para os seres humanos não exista o impossível. Talvez algo que seja hoje impossível, se aplicada a devida energia intelectual e o tempo para solucionar tal impossibilidade, seríamos capazes de encontrar a resposta. Nós seres humanos fomos agraciados com essa dádiva inigualável na natureza. Não é apenas fascinante imaginar que ainda nem sequer chegamos perto de descobrir o quanto podemos desfrutar dessa potencialidade inestimável, como também é em contrapartida inquietante observar

que muitas pessoas nem sequer percebem tal poder. Qualquer um de nós tem a potencialidade para ser o próximo Albert Einstein, Stephen Hawking ou Elon Musk, basta encontrar a atividade a qual amamos a ponto de dedicar nossa máxima energia a fim de produzir os máximos resultados dos quais nosso cérebro é capaz. Outro nome que ilustra muito bem do que nosso cérebro é capaz e o quão divertido usufruir dessas habilidades cognitivas pode ser é Raymond Smullyan, um matemático, filósofo e mágico que viveu até os 97 anos. Essas pessoas provam que o cérebro é um parque de diversões cheio de mistérios, e que esse parque de diversões está aberto a todos que queiram visitá-lo. Entretanto, nem todos sabem dessa liberdade, ou porque nunca descobriram por conta própria, ou porque ninguém os disse.

É preciso ter muito cuidado, pois nossa sociedade é cheia de artimanhas que visam a voluntária ou involuntariamente nos impedir de desenvolver nossas potencialidades intelectuais, ou às vezes nos induzir a formas de pensar que confundem um pensamento puro e verdadeiro. As artimanhas que visam a nos aprisionar podem ser involuntárias quando vêm de pessoas que dizem nos amar como pais, amigos, igrejas, chefes, e tantos outros, pois muitas vezes esses grupos de fato têm boas intenções quando implantam em nós pensamentos, valores e rituais que nos aprisionam em um sistema de pensar limitador. Outros grupos sociais já são mais mal-intencionados, uma vez que sabem que pessoas que desenvolvem suas capacidades racionais são mais difíceis de serem manipuladas, nesse grupo entra principalmente o governo, algumas religiões, mídias e até escolas. E depois de por muito tempo termos sido influenciados por tantos impedimentos externos, eles já passam a nem ser

mais necessários, pois nós mesmos aprendemos a sermos os limitadores de nossa própria forma de pensar. É muito difícil para aquele que se propõem a ser um pensador livre desvencilhar-se de tantas amarras. Às vezes a opressão pode vir justamente daqueles que mais amamos, que por serem eles mesmos escravos de suas maneiras restritas de pensar, acreditam, quando tentam também nos restringir, estar fazendo por nós algo de bom. A sociedade de forma geral está cheia de regras e leis que nos impedem de cometer ações erradas que muitas delas acabam nos inibindo de pensar livremente. Em certas ocasiões, quando se busca um conhecimento mais elevado ou um desenvolvimento intelectual mais apurado, é natural cometer erros, pois eles fazem parte do aprendizado, mas sempre alguma forma de punição ou reprimenda estará prontamente posta para arrefecer as intenções daquele que busca ampliar seu conhecimento. O mundo foi feito livre para ser explorado, mas os seres humanos imbuídos da capacidade de explorá-lo ilimitadamente são os mesmos que criam toda uma série de subterfúgios que impedem a ele mesmo de ir além, bem como impedem os outros que tentam explorar o desconhecido.

Depois de tanto aprender a viver dentro de uma zona limitada daquele potencial inextinguível que possuímos, passamos nós mesmos a sermos os carrascos de nossa liberdade. Quantos de nós não desenvolveu ao longo da vida medos absurdos que nos impedem de sermos completamente livres? Já nem é mais necessário que nossos familiares nos digam para não fazermos as coisas. Já não é mais obrigatório que o governo imponha leis que nos amputem as pernas da liberdade. Nem mais necessário é a mídia que nos manipula e direciona para onde ela quer que caminhemos. Nada disso é mais necessário, quando nós mesmos agora apunhalamos nossa

liberdade pelas costas. Nós aprendemos a ser limitados. Nós desenvolvemos medos. Nós temos medo de falar em público. Temos medo de usar a roupa que gostamos. Temos medo de mudar de visual. Temos medo de expor nossas dúvidas perante os outros. Temos medo de seguir aquela atividade que amamos, pois não ganharemos dinheiro com isso. Temos medo de optar por uma vida que não seja casar e ter filhos. Temos medo de morrer, temos medo de viver, temos medo de amar, temos medo de tudo. Temos medo de tudo isso porque assim fomos educados para ser. Temos medo de confrontar ideias que sejam diferentes da nossa porque nos disseram que vamos para o inferno se não pensarmos como eles querem que pensemos.

A nós é apresentada uma gama inextinguível de ídolos para serem idolatrados. Eles são apresentados em diversas cores e artes. Alguns são músicos, outros atores, alguns desportistas. Todos eles pessoas de grande talento e inquestionável mérito, mas nenhum deles de fato importantes para a nossa própria razão de existir. Dentre esses, poucos são os cientistas que são enaltecidos, poucos são os homens das letras e da coragem empreendedora. A nós é oferecido admirar aquilo que o homem desenvolve de mais limitado em si, em detrimento daquilo que é mais louvável: a inteligência e a sabedoria. O pior de tudo não é isso, mas sim o fato de passarmos a acreditar que todo o potencial desenvolvido por aquelas pessoas não pode ser desenvolvido por nós mesmos. E não é nem a fama que determina quem são os que desenvolvem seus potenciais e os que não desenvolvem, pois como eu já disse anteriormente, provavelmente muitos dos grandes gênios da nossa existência nem mesmo conhecidos são. Talvez o homem mais inteligente que já tenha passado por esta Terra nem seja de nosso conhecimento. Talvez

essa pessoa seja você que agora me lê, mas que ainda não tinha parado para pensar em seu próprio potencial. Talvez você até hoje não tenha tido a coragem de abandonar tudo o que não te faz feliz para viver o sonho que sempre teve guardado dentro de você. Talvez você tenha medo de perder tudo o que conquistou. Talvez você até tenha medo de justamente conquistar tudo o que sabe ser possível ser conquistado, pois muitas vezes temos mesmo é medo de realizar nossos maiores sonhos, uma vez que tão grande são. Quem sabe você seja um ser de potencial inigualável, mas que ainda não tenha descoberto seu potencial porque a preguiça não te deixa por exemplo ler um livro. Talvez a preguiça não te deixa treinar todos os dias para ser um grande atleta. Não precisa ser um atleta renomado, mas o melhor que você pode ser. Talvez o desleixo não te permita aprender a tocar um instrumento musical que sempre sonhou. Talvez o medo não te permita falar em público na formatura da escola ou na festa de final de ano. Quem sabe quais são os medos, preguiça, timidez e tantas outras mordanças que foram colocadas na alma e que não nos permitem sermos o melhor que podemos ser?

Já nem precisamos mais ser aprisionados pelos outros, porque agora fazemos esse trabalho de carrasco nós mesmos. Somos nossos próprios senhores escravistas, e somos nós mesmos os escravos. Este mundo nos fez medrosos, tacanhos, tímidos e irritados. Somos especialistas em tudo isso. Somos pobres em Amor. Tiraram de nós todos os nossos sonhos. Temos vergonha de sermos felizes e ricos. Somos tachados de todos os lados. Leis e regras nos foram impostas, e nós temos medo de quebrá-las. Temos medo de sermos fisicamente enjaulados, quando na verdade já estamos presos há muito tempo em nossa psique. Hoje ninguém cuida de nosso cárcere, pois nós mesmos estamos à porta vigiando a nós

mesmo, que sentamos quietinhos no canto da existência, com medo de olharmos a nós mesmos nos olhos para dizer: basta.

Não precisamos ganhar em nenhuma loteria para sermos ricos, pois já somos, uma vez que temos a joia mais valiosa que existe no universo: nosso cérebro!

Só que, sim, é preciso muita dedicação para desenvolver essa máquina. É preciso também livrar-se das desculpas que nos aprisionam por demais em nossa liberdade de pensar, por mais justificáveis que elas possam muitas vezes parecer. Sim, é sabido que muitas pessoas não têm tempo para dedicar-se aos estudos, pois a vida lhes é muito dura. Sim, alguns não têm condições financeiras. Sim, muitos de nós nascemos em um país em que a educação não é incentivada como deveria. Sim, sim e sim para todos esses argumentos. Entretanto, tudo isso é apenas parte da armadilha que quer nos aprisionar e privar de coletar o valor da loteria que já ganhamos faz tempo, desde quando nascemos. É justamente a utilização minimamente adequada dessa máquina intelectual que possuímos e que tem o poder de nos fazer sobrepujar qualquer desafio. Não se engane, pois mesmo aqueles que aparentam viver as benesses de uma vida bem-aventurada enfrentam seus desafios, muitas vezes tamanhas vezes maiores do que os nossos. Todos temos nossos desafios, mas são aqueles que acreditam mais do que temem que vencem. São aqueles que utilizam a sua potencialidade maior, a inteligência, que vencem o impossível. Para alguém munido de sua perfeita cognição nem mesmo ser jogado atrás das grades na Ilha do Diabo pode aprisioná-lo, que o diga Henri Charrière, o Papillon.

Capítulo V — Os humanos voltarão ao planeta Terra

Onde foram parar aqueles homens que construíram as pirâmides do Egito? Onde foram parar os maias? Onde foi parar todo o conhecimento de Pitágoras? O que aconteceu com tão eloquente conhecimento que se perdeu ao longo da história, restando a nós apenas alguns resquícios escritos e em nosso DNA pouco da capacidade que foi daqueles grandes homens? Por onde andam, sendo que simplesmente sumiram sem deixar vestígios? E por que nós não somos da mesma capacidade mental? Como pode que alguns seres entre nós desfrutaram de tão elevada sabedoria e outros tão pouca? Quem serão esses “Deuses” aos quais tanto nos referimos baseados em textos sagrados, textos esses que falam de homens que foram capazes de comunicar-se com “Eles”, sendo que nós nunca os vimos ou ouvimos? Onde estão esses “Deuses”? Por que “Eles” não se comunicam mais, diretamente conosco?

Imagine qual não seria a surpresa de todos os religiosos do mundo se descobrissem que o tal Deus, ou Deuses, que tanto adoram não passasse de uma raça humana antepassada que evoluiu a tal ponto que foi capaz de sair da Terra, deixando para trás apenas os primatas humanos menos evoluídos? Talvez quem sabe algum número restrito dos humanos terrenos saiba de alguma verdade desse tipo, mas não a revele a todos os outros humanos. Seria sem dúvidas uma enorme surpresa e frustração a todos nós, a mim pelo menos sim. Digo

que seria uma surpresa se descobríssemos que o que chamamos de Deus na verdade é apenas uma espécie mais evoluída que conseguiu deixar o planeta Terra para explorar o universo, e digo que seria uma frustração saber que Deus na verdade é apenas um ser humano, o que levaria a manter a pergunta: quem criou, então, esses seres humanos mais evoluídos?

Maior ainda seria a surpresa se, assim como alguns livros e filmes de ficção já abordam, uma espécie mais evoluída de seres resolveu fazer um teste e criar uma nova raça de seres aqui na Terra para ver o que aconteceria, criando então a raça humana.

Tudo o que aqui estou a dizer não tem por intenção mínima propor qualquer verdade. O que estou a fazer é apenas pensar, imaginar, inquirir e, quem sabe, muito prepotentemente, propor novas ideias.

Façamos apenas o exercício de imaginar que todos os relatos religiosos de contato com Deus tenham na verdade sido relatos incompreendidos de seres humanos terrenos com seres apenas mais evoluído do que nós de outros planetas ou que talvez esses seres fossem apenas uma versão nossa mais evoluída que apenas saiu da Terra e deixou seus irmãos menos evoluídos para trás. Imagine isso acontecendo mais ou menos como se os humanos engendrassem algum sistema que permita ir para outros planetas em viagens que possam demorar quem sabe milênios, deixando poucos registros dessa aventura, e deixando para trás uma espécie de homens que com o tempo se tornariam menos evoluídas do que aqueles que foram, e que teriam esquecido com o tempo que um dia o homem foi capaz de deixar o planeta Terra. Mais ou menos como se fossem a sucata velha inútil de uma civilização que foi deixada para trás por uma frota mais moderna de veículos.

Apenas permita-se imaginar e pensar que talvez nossos antepassados conseguiram desenvolver um sistema que lhes permitisse ir para uma galáxia distante, perdendo em contrapartida a capacidade de comunicar-se ou de retornar à Terra por um espaço de milhares de anos. Ao longo do tempo os vestígios dessa viagem não é que foram se perdendo, mas nós perdemos a capacidade de interpretar a linguagem e a simbologia utilizada na época para relatar esses acontecimentos. Talvez frequentemente aqueles antepassados voltassem para ver o que sucedeu daqueles que foram deixados para trás. Quem sabe alguns deles até tentem comunicar-se conosco.

Ou imagine você que uma espécie mais desenvolvida de seres resolveu fazer um experimento, assim como nós fazemos com animais em laboratórios, e criou a nossa espécie aqui neste laboratório natural para estudar nosso comportamento. E quem sabe as visitas que recebemos de seres de outros planetas sejam esses estudiosos que vêm coletar dados a respeito de nossos comportamentos. Ou quem sabe muitas galáxias estão habitadas por seres experimentais ou por diferentes evoluções de espécies parecidas com as humanas.

E se eles, sejam nossos antepassados ou espécies mais evoluídas, fizessem alguns experimentos do tipo infiltração entre nós seres humanos para poderem conhecer mais de perto nossa verdadeira essência?

Claro que essas são todas suposições estrambólicas. Não tenho intenção nenhuma de levá-las a sério ou de imaginar que você deva levá-las a sério. Entretanto, como minha imaginação tem a liberdade de voar por onde quiser, não custa nada fazer algum exercício que tem por objetivo, por mais rudimentar que seja, tentar compreender a personalidade de Deus por outros ângulos, e aqui qual não seja o de tentar imaginar a imagem desse Deus ao qual

nos referimos em nossas Bíblias e livros sagrados das mais variadas religiões como sendo nada mais que uma extensão do próprio ser humano. Qual não seria nossa surpresa se descobríssemos que o tal Deus na verdade é uma forma um pouco mais evoluída de nós mesmos. Será que ficaríamos felizes de descobrir nosso Deus dessa forma, ou será que isso nos causaria mais frustração por não conseguir responder quem de fato foi o primeiro criador de tudo isso? Imagine se esses seres mais evoluídos também tivessem sua própria busca por um criador e suas próprias desavenças e diferenças religiosas?

Um pouco do que eu gostaria de expressar aqui com toda essa extravagância imaginária é o cansaço que gera pensar em Deus. É um processo de perseguição infinita. Mesmo que Deus de alguma forma se apresentasse a nós ou se descobríssemos que ele nada mais é do que uma forma mais evoluída de nós mesmos, continuaríamos nos perguntando, mas e quem criou essa forma mais evoluída então?

E se foi de nossa própria espécie que um dia saiu esse ser mais evoluído que conseguiu há anos sair da Terra e que um dia voltará como sendo uma espécie que um dia conseguiu desenvolver a tecnologia que nos permitiu sair deste planeta e viver por milhares de anos em outros planetas, desenvolvendo formas de vida muito mais avançadas?

Enfim, se alguma ideia me pareceu mais verdadeira de tudo isso que consegui pensar é a de que nossa busca por Deus aqui na Terra será infinita, e que o mais perto que conseguiremos chegar de uma resposta é que na verdade o Deus que acreditamos tão bem conhecer nada mais é que uma forma que talvez seja uma evolução de nós mesmos que às vezes nos visita. Quem sabe esses humanos um dia voltarão ao planeta Terra?

Pois veja que me parece curioso que um volume considerável de história e informação da humanidade parece ter-se perdido ao longo de nossa evolução. São os registros históricos das pirâmides que não conseguimos claramente decifrar para compreender de fato como aquilo tudo foi erigido; é a biblioteca de Alexandria que é destruída, evaporando com parte de um conhecimento incalculável; o desaparecimento das civilizações da América Central e do Sul; os poucos registros dos acontecimentos históricos da vida de Jesus; e quem sabe tantos outros. Então são alguns dos grandes acontecimentos históricos da civilização humana que deixam fracos registros empíricos decifráveis ou livros de um conhecimento mínimo que sobrevivem muito de raspão às tragédias históricas de nossa passagem humana aqui pela Terra. Então, o que sabemos de nós mesmos, baseados em evidências históricas e símbolos inteligíveis, é escasso. E o pouco que chega até nós é às vezes escrito em uma linguagem ou uma forma que é de difícil interpretação. Um exemplo grosseiro é o que diz na Bíblia onde o profeta Elias foi arrebatado por uma carruagem de fogo no livro 2 de Reis, no capítulo 2, versículo 11. Assim como essa, existem muitas outras passagens, como em números 12, versículo 5, que diz que o Senhor desceu em uma coluna de nuvem e se pôs à porta da tenda. Que Senhor é esse? Religiosos dizem ser Deus, mas isso não responde nada. Será que esse Senhor não é então um ser que vive em outro planeta e que tem os meios tecnológicos para nos visitar? Será que a carruagem de fogo que levou Elias não era uma espaçonave que levou consigo não um ser humano, mas um ser infiltrado pelos próprios seres de outros planetas? Por que sempre que nos deparamos com uma presença diferente damos a isso o nome de Deus, como se isso

resolvesse todas as nossas questões? Temos a liberdade de olhar um pouco mais a fundo, explorar com um pouco mais de criatividade nossa curiosidade, dar mais vazão à nossa imaginação, em vez de nos acomodarmos preguiçosamente com uma resposta que nada responde de fato.

Para nós, hoje em dia, é muito fácil supor ideias mais complexas, pois vivemos uma era tecnológica que superou muitas de nossas expectativas com relação aos avanços dos quais o homem é capaz e daqueles que ainda poderá fazer. Portanto, não nos é difícil imaginar que sim, nós não só poderemos alcançar diversos outros planetas no futuro, como sim, outras entidades inteligentes também já devem ter nos visitado, não uma, mas muitas vezes. E o que antes não era fato comprovado, talvez muito em breve seja apenas mais um ato corriqueiro, assim como a prática de viajarmos de avião hoje em dia. Além do mais, felizmente hoje em dia não vivemos mais sob o jugo de entidades opressoras que há séculos condenariam minha forma de pensar como herege e me queimariam em uma fogueira, como foi o caso da inquisição da Igreja Católica. O máximo com o que eu tenho que me preocupar atualmente é com a chacota e o ridículo que minhas ideias possam despertar nas pessoas, entretanto, com isso é perfeitamente possível de se conviver. Além do mais, não há nada melhor do que a liberdade de expressar qualquer ideia, por mais absurda que ela possa parecer.

Continuando, não são poucos os depoimentos de ex-militares americanos que afirmam copiosamente terem já comprovado a visitação à Terra por seres de outros planetas. Confessadamente nunca presenciei nada do qual pudesse afirmar eu mesmo categoricamente e nem nunca me deparei com qualquer registro de fato científico a respeito do tema, mas fica a impressão que a cada tempo

esse assunto ganha mais força e de que não falta muito para que autoridades com acesso a esse tipo de prova se pronunciem, esclarecendo de uma vez por todas o assunto. Daqueles autores que mais força têm nesse meio, cito J. J. Benítez, escritor do livro *Cavalo de Troia*, e o americano Dr. Steven Greer, coprodutor do documentário *Sirius*. Esses dois são os que mais seriamente abordam esse assunto. Nenhum dos dois, entretanto, vêm até nós com provas conclusivas a respeito do assunto.

Não me surpreenderia descobrir que esses alienígenas dos quais tanto divagamos a respeito e esses deuses de tantas religiões pelas quais tanto brigamos, nada mais seriam do que nós mesmos em uma versão supostamente muito mais evoluída que simplesmente conseguiu, por meio da ciência e da tecnologia, explorar a existência humana fora do globo terrestre. Algumas das formas para que isso pudesse ter acontecido são duas. Uma tem a ver com a questão do tempo, pois sabemos que para explorar o universo além dos planetas por nós já conhecidos, levaríamos muito tempo, por exemplo, para chegar até a estrela mais próxima da nossa, onde calcula-se que exista um planeta parecido com o nosso levaríamos cerca de 50 mil anos. Então um ser humano normal como qualquer um de nós não teria chance de sobreviver mais do que em torno de 100 anos. A não ser que descobríssemos a cura para a mortalidade, não poderíamos pensar em viagens dessa longura. Sabendo que estamos de fato a um passo de descobrir a cura para a morte, quem sabe se nossos antepassados mais distantes não tenham descoberto a cura para esse problema, desenvolvido uma máquina que conseguia enviar tais humanos para esse planeta na estrela mais próxima da Terra, e de vez em quando esses outros humanos mandam de volta alguns seres para visitar a Terra? A gente não sabe que tudo isso aconteceu

porque há um espaço de tempo muito largo entre o fato hipoteticamente ocorrido e a realidade em que nos encontramos hoje. Então, quem sabe há milhares de anos o ser humano já alcançou uma evolução sublime e foi realizar aquele que sempre foi o fetiche da humanidade, desvendar os mistérios do universo.

O segundo problema que temos, além de nós mesmos não vivermos muitos anos, é a questão da viagem no espaço e tempo. Se encontrássemos um modo de viajar no espaço e tempo, então resolveríamos esse problema. Dessa forma poderíamos ir para qualquer lugar no universo em um curto espaço de tempo ou em qualquer espaço do universo em qualquer período desejado. Então, assim, como poderíamos visitar o passado ou o futuro, também por óbvio, poderíamos ir para qualquer lugar do universo. Mas ao fazer isso, é importante lembrar que se deve ter o cuidado para não alterar os fatos históricos da vida na Terra. Então, se no passado essa tecnologia tivesse sido inventada, era importante que os vestígios dessa descoberta não fossem revelados a fim de não comprometer os fatos históricos que deveriam se desenrolar no planeta. Como exemplo pífio, pensemos em uma viagem no tempo na qual decidimos matar nossos pais antes de eles terem se conhecido. Nesse caso, o que aconteceria com a nossa linha histórica? Seria ela alterada? Bem como se fôssemos ao futuro, por termos a habilidade de nos locomover no espaço e tempo, é preciso ter um cuidado com as interferências lógicas que nele se faz, para não romper com o desenrolar natural da evolução da vida. Provavelmente os cientistas que se deparam com a possibilidade de viajar no tempo e espaço encontrariam essa variável como dificuldade que permitiria a viagem no tempo e espaço. Consequentemente, ao respeitá-la,

é preciso proteger aqueles que não viajam no tempo e espaço dos efeitos negativos dessa atividade. Talvez isso explique o fato de os seres que visitam a Terra nunca o fazerem de forma clara a todos os seres humanos, para não interferir em algum ponto futuro que eles já conseguem visualizar.

Ou talvez eles não se façam absolutamente visíveis porque de fato eles nem o possam fazê-lo. Porque talvez a viagem no espaço e tempo de forma física não seja possível. Analisando lógica e profundamente a questão, ela me parece inviável e contra as leis da natureza, pelo menos de forma física. Tal possibilidade, se fosse feita de forma corporal (física), criaria diversas interferências no processo de desenvolvimento do tempo e da história linear da vida, especialmente se imaginássemos que fosse possível interagir com os elementos físicos em outros momentos da história. Não me parece lógico de acordo com as leis da natureza ser possível por exemplo viajar para o passado ou para o futuro e interagir normalmente com as pessoas daquele tempo assim como interagimos com as pessoas do nosso próprio tempo. A não ser que seja sim possível viajar no tempo, e quem sabe ir para o passado ou para o futuro, mas ser possível apenas “ler” o que acontece naquele tempo. Ler no sentido exato de como fazemos com um livro. Imagino que para viajar no tempo, no caso de haver essa possibilidade, seria como destrancar o acesso a uma grande sala, que pode ser outra dimensão, onde lá se encontram diversos livros, em que a melhor forma de separação do acervo seria por nome de pessoas ou unidade de ser vivo, porque também seria possível acessar o livro de uma planta ou animal, por exemplo, e o exemplar desse livro teria o tamanho de páginas de acordo com o tempo de vida daquele ser. O viajante do tempo tem a possibilidade de ler a história

daquela pessoa e sua interação no meio em que ela vive, seja alguém que viveu no passado, no presente ou que virá a viver no futuro. A viagem que tanto se anseia com relação ao tempo é na verdade a curiosidade de saber o que acontece em outras épocas da história humana. Mas uma viagem no tempo não se limita apenas ao planeta Terra, pois uma vez que se pode viajar no tempo, e, logo, no espaço, pode-se ir a qualquer lugar no universo, sendo ele finito ou não.

Entretanto, sabemos que a vida é regida por leis. Leis essas que se aplicam em qualquer parte do universo. Viajar fisicamente no tempo e no espaço parece-me quebrar uma lei da existência básica que diz respeito a manter uma ordem cronológica organizada da vida. Se começássemos a viajar no tempo deturparíamos ou abriríamos a possibilidade de interferir na história de fatos passados que alterariam o nosso presente, ou tentaríamos viajar para um futuro no qual o presente não foi construído, considerando nossa ausência nele. Isso gera muitas impossibilidades matemáticas e lógicas. Entretanto, parece-me possível fazer essa viagem para uma outra dimensão que dá acesso ao acervo de história do universo. Mas esse deve ser, logicamente falando, um acesso apenas de ida. Seria como uma viagem com passagem somente de ida, que me daria então acesso a tudo o que acontece no tempo, com a desvantagem de me tirar a possibilidade de interagir com o espaço e tempo para onde fui parar. É-me dada a possibilidade de matar a curiosidade sobre o passado com todas as palavras, e também sobre o futuro que ainda nem aconteceu, mas sem a capacidade de poder agir dentro dessa história. Em contrapartida, também tem que me ser privada a possibilidade de voltar ao tempo ao qual eu pertencia, pois houve agora uma lacuna de registro histórico, e com o conhecimento adquirido na sala de

livros da história eu poderia tentar influenciar o futuro que eu já sabia que viria, ou também tentar jogar nova luz sobre um passado que até então era desconhecido dos humanos, jogando nova perspectiva sobre o presente que vivem. Entretanto, pensando bem, se me é possível entrar incólume em uma nova dimensão que me permitiria acessar os registros que falam do passado e do futuro, haveria logicamente falando a possibilidade de retornar ao meu próprio tempo de vida. Ou seja, se eu posso sair, eu deveria de poder voltar. Será que essa teoria também se aplicaria à morte, então? Precisaremos pensar um pouco mais a respeito disso.

Para concluir essa lógica tão confusa, eu diria que, então, não foi possível ao homem criar uma máquina do tempo que lhe permita viajar no tempo e no espaço nem para outras galáxias, nem para o passado e futuro da própria existência na Terra. Repetindo, ele não dever ter criado uma máquina. Então se os homens estão viajando pelo universo, eles devem ter feito uso da tecnologia mais natural que existe e que é cientificamente plausível, principalmente por não quebrar nenhuma lei da natureza, pois é apenas uma extensão da vida humana. Digamos que além de termos a possibilidade de criar máquinas com capacidade de fazer longas viagens no espaço, também desenvolvemos a tecnologia que nos permita viver por muitos anos. Digamos que, por exemplo, criamos uma tecnologia que nos permita viver eternamente, no caso de não sofrermos nenhum acidente mortal, então poderíamos empreender uma viagem longa para outra galáxia, sem o empecilho tempo, que hoje nos dá uma possibilidade de algo em torno de 80 anos.

A questão de acelerar nossa velocidade para algo em torno da velocidade de luz parece muito improvável, pois alteraria demais nossa forma física, levando-nos à morte

muito provavelmente, bem como a possibilidade curiosa de usar um buraco negro acredito que acarrete no mesmo problema. Um buraco negro é uma curiosidade física do universo que talvez nos permita quebrar algumas regras da física, mas o problema é que nosso corpo físico está ainda muito atrelado às regras da natureza (da física). Então mesmo que o buraco negro permita algumas impossibilidades lógicas, nosso corpo não me parece permitir tal aventura. Com tudo isso fica evidente que um grande impedor das viagens no tempo é o nosso corpo físico. Podemos até ganhar mais tempo para ir mais longe no espaço com as descobertas da ciência biológica que nos dariam mais anos de vida, mas não temos muito o que fazer com relação a mover esse corpo físico dentro do tempo.

A não ser que conseguíssemos desvencilhar o nosso corpo físico da nossa existência etérea (espiritual). Não me parece absurdo poder manter-se vivo sem a necessidade de estar necessariamente preso ao corpo físico. A velocidade da luz se mostra uma impossibilidade matemática porque o nosso corpo físico não suportaria as consequências de uma viagem a tal aceleração. Não podemos, a princípio, fisicamente, suportar os efeitos de um buraco negro para saber o que acontece lá dentro. No entanto, todas essas impossibilidades se tornam possibilidades se pudéssemos desfrutar de um corpo indestrutível e imperturbável às leis da física. E tal corpo é o corpo etéreo que reside dentro de nós. O único problema é que ele está admiravelmente conectado ao nosso corpo físico.

Parece-me logicamente bastante plausível que uma viagem no tempo poderia ser empreendida com um “corpo” etéreo. O corpo etéreo me permitiria estar em diferentes momentos do tempo (história) e do espaço sim, mas ele não me permitiria interagir com o espaço. Meu

corpo etéreo não teria a possibilidade de exercer qualquer influência sobre o espaço do tempo ao qual eu seria teletransportado. Assim como na analogia da biblioteca de livros que me permite ver as vidas no tempo passado, presente e futuro, a viagem etérea também me permite “ler” todas as histórias nos diferentes tempos, mas ela, da mesma forma que aquela, não me permitirá interferir nas histórias de maneira física. A vantagem da viagem etérea é que ela me permite voltar ao meu corpo físico, que por não ter abandonado a minha presença temporal presente, permite, assim, ao meu espírito, dar continuidade à sua história assim que retornar ao corpo. Talvez minha forma imaterial pudesse até ser “vista” pelos seres humanos de outros períodos históricos, e talvez até pudéssemos nos comunicar com eles sem fazer uso daquilo que nos permite falar por meio do corpo físico que temos, boca e voz, mas, sim, quem sabe por meio da telepatia. Então, para aqueles seres humanos, a nossa viagem no tempo representaria como que uma aparição fantasmagórica ou espiritual. Se não nos fosse possível transmitir a eles qualquer tipo de informação, eles ficariam à mercê de sua própria criatividade para atrelar qualquer tipo de interpretação àquela situação.

A mim me parece muito possível que os viajantes do tempo e do espaço estejam utilizando algum tipo de transporte associado ao poder que a mente tem. Ou ao poder que nosso corpo imaterial tem. Para a ciência, a formação de pensamentos está associada ao corpo físico, ao nosso cérebro. Contudo, se a nós fosse possível dissociar essa intelectualidade do material e dar liberdade para que a inteligência vagasse pelo tempo, desatrelada do físico, então poderíamos “ir” a qualquer lugar, seja do passado ou do futuro, seja aqui na Terra ou seja em qualquer outra galáxia. Quem sabe se tudo o que vimos

de espíritos e fantasmas não seja esses nossos queridos humanos que em algum momento do passado ou do futuro conseguiram decifrar esse enigma para a viagem no tempo, e estejam vez por outra a nos visitar sem a possibilidade de comunicar-se efetivamente conosco para nos explicar o que está acontecendo ou como acessar as mesmas possibilidades? Quem sabe estamos a um passo de descobrir que a possibilidade de viajar a longas distâncias no espaço seja possível por meio da potencialidade de nossa mente?

Enfim, apesar de não poder nada comprovar, ainda assim acredito, com a imaginação fértil e pouco provável de uma criança, que em breve os humanos voltarão ao planeta Terra.

Capítulo VI — Eu queria estar morto

Mas eu também queria estar vivo. Eu não vejo razão para estar vivo. Eu não compreendo o motivo de viver. Eu gostaria de compreender e sentir a real razão de existir. Nascemos, crescemos e morremos. Muitos já vieram antes de nós. Muitos estão aqui agora, inclusive você. E muitos virão depois. Por quê? Para quê? Enquanto eu acordo todos os dias sem pensar nesses assuntos e sigo minha rotina automática, seja ela de estudos ou trabalho, essas perguntas não me incomodam, mas quando eu me pego pensando nessas perguntas, eu me sinto inquieto.

É claro que eu encontro diversas respostas que justificam estar vivo. Por exemplo, eu amo o que eu faço, eu estou amando escrever este livro, eu consigo perceber a incrível maravilha que é a natureza e o ser humano. Aliás, quão perfeito é o ser humano, mesmo com todas as suas falhas. Tudo isso me dá gosto de viver. Faz-me sentir bem, feliz, realizado. Mas é depois desses sentimentos e compreensões que as perguntas “por quê?” e “para quê?” ganham mais peso. Por que tudo isso? Para quê? Qual o propósito de tudo isso? E de viver?

Sim, eu me sinto importante. Sim, eu acho importante este livro e essas ideias que eu escrevo. Mas se penso um pouco mais, eu também acredito que isso não serve para absolutamente nada. Considero-me importante, mas ao mesmo tempo tenho a impressão de que não sou. Especialmente quando penso que muitos já vieram antes de mim e que muitos virão depois, e eu viverei apenas um

tempo muito curto se comparado à vastidão que o tempo da vida em si realmente representa. Não me considero tão sem importância por achar que eu pouco represento para a sociedade ou para a história. Acredito que ninguém representa muita coisa para a humanidade e para a história de forma geral. Sim, eu acredito que algumas pessoas fizeram muito, mas ao mesmo tempo isso me parece nada. Sim, Gandhi fez muito pela humanidade, mas nada disso importa agora. Sim, Sócrates foi um grande pensador, mas mesmo assim pouco evoluímos desde aquele tempo. Inventamos tantas coisas que tornam o mundo muito melhor, sim, percebo e tenho gratidão por tudo isso, mas ainda não estamos satisfeitos.

Veja bem que minhas dúvidas e angústias não têm nada relacionado com ingratidão. Tenho plena consciência do quão abençoado sou nesta vida. Tenho saúde, família, condição de vida confortável, vivo em um período histórico de muita abundância. Consigo admirar muito a natureza ao meu redor. Tenho consciência do quão incrível e complexo é a constituição do corpo e da mente humana. Sim, vejo tudo isso. Mas mesmo assim sinto que me é permitido perguntar: por quê? Para quê? Será que não fomos colocados aqui para com diferentes pontos de vista, já que cada pessoa vê as coisas de um ângulo muito próprio, perceber tudo o que existe? Será que não fomos colocados aqui simplesmente para apenas observar, sorver e viver tudo isso?

Agora me pego pensando que talvez seja isto: nós seres humanos, diferentemente de todas as outras formas de vida que existem, temos a capacidade de observar e apreciar tudo o que existe. Nós não apenas vivemos como as outras formas de vida, mas nós também pensamos e compreendemos a complexidade da vida. A complexidade das opções de vida. Podemos aproveitar a vida de diversas

formas. Podemos experimentar a existência. Podemos usufruir disso tudo. Será que não é isso? Fomos colocados aqui para observar, usufruir e fazermos o que bem temos vontade de fazer? Pois não parece isso mesmo? Não parece que a vida é um grande parque de diversões e que aqui fomos largados de graça para viver essa aventura por um tempo limitado com muitas outras pessoas? E que apesar de o ser humano gostar de criar muitas regras, na verdade não há regra nenhuma explícita de como se deve usufruir desse grande parque.

Confesso que a vontade de estar morto diminui quando penso assim. Não precisa nem existir Deus. Basta compreender que eu tenho a felicidade de viver tudo isso por alguns anos e que essa pode ser uma das explicações para existir que eu já me sinto bem. Porque além de querer estar morto, eu também quero viver. Eu quero estar morto porque eu não quero viver uma vida sem sentido. E eu quero estar vivo, porque eu quero aprender a viver da melhor forma possível. Eu não quero ser alguém que acorda todos os dias para viver uma vida monótona. Porque por pura lógica eu consigo ver que a vida não é apenas isso. Eu quero saber viver e sorver a maravilha de estar vivo agora e com todos os seus detalhes. Eu quero sentir prazer em acordar de manhã ao vestir meus chinelos. Eu quero ter prazer e alegria em ver a cara chata do meu chefe e saber que ali está uma das maiores invenções da natureza: uma vida humana. Eu quero me sentir entusiasmado quando vou ao banheiro fazer minhas necessidades e compreendo a complexidade que algo aparentemente tão simples representa. Você já parou para se dar conta do quão prazeroso é poder ir ao banheiro fazer qualquer necessidade básica e simplesmente não sentir dor? Só quem já sentiu a dor de expulsar uma pedra do rim por meio da urina sabe o quão bom é ter um

corpo saudável. Só quem já se curou de um câncer sabe o real valor da vida. Feliz daquele que não precisa sofrer para saber o quão bom é desfrutar de um corpo e de uma mente sadios. Eu não quero esperar ter muito dinheiro para compreender que eu já sou rico, pois estou saudável e tenho a máquina mais valiosa que alguém pode ter: um cérebro. Você já parou para pensar em quão fascinante e complexo um cérebro é?

Mas então por que eu também queria estar morto? Um motivo é porque eu quero saber o que acontece depois que morremos. Mas isso só demonstra que sou ansioso, pois eu sei que esse momento um dia irá chegar e que basta esperar e terei minha curiosidade saciada. Não é dessa vontade de morrer que estou falando. Estou falando da vontade de morrer não da minha vida física. Estou falando da vontade de morrer de tudo o que não é bom em mim. Demorei um pouco para compreender essa vontade. A frase “eu queria estar morto” veio muito antes da compreensão do que ela realmente significava, pois quando expressei essa ideia pela primeira vez foi em forma de uma música que eu compus. Entretanto, fiquei confuso, pois aquilo não representava quem eu era, eu não queria estar morto e nem tinha sentimentos depressivos. Pelo contrário, quem me conhece sabe que sou positivo. Eu me conheço muito bem e sei que aquilo não era o que eu pensava e o que eu sentia a respeito de mim mesmo.

Quando eu compus a letra para aquela música, eu lembro que a minha intenção era escrever uma música muito pesada. Eu queria que aquela música fosse mais pesada do que qualquer uma de *heavy metal*. Então, o que eu fiz foi compor uma música no violão, com arranjos bem simples e suaves nos quais se ouvia claramente as palavras que eu proferia, e que basicamente eram: “Eu queria estar morto.” Aquilo me pareceu ser,

artisticamente falando, algo realmente muito agressivo. Pois agredia a percepção das pessoas muito mais do que qualquer bateria ou guitarra destorcida, mais do que qualquer grito. A voz suave era nítida aos ouvidos. Aquilo era tão pesado que eu nem sequer tinha coragem de cantar aquilo para qualquer pessoa. E quando as pessoas escutavam a canção elas me perguntavam se eu queria morrer. Mas não, eu não queria morrer. Mas, então, por que eu disse aquilo?

É por isso que eu digo que a compreensão do que essas palavras querem dizer me veio depois de eu ter criado a frase. Uma que a liberdade artística nos permite pensar e falar não necessariamente daquilo que nós somos, mas daquilo que percebemos ao nosso redor ou do sentimento de outras pessoas. Então percebi que aquele peso todo que eu quis transmitir por meio da música e que se traduziu na forma da frase “eu queria estar morto” representava não o que eu sentia, mas o que muitas pessoas sentem diariamente e nós nem sequer sabemos. Eu não tinha coragem de expressar aquela frase, sendo que era apenas uma composição artística, então imagine você o quão difícil deve ser para pessoas que de fato pensam e se sentem assim expressar o que têm dentro de si. Por meio daquela composição eu estava sendo um instrumento de compreensão e um canal de transmissão para eu mesmo compreender o que meus olhos não conseguiam ver: que é a dor que mora dentro de outros seres humanos, apesar da riqueza que reside dentro de cada um de nós e das maravilhas que nos rodeiam a todo o momento.

Quantas pessoas passam muitas vezes sorrindo por nós e não nos damos conta de que aquele sorriso esconde tristeza? Não foram poucas as vezes que fui descobrir que pessoas que eu conhecia e que me pareciam ser um exemplo de alegria muitas vezes tomavam remédios

antidepressivos e sofriam de algum tipo de dificuldade emocional além daquilo que é considerado natural. Porque sim, é normal às vezes ficarmos tristes com alguma situação. Entretanto, falo daquelas pessoas que constantemente convivem com algum tipo de dor emocional. Também quantas não foram as vezes em que percebia uma certa animosidade injustificada por parte de algumas pessoas quando passavam por mim em algum corredor, e eu ficava a julgar e condenar a atitude daquelas pessoas, para então após algum tempo descobrir que tal pessoa passava por alguma situação difícil em sua vida.

Então aos poucos eu fui descobrindo por que eu queria estar morto. E quanto mais eu entendia, mais eu queria estar morto. E eu ainda quero morrer um pouco mais a cada dia. Agora que compreendo por que eu pensei essas palavras que me pareciam tão duras. O que eu de fato vim a perceber é que eu realmente precisava morrer. O que eu queria que morresse era essa incapacidade de perceber os outros ao meu redor. Eu queria que morresse esse egoísmo. Sempre que eu não percebia a tristeza disfarçada de sorriso é porque eu estava pouco preocupado de fato para perceber que aquela pessoa na verdade sofria. Quando eu me sentia ofendido por causa da animosidade injustificada de algumas pessoas, eu estava sendo egoísta, pensando apenas nos meus próprios sentimentos, querendo que as pessoas me tratassem com um respeito que acreditava merecer. Esse eu que eu digo que eu queria que estivesse morto é essa obsessão por mim mesmo. Eu queria morrer não para a vida, mas eu queria que as minhas fraquezas morressem. Eu queria que os meus medos morressem, porque eu sempre tive muitos medos e isso criava em mim uma obsessão por ser aprovado por todos, e também uma obsessão em não errar. Eu tinha medo de abrir a boca e falar, principalmente em público, e muitas vezes

eu me condenei por isso, muitas vezes eu me odiei por isso. Então, não é que eu queria morrer por completo, mas eu percebi que eu queria que essas coisas ruins dentro de mim morressem.

Eu fui descobrindo à medida que eu passei a observar com mais atenção e Amor as pessoas ao meu redor; muitas delas em algum momento de suas vidas já tinham pensado em morrer. Muitas delas tinham vergonha de falar sobre isso. No entanto, elas não compreendiam que elas não queriam morrer totalmente, elas na verdade queriam que aquilo que as machucava deveria morrer. Hoje eu percebo que eu morri para muitas coisas ruins dentro de mim, mas principalmente eu sinto que eu morri para a obsessão comigo mesmo. É por isso que sempre me dói ouvir de alguém que tal pessoa gostaria de morrer. Mas ao mesmo tempo me sinto feliz em saber que de alguma forma eu estou apto em ajudar essas pessoas a compreender que a vida é linda e que o que nós de fato queremos não é a morte desse presente tão especial do qual desfrutamos, mas sim das mazelas que nos impedem de desfrutar plenamente a vida. Não pretendo nunca fazer o papel de médico profissional quando digo isso. O que quero dizer é que hoje, com a morte desse meu egoísmo, sou capaz de ver a lágrima que se esconde logo atrás de uma atitude às vezes exagerada de alegria ou de rispidez. Hoje, antes de julgar a atitude inexplicavelmente rude de alguma pessoa, eu procuro imaginar o que de difícil pode estar acontecendo com aquela pessoa.

Às vezes é difícil, eu sei, quando alguém nos trata mal sem motivos. É difícil para eu compreender e muitas vezes me pego julgando e condenando tal atitude frequentemente, para logo depois me envergonhar ao saber que tal pessoa passava então por alguma dificuldade da qual eu não teria metade das forças para enfrentar.

Infelizmente a vida não raras vezes é muito dura com algumas pessoas. Eu tive mais do que sorte em poder desfrutar até aqui de uma vida cheia de benesses. Mesmo as minhas dificuldades eram banais demais para sequer serem chamadas de dificuldades se comparadas com o que muitas pessoas têm de passar. No entanto, há algo muito duro que logo aprendi nessa jornada de morte do meu eu egoísta. Por um segundo eu me senti um super-herói capaz de ajudar as pessoas necessitadas à minha volta, quando na verdade eu compreendi que às vezes a melhor forma de ajudar algumas pessoas é simplesmente não ajudando. Houve momentos em que eu tive que enfrentar situações difíceis sozinho, e isso me fortaleceu. A dor criou músculos em minhas emoções que me ajudaram a enfrentar a vida com mais força. A vida é dura. E não está escrito em lugar algum que assim não deva ser. Então, muitas vezes quando vi amigos sofrerem, eu compreendia que tentar ajudar seria não permitir que aquelas pessoas se fortalecessem para a vida. Claro que muitas vezes além desse fato havia outro que era o de eu simplesmente não poder fazer nada por eles. Às vezes nós somos os únicos que podemos ajudar a nós mesmos. Às vezes nem nós mesmos conseguimos ajudar a nós mesmos, muito menos pessoas de fora. Às vezes dá vontade de tirar a dor com a mão de dentro de nós, mas não dá. E nesses momentos dá vontade de morrer.

Mas a verdade é que mais do que querer morrer, na verdade eu quero viver. A vida é dura sim. Ela é amarga muitas vezes. Por dias seguidos ela pode ser cinza e chuvosa. A morte é uma certeza que espregueia os anos de existência. A vontade de morrer é um desejo de antecipar o inevitável. E se existe a vontade de morrer, também existe a vontade de viver. Mas não basta apenas estar vivo. É preciso querer fazer algo dessa existência. Posso

querer morrer. Posso querer que as coisas ruins dentro de mim morram. Mas também posso querer viver. Posso querer despertar em mim o que há de melhor. Não basta passar pela vida de forma apática. Não basta não ter vontade de morrer. É preciso ter vontade de viver com plenitude. Vontade de desfrutar da vida. Força de vontade para descobrir a potencialidade dentro de nós. Talentos latentes. Vibração existencial.

Eu queria estar morto. Mas eu também queria estar vivo. Eu queria viver minhas potencialidades ao máximo. Eu quero descobrir até onde eu posso ir. Eu quero viver tudo o que há para se viver. A vida é feita de tudo o que a compõem, não importa se julgemos isso como bom ou ruim. Ela é feita de dores e prazeres. De derrotas e vitórias. A vida é completa. Adoramos experimentar o que há de bom, mas refutamos o que é doloroso. Entretanto, a vida é um prato completo de sabores variados. Alguns podem nos agradar mais do que outros, mas precisamos aguçar nosso paladar para desfrutar seus diferentes gostos. Quem sabe se ao degustarmos o amargo desenvolveremos mais a capacidade para compreender o prazer de desfrutar o doce? Sem mordermos uma maçã podre não compreenderíamos o quão gostoso é comer uma maçã madura. Sem as dores que nos causam um alimento estragado não compreenderíamos o quão prazeroso é ter saúde. O problema é que muitas vezes não temos sabedoria o suficiente para contemplar o que é bom por si só. É muitas vezes apenas quando sofremos que descobrimos os verdadeiros prazeres da vivência.

Nunca vou me esquecer do dia em que me senti muito triste ao perceber que eu tinha perdido a minha carteira com todos os meus documentos dentro. Acordei naquele dia um pouco apático e antes de passar no posto de conveniência para comprar meu café da manhã, dei falta

da minha carteira. Procurei nos lugares mais óbvios em um primeiro momento, mas não a encontrei. O que era apenas apatia já logo se transformou em frustração e raiva de ter que pensar em todos os transtornos pelos quais eu teria de passar para reaver todos os meus documentos e cartões do banco. Continuei a procurar em outros lugares menos óbvios e mesmo assim não a encontrei. Tentei relembrar os lugares onde a tinha usado para tentar compreender onde poderia tê-la perdido, mas nada adiantou. Como perder a carteira teve o poder de acabar com o meu dia já na arrancada! Eu tinha certeza de que não conseguiria trabalhar ou viver aquele dia com normalidade. Já comecei a me irritar com a necessidade de ter que andar com tantos documentos e cartões que eram muito fáceis de ser perdidos, ou pior ainda, roubados, fatos que só serviam para trazer transtorno à vida de pessoas honestas e trabalhadoras. Enfim, minha frustração não podia ser maior. Foi quando então me lembrei de que no dia anterior eu havia pagado a academia indo com a carteira à noite no bolso da minha jaqueta de treino. Quando voltei do treino, coloquei a jaqueta para arejar pendurada no varal dentro da despensa de casa. Fui até a despensa e peguei a jaqueta. A carteira estava lá. Eu não preciso nem dizer que eu fiquei muito feliz naquele momento.

Aquele foi um dos dias mais felizes da minha vida e me lembro dele até hoje. Se eu não tivesse quase perdido a carteira aquele meu dia não teria sido mais do que um dia qualquer. Um dia comum. Só que pelo fato de quase ter perdido um objeto que para mim tem muita valia, e que perdê-lo representava um transtorno muito grande para mim, fiquei indizivelmente feliz por tê-la reencontrado. Esse inconveniente me fez sorver a vida com novo ânimo. Não fosse a pequena e momentânea infelicidade de perder a carteira, eu não teria sabido apreciar meu dia com

entusiasmo. E quantos não são os dias que são dignos de serem vividos com extrema alegria, mas não o fazemos, simplesmente por estarmos apáticos e habituados com as benesses e belezas que a vida oferece, sem mais possuir a capacidade de perceber seu valor?

Quantas pessoas não vivem na apatia sendo que possuem todas as ferramentas disponíveis para serem pessoas felizes? Quantos não vivem na pobreza sendo que possuem saúde e inteligência suficientes para fazer deles milionários? Quantas vezes eu mesmo me encaixo perfeitamente nesse espaço que estou a criticar? Muitas vezes, sem dúvida. Não basta estar vivo. É preciso querer viver. Querer viver não significa apenas aceitar a vida como ela é. Não significa apenas acordar de manhã e viver uma rotina insípida esperando sempre pelo final de semana ou pelas férias. Tão ruim quanto querer morrer é sentir-se triste nos domingos à noite porque na segunda-feira temos que acordar cedo para trabalhar. Imagine se em vez de perder a carteira antes de ir ao trabalho contraíssemos um câncer ou se ficássemos tetraplégicos em virtude de algum acidente. Será que ter de ir trabalhar na segunda-feira cedo não ganha um sabor muito mais especial quando não temos nenhum desses dois problemas? E que força é essa que move pessoas que contraem câncer e ficam tetraplégicas para que sejam inabalavelmente felizes quando outras pessoas em perfeitas condições adoeçam de depressão estando em plenas condições físicas? Que força é essa que está disponível na vida?

É dessa vontade de viver a que me refiro. Não quero apenas passar pela vida. Não quero apenas sentir o sabor amargo dos alimentos que não gosto ou daqueles que estão estragados. Também quero degustar as comidas deliciosas que tanto amo. Não quero viver na morosidade e no tédio da repetitividade. Quero desenvolver meus potenciais.

Quero que as segundas-feiras sejam os dias mais felizes da minha vida. Não quero todos os dias acordar, quero todos os dias pular da cama com vontade de viver. Não quero apenas trabalhar e me estressar, também quero me divertir. Não quero apenas ter colegas de trabalho, quero ter amigos. Não quero apenas levar um susto achando que perdi minha carteira, para depois ficar um pouco feliz, quero acima de tudo achar formas de vida que me permitam ganhar muito dinheiro e ser muito feliz. Não quero apenas assistir ao futebol na televisão e celebrar as vitórias do meu time, quero acima de tudo desenvolver minhas capacidades intelectuais e fazer coisas maravilhosas pela minha própria vida, e celebrar minhas próprias vitórias. Quero ter forças para enfrentar minhas dificuldades com vontade de viver. Quero ser forte o suficiente para ajudar as pessoas que precisam. Quero ter força para enxugar minhas próprias lágrimas e compreender que elas fazem apenas parte de um momento de minha vida.

Afinal de contas, que mérito há em uma vida que não experimentou dificuldades? Quem poderá considerar-se emocionalmente forte se nunca superou dores na vida? Quem poderá dizer que vale a pena viver sem soar fútil, sem nunca ter experimentado a vontade de morrer? Como poderá saber o valor de um sorriso quem nunca enfrentou sozinho uma depressão? Quem poderá ajudar com sensibilidade sem nunca ter precisado de ajuda psicológica? Como poderá dizer “não chore” na entonação de voz e convicção correta quem nunca chorou? Quem sabe se uma vida sem dores não é uma forma de vida que nos priva do verdadeiro entendimento do quão bom viver pode ser? Quem sabe o sorriso e o levantar pela manhã de quem já algum dia tomou tarjas pretas é muito mais vibrante do que o de quem só tomou champanhe? O quão mais felizes não seríamos se

soubéssemos viver a vida em plenitude sem precisarmos enfrentar os vales das tristezas?

Não pude deixar de pensar que o que me fez perder a minha carteira foi desatenção. Eu sofri tremendamente pelo simples fato de não conseguir recordar que havia colocado a carteira no bolso da jaqueta. Eu sofri porque fiz uma ação fora da minha rotina e por não estar atento às minhas ações. Eu sofri por mera falta de atenção. Imagine que eu deixei parte de minha vida passar sem ser percebida. Eu não recordava o que eu havia feito na noite anterior. Eu passei parte da minha vida sem saber o que eu fiz. E o único fato que me fez perceber que um momento passou despercebido foi ter dado falta de algo muito precioso para mim. Então, quantos momentos simplesmente passam despercebidos sem que eu me dê conta? Quantos momentos preciosos estou perdendo nos bolsos das jaquetas das experiências da existência sem que eu sequer perceba? Quantos sorrisos de Amor estou deixando passar despercebidos? Quantos abraços foram apenas formalidades? Quantas lágrimas não percebi nos olhos de pessoas que sorriam apenas para não me incomodar? Quantas vezes deixei de fazer o meu melhor porque era segunda-feira de manhã? É preciso atenção a todos os detalhes da vida.

Para perceber a beleza da existência é preciso saber apreciar e estar atento a todos os momentos. Não é apenas um quadro em um museu que representa uma obra de arte. Um corpo humano é uma obra de arte criada pela existência difícil de ser copiada. Mas só é capaz de perceber isso quem está atento. Um carro caríssimo pode trazer muito prazer. Mas apenas uma pessoa atenta sabe do prazer que traz o sorriso que recebemos de alguém que amamos e um carinho que recebemos antes de dormir. Os prazeres não estão na quantidade nem no tamanho,

mas sim na capacidade de saber perceber o que há de belo na vida. Há pessoas tão indiferentes com relação à vida que mesmo riquezas materiais não lhes trazem mais alegria. Ser rico é a melhor coisa do mundo, pois é um sinal da valia de quem produz tal riqueza. Mas é preciso ter sensibilidade emocional para conseguir se alegrar com os próprios méritos. É preciso também compreender que toda a riqueza material não é nada perto da saúde física e emocional. É preciso muita sensibilidade para compreender que todos que possuem um cérebro em perfeita funcionalidade são bilionários.

No fim das contas, querer morrer não é uma vontade reprovável. Pior do que isso é já estar morto e nem se dar conta. Quantas pessoas já morreram para os prazeres da vida e nem sequer se incomodam com isso? Querer morrer é um sintoma de alguém que quer mudar uma situação que percebe insuportável. Não querer mudar uma situação ruim é conformar-se com uma vida distante do seu máximo potencial. Muitas pessoas se acostumaram a viver em meio ao estresse e aos problemas como se isso fosse tudo o que a vida tem para oferecer. Para alguns a vida é constantemente dura. E alguns nem sequer se importam com isso. Alguns já estão mortos e não se deram conta. Algumas pessoas fazem todos os dias as mesmas coisas. Vivem rotineiramente a mesma vida, com pequenas alterações aqui e ali. Algumas pessoas estão tão anestesiadas com uma vida de dissabores e poucas novidades que nem sequer desejam morrer. Algumas vidas são de tal magnitude insípida que a morte poucas lágrimas traria. Mais do que não querer morrer, é preciso aprender a querer viver.

Eu não quero apenas não desejar morrer. Eu não quero apenas viver de qualquer jeito e sem propósito. Eu quero viver da maneira mais plena que me for possível.

Eu quero desenvolver a capacidade de enxergar a beleza que me rodeia em sua plenitude. Como seres humanos temos de saber que as dores são inevitáveis, mas que ter condições emocionais e psicológicas para suportá-las é uma questão de condicionamento, portanto, quero ter condições de viver as dores com forças para suportá-las e até aprender com elas. Não quero ser apenas uma fonte de dor para outras pessoas, quero em minha máxima potencialidade ser uma fonte de Amor e carinho para as pessoas que me circundam. Quero ser uma presença boa onde quer que eu esteja. Quero ser uma participação positiva mesmo onde não sou tratado bem. É difícil não odiar e sentir rancor onde somos maltratados, mas é acima de tudo uma demonstração de vigor não ser influenciado por tais energias negativas. Há muito poder em saber retribuir o mal com o bem. Não há nada de piegas nessa forma de pensar. Não há nada de autoajuda ou positivismo nessa forma de querer encarar o mundo. É preciso ser muito forte para enfrentar as dores e ainda assim achar forças para ser uma energia construtiva no mundo.

Eu quero conhecer a vida em toda a sua expressão. Eu quero que as pessoas ao meu redor possam sentir essa efervescência de vida que está aí para ser sentida. Eu não quero salvar o mundo do mal. Eu quero apenas fazer a minha parte por mim mesmo e ser uma vibração benéfica em um mundo de negativos, neutros ou positivos. Até porque, depende de cada um de nós viver a vida que achar melhor. Não existe salvação para o mundo ou para as pessoas. Não estamos aqui na Terra para salvar o planeta ou as pessoas contra o fim da humanidade ou contra uma punição no inferno. A vida é uma questão basicamente individual. Cada um deve fazer de si mesmo o que acha melhor e pagar pelas consequências de suas

escolhas. Viver positivamente é uma opção que a lógica me diz ser a melhor opção disponível. Pagar o mal com o bem no fim das contas gera resultados profícuos para mim unicamente. Estar livre de emoções negativas é um bem incomparável. O mal que vem de fora é uma força que eu não controlo. Ser atingido por essa obscuridade é uma opção minha. Sim, por mais difícil que isso possa na prática ser, é uma opção minha.

Eu queria estar morto, mas agora eu quero estar vivo.

Capítulo VII — Inferno — Todos serão perdoados

O ser humano foi muito criativo ao engendrar um lugar imaginário de sofrimento para aquelas pessoas que ele não gosta ou desaprova o comportamento. Pois sempre que repudiamos a atitude de alguém achamos correto punir. E por óbvio, aquelas punições que não podem ser devidamente aplicadas aqui na Terra ficam para a posteridade. Nada mais humanamente lógico do que pensar assim. Segundo a lógica humana, toda ação errada que gera arrependimento é automaticamente absolvida de ser punida no inferno. Claro que aqui na Terra a ação errada precisa ser punida, havendo arrependimento ou não. Para a posteridade não fomos tão pesados em nosso sistema punitivo, resguardando aqueles que se arrependessem de ter que passar nada mais do que a eternidade sofrendo no inferno.

Não basta ser difícil provar a existência de Deus, o ser humano ainda dá um passo além e inventa um inferno para punir aqueles que ele considera pecadores e dignos de condenação. Condenar e punir são tipicamente ações humanas, bem como errar. Então às vezes fica a dúvida: será que foi Deus quem criou o homem a Sua imagem e semelhança ou será que foi o homem quem criou Deus a sua imagem e semelhança? Porque sim, de fato, é repugnante saber que alguns seres humanos que cometem atrocidades aqui na Terra acabam saindo de cena (vida) sem qualquer punição. Portanto, nada mais justo do

que acreditar que após esta vida eles então terão enfim o que julgamos que merecem. Assim julgamos nós que seria o correto. E assim está escrito em diversos livros sagrados. Alguns não determinam que o pecador, ou o ser humano cheio de falhas, vá de fato parar em um lugar de sofrimentos, mas que ele deva retornar à Terra para viver uma nova vida baseada na última vida que levou, ou quem sabe ainda experimentando um modo de vida em uma diferente espécie de existência, talvez uma planta, animal ou algum elemento químico. Se bem que, pensando bem, voltar à Terra não deixa de ser uma forma de ir ao inferno, afinal de contas, a vida aqui está cheia de sofrimentos.

Ou seja, de forma sucinta, o que queremos é que as pessoas ruins paguem por seus atos. Aqui na Terra não basta se arrepender quando o erro é grande, é preciso também ser punido. Já para o inferno reservamos espaço apenas para aqueles que além de tudo não se arrependem. Agora, qual não seria a nossa surpresa se ao morrermos descobríssemos que todos os seres humanos vão para o mesmo lugar? Nossa lógica humana por óbvio desagradou-se de um pensamento assim. Mas então, qual não seria a nossa reação caso soubéssemos já em vida que independentemente de nossas ações, iríamos todos para o mesmo lugar, quer tenhamos sido bons ou maus, de acordo com os preceitos humanos, iríamos todos ao mesmo destino após a morte? Isso, claro, considerando que exista algo depois da vida. Eu não estou defendendo que exista nem Deus, nem inferno, nem paraíso, estou apenas conjecturando novas possibilidades.

Aliás, já que é possível criar um Deus para cada tipo de religião ou cultura humana, se eu fosse criar o meu Deus ele deveria de ser completamente oposto a mim e aos meus valores. Isso porque sendo Deus ele não poderia estar sujeito às mesmas tendências lógicas e limitações

racionais às quais eu sou vítima. Logo, meu Deus não puniria nem privilegiaria ninguém. Para ele, todos teriam o mesmo destino. Ou destino nenhum. Aliás, o ser humano em seu afã moral não apenas dedica um lugar de sofrimento depois da morte para aqueles que repudia, como também dedica um lugar muito especial, geralmente a si mesmo, para aqueles que considera digno. Lugar esse que se acostumou a dar o nome de paraíso. A propósito, de novo, a maioria das religiões têm um lugar muito especial reservado aos seres humanos de boa índole. Sim, a minha lógica humana concorda que os que agem bem merecem uma vida de prazer e felicidade e que os que agem mal devem pagar e sofrer por seus atos, entretanto, não posso deixar de pensar que essa não é uma garantia para o pós-vida. Apesar de estar escrito em livros sagrados que exista um pós-vida e que existem regras para o que deve acontecer então, nada me convence de pensar que tudo isso não passa da criatividade bem-intencionada de nossos queridos irmãos do passado, e nada mais. Não há de fato nenhuma garantia, além da fé, de que as coisas assim de fato o sejam. Confesso que até me angustia pensar da forma que aqui me proponho divagar, mas afirmo que não consigo ser hipócrita comigo mesmo em acreditar em algo pelo simples fato de me agradar mais do que não acreditar.

Incutir o medo nas pessoas, eis aqui uma justificativa para a criação desse e de tantos outros infernos. Imbuir o medo em nossas mentes faz restringir nossa capacidade lógica de interpretar o mundo. As verdades religiosas, os pecados condenatórios, as forças do além, fazem-nos ter calafrios de medo a respeito de tudo aquilo que não compreendemos. A religião é uma luz negra que nos faz permanecer crianças com medo do escuro mesmo depois de adultos. A criança tem medo do

desconhecido porque ela tem uma imaginação muito produtiva, os adultos têm medo do escuro do inferno porque deixam de usar a mesma mente que poderia ser a luz libertadora em suas vidas.

O inferno é um medo de um desconhecido muito conhecido de todos nós. Normalmente, as pessoas que nascem no berço de uma determinada religião tendem a aderir àquela religião. Se for uma religião mais permissiva, essa pessoa até terá a chance de mais tarde abdicar de suas crenças ou até partir para novas crenças. Se for uma religião autoritária, dificilmente conseguirá escapar de tais garras. No entanto, fato é que nomenclaturas como inferno, paraíso, Deus permearão a vida de qualquer ser humano por toda a existência desse ser, quer ele acredite ou não em tudo isso. É como se nossos pais e as religiões ao nosso redor continuassem a afirmar que Papai Noel existe. Mesmo com a capacidade lógica de raciocinar que Deus não existe, o fato de nossos pais e de tantas outras pessoas continuarem a afirmar não apenas que tal entidade existe, mas que algumas pessoas até são capazes de falar com ele, é difícil desvencilhar-se de tal crença, ainda mais para o caso em que nos é forçado a crer que aqueles que não creem serão enviados ao inferno.

Em certas ocasiões, para compreender o absurdo de um conceito, basta trocar os nomes que damos às coisas por outros. Por exemplo, podemos trocar o nome de Deus por Papai Noel e o nome do Coelhoinho da Páscoa por Lúcifer. Além do mais, em nosso exemplo o Coelhoinho da Pascoa será, ludicamente falando, o inimigo do Papai Noel. Assim como é absurdo pensar assim, apenas substituindo as palavras Papai Noel por Deus, e Coelhoinho da Páscoa por Demônio, as coisas não melhoraram muito de perspectiva se mantivermos nossos conceitos de Deus e Diabo. Mas por algum motivo,

vivemos essa paranoia social de que existem entidades para além da vida às quais ninguém nunca viu e com quem nunca falou, mas das quais tanto se houve falar, que acabamos pelo menos ficando desconfiados de que elas existem. Nós nunca vimos o papai Deus, mas tanta gente fala nele que talvez muito provavelmente ele deva de fato existir. E se não acreditarmos nele e não seguirmos sua lista de recomendações de ações, então iremos parar em um inferno eterno. A diferença entre Papai Noel e Deus e Coelhoinho da Páscoa e Demônio é que nos primeiros deixamos de acreditar quando crescemos, enquanto que nos segundos continuamos a acreditar depois de adultos. Contudo, se não fossem nossos pais dizerem para nós que aqueles personagens infantis não existem, provavelmente muitos adultos ainda hoje continuariam a acreditar na realidade deles. Algumas pessoas, com o uso da razão, até conseguem se desvencilhar da crença cega na realidade de Deus e Demônio, outros ainda passam a desenvolver uma fé baseada em uma lógica mais crítica e racional do que aquelas de quando éramos crianças. Nunca perguntei a um ateu sobre isso, mas abdicar totalmente da noção de inferno não deve ser de imediato assim basicamente simples de incorporar em sua noção cognitiva. Quem sabe um resquício de dúvida ainda possa ficar instalado, assim como aquela insistente permanência da poeira sobre os móveis recentemente limpos. Há certos cantinhos que por mais que limpemos, sempre ficam um pouco sujos.

A única verdade é que a nossa incerteza quanto ao pós-vida é tão completa e fantasiosa que nós poderíamos muito bem inverter a lógica e dizer que aqueles que se comportam muito mal irão para o paraíso, e aqueles que se comportam muito bem vão para o inferno, com a mesma total falta de prova tanto para um argumento quanto para o outro. Poderíamos dizer que no inferno

peessoas que odeiam salada seriam obrigadas a comer salada todos os dias pela eternidade. E para os que amam chocolate o paraíso seria comer os melhores chocolates todos os dias sem nunca se faltar, sem nunca enjoar e sem nunca engordar, sentido sempre a cada mordida o mesmo prazer que se sente na primeira mordida. O meu posicionamento quanto a tudo é o de que eu não vejo problema nenhum de divagarmos sobre ideias com relação a qualquer coisa sobre esta vida ou sobre a realidade do pós-vir, o meu problema com tudo isso é a imposição de conceitos que ninguém pode comprovar ou a postura de não admitir a dúvida como base da argumentação. Por mim tudo bem determinada religião acreditar no inferno, mas não admitir que isso é apenas um conceito e não uma certeza é o que gera em mim incômodo. De forma geral, as religiões não parecem lidar muito bem com a liberdade da incerteza.

Algumas pessoas afirmam poder se comunicar com pessoas do outro lado, com pessoas que já morreram. Outras dizem que nós não vamos para o paraíso ou para o inferno, mas que reencarnamos aqui na Terra (o que não deixa de ser uma forma de inferno). Nosso cérebro é tão poderoso que ele é capaz de produzir as mais diversas artimanhas psicológicas em nossa psique. Entretanto, a única verdade absoluta a respeito de qualquer coisa que venha a acontecer após a vida é a incerteza. Ninguém sabe absolutamente qualquer coisa do que virá a acontecer com qualquer ser humano uma vez que a vida deixar de existir em nós. Mesmo quem se diz poder ouvir os mortos não tem prova nenhuma de que aquilo é a verdade, e não apenas uma esquizofrenia. A beleza da vida está unicamente e paradoxalmente no fato de ninguém saber o que vem depois. Se existe uma força criadora e se existe qualquer inferno ou paraíso, isso não está explícito por

Deus. A prova disso é que para cada religião há uma forma diferente de interpretar essas ideias. Se Deus de fato existisse e ele tanto quisesse nos precaver do que viria após a vida dependendo de nossas ações aqui na Terra, ele teria muito bem toda a capacidade de esclarecer esses pormenores de uma vez por todas. Se ele realmente não quisesse que fôssemos parar no inferno, nada mais justo seria que todos fossem explicitamente advertidos e que a prova da existência do inferno fosse indubitavelmente comprovada, então sim, poderíamos viver com mais convicção das ações que tomaríamos.

A propósito, seria recomendável a Deus que ele fizesse como nos treinamentos de autoescola e fizesse com todos os seres humanos um treinamento existencial e nos passasse um filme mostrando quais as consequências de nossos atos no pós-vida, assim como fazem na autoescola, na qual mostram filmes de motoristas imprudentes que se envolvem em acidentes fatais, muitas vezes envolvendo vítimas inocentes. Então seria mais ou menos da mesma forma, um alerta a todos que diria para termos cuidados com nossas ações, senão seríamos enviados ao inferno eterno e, não obstante, ainda poderíamos em virtude de nossas ações ainda trazer outras pessoas conosco. Verdade seja dita, esse sistema de realidade criada por Deus dá margem para muitas absolvições contra idas ao inferno. Eu se fosse sentenciado ao inferno usaria como argumento o fato de nunca ter sido a mim esclarecido com evidências fundamentadas as consequências de meus atos e acima de tudo a mim nunca ter sido mostrado qualquer evidência a respeito da existência do inferno, muito menos do paraíso, e que não posso ser julgado ao inferno para a eternidade baseado em leis tão vagas. Se no pós-vida existem advogados, eles devem se deparar com esse tipo de caso frequentemente.

Convenhamos, Deus teria que ser alguém muito sarcástico para condenar ao inferno eternos seres tão sujeitos ao pecado e ao erro como nós. Um ser que é capaz de criar coisas tão formidáveis como o universo inteiro com seus planetas, e um planeta Terra com seres humanos e outros seres vivos, só pode ser um ser admirável e genial, caso ele exista. O único ser que eu conheço capaz de manchar uma obra de arte tão linda com esta é o próprio ser humano. O ser humano consegue destruir a criação por meio da violência gratuita. O ser humano consegue matar brutalmente outro ser humano sem nenhum motivo. O inferno é algo brutal. Somente o ser humano seria malignamente engenhoso o suficiente para não apenas criar condições de sofrimento na Terra, mas ainda pensar em como poderia ser terrível o pós-vida a ponto de criar algo tão nefasto como um inferno eterno. Pense nas três grandes religiões da Terra: catolicismo, islamismo e judaísmo. Três religiões que falam do inferno para aqueles que pecam, entretanto, essas três religiões são as responsáveis pelas maiores atrocidades que a humanidade já conheceu. Três religiões preconceituosas que vivem condenando seres humanos ao inferno. O islamismo não se contenta em condenar ao inferno pós-vida, mas se encarrega de antecipar a condenação daqueles que considera pecadores. O catolicismo já fez isso também no passado. Imaginem que para os católicos não bastava apenas condenar ao inferno, mas faziam questão de imputar torturas e sofrimentos bestiais às suas vítimas. E o judaísmo não fica para trás, com suas justificativas alucinógenas para invadir outras nações levando destruição a povos que não pertenciam à sua religião abençoada por Deus, tudo isso está detalhado em seu livro sagrado. É claro, é muito fácil para as religiões agirem com tal atrocidade e saírem ilesas, pois a religião

em si não é uma pessoa, mas apenas uma entidade, logo, não pode ser responsabilizada. Entretanto, cada ser humano que se filia a qualquer uma delas pode e deve ser responsabilizado pelas atrocidades que a sua religião comete, pois a religião só pode ser feita de pessoas. Nenhum deles irá para o inferno pelos atos que cometeram, mas com certeza muitos desses representantes religiosos foram eficientes o suficiente para trazer o inferno e a punição para outros seres humanos aqui na Terra.

Três religiões que discordam entre si em muitos pontos, mas convergem naqueles que mais trazem desolo a nós seres humanos: um inferno terrível, um paraíso chato e um Deus que ama a humanidade, mas é punitivo. E as outras religiões não ficam para trás em absurdos. Espíritas surgiram a partir do século XIX com todo um novo corpo de doutrinas que antes não existia, principalmente com a possibilidade de comunicar-se com mortos e a doutrina da reencarnação. Nem abordaremos outras religiões tão mais antigas como o budismo e o hinduísmo. Sem falar de qualquer outra religião que já tenha caído em desuso. Há também o satanismo, que é a adoração do oposto da divindade. E há também, e por que não chamar de religião, o ateísmo, cuja doutrina é acreditar que não acreditam, e paradoxalmente provar a não realidade de algo que acreditam não existir. Alguns seres humanos estão a tal ponto convencidos de que o inferno existe que eles fizeram questão de trazer uma pitada de prova grátis por meio de todas essas religiões e ideologias. O inferno, poderíamos dizer, é na verdade cada uma dessas religiões.

A culpa de tudo isso não é de Deus. Pois é claro que ele não tem como esclarecer a todos de uma vez por todas um tópico que não existe. Não foi ele quem criou toda essa confusão. Não há um manual de instruções para a vida que explique a melhor forma de viver e as

devidas consequências de uma existência assim ou de outro jeito porque simplesmente não existe esse tipo de regra. Tudo isso que é absurdo foi criado pela ingênua e cruel imaginação do próprio ser humano. A única regra da criação (no que não se refere à natureza observável e regida por leis universais) é a incerteza. O único propósito da criação é desfrutar desta vida tão cheia de encantos. Não faz parte da nossa experiência de vida saber o que acontece depois, assim como não cabe a nós saber o que acontece com nossa vida daqui a dez anos ou dez minutos. Veja bem que eu não estou afirmando que o inferno não existe, eu apenas estou afirmando que ninguém sabe se de fato ele existe, da mesma forma que eu não afirmo que o Papai Noel não exista, eu apenas afirmo que ninguém sabe se ele existe, ou na verdade o Papai Noel até exista sim, mas meramente como um conceito criado pelos homens, e ainda por cima encenado por eles. Curioso eu pensar isso, pois daqui surge ainda outra suspeita se fizermos um paralelo com a existência de Deus. Espero que você tenha acompanhado o raciocínio e feito o mesmo paralelo que eu com a ideia de Deus e de Papai Noel. Assim como o ser humano vez por outra se fantasia de Papai Noel, também da mesma forma às vezes se fantasia de Deus.

A culpa de toda essa confusão é nossa, dos seres humanos. Agraciados que fomos com um aparato de raciocínio lógico tão possante quanto o cérebro, deixamos nos ludibriar por qualquer coisa que ouvimos sem nos defender com o uso da razão. Pobres daqueles que nascem no berço de uma doutrina ditatorial e que não têm a liberdade física de lutar contra esse tipo de atrocidade, e que precisam viver em um inferno na própria Terra. Mas pobres daqueles também que até vivem em uma sociedade liberal, mas que escolhem por conta própria, enganados por demônios humanos, viver em um inferno de ilusões

dogmáticas. A nós foi dada a capacidade de viver e prestigiar as belezas da vida, mas por um escorregão da nossa capacidade intelectual nos aprisionamos muitas vezes na mentira. Pensar é difícil e cansativo, então muitas vezes a culpa é nossa por escolher o caminho do conforto de uma religião que nos prega a promessa de um paraíso em detrimento da nossa capacidade de racionalizar. Alguns nos induzem ao erro por pura bestialidade, com a única intenção de sugar nossas energias psíquicas e financeiras, enquanto outros agem por acreditar que fazem o certo.

Fato é que se Deus de fato existe ele está muito acima de nossa compreensão, de nossa capacidade de raciocinar, que apesar de ser tão poderosa não consegue compreender o que Deus é. Se Deus existe, ele está muito acima de toda essa nossa maldade, dessa nossa necessidade de encontrar conforto na punição daqueles que nos fazem mal. Provavelmente Deus perdoará a todos nós após a vida, afinal de contas, quem de nós de fato mereceria ir para qualquer paraíso e não para o inferno? Deus está tão acima de tudo o que nós pensamos e inventamos que ele irá perdoar até mesmo todas as pessoas que fizeram um desserviço tão maligno contra a Sua própria obra. Ele vai perdoar a todos nós independentemente de religião ou de maldade cometida. Ele vai perdoar Hitler, o Diabo, eu, você, os padres católicos da inquisição, os califas muçulmanos, os rabis judeus, os satanistas, os estupradores, os ladrões, os políticos, todos, e qualquer um. Mas ele perdoará principalmente aqueles que se achavam dignos de receber as bênçãos do paraíso, não porque eles fizeram o que era certo, mas porque eles eram dignos de piedade em virtude de sua pobreza de espírito, e falta de uso da capacidade mais relacionada com o divino que possa existir: pensar.

Capítulo VIII — Eu viverei para sempre

Existe um cientista inglês chamado Aubrey de Grey, responsável pelo estudo que visa a encontrar a cura para o envelhecimento. Segundo o pesquisador, é possível tratar o envelhecimento do ser humano da mesma forma como se trata do desgaste das peças em um veículo. Fazendo-se a devida manutenção tanto de um como de outro, seria possível manter a perfeita condição de uso de ambos por quanto tempo fosse possível fazer sua manutenção. Contudo, é claro, que não se sofra um acidente grave e irreparável.

Imagine você que seguindo essa lógica seria possível viver aqui na Terra para sempre, ou que pelo menos por muito mais tempo do que atualmente se é possível viver. Pense que seria por meio da descoberta dessa cura para o envelhecimento possível viver algo em torno de três mil anos. Novamente, exceto naqueles casos em que se sofre um acidente trágico, pois nesse caso a morte é inevitável. Mas se a vida assim decorresse, sem maiores percalços, subtraindo-se as doenças que degeneram o corpo e trazem a vida ao seu fim, poder-se-ia então espichar a permanência aqui na Terra.

Sem querer soar sorumbático, preciso dizer que a morte parece ser um processo muito natural que precisa em algum momento acontecer, mas que eu não quero nem depressivamente antecipar, mas também nem receosamente evitar. Alguns não suportam a vida e

outros receiam a morte. Por mais que a morte seja um processo natural da passagem terrestre, o que antes era uma certeza, agora passará a ser uma dúvida: será que de fato precisaremos morrer? E com isso virá a pergunta a qual todos provavelmente teremos que responder, será que eu quero viver para sempre? Eu de minha parte não quero morrer jovem, mas não quero viver para sempre, e nem mesmo viver demais. Para mim, 137 acredito ser um espaço de tempo suficiente para fazer muito; mais do que isso seria exagero.

Entrementes, não seria a morte uma invenção do próprio ser humano? Não teremos nós meramente nos habituado a acreditar que a morte existe, e que após um determinado tempo de vida precisamos invariavelmente morrer, sucumbindo, portanto, voluntariamente a essa ideia? E se em vez de acreditar que a morte é uma certeza, passássemos a acreditar que viver para sempre é possível, naturalmente, sem fazer mão da ciência de Aubrey de Grey, não seria isso, quem sabe, plausível? Não será talvez possível que haja pessoas no mundo que já vivem desde que nasceram sem jamais terem saboreado a morte por mais tempo do que seria humanamente aceitável? E se em vez de acreditarmos que um dia iremos morrer, passássemos a acreditar piamente que viveremos para sempre, ou por quanto tempo acharmos bem vivermos, não teríamos quem sabe a força para tornar real tal pensamento?

Quem foi que disse que precisamos morrer? Fomos ensinados que um dia morreremos, e apesar de não querer, ainda assim nos entregamos a ela, mesmo que apesar de às vezes lutar, mas sem a contradizer de fato. Afinal de contas, a vida eterna aqui na Terra não me parece uma inadmissibilidade. No entanto, sim, acho pouco provável que apenas com a força do meu pensamento eu consiga

despistar a morte, mas também sim, acredito plausível poder com minha positividade poder alcançar os 137 anos. Penso nesse número pelo simples fato de ser a idade de vida do personagem bíblico Ismael, e por ser também um número acima do que hoje em dia pareça ser possível ser alcançado pelo homem. Fico imaginando se daqui a cem anos as pessoas já possam viver muito mais do que isso e leiam este livro e a minha intenção de viver por 137 anos e pensem no quão pouco ambicioso eu fui ao ter estipulado minha vontade de viver.

De qualquer forma, pensar em viver para sempre ou acreditar possível viver por muito mais tempo do que sempre pareceu possível ser é uma quebra de paradigma que por si só me parece muito interessante ser pensado. Existem cada vez mais impossíveis que passam a ser possibilidades em nossa sociedade moderna. Muitos impossíveis eram assim definidos muitas vezes apenas porque havíamos nos acostumado a acreditar neles. Existem tantas possibilidades que ganham vida a partir da mente de pessoas dispostas a quebrar velhos paradigmas. Eu acredito que eu poderia viver para sempre, mas vou me contentar com um número por mim mesmo estabelecido. E assim como penso poder sobrepujar essa impossibilidade de viver para sempre, também da mesma forma vou sobrelevar tantas outras impossibilidades. Muitos “nãos” eu ouvirei ao longo do caminho e muitas racionais impossibilidades, e a todas elas ignorarei, não como um louco, mas como um ser lúcido e consciente de minhas próprias capacidades.

Fato é que a vida em si sempre foi eterna. Quem morre são os indivíduos, sejam eles humanos, plantas ou animais, porque a vida nunca para. Para nós a experiência de vida tem prazo de validade porque a vida quer ser vista por diversos ângulos e por diversos olhos. A vida é eterna,

mas ela quer ser usufruída por todas as formas de vida possíveis. A vida é muito democrática. Ela quer que todos a vejam com a mesma oportunidade. Ela quer que todos desfrutem dessa possibilidade. Mas para que assim seja, é preciso que toda forma de vida existente venha, e depois de um tempo, vá. Não partir seria querer trapacear a regra da vida. A regra da vida é igual para todos. Todos recebem a chance de experimentar existir, e também é necessário dar espaço para que outros venham depois. Não apenas humanos, mas toda e qualquer forma de vida. A vida é plural. Ela inventou existir, então somente ela pode quebrar essa regra. Somente ela pode ser eterna. Mas para todo o resto, o tempo é condicionado.

É convencional ao ser humano querer sempre mais do que lhe é dado. Claro. Quantas não são as vezes que pouco sabemos apreciar a minúcia que temos e ainda queremos mais. Querer viver para sempre é como o obeso que quer comer tudo o que vê. A ele bastaria um pouco, e se bem saboreado, seu prazer também seria saciado, mas nem o muito lhe satisfaz, nem o dá mais prazer. Viver para sempre, pior do que ter de morrer, seria uma sentença de vida insípida. A pouca urgência que agora temos para saborear cada gole da vida seria transformado em uma inextinguível fonte de tédio. Os criminosos não seriam mais condenados à morte, pois com a morte findam os problemas e o mal, mas eles seriam em contrapartida agora condenados à vida eterna. A vontade de viver para sempre acabará no momento em que encontrarmos a fórmula para a longevidade, então haveremos de querer o direito de voltar a morrer. A natureza é tão generosa e sábia que ela nos dará aquilo que queremos, pois ela sabe que tudo voltará ao normal quando alcançarmos nossos desejos, e então voltaremos a querer aquilo que a todos lhes é conferido como justo: a morte.

Eu de minha parte não quero nem o tudo que não me cabe, nem o nada que já nem me pertence mais, contudo, quero um pouco mais daquilo que muitos têm, não porque sou ganancioso, mas porque os outros muitas vezes não são ambiciosos naquilo que mais precioso lhes é dado: a vida. Para mim, querer viver apenas um pouco mais do que a média é uma demonstração de gratidão e apreciação por isso que tanto me encanta: este momento aqui.

Eu viverei para sempre na compreensão de que a vida não acaba. A vida em si é eterna. Apesar de eu deixar de desfrutar de sua companhia em algum momento que inevitavelmente chegará, ela, contudo, continuará. Nós partimos, cada um ao seu tempo, mas ela, a vida, continua para sempre, não apenas na forma humana, mas em todas as suas formas, desde as plantas até a luz. Em um dado período da concepção da vida o homem não fazia parte de sua realidade no passado, e acredito que a mesma coisa pode acontecer no futuro. É provável que assim como algumas espécies entram em extinção, quem sabe o homem também um dia será extinto. Entretanto, eu não me preocuparia em salvar a humanidade da extinção, pois o que importa é que a vida em si é eterna.

Capítulo IX — Número nove

“Open your books to page number five” (abram seus livros na página número cinco), mas no fundo da minha mente se repetia sempre que eu dizia essa frase nas aulas de inglês um número diferente: *number nine; number nine; number nine*. Em algum momento da minha vida, quando eu fui professor de inglês, isso teve início. Todas as vezes que eu pedia para os alunos abrirem os livros em alguma página, não importava a página que eu dissesse, no fundo da minha mente começava a se repetir a frase, com uma voz masculina grave: *number nine; number nine; number nine*. Não era o som da minha própria voz quem falava, mas sim uma outra voz, masculina e grave. Mas de quem seria essa voz? E por que ela insistia em invadir a minha mente sempre que a palavra em forma de gatilho “number” era disparada? Eu realmente não fazia a mínima ideia.

Quando isso começou a acontecer eu deveria de estar com aproximadamente 23 anos de idade. Eu era professor de inglês. E o número nove não significava absolutamente nada para mim. Até que certa noite eu estava na casa de um amigo com outros amigos e amigas. Até que uma delas me aborda e pergunta qual era a música psicodélica dos Beatles. Eu não conhecia praticamente nada de Beatles, a não ser algumas poucas das músicas mais populares, até porque nessa época eu nem gostava muito de Beatles, logo, não era o tipo de pessoa que escutava Beatles em casa, por exemplo. De qualquer forma respondi a essa amiga que

eu apenas conhecia a música psicodélica “Lucy in the Sky with Diamonds” e que faz referência à LSD por causa das iniciais de suas palavras. Infelizmente não era por essa música que ela procurava e acabamos não descobrindo qual era a tal da música. Enfim, a noite foi longa e eu estava cansado, eu lembro que fui deitar um pouco no quarto desse meu amigo e em vez de um cochilo, acabei dormindo. Foi então que por volta de algum momento já muito avançado da noite, quem sabe quase manhã já, começou em minha mente aquela voz masculina e grave a se repetir: *number nine; number nine; number nine*. Aos poucos eu fui acordando e o que primeiro era apenas um sonho foi aos poucos se convertendo em realidade, e aquela voz foi se materializando fora da minha mente, e paulatinamente fui percebendo que a voz que antes vinha da minha mente agora vinha das caixas de som de um rádio perto de mim. Na pouca luz que vinha da cozinha perto do quarto que estava na escuridão era possível distinguir a forma de meu amigo sentado em uma cadeira em frente ao computador que estava conectado ao rádio, e era dali que vinha aquela voz. Então, meio que sonolentamente, ainda meio que dormindo, ainda acordando, perguntei a ele o que estava acontecendo, e ele me disse que estava escutando a uma música dos Beatles que a nossa amiga havia lembrado ser uma música muito psicodélica. E o nome da tal música era “Revolution 9”. E nessa canção no início e em algumas outras partes, há uma voz que repete a frase: *number nine; number nine; number nine*.

Eu nem lembro muito bem recordando hoje em dia como de fato eu me senti naquele momento, até porque eu ainda estava muito letárgico, mas o fato é que aquele foi um dos momentos mais estranhos da minha vida, porque aparentemente eu estava me deparando com uma composição musical que eu já conhecia, embora

sem nunca a ter ouvido. Ou pelo menos eu achava que nunca tinha ouvido. E a probabilidade de eu já ter algum dia ouvido aquela interpretação e não lembrar é muito baixa, porque como disse, eu não era fã de Beatles e não escutava essa banda em casa, e também até hoje, sempre que eu pergunto para as pessoas se elas conhecem a música “Revolution 9” dos Beatles, nunca encontrei alguém que conhecesse, mesmo fãs do grupo, então a probabilidade de eu ter sido influenciado por outra pessoa do meu círculo de amigos também é muito baixa. Mas fato é que a partir daquele dia o número nove passaria a fazer parte significativa de minha vida.

Hoje em dia para onde quer que eu olhe eu vejo o número nove. É óbvio que eu sei que isso não se deve ao fato de esse número estar presente em tudo, mas sim pelo fato de eu prestar mais atenção a ele, e logo, conseqüentemente, notá-lo mais do que qualquer outro número. De qualquer forma passei a utilizar esse fato como inspiração para justamente brincar com esse número e adotá-lo como uma espécie de amuleto. Não consigo lembrar a primeira vez que o associei a alguma coisa, mas passei a fazer várias associações. A mais marcante delas é com a minha própria marca: Intuition. Essa marca tem nove letras e termina com a letra n, de nove. Depois lancei o álbum “Intuition” com nove músicas. Se eu tivesse seguido na carreira musical, eu teria sempre lançado álbuns que tivessem como título palavras de nove letras e nove músicas. Para os livros eu não sigo a mesma inspiração porque parecia ficar muito óbvio e meramente repetitivo.

Claro que se procurarmos existem muitos fatos curiosos sobre qualquer número e teorias não faltariam para transbordar de misticismo qualquer um que aleatoriamente escolhêssemos. De qualquer forma, foi

curioso descobrir de meu professor de filosofia em janeiro de 2014, quando eu completei 27 anos ($2+7=9$), que esse número significa conclusão ou fechamento de um ciclo. Resolvi então naquele ano dar fechamento a vários ciclos que eu havia iniciado e não me dera o trabalho final de concluir. Foi naquele ano que eu finalizei tanto o álbum conceitual “Intuition” e o livro *Intuição*. Se pesquisarmos, descobriremos também que a idade de 27 anos é popular entre artistas, sendo a idade em que um grande número deles morreu. Para mim, 27 é um número curioso, pois a soma de dois mais sete tem como resultado o nove. Aliás, isso é outra brincadeira que eu passei a fazer, tentar encontrar o número nove nos lugares menos prováveis, fazendo para isso todo um esforço matemático improvável para chegar ao somatório nove. Outras associações que fiz ao longo do tempo são: a minha cidade contém nove letras, Sapiiranga, logo, essa é uma cidade com significado muito importante para mim. Aliás, os próprios Beatles são de uma cidade chamada Liverpool, também com nove letras. Nove também é a quantidade de meses de gestação de um bebê. No livro de Dante Alighieri, nove é a quantidade de círculos do inferno. Jesus viveu 33 anos ($3 \times 3 = 9$). Eu poderia continuar infinitamente encontrando analogias ao número nove de tanto tempo e atenção que dediquei a esse fato.

Outra analogia que sempre faço em minha mente é com o signo de aquário, pelo fato claro de eu ser aquariano. Por causa disso eu sempre procuro referências artísticas, políticas, esportivas que tenham nascido no período de aquário. Essas personalidades servem para mim de inspiração. Uma característica comum às pessoas desse signo nos meios de atuação profissional é serem pessoas criativas, excêntricas e com coragem suficiente para acreditarem em seus talentos e ideias, por mais absurdas

que possam parecer. Todos aqueles que têm ideias sabem o quão difícil é colocá-las em prática. Uma pitada de coragem é sempre um ingrediente muito importante quando se busca fazer algo novo, pois as críticas com certeza virão, e enquanto é muito bom ouvir palavras de incentivo e elogio, por outro lado pode ser muito duro e até frustrante ouvir palavras ríspidas de desincentivo. No entanto, nada de novo é feito sem uma dose de ilógica e erro. Portanto, nem os elogios nem as críticas devem servir de combustível emocional às nossas ações, mas sim o simples fato de termos a obrigação de expormos nossas ideias da forma como elas nos vêm, e sempre aqui e ali irmos ajustando-as de acordo com nossas novas inspirações.

Por óbvio que não há em nada disso que aqui eu disse qualquer coisa de científico, tanto com relação ao número nove ou com as analogias que faço ao signo de aquário. Sei também que elas podem soar por demais irracionais, e até mesmo infantis. Bem, esse é um risco que eu corro ao expor tais ideias. Mas o fato por trás de eu trazer esses pensamentos à tona é o de mostrar que somente nós seres humanos somos capazes de dar um toque de mágica à vida. Somente a nós enquanto uma das tantas espécies da natureza é dado colorir a realidade com ideias mágicas puramente imaginativas. Somos detentores dessa capacidade de sonhar, pensar, criar, inovar, imaginar, que não é dada a outras espécies. Então, podemos ver o número nove em tudo o que olhamos e nos encantarmos e nos sentirmos felizes sem motivo nenhum aparente. Podemos fazer relações com o nosso signo e com o signo de outras pessoas para pintar com um pouco mais de brilho nossas relações pessoais, e até para nos conectarmos com pessoas que por qualquer outra razão não teríamos motivo nenhum para nos conectarmos. Então por ser de aquário posso me

considerar irmão de um artista famoso que também é do mesmo signo, simplesmente porque a minha capacidade criativa assim achou por bem pensar. Não é possível estabelecer qualquer relação lógica com nada disso que eu disse e a vida que vivemos, mas acredito poder ser completamente possível e necessário dar cor e vida à realidade que nos é presenteada. A propósito, mesmo as coisas cientificamente comprovadas não deixam de ter uma mágica e encantamento difícil de ser compreendido. Por exemplo, vejamos a força da gravidade. A ciência explica o que ela é, e mesmo que não possamos nem a ver, cheirá-la ou tocá-la, ela aí está. E para mim isso é mágico, uma força invisível que atua sobre todos os corpos do universo. Uma lei que se aplica a tudo em todo o universo. Se eu estudo a gravidade apenas com os olhos da ciência, ela pode ser apenas mais um fato científico para mim, mas se, além disso, eu também vejo a gravidade com os olhos da imaginação e do encantamento, então a própria vida ganha um novo sabor e significado. Por falar nisso, a palavra gravidade tem nove letras.

Capítulo X — Jesus

Sempre me incomodou ver que Jesus é tratado como um objeto de posse da religião. Interpretado pelas religiões, ele é mantido sob uma áurea de santidade e intocabilidade. Jesus é transformado em um ser inalcançável pelas igrejas e, obviamente, em um ser diametralmente oposto, um asco, àqueles que não se consideram religiosos. Repudio a forma como a igreja aborda esse personagem histórico, e compreendo o ponto de vista de todos que se consideram ateus, abrangendo, eu sei, uma esfera maior do que apenas a cristã, ou aqueles que se dizem anticristãos.

Eu gostaria de ver Jesus sendo abordado de um ponto de vista histórico e filosófico, de maneira leve e também, por que não, engraçada. Ao ler os evangelhos de Cristo percebo muito de humor em algumas ações daquele homem. Vejo uma grandiosidade em seus gestos simples e muita diversão em sua forma de viver despreendida de toda essa roupagem de seriedade que é atribuída a ele.

O primeiro milagre que aparece na ordem dos escritos da Bíblia é ele transformando a água em vinho e esse gesto tem para mim um impacto muito forte no momento em que tentamos compreender a sua passagem aqui pela Terra. Para mim é como se ele quisesse dizer para nós que ele veio para estar no meio de nós até mesmo nas situações mais simples, não julgando, mas fazendo parte, nos momentos oportunos, ajudando, ou ensinando, e nos momentos menos oportunos, apenas nos deixando viver de nosso jeito, mesmo que às vezes errado. No caso da

transformação da água em vinho, o primeiro milagre que nos é apresentado, ele estava em uma festa de casamento; logo, ele era um cara querido pelas pessoas do seu povo, seus amigos, e era convidado para festas, e ele ia às festas, ele não se fazia de santo imaculado que não podia ir a esse tipo de evento. Depois as pessoas lhe pedem que ajude com um problema muito constrangedor para uma festa de casamento: o vinho havia acabado. Ou seja, o que interpretar dessa situação? Imagine-se você como anfitrião dessa festa. Uma de suas mais altas preocupações é com os alimentos e bebidas que são servidos, e justamente um dos itens mais importantes para as festas de casamento daquela época havia acabado. Qual não seria a sua vergonha como anfitrião em um momento como esse? As pessoas tinham tomado todo vinho. É de se esperar que para uma celebração o dono da festa compre muitos comes e bebes, sabendo que os convidados de qualquer evento de casamento vão para a celebração principalmente para comer e beber. Qualquer pessoa sabe disso, então, provavelmente os organizadores dessa festa tinham comprado muito vinho. Com base nisso é possível inferir que eles estavam embriagados, pois tinham tomado todo o álcool daquele evento. Além de tudo, eles ainda vão importunar o todo poderoso Jesus com um fato que não é nem de perto sua responsabilidade, e se ainda interpretarmos Jesus sob a ótica da seriedade religiosa imaginaríamos que o Mestre inclusive reprovaria servir álcool em uma celebração como aquela.

Então, se beberam todo o vinho, que devia de ser muito, pode-se imaginar que eles de fato estavam embriagados naquele momento.

Estavam ébrios ao ponto de não medirem seus atos diante de tamanha autoridade ou pelo simples fato de Jesus não ser um ser assim tão distante da realidade

daquelas pessoas humildes, ao ponto de sentirem-se à vontade para falar com ele de igual para igual, muito diferente da maneira como as igrejas nos apresentam esse ser. Um ponto muito importante a se notar na história narrada desse episódio é o de que Jesus não atende prontamente a essa solicitação. Ele inclusive parece ser ríspido com a sua mãe quando ela lhe solicita ajuda em nome das pessoas que vieram até ela falar do problema do vinho. Ele parece ter dito a ela algo como: “Mulher, que tenho eu a ver com isso?” Palavras duras, não? Numa situação dessas hoje em dia, das três uma: ou a mulher ficaria ofendida com a grosseria de um homem assim e exporia tal sentimento; ou ela se submeteria ao machismo de um homem tão arrogante; ou mostraria a ele quem manda de verdade. No caso de Maria, ela foi pela terceira via. Simplesmente ignorou a gafe grosseira de Jesus e disse aos homens que fizessem tudo o que ele dissesse que fizessem. Imagine o constrangimento de Jesus ao ver sua autoridade simplesmente ignorada. Mas eis aqui um ensinamento importante: nós homens devemos respeitar as mulheres, e pronto, elas são mais humildes e sábias que os homens. Enfim, por último, o que Jesus finalmente faz é transformar alguns barris de água em vinho. Mas não em qualquer vinho, mas sim no melhor vinho, segundo a opinião daqueles que estavam na situação. Outro ensinamento aqui é de que, se é para fazer qualquer coisa, mesmo que contra a vontade, que seja bem feito.

Contudo, é apenas agora que vem o ponto-chave de toda essa história. Jesus estava em uma balada daquela época, em uma festa, foi interpelado por bêbados que já tinham bebido todo o vinho para que os ajudasse com a atrapalhada organização, e ele, o grande senhor Jesus, em resposta a tudo aquilo, não larga uma palavra sequer de repreensão contra aqueles meros seres humanos. Pelo

contrário, ele ainda transforma água pura e sem gosto em um vinho de ótima qualidade, como se dissesse àqueles homens: “Muito bem, instigo-os a beber ainda mais, pois é agora que a parte boa da festa começa, sejam felizes.” Jesus não estava ali para estragar a celebração de ninguém. Não estava ali para acabar com a felicidade, por mais que injustificada daquelas pessoas. Ele sabia que os noivos ficariam constrangidos se soubessem que havia faltado bebida em sua cerimônia, que as pessoas iam falar mal deles e manchar um momento tão especial na vida daquele jovem casal. A vida já era feita de tantas dificuldades, e Jesus preferiu usar a sua sabedoria e poder sobrenatural para ajudar aquelas pessoas em algo tão mundano.

Jesus era acima de tudo um cara muito simples, com indícios de estresse como qualquer outro ser humano, e uma capacidade de ser uma pessoa bacana como poucas. Que cara legal esse Jesus. Nada de *glamour* em sua existência. Nenhum indício de superioridade. Acima de tudo simplicidade. Com certeza não tinha freio na língua. Falava o que pensava. Quando precisava repreender, chegava a ser grosseiro às vezes. Era rude em algumas passagens. Foi genial e sobre-humano em algumas questões, mas foi tão humano quanto nós em tantas outras, mas acima de tudo, foi sensivelmente humano no que tangia estar sempre pronto a estar em contato com o cotidiano das pessoas. Não viveu em nenhum palácio para se proteger dos perigos ou dos inconvenientes que uma pessoa famosa vive. Não se escondeu dos pobres, dos bêbados, dos ladrões, dos fofoqueiros, dos mentirosos, dos assassinos. Muito pelo contrário, quando andava era tocado e esmagado por eles. Em outras passagens era constrangido por gritos de clamor, e em vez de sair correndo com vergonha, esse cara legal parava e conversava, e se a situação pedia, repreendia. Ele não

tratava as pessoas com pena, mas com Amor e sinceridade. Não guardava palavras para não ofender, mas expressava o que precisava ser dito, pois não vivia entre nós como um amigo querido, mas como um irmão sincero que quer acima de tudo o nosso bem.

Fico imaginando como teria sido algumas releituras de algumas passagens da Bíblia nos dias de hoje. Como seria se ele hoje viesse. Por exemplo, no caso da festa de casamento em que ele transforma a água em um vinho de qualidade. Se ele estivesse entre nós hoje ele provavelmente estaria no meio do povão. Na Bíblia fica claro que ele gostava de estar no meio da simplicidade da vida, no meio da pobreza material, no meio da realidade cafona que qualquer sociedade, seja antiga ou moderna, tem a oferecer. Aliás, dava a impressão que ele achava genuinamente mais importante ser verdadeiro e ser assumidamente sincero em seus vícios do que ser cafonamente pomposo, como se qualquer ser humano pudesse escapar da prisão inevitável da pobreza existencial a qual todos fazemos parte, mas da qual alguns ricos autointitulados cultos se acham imunes. Estamos todos no mesmo barco e Jesus conseguiu enxergar isso. Então ele preferia estar perto daqueles que se sentiam mais confortáveis com sua pobreza. Entretanto, ele também andava com pessoas de muito prestígio social e riqueza, fato que causava espanto nos pobres. Mas o fato é que existem ricos que são mais humildes que muitos pobres. Afinal de contas, existe muito mais mérito em ser rico e humilde do que ser pobre e humilde, pois o primeiro opta em ser humilde, enquanto que o segundo não tem muita opção. Verdade seja dita, existem muitos pobres que são às vezes mais arrogantes do que muitos ricos. Então a construção da teia social era, e ainda é, assim emaranhada e difícil de compreender. E Jesus foi o mestre em não se

deixar confundir por esse emaranhando, e por inclusive criar mais emaranhado onde parecia não haver nenhum.

Imagino que se ele estivesse por aí hoje ele teria muitos amigos. Esses amigos seriam pessoas das mais variadas classes sociais e disfunções psicológicas visíveis. Estaria no seu grupo social de amigos em primeiro lugar as prostitutas, depois viriam os drogados, políticos corruptos de alto escalão, moradores de rua, Jesus mesmo provavelmente viveria como um morador de rua sem casa ou endereço fixo. Jesus existiu acima de tudo para quebrar todos os paradigmas e para confundir a cabeça de todos, sem exceção. Creio que se ele hoje estivesse entre nós ele iria às baladas com os seus amigos, para o choque dos religiosos e dos autoprotetizados puritanos. Então imagine você que Jesus tivesse sido convidado para ir a uma festa qualquer em um pub onde estivesse rolando muita música, mulheres atraentes dando em cima dele e muita bebedeira. Ele estaria lá. Claro que mantendo sua postura. Ele era um cara todo certinho, afinal de contas. Mas ele não era chato. Então ele teria um jeito elegante, mas querido de evitar as bebidas, sem, no entanto, ser chato ao ponto de proibir seus amigos de fazê-lo. Entretanto, muitos também não estariam bebendo, por seguir seu exemplo, e não ordens de Jesus para que não bebessem. O Jesus da Bíblia era provavelmente muito popular, principalmente entre as mulheres, para a raiva e desaprovação de muitos religiosos e legisladores da época. Há que se lembrar de que Ele viveu em uma época em que até era proibido para um homem ser sequer visto falando com mulheres que não fossem a sua esposa. Jesus não só ignorava completamente esse fato, como também defendia mulheres adúlteras em plena praça pública. Ou seja, provavelmente ele não era popular somente pelo fato de ser legal, certamente ele também era um cara bonito para a época. Suponhamos

que o Jesus que viesse hoje em dia também fosse, além de muito legal, um cara muito bonito. Nesse pub imaginário ao qual me referia, certamente ele estaria cercado das mulheres mais lindas. E certamente elas estariam dando em cima dele, especialmente por conhecer a sua fama de bom moço. Mas ele, com sua educação e respeito pelas mulheres, daria um jeitinho de despistá-las e conquistar o coração delas por meio de um Amor que transcende todo o contato físico. Ele seria capaz de amá-las pela inteligência delas e de respeitá-las como nenhum outro homem jamais teria feito. Mas se ele tivesse por acaso tido nessa balada qualquer atração ou relação física com qualquer mulher, isso não seria nenhum demérito para o nosso amigo Jesus. De qualquer forma, acredito que sua sabedoria estava de tal forma acima de qualquer carência física que ele simplesmente não teria nenhuma necessidade de levar qualquer uma delas para a cama. Além do mais, se ele ficasse com uma, isso poderia despertar o ciúme de outras, e criar conflitos que em nada ajudariam em sua missão de espalhar uma mensagem muito maior do que qualquer prazer mundano possa oferecer.

Jesus viveria no meio de nós, mas provavelmente acima de algumas necessidades básicas típicas do ser humano comum. Entretanto, assim como se vê na Bíblia, também o nosso Jesus dos tempos modernos daria algumas margens para dúvidas. Em uma das passagens da Bíblia, Ele tem seus pés lavados com o melhor perfume da época, e a mulher que o faz ainda por cima seca os pés dele com os próprios cabelos. Judas tenta repreender a ação, por achar aquilo um absurdo, e é, contudo, repreendido em contrapartida pelo Mestre. Jesus estava simplesmente quebrando paradigmas impensáveis para a época, imagine qual não foi a confusão na mente dos discípulos ao ver seu Mestre em contato tão íntimo

com uma mulher, fato explicitamente proibido naquele período histórico. Então obviamente ele teria que quebrar paradigmas impensáveis da nossa geração também. É inegável o Amor que as mulheres tinham por Jesus, e o Amor e proteção que ele retribuía para elas. Mas em nossa sociedade quais são outros grupos de pessoas brutalizados por preconceitos machistas? Além de as mulheres ainda sofrerem com a ignorância dos homens, também temos os homossexuais. Apenas por questão de exercício de imaginação, suponhamos que nosso amigo além de estar cercado por mulheres de todos os perfis, ainda estivesse sempre rodeado de lésbicas e gays. E digamos que algum desses homossexuais de condição social humilde de repente presenteasse Jesus com um perfume caríssimo de alguma marca reconhecida de grife, e que para completar o presente, ainda beijasse Jesus delicadamente nos lábios. Como será que os nossos discípulos dos tempos modernos reagiriam a essa cena? Ou como será que um de nós mesmos presentes nesse momento como um possível discípulo reagiria? O preconceito é um mal que ainda aflige nossa sociedade e não há pecado nenhum em admitir que acharíamos tal ato um tanto quanto difícil de aceitar. Eu acharia isso. Mas da mesma forma como no ato da Bíblia há mais de dois mil anos, assim como em nossa hipotética situação, qual será que é a mensagem Dele para nós? Não seria simplesmente de que devemos amar a todos sem julgamento e que demonstrações físicas de carinho não precisam ser temidas? Tivemos medo no passado da total capacidade de Jesus em amar e demonstrar seu Amor, e ainda temos medo hoje. É muito mais fácil desferir palavras de ódio e julgamento do que desferir um beijo carinhoso ou um abraço de compreensão. E não se iludam, eu me incluo envergonhado no grupo que ainda não consegue viver as lições de Cristo.

E com que olhos vemos as prostitutas hoje em dia? Nós homens as vemos como um objeto de consumo desprovido de sentimentos. Queremos o que há de mais animalesco em nós: aplacar o desejo carnal. Aliás, é assim que muitos homens veem qualquer mulher. Não há nada de errado no homem que tem desejo carnal. Entretanto, está tudo errado no fato de desrespeitarmos qualquer ser humano, independentemente de sua opção de vida. Todo ser humano tem por trás das aparências da profissão ou do físico um complexo emaranhado de emoções e uma história complexa.

Na época de Jesus, homens estavam proibidos de sequer serem vistos em público com mulheres. Jesus não apenas foi visto com elas, era seguido por elas, como também defendeu publicamente uma mulher que havia transado com um homem fora do casamento. Segundo a lei daquela época, a mulher deveria ser apedrejada. Defender tal mulher com certeza não deveria de ser visto com bons olhos pelos homens da lei daquela região. Na verdade, os homens que trouxeram a mulher à presença de Jesus queriam não apenas condená-la segundo a lei, mas também testar Jesus. Eles queriam fazer isso pois queriam ver como Ele se sairia em uma situação tão delicada como aquela, pois Jesus pregava o Amor e o perdão, então, como haveria de agir em uma situação em que a lei explicitamente condenava tal ação? Iria Ele negar a lei, correndo o risco de ser também condenado, ou aplicaria a lei, condenando assim a mulher à morte, provando que seus ensinamentos não passavam de blasfêmia? Entretanto, Jesus era um ser tão inteligente que conseguiu agir com tranquilidade em um momento tão tenso. Mas antes de qualquer resposta, diz a Bíblia que ele começou a escrever algo no chão. Isso é por si só curioso. Em um momento em que é pressionado pelas pessoas a agir, é

como se ele dissesse por meio de seu ato: responderei às suas indagações apenas quando eu quiser, não quando vocês quiserem. Contudo, quando agiu, foi com maestria. Jesus conseguiu conceber uma resposta que livrava Ele mesmo e a mulher de qualquer constrangimento. Nem a mulher foi condenada ao apedrejamento nem Ele foi mais questionado por aqueles homens. O que ele disse fez com que todos avaliassem suas consciências e seus atos, a procura de erros. Como seres humanos, é claro, todos temos erros, e ninguém foi capaz de condenar a mulher sem antes condenar a si próprio.

Naquela passagem está revelada talvez a mensagem mais importante de toda a vida de Jesus pela Terra. Ele não veio para julgar ninguém. Ele não julgou a mulher, mas também não julgou os homens com intenções escusas. Jesus não disse que os homens estavam errados ou que não apedrejassem a mulher porque eles mesmos tinham pecados. Jesus também não condenou a mulher. Entretanto, quantas pessoas que se julgam religiosas, e quantas vezes eu, julgamos as pessoas ao nosso redor? Gostamos de julgar. Gostamos de impor sentenças sobre a cabeça das pessoas, sem nos darmos conta de nossos próprios erros que são muitas vezes muito mais graves. A mensagem de Jesus foi clara: ninguém deve julgar. Se Ele que tinha toda a sabedoria para julgar e condenar não o fez, quem dirá nós, que somos tão falhos?

Enfim, para encerrar nossa releitura da mensagem de Jesus em nossos tempos modernos e Sua passagem por uma balada contemporânea, imaginem agora que na festa, depois de seus amigos e discípulos terem bebido muitas cervejas e estarem aproveitando a festa não necessariamente da maneira mais religiosamente aprovável, vem a Ele algum representante daquele estabelecimento com a reclamação de que a cerveja acabou e que a casa de shows não tem

mais nada em estoque. Jesus pacientemente olha para seus amigos e diz que ele não tem nada a ver com aquilo, afinal de contas, Ele nem bebe. Mas um de seus amigos mais intrépidos, nem um pouco intimidado pelas palavras Dele, grita para o dono do pub que faça exatamente o que Jesus disser. Então o dono do pub olha para Jesus e diz: “Então, o que vai ser, vão tomar água ou refrigerante?” Então Jesus pergunta: “Não tem mais cerveja?” E o dono: “Infelizmente não, seus amigos beberam tudo.” Jesus finalmente responde: “Então é por minha conta a próxima rodada de água para todo mundo.” Os seguidores pensam que aquilo se trata de uma reprimenda de Jesus pelo comportamento descontrolado de seus amigos, e que devem beber água para arrefecer um pouco os ânimos e prepararem-se para ir embora. Então eis que quando os discípulos pegam as garrafas de água na mão, elas milagrosamente se transformam em garrafas de cerveja. Mas não apenas em qualquer marca de cerveja, mas na marca de cerveja favorita de cada um. E cada vez que o dono do bar e os garçons servem os amigos de Jesus com garrafas de água, elas continuam se transformando em garrafas de cerveja da marca favorita de cada um e na temperatura que cada um considera o mais apropriado. E eis que a festa que estava dada por quase encerrada simplesmente não apenas se estende por duas ou três horas como também se transforma na melhor festa da vida daquelas pessoas, e ao custo de irrisórias garrafinhas de água. Jesus se deleita com a felicidade inocente e carnavalesca de seus discípulos. Ele sabe que naquele momento tentar ensinar-lhes qualquer preceito moral não vai adiantar, e que afinal de contas algumas vezes na vida tudo o que precisamos é de um pouco de liberdade para fazer as coisas erradas que não vão nos causar mais que uma ressaca e recordações embaraçosas no dia seguinte.

Afinal de contas, antes de mais nada, Jesus era um cara legal, e era muito bom estar na Sua presença, e Ele amava desfrutar da nossa companhia. Por algum motivo que não conseguimos entender, ele gostava das pessoas do jeito que elas eram e nos perdoou por isso acima de tudo.

Mas e como interpretar os fatídicos momentos que sucederam a santa ceia? Como seria uma releitura daqueles eventos? Como seria hoje o desfecho de ações que levariam à morte de Jesus? Quem seria o novo traidor? Se Jesus nunca tivesse vindo e resolvesse ter vindo em nossa época, então qualquer um de nós teria a chance de cair na “graça” de ser o discípulo que iria trair o grande amigo. Então, assim como poderia ser eu, também poderia ser você ou quem sabe alguém que conhecêssemos, ou simplesmente alguém muito distante de nós. Na época da Bíblia, provavelmente o nome Judas não conotava algo tão infame, provavelmente era um nome comum para a época, e que somente depois de todos os acontecimentos é que veio a ser considerado um nome inutilizável por gerações vindouras. Eu pelo menos não conheço ninguém com o nome de batismo de Judas. Para a nossa narrativa hipotética iremos usar como nome para Judas o nome de Leonardo. Escolho esse nome simplesmente por me parecer comum na maioria das línguas, não por associar com alguém de minha vida pessoal a quem indiretamente gostaria de enviar uma mensagem de repúdio.

Então Leonardo agora é um dos doze amigos próximos de Jesus em nossa releitura dos fatos da Bíblia. Então digamos que as autoridades da nossa época estivessem muito desconfortáveis com a atuação de Jesus e com as ideias controversas que Ele vinha instigando. Políticos desonestos, policiais corruptos, religiosos gananciosos e empresários inescrupulosos sentiam-se muito incomodados com as ideias de Jesus e queriam vê-lo

desaparecer, pois as pessoas passaram a respeitarem-se tanto e a viverem de tal forma unidas e também desprendidas de medos e necessidades supérfluas que a casta de líderes hostis receava que o sistema que eles alimentavam de exploração social e inércia da população frente a isso viesse a ruir, especialmente porque muitos criminosos e comparsas de crime agora se convertiam para um ideal de Amor e uma vida regrada pelo respeito e construção de valores. Se Jesus vivesse por muito tempo, a sociedade passaria a ser um local no qual muitos pensariam no bem de todos, e manter um sistema de exploração de poucos sobre muitos seria inviável.

Jesus sabe dos riscos que corre. Ele sabe que alguns querem sua cabeça. E o pior de tudo é que Ele mesmo instigou essa situação muitas vezes. Existem pessoas que de tão corrompidas e envenenadas que estão não há como mudá-las. Jesus também sabe que não veio para solucionar os problemas imediatos da sociedade. Em seus planos está plantar uma semente que germine no coração das pessoas que assim queiram a cada geração, em vez de solucionar um problema imediato que voltaria a brotar assim que ele não estivesse mais na liderança de um projeto assim. Então está em seus planos ser morto por aqueles que o odeiam, para que sua mensagem se torne atemporal. A lógica é brutal, não traz uma solução, mas gera uma possibilidade infinita de salvação para gerações incalculáveis. Em alguns casos a melhor maneira de dar vida a uma grande ideia é morrendo. Entretanto, Jesus sabe que nenhum de seus amigos compreenderá a sua mensagem, e tentarão dissuadi-lo de seus planos. Seus amigos, por mais que digam que o amam, são na verdade apenas seres humanos. Ele sabe que confiar em seres humanos é um jogo de aposta muito arriscado, no qual na maioria das vezes a perda é a única possibilidade. Ele

precisará usar essa fraqueza humana como instrumento de sua obra.

De todos os seus amigos, apenas Leonardo sempre foi aquele em quem pôde confiar plenamente, pois Leonardo nunca escondeu sua discordância com relação às ações de Jesus. Leonardo foi escolhido justamente como peso na balança existencial de Jesus. Jesus não queria apenas amigos que concordassem com tudo o que ele dissesse. Jesus queria alguém que fosse exatamente o oposto. Leonardo era um criminoso, era uma pessoa com uma índole ruim, mentia, enganava e roubava sempre que podia. Jesus sabia de tudo isso. Além do mais, Leonardo discordava de tudo o que Jesus pregava. Leonardo não acreditava em nada, ele achava que Jesus estava apenas tentando tirar o máximo proveito das pessoas, e quanto mais ele percebia que isso não era verdade, mais ele odiava Jesus, por ver nele alguém ingênuo e fraco. Mas acima de tudo, Leonardo via na sua proximidade a Jesus uma grande oportunidade de ganhar dinheiro. Leonardo informava os inimigos de Jesus de todas as ideias do mestre, e de tudo o que acontecia no círculo interno de Jesus. Leonardo já acumulava uma pequena fortuna com todo o dinheiro que havia trocado por informações privilegiadas a respeito da vida íntima de Jesus. Mas o prêmio maior, que poderia fazer de Leonardo um homem realmente rico, era um pouco mais difícil de ser atingido. Jesus andava sempre na presença de muitas pessoas e seria impossível tirar a Sua vida sem que o preço por tal ato fosse a própria morte do assassino. Mas Leonardo sabia que a oportunidade perfeita poderia surgir a qualquer momento. Na vida do crime a oportunidade perfeita é um momento que precisa ser aguardada com muita paciência. E no caso de Leonardo a oportunidade não demoraria a aparecer.

Jesus conhecia bem as pessoas. Jesus amava a todos incondicionalmente. Mas seu Amor não era cego. Pelo contrário, Ele via os outros melhor do que eles mesmos podiam ver a si mesmos. Jesus conhecia a cadeia de influência e interesse do poder estabelecido. Ele sabia do perigo que representava para esse poder. E também sabia onde a corrente do seu próprio círculo de amigos arrebentaria mais facilmente. Não era sua intenção impedir que a corrente arrebentasse, mas sim decidir o momento mais apropriado para isso acontecer a fim de que a história pudesse ser escrita de maneira definitiva e dramática. Não havia rancor nos planos de Jesus. Não havia medo. Mas mais importante, não havia julgamento. Jesus não queria culpar ninguém, não queria condenar. Ele sabia que o ser humano é falho; todos eles. O que os diferencia é o tipo de erro e o quão repudiado esse erro é perante a sociedade. Mas as falhas humanas não são meramente falhas. Elas são muitas vezes cicatrizes da história existencial de cada indivíduo. Ele sabia que não podemos ser culpados de nossas falhas, pois não as escolhemos. Um homem que hoje mata cruelmente pode simplesmente ter sido uma inocente criança de quem a esperança e beleza da vida pode ter sido arrancada por um pai agressivo. O que nos leva a ser quem somos muitas vezes pode ser desconhecido até mesmo por nós mesmos. Jesus sabia disso, e sabia o quanto podia confiar na deslealdade de Leonardo para com Ele, a fim de que se cumprisse o que tinha que ser feito. Leonardo entrará para a história como um dos maiores vilões da raça humana, mas sem ele, a vida de muitas pessoas não poderia ser salva hoje e no futuro.

Jesus quase não tem mais tempo para si mesmo e para suas orações. A multidão está sempre ao seu redor, ansiosa pelos seus ensinamentos e carinho. As pessoas

precisam muito de Jesus, as pessoas estão cada vez mais conscientes do quanto precisam melhorar, e Jesus é o médico perfeito, pois ele cura na alma, de dentro para fora. Mesmo assim, Jesus constantemente precisa de tempo para si mesmo, para reorganizar suas ideias, fortalecer seu espírito, chorar suas angústias, fortalecer seu sorriso, amputar suas dores. Ele chama Leonardo e compartilha com ele seus planos para conseguir alguns momentos de tranquilidade. Leonardo é o único do grupo de amigos de Jesus que tem carro, por isso combina com ele que em Sua festa de aniversário, que seria em alguns dias, depois das principais celebrações e músicas, Ele quer que Leonardo o leve para um lugar longe da cidade onde possa passar alguns dias meditando e onde não seja descoberto por ninguém. Leonardo se prontifica entusiasmadamente a organizar tudo conforme seu amigo pedia. Contudo, no fundo de sua mente, seus planos são diferentes.

Imediatamente após sua conversa com Jesus, Leonardo vai até o chefe da polícia local e informa da grande oportunidade de entregar Jesus às autoridades sem o escândalo do povo. Jesus estará sozinho e vulnerável. O chefe da polícia fica muito entusiasmado e pede para que Leonardo volte no dia seguinte para que possa lhe passar os detalhes da operação, e claro, entregar o montante de dinheiro que lhe havia sido prometido caso conseguisse algo muito melhor do que meras informações das conversas íntimas de Jesus com Seus amigos. No dia seguinte, Leonardo está de volta, com uma expectativa que se instala em seu sistema digestivo na forma de ausência de apetite e batimentos cardíacos acelerados. Depois desse dia, ele seria simplesmente um homem muito rico e livre de toda a horda de pobres a qual era exposto pelo fato de ter que andar com Jesus. O chefe de polícia logo anuncia que tem notícias boas e ruins para Leonardo. A notícia

boa é que os chefes de todo o esquema para prender Jesus decidiram triplicar a quantia em dinheiro que vão dar a Leonardo. O chefe de polícia nem se demonstra incerto e abre uma mala cheia de dinheiro na frente de Leonardo. Leonardo fica estarrecido de excitação. Não consegue sequer esconder sua alegria. Entretanto, é óbvio que eles não multiplicaram o valor da recompensa sem um bom motivo. O chefe de polícia imediatamente informa Leonardo do plano que lhe permitirá desfrutar de tanto dinheiro. Leonardo precisa ser ele mesmo a pessoa que irá matar Jesus. Não era isso que eles haviam previamente acordado. O que eles haviam discutido era a melhor via de Leonardo entregar Jesus de forma que a polícia pudesse prendê-lo sem que a multidão interferisse. Todos os processos legais seriam manipulados para que Jesus passasse um bom tempo na cadeia e lá dentro as autoridades dariam um jeito de fazer com que Jesus esquecesse de vez suas ideias absurdas e também fariam com que seus seguidores se acalmassem e com o tempo esquecessem quem foi Jesus. Contudo, os políticos e autoridades envolvidos nessa trama, percebendo a fragilidade desse plano, concluíram que isso poderia causar ainda mais agitação e questionamentos. A melhor solução para um caso como esse era eliminar definitivamente a fonte do problema. Provavelmente Jesus continuaria a ter muitos admiradores, ou mais, mas com ele fora de cena, todas as Suas ideias perderiam completamente a força prática que tinham. O chefe de polícia explica a Leonardo que ele deve matar Jesus em um local isolado e depois queimar o corpo dentro de uma vala, cobrindo na sequência essa vala com terra da forma menos chamativa possível, com a garantia de que Leonardo nunca seria responsabilizado pelo crime, inclusive se qualquer suspeita fosse levantada contra ele, todos os envolvidos na trama dariam um jeito de excluir

qualquer prova. Leonardo nunca havia matado ninguém na sua vida. E não tinha certeza de que conseguiria fazer isso contra Jesus, mesmo o odiando profundamente. Mas se não o fizesse, não poderia desfrutar de todo aquele dinheiro. “E como vou mata-lo?” “Com um tiro e depois queimando o corpo com gasolina.” “Mas eu não tenho nenhuma arma.” O chefe de polícia coloca um 38 em cima da mesa e diz que já colocaram um galão de gasolina perto do seu carro no estacionamento da delegacia. Judas olha o chefe nos olhos, como que pensando na total frieza daquelas palavras. Sem pensar por muito tempo, pega a mala, a arma e sai.

Chega o dia da festa de celebração do aniversário de Jesus. É um dia muito frio, mas a maioria de seus amigos compareceu para celebrar. Um de seus amigos ricos cedeu um de seus clubes de festa para que Jesus pudesse convidar quantas pessoas quisesse e ainda pagou por todas as despesas da festa. Jesus não se fez de rogado e além de convidar seus amigos da elite social, como modelos, banqueiros e outros, também saiu pelas ruas convidando todos os seus amigos mendigos, ladrões, doentes em hospitais e manicômios, e outros tipos completamente aleatórios. A festa estava sendo um sucesso, todos comiam e bebiam muito, embalados ao som das melhores músicas. Todos estavam felizes. No meio da festa, Jesus chama seus doze amigos mais próximos para uma reunião em uma sala separada. Antes de qualquer coisa, Jesus beija e abraça a todos com muito afeto. Todos pensam que ele está emocionado com a celebração de seu aniversário. Eles se sentem constrangidos, porque nenhum deles lembrou de comprar qualquer presente para Ele. Jesus pede a todos que se sentassem e então diz sem subterfúgios: “Hoje é o dia em que eu retornarei ao meu pai.” Eles não compreendem o que ele quer dizer

com aquilo, e alguém pergunta se ele pretende voltar para a sua cidade natal. Ele apenas responde que não, e então complementa soturnamente: “Hoje é o dia em que eu morrerei.” Todos ficam obviamente chocados e imediatamente reagem dizendo que não há como, Jesus aparenta estar muito bem, como pode falar em morrer. Mas ele acrescenta dizendo que sua morte virá pela mão de um homem que ele ama muito, mas que tem muito ódio no coração. Todos repudiam essa ideia e dizem que jamais permitirão uma coisa dessas e perguntam quem é essa pessoa. Leonardo sua frio, achando que Jesus iria entregá-lo e acabar com seus planos de se tornar um homem rico. Mas Jesus simplesmente continua dizendo que isso precisava acontecer e que nenhum deles pode impedir o inevitável. Jesus sabe que precisa morrer e independentemente de quem fosse, sempre seria pela mão de quem ama, pois ele ama a todos os seres humanos. Então eles imploram a Jesus que diga quem é a pessoa para que eles possam impedir tal ação. Mas Jesus tranquilamente conclui dizendo que não podem impedir os planos que devem acontecer, até porque ele mesmo quer que isso aconteça para que a sua obra seja fortalecida, e diz que aquele que o irá trair é o mesmo que o abraçará e beijará como se o amasse. Então diz a Leonardo que se prepare para cumprir com os planos. Antes de sair, Leonardo abraça Jesus e o beija delicadamente na face. Nenhum dos amigos ousaria imaginar que se tratava de Leonardo e não desconfiam por um segundo que ele é o traidor, imaginam que Leonardo está indo cuidar do andamento da festa, e quanto ao abraço e beijo, bom, Jesus sempre abraça todo mundo que encontra e aquele gesto e o beijo naquele momento não parecem condenar Leonardo. Leonardo sai da sala para buscar o carro que irá usar para levar Jesus ao lugar isolado com a certeza de que ninguém desconfia de

que ele é o homem que irá tirar a vida de Jesus. Leonardo está em um frenesi de agitação. Logo tudo estará acabado, e ele, rico.

Leonardo espera com o carro duas quadras distante do local da festa, para que ninguém o veja, conforme combinado com Jesus, e Jesus dá um jeito de sair despercebidamente da festa. Após cinco minutos, Jesus entra no carro e diz: “Estou pronto, vamos.” Leonardo pergunta se ele falou para mais alguém de seus planos, e Ele diz que não, e que ninguém o viu. O plano de Leonardo em sua constituição mais delicada funcionou perfeitamente, ninguém associa a ausência de Jesus com Leonardo, agora basta colocar em prática a parte mais difícil. Apesar de tudo, Leonardo sente-se muito calmo, e por algum motivo parece que Jesus contribui para que Leonardo se sentisse assim. Jesus vai conversando durante todo o percurso. Leonardo tem certeza de que Jesus desconfia de tudo, mas Ele não demonstra nenhum sinal de rancor e não faz nenhuma menção sobre o fato. Menos mal, isso evita que Leonardo mude de ideia ao longo do percurso, pois seria extenuante e quase impossível levar a cabo o dantesco projeto com um homem como Jesus tentando impedir que o plano acontecesse.

Enfim chegam ao topo de um morro completamente deserto, iluminado apenas pela luz refletida da lua e dos faróis do carro. Leonardo pensa no absurdo das ideias de Jesus como essa de se retirar a um local completamente isolado para meditar, sem acesso a nada, nem mesmo comida ou abrigo. É por atitudes como essa que Leonardo simplesmente não consegue compreender os atos daquele homem, e é por isso que o odeia tanto. Um homem com tamanha capacidade intelectual como Jesus, mas que age como um pobre coitado e que faz coisas absolutamente inexplicáveis.

Enfim, sem mais rumações, chegou a hora do desfecho, e quanto mais rápido tudo acontecer, melhor para ambos. E nesse exato momento Jesus simplesmente diz: “Terminemos logo com isso, Leonardo.” Repentinamente, o coração de Leonardo começa a bater como se ele tivesse subido aquele morro todo correndo e agora parava para tentar recuperar o fôlego. Chegou a hora de acabar com tudo.

Sem pensar nas palavras que iria dizer, é como se elas tivessem vida própria e saíssem da boca de Leonardo como que por iniciativa própria, frias, sem trepidar. “Então, acho que ambos sabemos o que de fato estamos fazendo aqui.” “Sim, Leonardo, sabemos.” “E você não vai fazer nada para impedir?” “Não.” “Por quê?” “Porque é assim que tem que ser.” Novamente aquelas frases sem resposta alguma que Ele tanto ama usar! Ambos saem do carro. O sangue de Leonardo esquenta repentinamente, e quando percebe, a arma está apontada para o peito de Jesus. Jesus encara Leonardo dentro dos olhos com calma e Amor. E um segundo depois, após um estampido, uma mancha de sangue começa a crescer naquele peito. Jesus nem se mexe. Apenas diz: “Leonardo, eu te amo e te perdoo.” Então, cai.

Aquelas palavras ecoam no fundo de sua alma. Após tomar um tiro à queima roupa, Jesus profere uma sentença mortal contra Leonardo. Amor e perdão. Mas como pode isso? Não é o tiro da arma que deveria ter ferido Jesus mais profundamente, mas a traição. Leonardo estava preparado para qualquer reação. Ele tinha até planejado manter-se forte diante de súplicas covardes pela vida de Jesus. Ele tinha se preparado para ter que enfrentar um homem que nos últimos minutos de vida iria tentar lutar pela salvação. Ele tinha se preparado para tudo o que poderia acontecer, mas não tinha se preparado para que

nada acontecesse. É como se a bala tivesse entrado em seu próprio coração. Como pode Jesus desferir aquelas palavras antes de morrer? Leonardo nunca foi amado sequer pelas pessoas que tinham a obrigação de amá-lo, e agora era amado pela pessoa que tinha o dever de odiá-lo. Mas quem era esse homem Jesus? Leonardo teve todo o tempo do mundo para descobrir, mas era somente agora, quando tinha arrancado a vida de seu peito, que compreendia quem Ele era. Ele era alguém que de fato amava incondicionalmente e que tudo o que sempre pregou é de fato o que sempre viveu, mesmo na hora da traição e da morte. Agora Leonardo entendeu os planos de Jesus. Ele precisava morrer para viver no coração de cada ser humano, mesmo no daqueles que o rejeitam. Chegou a hora de sumir com o corpo.

Judas sabe que a gasolina fará o fogo queimar o corpo de Jesus até as cinzas, mas nada queima mais do que o coração de Judas nesse momento. Ele sabe muito bem que a única vida que foi ceifada naquela noite foi a sua própria. Judas abre uma vala rasa, joga o corpo de Jesus ali, encharca-o de gasolina e joga o fósforo sobre o corpo. As chamas que irradiam não são mais quentes que o fogo que consome o corpo de Judas por dentro. Judas encara as chamas que sobem do corpo de Jesus e é como se elas tivessem vida. É como se Jesus ascendesse ao céu. Nada poderia acabar com a vida de Jesus, nem sequer a morte. Jesus agora está mais vivo do que nunca. A alma de Judas queima, como se estivesse no inferno. E Judas sabe que a partir de agora a sua vida será um inferno. Ele jamais conseguirá conviver com a memória do que acabou de fazer. Mas ao mesmo tempo ele sente alívio, pois Jesus antes de morrer não o julgou, apenas o amou e perdoou. Afinal de contas, foi isso o que ele veio fazer aqui na Terra. Judas decide voltar e contar tudo o que fez

aos amigos de Jesus. Quem sabe eles também o perdoem e ele possa viver em paz.

Entretanto, ninguém foi capaz de assimilar completamente tudo o que Jesus ensinou e viveu. Quando Judas conta tudo o que aconteceu aos amigos de Jesus, a reação deles é de puro desespero. Judas precisa fugir da presença deles para não ser espancado até a morte. Os amigos vão até o local onde Judas havia indicado ter matado o Mestre e encontram os vestígios do crime cometido, mas não encontram nenhum corpo físico, apenas cinzas do que um dia foi o corpo do homem mais humano que já existiu. Agora nem as autoridades mais poderosas poderão ajudar Judas. Nem que usasse todo o dinheiro que ganhou poderia se livrar do que fez. Principalmente agora que havia confessado tudo. Não haverá Amor e perdão para ele entre os homens. A vida de Judas nunca foi um paraíso. Desde criança tudo o que conheceu foi ódio e violência, principalmente vindos justamente daqueles que mais deveriam lhe amar. Jesus conseguia entender a personalidade esfacelada de Judas com base em seu passado, mas o resto dos contemporâneos de Judas não teriam a mesma misericórdia. Se Judas não fosse linchado até a morte pelas pessoas, seria condenado à prisão perpétua pela justiça. Em ambos os casos estava condenado à morte. Então, por que esperar a sentença se ele mesmo aceita sua condenação sabendo que não foi condenado pela única pessoa que realmente lhe amou? Judas pega a arma e aponta para a própria cabeça.

O resto seria história que os outros decidissem contar.

Capítulo XI — Para Deus não existe o bem e o mal

Se Deus existe, ele parece pouco se importar com as mazelas do mundo. Você nunca se perguntou isso? Se ele existe, por que Ele deixa tanta coisa ruim acontecer? Se Deus é Amor, então por que ele deixa tanto ódio tomar conta do planeta Terra? Quando vemos toda a maldade que existe no mundo, ou melhor dizendo, quando vemos toda a maldade que o homem pratica no mundo, não podemos deixar de nos questionar qual a participação ou qual o nível de interferência de Deus nessas questões. Sem falar das tragédias naturais que assolam a humanidade de tempos em tempos. Antigamente os homens primitivos e religiosos acreditavam que tais catástrofes eram castigos de Deus para comportamentos em desacordo com a vontade Dele, mas hoje em dia já somos menos crentes desse tipo de ideia (ou assim eu quero acreditar). De qualquer forma fica a pergunta do por que Deus permitir tamanho mal na vida das pessoas?

Ou seja, quando vemos o mal que o homem pratica e as tragédias causadas pela natureza, percebemos uma certa ausência desse que consideramos um Deus que deveria estar aí para nos ajudar quando precisássemos. Mas sempre nesses casos ele nada faz para salvar sequer crianças inocentes. Por falar nisso, quantas não são as crianças inocentes que morrem de fome ao redor do mundo o tempo todo? Não é preciso procurar muito para encontrar vídeos de crianças morrendo desnutridas

sobre a terra seca e empoeirada. Onde está Deus que permite esse tipo de coisa? Não são poucos os relatos de milagres operados por Deus sobre vidas de pessoas em necessidade, enquanto ao mesmo tempo não são minguados os exemplos de situações em que a ausência de Deus é notável.

É em momentos como esse que uma mente sadia e racional começa inevitavelmente a questionar não onde Deus está, mas a sua própria existência. Nesses momentos começam a aparecer as rachaduras em uma crença que não parte daquilo que observamos, mas daquilo que projetamos sobre uma realidade que gostaríamos que fosse verdade. Não poucas vezes cremos não em um Deus que observamos, mas em um Deus que gostaríamos que existisse, em um Deus que nós mesmos criamos. Assim como criamos um Deus que manda pessoas que são más para o inferno, também criamos um Deus que interfere em nossas mazelas. O problema é que não tendo como provar que o inferno não existe, pois não sabemos o que acontece depois da morte, da mesma forma não conseguimos provar que Deus existe, porque nos falta qualquer evidência sobre esse ser. Nesse caso estamos apenas lidando com uma verdade propagada por pessoas autoproclamadas escolhidas por Deus para contar a verdade. Enquanto que no caso da intervenção divina sobre os afazeres terrenos a dúvida é completamente fundamentada devido ao simples fato de estarmos aqui na Terra e podermos comprovar a ausência de Deus sobre essas questões. De acordo com nossos mais íntimos desejos de punição daqueles que nos fazem mal criamos um Deus que manda pecadores para o inferno, e dentro desse mesmo íntimo ansioso criamos um Deus que nos ajuda diante das tragédias humanas. Entretanto, a realidade é mais do que prova de que Ele pouco ou

nada interfere nos afazeres cotidianos e extraordinários de suas criaturas.

Entretanto, eu não trago esse argumento para provar a inexistência de Deus. Eu encontraria outros argumentos para debatermos a probabilidade da existência de uma inteligência criadora, mas sem forçar qualquer tipo de projeção de interesses humanos sobre esta força criadora a que denominamos Deus. Para mim é mais do que evidente que em muitos aspectos criamos um Deus de acordo com aquilo que gostaríamos muito que Deus fosse. Pois gostaríamos muito que ele enviasse pessoas ruins para o inferno; gostaríamos muito que ele mandasse os bons para o paraíso, assim como gostaríamos muito que ele nos ajudasse em situações ruins. Pois para nós está clara a definição de bem e mal. Está clara a definição daquilo que consideramos bom e daquilo que consideramos ruim, logo, assim como um pai interfere nos afazeres de suas crianças com relação ao que é bom ou ruim, defendendo os filhos daquilo que é mal, e buscando sempre fazer o bem aos filhos, naturalmente atribuímos as mesmas características ao nosso Deus. Criamos um Deus de acordo com as nossas preferências, mesmo que a realidade nos mostre o contrário.

Para nós seres humanos as vicissitudes da vida e as ações das pessoas são sempre divididas entre bom ou ruim, certo ou errado, verdadeiro ou falso, e assim por diante. Então logo não apenas atribuímos tal capacidade de julgamento a Deus, bem como também muitas vezes lhe atribuímos a intenção de interferir em situações que consideramos ruins a fim de que as torne boas. Contudo, qualquer observador atento e imparcial irá naturalmente perceber que isso não acontece. Novamente, com isso eu não me lanço à conclusão de que Deus não exista, pois isso não seria argumento suficiente, mas há a possibilidade de

argumentar que para o caso de Deus existir é plausível supor pelo menos duas possibilidades: uma que Ele não interfere nos afazeres terrenos, e segundo, que para ele não exista a mesma definição de bem e mal que para nós parece tão clara.

Para a primeira hipótese fica a sensação de liberdade no desenrolar dos afazeres não somente da Terra, mas do universo inteiro, que Deus outorga. Após criar tudo e estabelecer as leis que regem a criação, é como se ele se afastasse da interferência que poderia ter sobre sua criação e desse a ela a liberdade de acontecer espontaneamente, independentemente de qualquer coisa. Essa liberdade se estende, portanto, também ao que os indivíduos fazem. Mesmo dentro das definições de bom ou ruim que atribuímos aos fatos, mesmo as que nos parecem as piores, é como se ele dissesse por meio de seu completo silêncio que nem uma vírgula de nossa liberdade será alterada, mesmo para aqueles casos em que muito gostaríamos que algo fosse ajustado. Uma liberdade total implica de fato em uma responsabilidade total. E a liberdade aqui é tão sincera que ela significa mesmo a possibilidade de uma tragédia, ou pelo menos ao que nossos olhos parece uma tragédia, ou, ainda, de atos de maldade por parte das criaturas. Há a nítida impressão de que poderíamos nós, ou um evento natural, aniquilar com o planeta Terra por completo e que Ele nada faria para impedir tal acontecimento. Independentemente do que façamos ou não, e do que aconteça ou não, nosso direito de liberdade está garantido, inseridos inevitavelmente é claro dentro das leis que regem o universo, e mesmo que oremos e imploremos por interferência, seria contra a lei da liberdade que Ele interferisse quer para o bem, quer para o mal.

Concomitante a isso temos a segunda hipótese, na qual há a possibilidade de Deus não se guiar pelos mesmos parâmetros de bom ou ruim, bem e mal, que nos guiam.

Para Deus tudo pode não passar de simples acontecimentos desprovidos de julgamento. Talvez para ele não exista o bem e o mal. Quem sabe tudo seja apenas o desenrolar dos acontecimentos. O que para nós é uma tragédia da natureza quando um furacão arrasa uma cidade e deixa pessoas desabrigadas, outras mortas, inclusive crianças, talvez para esse Deus isso seja apenas um acontecimento natural, dentro dos limites naturais regidos pelas leis que ele criou. Quem sabe o que consideramos como um mal praticado por uma pessoa contra outra não passe de uma mera possibilidade dentro da liberdade dada por Ele sobre a criação, desde que respeitando os limites das leis naturais, das quais nada pode escapar, bem como também tamanha dor causada pela ambição de homens como Hitler, Stalin, Mussolini, para Deus não passam apenas de eventos que podem ser praticados. Há total liberdade da parte de Deus para que tudo possa ser feito. Essa liberdade foi estabelecida por ele, pois admitamos, se tudo foi criado por ele, então também aquilo que consideramos como o bem e o mal também, ou pelo menos a liberdade para que tais coisas simplesmente aconteçam e possam ser feitas.

Deus não parece se dar ao trabalho de julgar sobre as questões terrenas e universais. É claro que em nosso anseio por encontrar consolo e ajuda nesse “Pai” criador esperamos que ele interfira ou que pelo menos se compadeça de nossos males. Contudo, os fatos observáveis indicam que Deus não precisa ser regido pelas mesmas definições morais que nós seres humanos. Isso não quer dizer que ele seja bom ou mal, isso quer apenas dizer que ele está imune, ou desprovido, dessas nossas definições. Afinal de contas, tendo ele criado todas as possibilidades, inclusive a de que o pior mal possa irrestritamente acontecer, parece ser da intenção dele que desfrutemos de tudo o que a vida pode oferecer independentemente de como pudéssemos

interpretar isso, quer concordemos ou não, quer gostemos ou não, quer soframos ou não.

Tendo ele criado tudo, é natural que tenha criado, digamos, até mesmo as tragédias e o mal, ou pelo menos a possibilidade de que eles pudessem acontecer. E da mesma forma que ele não se alteraria emocionalmente diante de uma situação ruim, da mesma forma para ele tudo aquilo que consideramos bom também seria desprovido de qualquer sentimento ou interpretação. Seria apenas uma dentre a infinidade de possibilidades que ele estabeleceu que pudessem acontecer, sempre, claro, respeitando as leis que regem o universo, apenas delas não se pode escapar, para todo o resto parece existir a liberdade irrestrita de que tudo possa acontecer, independentemente do julgamento que façamos disso, e sem qualquer interferência externa da mão do criador, e também sem qualquer parecer julgador.

Para Deus não precisa existir a noção de que algo é ruim assim como nós interpretamos. Para ele é apenas uma possibilidade diante das várias que podem compor a nossa realidade. Para ele não precisa existir a definição de catástrofe, pois Ele deu a liberdade para que isso acontecesse. Da mesma forma como para Ele não precisa existir a tormenta de perceber que os seres humanos são capazes das mais atrozês ações, afinal de contas, foi ele quem nos deu a liberdade de praticá-las. Aliás, também foi ele, tendo criado tudo, quem criou inclusive todos os sentimentos dos quais somos capazes de interpretar. Não faríamos crítica nenhuma àqueles sentimentos de prazeres e àquelas sensações de alegria, da mesma forma que Deus também não vê problema nenhum naqueles sentimentos de maior dor e desespero aos quais podemos ser acometidos, afinal de contas, foi ele quem criou tanto aqueles como esses sentimentos. Deus criou tudo (caso ele exista, é claro). Se Ele existe,

Ele criou tudo, e com o tudo, todas as possibilidades, e até mesmo aquilo que consideramos como o pior dos males, foi criado, ou dada a total liberdade que acontecesse, por Ele. Se Ele existe e criou tudo, e deu a tudo todas as possibilidades, é natural, e nada mais, que Ele queira que desfrutemos de tudo. É apenas natural que exista o bem e o mal, e nada mais. Mesmo o pior dos males pelos quais já passamos em nossas vidas ou mesmo o mais atroz acontecimento histórico, para Deus nada mais é do que uma possibilidade da criação, da vida, e a Ele nada passa pelo crivo do julgamento. Até mesmo pelo contrário, é de se supor que é do interesse Dele que tudo seja absorvido e vivido pelas formas de vida. A maldade que nós assim interpretamos nada mais é do que uma possibilidade da existência. A dor é uma forma de sentir a vida. O terror é uma contingência da vida. As tragédias são chances que simplesmente podem acontecer. Para Deus, as vicissitudes da vida nada mais são do que probabilidades dentro de uma existência presenteada com a liberdade. Deus criou tudo e deu a vida aos seres para que provassem tudo o que a vida pode oferecer independentemente de como julgamos esses acontecimentos. Ele não precisa interferir nos eventos, pois as leis da natureza se encarregam em manter a ordem de tudo o que existe. A partir daí, todo o resto que sucede é obra da liberdade. E tudo o que não contraria as leis da natureza faz parte de tudo o que foi estabelecido como possibilidades.

Se o mal existe, ou a probabilidade de que ele aconteça, isso se deve ao fato de Deus ter criado exatamente essa contingência. Por mais difícil e dolorido que uma situação na vida possa parecer, isso nada mais é do que a vontade do criador de que as criaturas desfrutem de tudo que foi por Ele criado. Para Deus nada é bom ou ruim, tudo é

apenas uma possibilidade, uma liberdade. Se um cometa se chocasse e destruísse completamente o planeta Terra e com ele todas as formas de vida, isso para Deus não seria visto como um acidente ou tragédia, isso seria apenas um acontecimento possível dentro das leis da natureza desprovido de qualquer emoção ou julgamento. Em nossa interpretação de Deus podemos imaginar que Ele se importa e sofre por nós, mas a realidade pode ser diferente daquilo que gostaríamos de crer.

Quando vemos uma imagem de calamidade ocasionada pela natureza na televisão e no meio disso pessoas sofrendo e chorando, então nos compadecemos por aquelas pessoas. Ou se nós mesmos já passamos por algum momento parecido, temos conhecimento do quão dolorido algo assim pode ser. E quantos de nós não pede a Deus por ajuda nesses momentos, pois nos sentimos vulneráveis? Entretanto, a verdade é que a capacidade de sentir dor e sofrimento ser justamente uma habilidade intrínseca colocada em nós por ninguém menos do que justamente aquele que nos criou, e para Ele não há nada de espantoso em que desgraças aconteçam e que soframos com elas. Consciente disso, o que na verdade destoa do normal é nossa aversão ao flagelo e aos sentimentos difíceis que eles geram. É muito mais provável que ao invés de querer amenizar nossa dor, Ele queira justamente que a sintamos; e ao invés de evitar que qualquer tragédia aconteça em nossas vidas, faz mais sentido pensar que Ele apenas deixe que as coisas aconteçam, seguindo o curso natural que devem seguir. Deus não deve interpretar os fatos da vida da mesma forma que nós. Para Ele, mesmo o pior dos infortúnios e a mais intensa aflição nada mais é do que natural, sem cair na dicotomia entre bem ou mal.

Se um meteoro caísse na Terra aniquilando um terço da população, deixando outro terço em situação de

dificuldade, e o resto em situação de segurança, tenho certeza que para todos nós isso seria motivo de grande dor, pânico e até terror. Os que foram afetados negativamente implorariam pela ajuda divina, os que não foram afetados agradeceriam pela misericórdia de Deus. Basicamente é assim que muitas vezes analisamos as situações. Veríamos em uma situação como essa também sem dúvidas aquilo que consideramos o mal na sua pior forma. Com certeza muitos de nós apelaríamos a Deus por ajuda em um tal momento. Entretanto, para Deus tal acidente nada mais seria do que uma mera causalidade e seus efeitos como nada mais do que parte natural da natureza intrínseca da criação, nada além daquilo que Ele mesmo criou.

Quando fazemos guerra normalmente colocamos de um lado aqueles que consideramos justificados de ir à guerra e do outro lado aqueles que merecem ser subjugados em virtude de serem os aliciadores da guerra ou, basicamente, a luta do bem contra o mal. Entretanto, será que Deus concordaria com essa dicotomia? Será que ele aceitaria esse argumento? Não nos parece mais uma engendração humana do que um fato em si? Quem estava do lado do bem na primeira guerra mundial, na segunda ou na guerra do Vietnã? Quem está do lado do bem em uma guerra civil? Não é difícil perceber que essas qualidades logo perdem o sentido. Pois para Deus, essas qualidades nunca ganharam nenhum sentido, e nunca foram abaladas pelos sentimentos que a nós atingem.

O problema em todos os casos não são as tragédias e os sentimentos difíceis que elas despertam. Não existe o bem ou o mal. Não existe o certo e o errado. Existem apenas nós seres humanos ainda incapazes de lidar com essa amálgama muito complexa para compreender e aceitar como simplesmente naturais. Estamos apenas acostumados a querer viver e sentir o que nos parece

bom, e muito rápidos em refutar o que nos parece mal. Esquecemos, ou nunca nos damos conta, de que tudo o que aí está nesse cardápio da vida é basicamente obra desse criador desconhecido. Ele criou tudo, se a nossos olhos algo parece bom ou não, é apenas mera interpretação nossa, porque aos olhos dele, nada mais são do que possibilidades. Cabe muito mais a nós aprendermos a lidar naturalmente diante de qualquer circunstância que possa por ventura apresentar-se diante de nós, até mesmo as que caem nesse espaço que consideramos como bom, pois nem o conceito de bom deve fazer parte da interpretação de Deus. Se ganhamos na loteria, isso não é bom, é apenas um acontecimento que despertará em nós um sentimento que faz parte de nossa constituição física e mental. Da mesma forma se perdemos nossa família em um acidente de carro, isso nada mais é do que um acontecimento não mais do que probabilístico, e toda a torrente de dor que vamos sentir após o ocorrido nada mais é do que uma habilidade biológica que temos de reagir a qualquer evento. Claro que queremos primeiro que tal fato terrível não tivesse acontecido, e que aqueles sentimentos não tivessem nos acometido, mas fato é que as coisas acontecem porque podem acontecer, e sentimos por elas aquilo que em nossa constituição física nos permite sentir a respeito de qualquer coisa. Cabe mais a nós aprendermos a não sermos ludibriados pelos sentimentos agradáveis e muito menos arrasados pelos sentimentos dolorosos. Cabe a nós interpretarmos menos como bem aquilo que gostamos que aconteça a nós, e muito menos como vontade de Deus, e também deixarmos de interpretar as tragédias como algo fora dos planos de Deus, e muito menos como vontade de Deus também, mas sem nos esquecermos de que a possibilidade para que tais

fatos aconteçam, apesar de não serem Seus planos, não deixam de ser uma possibilidade dentro de uma criação, sim, Sua.

Entretanto, tudo isso não passa de uma conjectura provocativa da qual eu mesmo sou vítima de espanto até certo ponto. No entanto, como conjecturar sobre a psicologia de Deus nunca foi alvo de base científica por parte de nenhum ser humano, eu não me sinto intitulado a expressar minhas próprias elucubrações como sendo de forma alguma a verdade. O que vejo que fica dessa forma de pensar não parece atingir tanto o possível criador de tudo, mas mais a nós mesmos enquanto seres humanos, pois à medida que eu desenvolvia minhas ideias a respeito da psicologia de Deus, eu também me deparava com a dificuldade de encarar e sentir as ideias que eu escrevia enquanto ser humano que se alegra e que sofre com as situações da vida. As palavras aqui escritas neste capítulo serviram mais para mim mesmo, enquanto ser humano que sempre me posiciono em termos daquilo que considero como bom ou mal, e o impacto que tais interpretações tem em minha vida, do que o que Deus possa de fato pensar a respeito de tudo isso, pois afinal de contas, basicamente, das três, uma: ou Deus existe e também é vítima de nossas interpretações a respeito dos fatos da vida; ou segundo, Ele assim como tentei brevemente aqui expor, não se move pelas mesmas interpretações que nós fazemos da vida; ou terceiro, Ele nem sequer existe para sentir ou interpretar qualquer coisa.

As definições que temos dos acontecimentos que nos atingem nada mais são do que interpretações passíveis de alterações. Por exemplo, convencionamos pensar como ruim, ou um mal, passar por situações difíceis em nossa vida. Temos também programado em nossa mente que momentos felizes são bons e dignos de serem almeçados.

Entretanto, se fôssemos mais a fundo nesse pensamento, nos daríamos conta de que os momentos difíceis da vida são aqueles que fazem de nós pessoas melhores e mais fortes, enquanto que os momentos felizes e de prazer são aqueles que enfraquecem nossa musculatura intelectual e emocional para os revezes que inevitavelmente a vida proporciona. Então, tendo isso em mente, se pais que educam seus filhos mudassem a lógica da educação para uma postura em que o sofrimento na verdade é bom e os prazeres perniciosos, então teríamos uma pessoa que teria valores invertidos em um caso específico com relação ao que é bom e o que é ruim. Então uma catástrofe para essa pessoa seria encarada como benéfica para o seu próprio desenvolvimento, enquanto que momentos de alegria seriam vistos com atenção, pois seriam considerados momentos puramente ilusórios e passíveis de enfraquecer a capacidade emocional do ser.

Definitivamente a noção de bem e mal é uma concepção humana. É óbvio que há casos de ações, aquelas provindas dos seres humanos em especial, que são definitivamente repugnantes, mas que de forma geral como tudo o que interpretamos na vida, não passa disso, interpretação e convenção. Principalmente essa luta entre o bem e o mal é uma convenção humana. Não há evidência nenhuma dessa luta, mas o ser humano, com sua extraordinária capacidade criativa, foi capaz de conceber uma ideia que até hoje não é a verdade absoluta, mas apenas uma convenção. Não somente isso, muitas vezes por trás de determinadas definições de bem e mal está um interesse em controlar as ações das pessoas. Veja na época da inquisição, por exemplo, tudo o que era considerado uma obra do mal, ou influência do demônio, nada mais era do que uma definição de um grupo de pessoas que queria ter o controle absoluto sobre o comportamento da grande

massa das pessoas, e logo quem ousasse pensar além do imposto era simplesmente condenado com a aprovação inclusive da grande massa ignorante.

Ainda hoje muitas dessas definições nada mais são do que ideologias que servem para nos convencer de que certas ações são corretas e outras erradas, quando um pouco de luz racional nos faria perceber que isso não é bem assim. Como no caso de um país que entra em guerra com outro, convencionam-se que um país está do lado do bem e o outro do mal. Mas provavelmente os dois lados da luta incutem o mesmo pensamento em suas tropas e civis, justificando assim uma ação que por si só é irracional, mas que encontra força na passividade (e ação) daqueles que estão envolvidos.

Novamente, Deus nada tem a ver com nossas definições de bem e mal. Para Ele tudo deve ser apenas natural. Nós é que fantasiemos e Lhe atribuímos julgamentos que nada mais são do que nossas próprias ideologias. Há o tipo de Deus criado por nós seres humanos que segue a rigor nossas vontades e desejos, e há o provável criador de tudo que simplesmente se abstém de qualquer julgamento sobre os resultados das ações de suas criações. Pouco interessado deve estar Ele com respeito aos nossos sentimentos e interpretações sobre a vida. Tudo por Ele foi criado, logo tudo o que acontece não é nada mais do que obra de Sua criação, por mais cruel que isso possa parecer aos nossos olhos. Sua intenção não deve ser outra do que ver tudo que pode acontecer a partir da Sua primeira criação. Deus deu a vida a tudo o que Ele criou e deu a esta vida a liberdade de explorar o próprio desenrolar das possibilidades, com apenas algumas leis básicas que regem a harmonia de todos os corpos que fazem parte desse espetáculo da existência. Ele mesmo não está presente julgando ou interferindo em nada. Se algo acontece é porque a lei permite. Entretanto,

nós atribuímos ao criador muitos papéis de influência que não parecem de forma alguma acontecer. Muitas religiões como exemplo atribuem a Deus o papel de curar pessoas de enfermidades. A doença bem como a cura são possibilidades criadas por Deus. A dor que sentimos ao perder alguém em virtude de alguma doença grave é um sentimento da mesma forma criada por Deus. E mesmo que Ele interferisse em casos específicos de doença, nada impede que as pessoas tenham que enfrentar a lei natural que diz que tudo deve se transformar, e que no caso dos seres humanos é a morte. Nada de ruim há em uma doença grave, ou na morte, ou nos sentimentos de dor que experimentamos, o que há é uma falha nossa em interpretar tais acontecimentos, e uma incapacidade racional de perceber que estas são apenas situações normais da vida. Caso excepcional sim são aqueles de pessoas que cometem atos atrozes contra outras pessoas. Isso não pode ser aceito. Mas Deus jamais interfere nesses casos, bem como em nenhum outro, para impedir que eles aconteçam. Então quando um homem depravado estupra crianças inocentes este é um ato abominável. Entretanto, perceba que Deus não interfere nessas ações. Isso não faz de Deus um ser mau. Isso apenas mostra que Ele não interfere nas ações de suas criaturas. Ele dá total liberdade para que todos ajam de acordo com suas vontades. E se um ato de maldade, por mais cruel que seja, pode ser feito, é porque a lei da natureza o permite que assim seja. E se uma catástrofe natural acontece, isso não é nem bom nem ruim, é apenas um acontecimento.

Então você poderia argumentar que no caso de não existir o bem e o mal, e de não sermos propriamente julgados pelo que fazemos em consequência dessa indefinição, então os seres humanos teriam a liberdade de fazer o que bem quisessem sem o risco de serem

condenados por seus atos, no caso de serem atos ruins apenas segundo nossas próprias e únicas interpretações. Então poderíamos supor que se o homem quisesse destruir o planeta inteiro e tudo o que vive nele isso não seria necessariamente considerado um ato ruim, mau. A verdade é que tal ato de fato pode ser levado a cabo e de fato para a vida, ou para Deus, isso não será considerado um ato de maldade, não será julgado, e será plausível de ser praticado. Tudo na vida é permitido, desde que dentro das leis da natureza. Então, é possível que a raça humana exploda uma bomba que acabe com toda a vida na Terra? A resposta é sim, e não há lei alguma que impediria isso. E a vida não se importaria com isso? Acredito que não. A vida, ou quem sabe Deus, ou o nada, não está nem um pouco preocupado com o que possamos vir a fazer. É tudo livre, mesmo a total destruição. Pois raciocine da seguinte maneira. As pessoas morrem individualmente após um dado período de vida. Então que diferença faria se todos morressem cada um no seu momento ou se todos morressem juntos ao mesmo tempo? A vida e o universo irão continuar a existir, e talvez vidas em outras partes do universo, mesmo que destruamos a nós mesmos por completo.

Mas por que pensar que iríamos optar pelo mal ao invés do bem, mesmo que para Deus (ou a vida, ou o nada) não haja tais definições? Por que não podemos escolher agir benevolamente para com os outros seres e com a natureza pelo simples fato de optarmos por assim viver, pelo simples fato de isso ser melhor para todos? Não há necessidade de termos sempre alguém em nosso encalce nos dizendo o que é certo ou errado, o que deve e o que não deve ser feito. Nós temos total liberdade de optar. A vida não está preocupada com o que fazemos. Para a vida o transcorrer dos dias é imortal e nada do que

acontece interfere em sua permanência. Dentro de suas leis ela permite a toda forma de vida total liberdade de ação, novamente, sem distinguir entre bem e mal. Cada ser vivo deve arcar com os resultados de suas ações, e é isso. Cada ação gera um resultado desprovido de julgamento. Fomos nós seres humanos quem definimos o que é bom e o que é mau, não a vida. E não é porque não exista uma definição explícita do que vem a ser o bem e o mal que precisamos necessariamente optar por aquilo que nós convencionamos como mal, podemos naturalmente da mesma forma facilmente optar pelo bem, mesmo que isento de qualquer retribuição por tal escolha, a não ser o arrecadamento de uma vida mais prazerosa e benéfica para todos do que uma vida baseada no mal pode trazer. Essa decisão cabe exclusivamente a nós seres humanos. Eu de minha parte espero que não optemos por destruir tudo, acho muito mais democrático permitir que a vida continue e da forma mais agradável para todos que for possível de se proporcionar.

Capítulo XII — Sexo

Certa feita, conversando com o grande amigo e filósofo Rômulo Richards, chegamos à conclusão de que o cérebro humano é na verdade como um parque de diversões, pois nele é possível viver incríveis aventuras, desde o terror até o êxtase, no qual é possível andar na montanha russa das alegrias e também no pedalinho de patinho no laguinho do tédio. No qual é possível imaginar ideias maravilhosas ou viver terrores na forma de doenças psíquicas.

E se o cérebro é como um parque de diversões das possibilidades infinitas, então o nosso corpo é o parque temático das dores e dos prazeres físicos. E mais importante de tudo, da máquina mais incrível de prazer concebida pela natureza: o sexo.

Quem concebeu o corpo humano, seja lá quem tenha sido, Deus, a natureza, o acaso, alienígenas, agora não importa discutir isso, criou a invenção mais incrível que meus olhos e minha mente tiveram a capacidade de compreender até hoje. Temos dentro de nossa cabeça uma máquina bioquímica de poder incomensurável chamada cérebro. Temos membros em um corpo que se articulam de forma incrivelmente complexa. Temos um sistema respiratório de funcionamento no mínimo extasiante. Temos um coração que não descansa por um segundo enquanto estamos vivos. Temos capacidade sensorial e intelectual para compreender tudo o que acontece à nossa volta e até além. Somos, enquanto seres humanos, realmente incríveis.

E não bastasse tudo isso, fomos ainda presenteados com uma máquina de prazeres infinitos e gratuito: o sexo. Temos um aparato físico que nos permite ter prazer e dar prazer. Sem custo. Quantas vezes quisermos. E não é pouco prazer de que estamos falando. Em minha opinião, não existe nada no mundo que dê mais prazer do que transar. E essa máquina é tão complexa e desenvolvida que além de ser um aparato físico ela também está de alguma forma ligada a nossas emoções e espiritualidade. Porque se a experiência já lhe permitiu observar, quando o sexo é feito com determinadas pessoas, digamos especiais para nós, os patamares de prazer, que quando no nível puramente físico já são intensos, quando passam para esse nível de conexão químico, emocional e até espiritual, tomam proporções muito mais transcendentas e efervescentes.

Mas para aqueles momentos em que não é possível encontrar a pessoa que desperte tal frenesi, mesmo assim o prazer será intenso, e não é necessário sempre praticar o sexo com outros, pois é possível utilizar essa máquina de prazer de forma individual. Ela também funciona com a masturbação. É possível ter prazer sozinho. Não no mesmo nível que se atinge a dois, mas mesmo assim, um prazer de um nível bastante agradável. Dependendo da qualidade e da capacidade criativa do indivíduo a masturbação pode ser um prazer difícil de ser vencido por qualquer outro prazer disponível no mundo, perdendo apenas para o sexo a dois (ou três, ou mais), e perdendo ainda mais para aquele sexo especial com pessoas que nos fazem alcançar sensações mais elevadas.

Agora, seria engraçado se não fosse grave, como é possível que as religiões ao longo da história tenham sido capazes de distorcer e inculcar tanta culpa sobre algo tão belo? Quão antiDeus não tem que ser uma religião

para condenar algo que supostamente deve ter sido criado pelo Deus que tais religiões se dizem adorar? Se Deus existe, e se ele criou o ser humano, vamos apenas brincar de supor agora, então imagine você o quão legal essa entidade deve necessariamente ser para ter criado um sistema sexual que permite aos seres humanos, indiscriminadamente, independentemente de gênero, cor, *status* social, situação de vida, ter prazer a um nível inalcançável por meio de qualquer outra forma de prazer disponível na natureza ou inventado pelo homem! E se não foi Deus quem criou, então que os méritos sejam da mãe natureza, ou meramente do acaso, ou do nada, se for o caso. Mas o fato é que os seres humanos foram agraciados com algo mágico. Só para ficar bem claro, nós fomos presenteados com um cérebro que é uma máquina incrivelmente poderosa, um corpo extremamente articulado e uma máquina de prazer ilimitada. Você está conseguindo compreender?

E pelo que até hoje eu pude constatar, não há nenhum manual de instrução de uso desse complexo corpo de maravilhas que imponha sobre ele qualquer limitação que não seja aquela notadamente natural. Não há regras. Não há sequer manual de uso. Deve-se aprender a usar essa máquina, ou esse brinquedinho, usando. Devem-se aprender os segredos do prazer ilimitado, experimentando. Que fantástico. Quão abençoados somos nós seres humanos. E ai daqueles que neste momento ousarem pensar ou expressar que a Bíblia ou qualquer outro livro dito sagrado seja o tal manual ao qual eu me referi agora, porque, veja bem, simplesmente não são, pelo simples fato de haverem desses ditos manuais (livros dito sagrados) centenas espalhados pelo mundo sendo que todos se contradizem. E por que eles se contradizem? Pelo simples fato de eles terem sido escritos por diferentes seres

humanos em diferentes épocas. Veja como a natureza e as leis da física não se contradizem em épocas ou situações diferentes. É sempre a mesma lei. Porque essa sim é criada pela mesma força. Força essa que também criou os seres humanos, e todos os seus aparatos de diversão, e principalmente o parque temático do prazer.

Entretanto, apenas seres humanos muito doentes ou com disfunção sexual e psicológica muito grave para tentar deturpar uma obra da natureza tão complexa e perfeita como o ato sexual. Somente um grupo muito torpe para maquirar uma mentalidade que tira das pessoas a capacidade de desfrutar plenamente e sem culpa um prazer presenteado ao ser humano de forma tão plural e amorosa. Se eu fosse Deus, eu ficaria extremamente infeliz com o que principalmente as religiões fizeram ao condenar o ato sexual e suas fantasias de forma tão horrenda como a que foi feita até aqui. Toda e qualquer religião que condena o sexo, ou que incute a esta ação qualquer forma de culpa, qualquer religião que ouse sequer proferir uma opinião mínima que seja sobre o que deve ou não deve ser feito a respeito do sexo faz um desserviço ao criador do sexo, pois a forma de usar esse presente cabe a quem o faz e da forma como bem achar melhor a si mesmo e aos outros que acordam em fazer uso com ele ou ela, e ninguém, mas absolutamente ninguém mais, a não ser os envolvidos com seus corpos, mentes, e espíritos, têm o direito de decidir qual a melhor forma de desfrutar de seu parque temático dos prazeres ilimitados.

Se você quer dedicar seu corpo e sua vida sexual com exclusividade por toda a sua vida a apenas uma pessoa, ótimo, é uma decisão apenas sua e dessa outra pessoa. Se você quer dedicar seu templo dos prazeres místicos a outras pessoas ao longo da vida, perfeito, também é uma decisão sua. Se você quer dedicar sua máquina sexual a

várias pessoas ao mesmo tempo, não há problema algum. Mas se você não quer de forma alguma desfrutar desse sorvete de sabores deliciosos com nenhuma outra pessoa do mundo, veja bem, também é uma decisão sua. Você tem total liberdade de assim fazê-lo. Também se você gosta de brincar sempre com os mesmos brinquedos que você já tem não há problema. Todas as consequências pelas decisões dos seus atos recaem apenas sobre você e sobre a pessoa com quem você porventura escolhe para compartilhar desse prazer. Havendo respeito e consentimento, tudo é liberado. Não pode haver imposição e violência não permitida, isso é óbvio. E você sabe por que eu tenho tanta propriedade para falar desse assunto sem nem mesmo titubear? Você sabe de que livro, ou de onde eu tirei esta certeza? Simples. Das leis da natureza. Se a natureza me permite fazer algo, e que ainda por cima faça bem a mim e a outra pessoa, então está mais do que provado que tal coisa é permitida. Nada está acima das leis da natureza. Eu não estou acima dessas leis. Ela foi criada por alguma força muito poderosa e inteligente, que além de tudo parece ter muito interesse em que os seres humanos, e todas as outras formas de vida também, é claro, tenham a capacidade de desfrutar de toda esta criação em sua forma mais plena possível.

É difícil compreender em que momento o homem passa a acreditar que os prazeres físicos são incompatíveis com uma vida filosófica, espiritual e mentalmente elevada. Veja que para os cristãos, Jesus foi concebido por Maria sem o ato sexual, por obra do Espírito Santo, como se o ato sexual fosse algo impuro. Para os cristãos, Jesus nunca teve qualquer ato sexual. Não quero acreditar ou desacreditar nisso, mas não vejo mérito nem demérito. Ao meu ver, se Maria concebeu Jesus pelo ato sexual ou não, não aumenta nem diminui todo o trabalho lindo que

ela desenvolveu enquanto mãe de um grande ser humano, da mesma forma que se Jesus teve relações sexuais ou não, não diminuiria em nada a importância e a verdade de todas as ações e pensamentos maravilhosos que ele desenvolveu. Se eles optaram por não ter relações sexuais para que isso não tirasse o foco em seu trabalho, acho que isso sim pode ser completamente compreensível. Entretanto, incutir qualquer tipo de repreensão sobre algo tão natural e proveniente da própria criação seria por si só ilógico e conseqüentemente não proveniente daquele que se dizia o filho de Deus.

Não sei como outras religiões tratam a questão do sexo, mas no cristianismo temos a religião católica que não permite que seus padres e alguns outros tantos membros pratiquem o ato sexual, fato que por si só já dá uma dimensão da maneira como eles abordam essa questão. Basicamente eles vão contra o preceito mais básico da criação, a reprodução, sendo que eles mesmos como ditos detentores do conhecimento e da palavra de Deus não seguem um fundamento básico criado por Aquele que dizem representar. Mas não é só na religião que esse pudor exacerbado com relação ao sexo parece estar infiltrado. Em nossa cultura, de forma até global eu diria, parece haver uma grave percepção sobre o que o corpo humano e o sexo representam. Há uma grande nuvem de idolatria sobre o corpo humano e até de objetificação principalmente sobre o corpo da mulher, envolvido em uma áurea de mistério, algo que é muito complexo e contraditório, pois ao mesmo tempo em que somos expostos constantemente à nudez e pornografia, da mesma forma parece que nós mesmos temos vergonha da nudez e do sexo. O corpo e o sexo tornaram-se algo tão estranho que passaram até mesmo a ser um bem de consumo como tantos outros. O absurdo chegou a tal ponto que atualmente pagamos para ver

fotos de mulheres peladas, e nos sujeitamos a ver filmes pornô em vídeos, por muito menos do prazer que temos o direito de desfrutar com nossos próprios corpos sobre algo que nos foi dado de presente gratuitamente. E sim, essa industrialização do corpo e do sexo transformaram algo tão natural, belo e prazeroso em algo escandaloso.

Vivemos o período civilizatório que mais expõem a nudez e que mais comercializa o sexo e ao mesmo tempo somos uma sociedade que ainda tem vergonha de tudo isso. As mulheres colocam silicone, usam decotes provocadores, usam roupas coladas ao corpo, mas ai daqueles homens que pensarem em sexo com essa mulher. Serão homens considerados vulgarmente chamados de tarados e depravados. Isso por reagirem naturalmente a um instinto puramente natural: o desejo sexual. Essas mesmas mulheres vão à praia e usam um biquíni mínimo, no qual quase se mostra tudo, mas não estão nuas, porque ficar nua em local público não pode. Os homens por sua parte também estão mais preocupados com o corpo e com a aparência, e também usam a estratégia feminina de usar roupas mais justas, mostram um pouco mais do peito, sempre que possível deixam a vista braços mais fortes. Tudo isso não passa de um jogo de sedução e atração sexual, mas que por algum motivo não pode ser visto assim. Há todo um pudor quanto a isso. Todos querem transar, mas ninguém quer admitir. Ninguém pode admitir. Parece errado admitir. Estão todos quase nus. Há pornografia para todo o lado. Há sexo explícito gratuito na internet. Só não há sexo natural para aqueles que de fato têm direito sobre ele: qualquer ser humano.

Não quero dar a entender que acho que deveríamos fazer como os animais e sair transando em qualquer lugar e com qualquer pessoa. Passa longe disso o meu argumento. Meu argumento é o de que ainda não

adquirimos maturidade suficiente para justamente não precisar falar de sexo. Falamos de sexo porque ainda não entendemos o que isso significa. Comercializamos o sexo porque isso é algo que parece que de alguma forma não nos pertence. Quando atingirmos maturidade suficiente para tratar o sexo e os prazeres que ele proporciona de maneira puramente orgânica e proveniente da natureza, não precisaremos mais consumi-lo, pois passaremos sim a vivê-lo.

O sexo acima de tudo é um instrumento da natureza para garantir algo que a ela muito interessa: a reprodução da vida. Tudo o que é orgânico e tem vida, reproduz-se. A natureza não está necessariamente preocupada com a reprodução das espécies especificamente, mas sim com a vida de forma geral. A natureza não faz nada para prevenir que uma espécie entre em extinção, mas ela está em constante manutenção da garantia da vida. Há o argumento hoje tratado na mídia de que a homossexualidade seria errada, pois supostamente vai contra essa lei da natureza da reprodução e que ainda por cima poderia levar a extinção da espécie humana. Em primeiro lugar, ninguém deve transar com alguém que não sinta vontade. E se um grupo de pessoas é homossexual, haverá tantos outros que continuarão sendo heterossexuais. Há outros problemas causados pelos humanos que levarão à extinção da espécie muito mais rápido do que isso. Em segundo lugar, a natureza parece estar pouco se importando com a perpetuidade da espécie humana ou com qualquer tipo específico de espécie de vida. A natureza está sim trabalhando para que a vida em si continue. Aliás, eu acredito tão fortemente nisso, que é interesse da natureza que as espécies de fato se reproduzam, que me sinto profundamente culpado em minha decisão de não querer ter filhos. Talvez eu mude de opinião no futuro e venha

a ter filhos, mas eu percebo que essa minha decisão por não procriar vai de alguma forma contra a lógica da lei da natureza, que é essa intenção forte que ela tem de que nós levemos adiante a vida por meio da procriação.

Aliás, há aqui um fator que novamente diferencia o ser humano das outras espécies, pois nós temos essa característica de usar o sexo não exclusivamente para a procriação, mas para o mero prazer (novamente aqui eu poderia criticar a igreja católica por ela dizer que somente deveríamos transar para fins de procriação). Ou melhor, acho errado que eu diga mero prazer, pois estaria minimizando a beleza que o prazer sexual proporciona ao ser humano. Outras espécies usam o sexo basicamente para a reprodução. Nós, além disso, também para o prazer.

Digamos que o sexo poderia ser dividido em estágios de prazer ou formas de desfrutar dele. Primeiro há aqueles que optam por não desfrutar do sexo nem para fins reprodutivos nem de prazer. Não há erro nenhum nisso e muito menos qualquer crítica. O ato sexual e a busca por essa relação entre pessoas de fato trazem muitas distrações, e normalmente pessoas que acabam optando por não o realizar demonstram ser pessoas mais comprometidas e até focadas com algum outro objetivo de vida ulterior. Parece até eu diria que são pessoas que estão em busca da procriação não de outros seres vivos, mas de outras ideias ou trabalhos. São geralmente pessoas com um senso de missão de vida. Veja que apesar de eu espicaçar algumas críticas às religiões que glorificam o ato de não praticar o sexo, acho louvável quando essa opção é puramente natural por parte de uma pessoa que encontra na vida um motivo maior que lhe faça optar por abdicar do sexo. Há também a questão de constituição biológica, talvez tal pessoa simplesmente não tenha em sua constituição física os componentes químicos que lhe

impulsionam para o sexo. Então para essa pessoa o sexo não é uma necessidade, nem os prazeres que dele advém. Se essa opção parte naturalmente da pessoa e ela não se sente em conflito com sua existência essa é uma opção louvável e respeitável.

Sim, o sexo não deixa de ser uma distração. Para realizá-lo é preciso investir energia. Logo, consequentemente, pessoas que não vão por esse caminho, espontaneamente optam por aplicar tal energia a outros esforços. Não raro observamos que pessoas ditas mais espiritualizadas optam por uma vida de celibato. Consigo compreender tal opção. Não é compreensível a ideia de que ser espiritualizado necessariamente impõe uma vida de não sexo. Quer transe muito, pouco ou nada, isso não é uma regra para ser espiritualizado. Entretanto, concordo que pessoas mais espiritualizadas mais comumente do que não, optam pelo celibatário. Isso não deve ser justificativa para qualquer tipo de imposição.

A segunda forma de apreciar o sexo pode ser associada com aquela mais aproximada da forma pela qual a natureza animal expressa essa ação. O sexo mais carnal, inclinado para a reprodução ou não, sem o cuidado comum atual de não gerar um filho, quem sabe mais associado àquelas pessoas de baixa instrução e condição social, pois de fato se percebe um número maior de nascimentos em famílias em que se diria ter menos condições de arcar com as despesas de tal situação. O sexo aqui é instintivo e pouco racional. Ele simplesmente acontece pela força da natureza que compele dois corpos ao sexo, no qual a consequência esperada pela força da vida é de dar continuidade ao projeto de existência. Os atores envolvidos nesse ato têm pouco ou nenhum conhecimento a respeito destas forças. Há aqui uma busca de prazer e descomprometimento com os resultados do ato.

Deve haver, apesar de desconhecer, qualquer pessoa que apenas pratique o sexo com o intuito de procriar, sem interesse no prazer que o sexo propicie. Sei que algumas religiões consideravam o sexo como mero instrumento de procriação e que repudiavam a ideia do prazer carnal. Algumas pessoas são facilmente influenciáveis ao ponto de cair em tal tipo de ideia e o mundo está cheio de pessoas de má índole capazes de propagar tal tipo de pensamento, então é possível que tal forma de ato sexual exista no mundo, praticado por algumas pessoas. Mecanizar o ato sexual e o seu prazer é inquestionavelmente um argumento irracional que deve ir contra os desejos de um possível criador. Deve haver aqui um forte esforço racional para inibir os desejos e sensibilidades prazerosas naturalmente estimulados pelo corpo. Se a pessoa que segue tal credence dispõe de um corpo saudável, mal posso imaginar o embate psicológico e físico ao qual deve ser exposta.

Há outras pessoas que buscam justamente o prazer que o sexo proporciona. Essas pessoas podem ou não estar interessadas na procriação. Há aqui o elemento da racionalidade fortemente presente com os desejos e prazeres naturalmente proporcionados pelo corpo natural. No caso de não querer procriar, toma-se os devidos cuidados para que isso não aconteça, mas vejo nessa opção algo que vai contra a natureza. Como já disse, eu mesmo me encontro nessa situação e não posso negar uma certa dose de culpa por minha decisão. Entretanto, não posso defender tal sentimento logicamente, então deixe-o de lado. Há por outro lado aquelas pessoas que querem ter filhos, mas não no momento, então também se utilizam de elementos preventivos. Enfim, em ambos os casos se percebe o prazer que o sexo proporciona e desfruta-se disso sem culpa, com uma dose de racionabilidade, mas

sem religiosidade. O sexo é um instrumento de prazer do qual se faz uso sem culpas, como de fato deve ser.

E por fim, há o que talvez seja o mais tipicamente humano em termos de sexo, pois é onde o ser humano transcende sua constituição puramente física e atinge outros patamares por meio de sua criatividade, imaginação e, quem sabe, espiritualidade também. Há pessoas mais especializadas no assunto que dizem que por meio do sexo é possível ter um contato com o “divino”. Por não dominar tal conceito e por não ser o foco deste trabalho deter-se demoradamente em específicos assuntos não me inclinei a pesquisar mais sobre tal. Enfim, digo que essa forma de sexo caracteriza mais o ser humano, pois é ele que consegue conferir mistério às coisas que de outra forma seriam unicamente comuns. Sou capaz de compreender tal definição de sexo transcendental principalmente naqueles casos em que parecemos nos conectar de forma especial com algumas pessoas, e não com todas. Com algumas o sexo é puramente algo prazeroso sim, mas com outras parece haver algum elemento de especialidade difícil de colocar em palavras. O que quero dizer é que com algumas pessoas o sexo parece transcender o puramente físico e alcançar um patamar de prazer também emocional. Essa é a melhor forma que consigo de colocar em palavras o que compreendo. Espero que o leitor consiga de sua parte sobrepujar minha incapacidade a fim de alcançar o que tento expor. E tal ato sexual de prazer não parece ser possível de ser alcançado sozinho pelas vias da masturbação. Há algo de misterioso que faz do ato sexual, com algumas pessoas em especial, tornar-se algo transcendentalmente prazeroso para além do meramente físico. E não é que algumas pessoas tenham exclusivamente essa capacidade e você tenha que ter a sorte de encontrar tais pessoas. O que acontece é que duas

peessoas quando se juntam parecem possuir uma química especial que é desencadeada entre esses dois de forma tão poderosa. Talvez não seja nem apenas uma questão de química entre duas pessoas, mas também uma questão de momento de vida. Fato é que tal ascendência prazerosa não pode ser alcançada meramente com qualquer pessoa com quem transamos, mas especificamente por algum motivo apenas com algumas. E isso não parece ser algo muito controlável. Não quer dizer que sempre que se transar com tal pessoa se atingirá tal nível de êxtase, mas algumas vezes. Talvez haja alguma técnica que ajude a chegar a tal nível de prazer com qualquer pessoa a qualquer momento, a respeito disso sou um leigo. Fato é que depois de ter descoberto tal prazer, as outras formas de sexo, apesar de ainda continuarem oferecendo grande retribuição física, sempre ficarão aquém de uma forma de prazer que insistirá em perdurar na memória.

Enfim, por teorizar-se demais tal tópico corre-se o risco de ficar apenas na teoria. Fato inegável é que possuímos livre e gratuitamente em nossa constituição física um aparato todo complexo que nos proporciona estar em acordo com os planos da natureza que se referem à perpetuidade da vida, além de ainda nos proporcionar prazer em níveis diferentes. E que não há nada nem ninguém que possa proclamar qualquer falsa verdade em contrário a esse argumento, sendo a opção pela forma de desfrutar, ou não, dos prazeres do sexo e de suas funcionalidades uma liberdade irrevogável, inalienável e irrepreensível, desde que respeitando as próprias vontades e a dos outros. E aquele que ousa repreender o ato sexual em nome de algum Deus criado pelo homem, tem de estar ilogicamente indo contra a criação deste próprio Deus. Se teoricamente Deus existe, e se teoricamente criou o homem, então o sexo, ato também criado por suposto Deus, só pode ser divino.

Capítulo XIII — Violência

Muito nos impressiona a violência do mundo. Ficamos chocados com tudo o que aconteceu na história, com o que ainda acontece ao redor do mundo ou até mesmo muito perto de nós. Quem de nós já não foi algum dia vítima da violência? Ou quem sabe protagonista, mesmo que em um momento de exaltação irracional.

Sempre me impressionou que na história mesmo homens de grande envergadura intelectual tenham sido protagonistas de atos violentos da mais alta engenhosidade. As guerras que travaram e que ainda hoje insistem em ter espaço em nossas vidas não me cabem na compreensão. Em um caso ainda mais difícil de compreender está Alexandre o Grande. Pois eis que foi ele um homem educado por ninguém menos do que Aristóteles, um dos maiores filósofos que a humanidade já conheceu, entretanto, mesmo assim, Alexandre foi um dos maiores conquistadores de territórios e de povos que a humanidade já conheceu. A história nos conta que ele agia com técnicas de conquista mais humanas do que qualquer outro conquistador, pois não dizimava os territórios e populações conquistadas, e muito menos acabava com as culturas que abraçava sob seu comando. Mas mesmo assim, não era sem violência que conquistava novos territórios, e com certeza não são desprezíveis o número de pessoas que matou para alcançar toda a sua glória.

Contudo, Alexandre o Grande viveu mais de trezentos anos antes de Cristo, e me espanta mais

ainda constatar que a violência humana continua a nos rodear. Perguntava-me recentemente se já não era tempo de termos extirpado a violência por completo. Entramos recentemente no século XXI e a violência parece em nada ter perdido sua força. Aliás, não apenas não perdeu força, como parece ter ganhado novas plataformas. Países e formas de governo cometem atos de violência não apenas contraditórios inimigos, mas contra sua própria população muitas vezes. Pessoas de um mesmo grupo social cometem violência contra si mesmos. Pessoas em estádios de futebol cometem atos irracionalmente violentos contra pessoas que torcem para times opostos aos seus. Ladrões matam friamente vítimas que minimamente reagem. Nas redes sociais pessoas desferem palavras de ódio umas contra as outras na mais indiscreta naturalidade. Pessoas no trânsito são irascíveis. Há esportes que se especializam em agredir outros seres humanos da forma mais elaborada possível. Grupos musicais propagam cruéis expressões de violência como forma de arte. A violência chega a tais níveis de irracionalidade que pessoas cometem até mesmo violência contra si próprias, infligindo dor física e emocional contra sua própria vida, às vezes levando a casos extremos de suicídio. Há também casos de alguns pais (ou qualquer outro adulto) que agridem crianças indefesas de maneira grotescamente brutal.

Há também a violência contra os animais. Existe a forma de violência gratuita daqueles que agridem animais ou que os abandonam, e há também o que se levantou como debate mais recentemente no que tange o fato de tratarmos com crueldade animais a fim de industrializarmos-los em forma de alimento. A propósito, é no reino animal que procurei lançar vistas a fim de tentar compreender o tema da violência, pois ao invés de diminuir ao longo da

história, a violência pareceu ganhar cada vez mais força e variedades de expressão.

Infelizmente para os vegetarianos que defendem a preservação e integridade dos animais a natureza real parece não se importar muito com esses conceitos de piedade e não-violência. Para compreender a violência que solapa nossa sociedade desde tempos imemoriais a natureza confere muitas respostas a essas dúvidas e críticas. Apesar de nosso espanto com relação à violência, ela parece estar presente de forma unânime na natureza. Os animais são violentos uns contra os outros quando em seu habitat natural e não parece nada de errado haver nesta condição. Por óbvio que o fim justificável para a violência no reino animal é a sobrevivência. Então quando um leão brutalmente caça e dilacera uma presa é para o seu próprio sustento. Vegetarianos que tanto se compadecem com a brutalidade com que bois são tratados em matadouros e que produzem vídeos chocantes para defender suas teorias de que é errado comer carne em virtude do maltrato aos animais deveriam ver vídeos de como os animais tratam uns aos outros no reino animal, garanto que não encontrarão muitas cenas de piedade quando um leão faminto ataca um boi desprotegido. Haverá com certeza muita violência. Haverá muito sangue, e nem sempre uma morte rápida como nos matadouros, mas uma morte sofrida. Entretanto, a natureza parece conformar-se plenamente com isso.

Portanto, o que percebo é que o problema não é unilateralmente a violência humana. Outra parte do problema é que nós seres humanos não queremos aceitar um fato óbvio a respeito da existência: ela é violenta. É claro que há casos injustificáveis de violência, nos quais nós, como seres humanos, devemos ter uma postura de repúdio. Mas para todos os outros casos nós

devemos voltar a aprender a conviver com a natureza, e com nossa própria natureza, que é inevitavelmente violenta. Parte do problema somos nós mesmos. Ao longo do tempo, e principalmente mais recentemente, fomos nos tornando macios com relação a este tópico, fomos nos tornando menos resilientes contra a força da violência, e achamos que com isso a natureza, ou os outros seres, devem se compadecer de nós e diminuir o impacto violento que tem sobre nossas vidas, quando na verdade a real responsabilidade é nossa em aprender a conviver com a violência ou aprender a combater a violência com violência.

Mas veja bem que não pode ser qualquer violência de que estou falando. Observando a natureza e suas leis vemos que sempre há doses de propósito e inteligência por trás de tudo o que ela faz. Consequentemente da mesma forma nós quando fizermos uso da violência temos de fazê-lo com propósito e inteligência.

Mas antes de fazer uso da violência, é preciso aprender a ser forte contra a violência. Temos nos tornado humanos muito fracos contra a agressividade que se choca contra nós. Temos nos tornado sensíveis demais. O reino animal é violento, mas acima de tudo ele parece não se importar com a agressividade que se impõem contra ele. Até parece saber que a agressividade é normal. Já nós seres humanos ficamos chocados quando vemos a brutalidade diante de nossos olhos. A selvageria que vemos cometida por muitos seres humanos é geralmente inapropriada e condenável, mas outras vezes ela nada mais é do que natural. Não há nada de antinatural no fato de o homem comer carne e matar animais para esse fim, ao contrário do que os vegetarianos tentam impor, entretanto, é errado matarmos outros seres humanos em disputas por terras, até porque existe uma infinidade de terras disponíveis no planeta,

então quando fazemos isso, o fazemos em um estado de baixa capacidade intelectual, chamada ganância, quando poderíamos usar outras formas muito mais humanas de capacidade intelectual, como a criatividade, para resolver problemas e conflitos: como a caridade, o Amor etc.

À parte de nossas opiniões sobre o que consideramos certo ou errado, fato inegável é que a brutalidade é um evento presente em toda a natureza e, portanto, consequentemente, nós seres humanos, fazendo parte dessa natureza, também estamos sujeitos a essa característica. Mas talvez não haveria outro lugar no qual seria mais apropriado ter consciência dessa condição do que em nossas relações interpessoais. Afinal de contas, não são poucos os casos em que as ações de outras pessoas nos surpreendem por sua crueldade. E não distante de nós, mas comumente próximo a nós, nossos amigos, familiares, pessoas do trabalho e tantas outras são as que mais nos surpreendem por sua crueldade.

Quão surpreso não ficamos quando descobrimos que certos homens da política são corruptos. Quantas vezes não pasmamos quando descobrimos que um colega de trabalho secretamente falava mal de nós para outros colegas. Não raras as vezes somos surpreendidos ao saber que nosso cônjuge vem nos traindo. Quão devastador não é depois de anos de amizade profunda com alguém sermos simples e inopinadamente deixados de lado por alguém que tanto considerávamos. Todos esses são apenas alguns exemplos dentre tantas formas de violências cometidas por nós seres humanos contra outros seres humanos. A violência não precisa sempre ser algo externo e gigantesco para que possa causar uma profunda dor em nós. Não é apenas a crueldade sofrida pelos humanistas que defendem animais indefesos que machuca, mas muitas vezes palavras desferidas contra nós por alguém que

admiramos ou por um chefe que respeitamos. Ou às vezes somos desoladamente surpreendidos por algum cliente em uma manobra de desonestidade e ficamos pasmos com o ocorrido. Quanto dói ser abandonado pelas pessoas que amamos. Todos parecem casos tão distintos, mas todos têm apenas um fato em comum que os conecta a todos de maneira inexorável. Todos são interações entre seres humanos que nos trazem sofrimento. Todos são física ou verbalmente atos de violência.

Contudo, novamente, não é a violência em si que é o problema. Não é a dor que aquele que nos abandona deixa marcado fundo em nossa alma que é o problema. Como a natureza já bem nos mostrou, a brutalidade é parte natural da concepção da existência. O problema está em nós mesmos em não sabermos conviver com a aspereza das relações interpessoais. A hostilidade cometida por alguém pode até muitas vezes ser injusta, mas esta pessoa não é necessariamente culpada pelo nosso sofrimento. Os culpados pela dor que sentimos sempre somos nós mesmos. Pois a dor se manifesta somente naqueles que são pusilânimes demais para enfrentá-la. Ou naqueles que estão despreparados para viver a realidade de uma vida que é sim muitas vezes hostil. Não saber ser resiliente diante das adversidades é culpa exclusivamente nossa. Ou se não é culpa, então é infelicidade. Pois é isso que a fraqueza traz tristeza. Jesus foi sucinto e pouco explicativo em seu conselho de darmos a outra face diante de um tapa em nós. O que isso quer dizer é que agressão não pode nos afetar. Ela até pode nos ferir, mas não pode surpreender. E não há força maior do que dizer ao “mundo” para que bata novamente, pois somos capazes de aguentar.

Quantos não são os casos de maridos traídos que ofendidos e até feridos pela situação decidem vingarem-se seja contra a mulher que o traiu, contra o outro

homem ou contra ambos. Mas por que isso? Por que essa incapacidade tão pouco evoluída em lidar com fatos tão pífios? Deveríamos em casos como esse, tanto homens como mulheres, estarmos precavidos de antemão para o conhecimento de que a traição é uma possibilidade própria das relações humanas. As interações humanas não deveriam nos chocar tanto por causa de suas hostilidades. Ou então quando traído e abandonado por um amigo próximo, não deveríamos nos sentir injustiçados e feridos em virtude do que fazem conosco como se fôssemos vítimas sensíveis, mas sim com consciência de que as asperezas das relações interpessoais são corriqueiras, e todos estão sujeitos a ela.

Podemos não ter o aprendizado suficiente para saber que a qualquer momento poderemos ser apunhalados pelas costas, mas temos perfeita consciência da dor que tal gesto tem sobre nossas emoções. Entretanto, somos muito parcos em saber que não apenas podemos sofrer gestos de violência contra nós, mas que muitas vezes podemos nós mesmos sermos os autores de injúrias. Sabemos o quanto dói em nós a traição, mas muitas vezes não somos lentos em nós mesmos causar uma dor profunda na vida de outra pessoa. Somos rápidos em defender a sensibilidade dos animais, mas muitas vezes, em contrapartida, somos rápidos em agredir outros seres humanos sem piedade. Gostamos de posar de vítimas, mas negamos o papel de vilão que muitas vezes nos cairia tão bem. Somos rápidos em julgar o político corrupto, mas não titubeamos em passar a perna no caixa do mercado que se engana ao dar o troco. Pasmamos quando países largam bombas destruidoras em outros países, mas muitas vezes não pensamos duas vezes ao largar bombas avassaladoras na vulnerabilidade emocional de nossos cônjuges. Somos irrefreáveis em declarar nossa defesa pela vida de crianças

que morrem desnutridas em países longe do nosso, mas somos inertes em acolher crianças que passam fome nas ruas de nossas cidades. Somos angelicais em nossa defesa dos direitos humanos, mas somos dragões com palavras de chamas nas redes sociais quando discordamos da opinião de pessoas que nem sequer conhecemos. Não queremos o bombardeio contra os países do oriente médio, mas não nos abtemos de largar bombas nas páginas da internet contra aqueles que diferem de nossas opiniões.

Temos tanta aversão à violência, mas esquecemos o quão violento nós mesmos somos contra as outras pessoas. Somos de tal maneira violentos que muitas vezes desferimos toda essa crueldade contra nós mesmos. Aliás, não são poucas as vezes em que estrangulamos nossa garganta com estresse e demandas descabidas sobre nossa própria vida. Muitos se pudessem tirariam a própria vida. Muitos apesar de não desferirem socos físicos contra a própria face, não são raras as vezes em que desferem tapas nas próprias emoções indefesas. Muitos dirão que o mundo é duro e difícil demais. Muitos se posicionarão como vítimas da sociedade. Todos têm o direito de fazer isso, e muitos até inegavelmente com certa dose de razão, mas fato é que a vida é sim brutal. E não há nada nem ninguém que poderá nos proteger sempre contra essa fatal verdade.

Não deveríamos nos sentir tão surpresos ao ver toda a violência que nos cerca, afinal de contas, ela nada mais é do que uma variável natural do meio em que vivemos. A brutalidade não é uma exceção da realidade, ela é uma constante. Como já disse, volto a afirmar que também discordo de certos atos praticados por seres humanos que trazem dor a outros seres, mas não posso deixar de racionalmente observar que há também um pouco de erro em nossa postura de não estarmos aptos a encarar com

certa naturalidade a aberração humana, ou até mesmo aquela agressividade que pode por ventura advir da própria natureza. Ao longo do tempo enquanto fomos evoluindo nossa inteligência fomos aos poucos também perdendo nossa musculatura emocional e sendo mais facilmente abalados pelo mal que existe no mundo. Foi-nos dito que o mundo jaz no maligno. Isso foi falado para nos precaver e para que de certa forma até aceitássemos o mal como parte natural do processo de experiência de passagem aqui pelo planeta. Minha primeira reação ao pensar nisso é a de responder dizendo que apesar de perceber e compreender não podemos aceitar tal fato com passividade. Entretanto, logo paro e penso que pode haver mais força na passividade do que no inconformismo. Sim, o mundo é brutal muitas vezes. Sim, devemos lutar contra o que for errado. Mas não, não devemos ser tão fragilmente abalados ao nos confrontarmos com o mal. Se ele nos atingir não precisamos nos sentir injustiçados, mas apenas testemunhas de uma realidade inegável e em muitos casos inalterável. O mundo é cruel sim, e além de nossa responsabilidade de mudar o que for possível, também cabe a nós sermos fortes para apenas suportá-lo às vezes.

Capítulo XIV — Lúcifer

Como é grande o nosso medo do escuro quando somos crianças. Nossa imaginação fértil cria monstros perigosos que ameaçam nossa paz quando ainda muito jovens. Nunca existiu nada lá. Em nenhuma ocasião vimos qualquer coisa de fato. Provavelmente até possamos ter visto algum vulto. Mas algo de nítido, não. Quantas vezes não ficávamos espreitando o escuro, imaginando o que poderia ter lá, tentando escutar com atenção qualquer mínimo ruído que pudesse nos alertar de qualquer perigo imediato.

Criança ter medo do escuro até pode ser algo natural e compreensível. No entanto, adultos continuarem com esse medo é algo no mínimo ridículo. Aquele monstro da nossa infância quando somos adultos ganha outros nomes, como: Lúcifer, Demônio ou Diabo. Da mesma forma como naquela época, hoje também não vemos nada, apenas tememos. Naqueles tempos, a diferença era que o monstro estava fora de nós e poderia ter alguma influência sobre nossa segurança física, enquanto que agora o demônio teria capacidade de influência interior sobre nossas vidas.

Mas como é possível que seres humanos tão recheados de capacidade intelectual sejam capazes de ser reduzidos à tão miserável condição de idiotas? Se me disserem que a concepção religiosa de demônio se refere a uma ideia de enfermidade intelectual que pode acometer algum indivíduo até sou capaz de compreender.

Até porque me causa espanto ver que na Bíblia o grande mestre Jesus expulsava demônios. Quero acreditar que ele fazia isso de forma metafórica para expulsar as mazelas intelectuais que “atavam” aqueles indivíduos. Agora, uma interpretação que diz que existe um espírito maligno que se apodera de nossas mentes é para mim de difícil digestão. E é sobre essa segunda interpretação que se baseia a minha crítica. Pois com relação à primeira hipótese, imagino que para os religiosos, especialmente aqueles do passado, fosse difícil entrar em muitos detalhes sobre os diversos tipos de distúrbios mentais aos quais um ser humano poderia ser acometido, preferindo assim para isso simplesmente dar o nome de possessão demoníaca a fim de facilitar uma educação de pessoas que eram por demais ignorantes para compreender qualquer explicação mais complexa. Entretanto, para aqueles que piamente acreditam em uma encarnação maligna que controla as vontades de um ser humano me soa muito mais como a credence de uma criança a respeito dos monstros que habitam no escuro do que algo ao qual um ser adulto deveria basear suas crenças.

Sim, o ser humano muitas vezes tem um demônio, ou muitos, dentro de si. Até porque existem maldades que superam qualquer limite do que parece possível para um ser humano considerado inteligente. Mas esse demônio não é uma entidade a parte do próprio indivíduo, esse demônio é na verdade o próprio ser humano. O ser humano é capaz de muitas atrocidades, ele não precisa de nenhuma influência demoníaca para isso. Assim como ele é capaz das mais lindas ações de bondade, também é na mesma proporção capaz das mais terríveis ações de maldade. O que nos faz sermos bons ou maus é muito menos uma potencialidade exclusivamente nossa, ou muito menos uma influência demoníaca ou angélica, do

que uma produção do meio em que vivemos e de nossa constituição biológica. Quantos de nós pode dizer que age por conta própria na grande maioria das vezes? Poucas pessoas podem. Afinal de contas, agimos baseados naquilo que ouvimos de nossos pais como certo e errado. Vivemos de acordo com todo o universo da nossa vida que nos influenciou ao longo de nossa formação, seja porque agimos de acordo com o que nos foi mostrado, ou em oposição ao que nos foi mostrado. Fora o fato de que nosso próprio cérebro parece quase sempre ter vida própria. De onde vêm os pensamentos? Será que os controlamos de fato? Por que algumas pessoas têm mais inclinação para uma coisa do que outras? Não tenho a resposta para essas perguntas, mas tenho certeza de que em nenhuma delas está a mão de Lúcifer.

O Diabo é uma criação da nossa mente. As religiões vergonhosamente escrevem e falam sobre isso como sendo algo verdadeiro. Algumas pessoas menos capazes de fazer uso de sua poderosa capacidade intelectual se deixam envolver por ensinamentos puramente fantasiosos. O Demônio dos cristãos parece ganhar mais força no Novo Testamento com Jesus. Pois até então, no Antigo Testamento, não aparece a imagem desse personagem, a não ser com a ideia de um anjo caído que foi expulso do paraíso por ter desafiado Deus. Escritos alegóricos de difícil compreensão dão margem para pessoas mal-intencionadas engendrarem doutrinas que têm por fim aprisionar a capacidade intelectual de outras pessoas a fim de enganá-las. Infelizmente, ao que parece, Jesus não foi muito claro em sua explicação a respeito do que o Demônio de fato representava em seus ensinamentos. Então hoje vemos diversas denominações religiosas fazendo uso dos poucos ensinamentos de Jesus para, por exemplo, expulsarem entidades malignas do

corpo das pessoas a exemplo do que Jesus teria feito. Quem nunca presenciou ou pelo menos ficou sabendo de histórias de pastores que expulsam demônios de pessoas em cultos? Expulsam essas entidades como se elas fossem algo à parte daquilo que as pessoas são. Como se houvesse outra forma de vida dentro delas. Pastores mentirosos é o que são, que no menor dos males enganam a si mesmos, enquanto também enganam a fiéis intelectualmente vulneráveis.

Há dois problemas nessa forma de encarar as possessões demoníacas dessas denominações religiosas. As duas se referem à falta de uso intelectual que a vida proporcionou ao ser humano. De um lado temos as autoridades religiosas que se baseiam em passagens bíblicas que dizem que as pessoas abençoadas pelo espírito santo têm autoridade para expulsar demônios, então esses ditos representantes de Deus tomam tais palavras literalmente e começam a aplicar tais ideias à vida prática, como se elas traduzissem literalmente o que querem dizer. E por outro lado temos as pessoas que são enganadas por estas autoridades religiosas ao acreditar que esta atuação de expulsão de demônios possa de fato ser feita. Pessoas essas que também não fazem uso de suas habilidades intelectuais para compreender que não existe outra entidade dentro de si mesmas, a não ser elas mesmas.

Então, além de o Satanás supostamente ter o poder de agir sobre o mundo criando o mal, ele também teria o poder de agir dentro da alma das pessoas, e se instalar ali dentro, até que uma pessoa espiritualizada com poder divino pudesse vir para expulsar tal entidade. Então temos duas aberrações intelectuais em operação. Uma que se diz a autoridade religiosa capaz de expulsar demônios e outra a vítima da possessão demoníaca que tem finalmente sua mente livre da influência maligna. Isso até que este

espírito satânico volte, pois como disse Jesus na Bíblia, o Diabo quando sai, não volta sozinho, mas vem com uma legião sete vezes mais numerosa do que a primeira. Então o que antes era apenas um monstro escondido no escuro da imaginação de uma criança agora passa a ser uma legião de demônios que invadem a mente do pobre indivíduo. Esse tipo de credence nada mais é do que um adulto que ao invés de crescer sua capacidade intelectual deixou crescer sua crença cega.

Em ambos os casos há infelizmente uma preguiça intelectual em perceber que não há entidade externa que venha controlar os atos das pessoas. Se assim fosse, da mesma forma, quando fazemos algo bom haveria não de ser nós mesmos, mas uma outra entidade, oposta à Lúcifer, que tenha nos levado a agir daquela forma, tirando assim de nós qualquer responsabilidade por nossos atos. Tristemente para nós seres humanos é inegável a nossa capacidade de sermos seres malignos de vez em quando. Nem mesmo as pessoas consideradas boas estão imunes de cometer atos maldosos em alguma circunstância. E não é que alguma entidade poderosa tenha se apoderado de nossas capacidades psíquicas. A verdade é que esse dito demônio que age às vezes em nós nada mais é do que nós mesmos. Se Lúcifer, o anjo da luz, que foi expulso do paraíso, foi jogado em algum lugar da Terra, então nós é que somos esse Lúcifer. Nós é que somos o mal que supomos tomar conta do nosso corpo. O mal não pode ser tirado com uma mão poderosa de dentro de nós, pois ele faz parte de nós. Assim como o bem também faz parte de nós. Ou melhor dizendo, faz parte das nossas potencialidades. Temos o potencial de agir tanto bem, como mal. Achar que Satanás toma conta de nós com o intuito de nos forçar a cometer um mal é uma forma de pensamento covarde ou intelectualmente medíocre, pois a

única coisa que age malignamente é o próprio ser humano. Aliás, é essa pequenez das capacidades tão gloriosas do ser humano que o leva a agir tão irracionalmente e a criar e acreditar em conceitos tão esdrúxulos como estes do Demônio possuidor de mentes e corpos.

As ideias que os crentes têm de Satanás nada mais é do que um ser humano que não desenvolve suas capacidades intelectuais. Não é que um espírito maligno se apodere do corpo e da mente de uma pessoa, é sim que a pessoa não toma controle de suas próprias faculdades mentais e a deixa governar-se automaticamente pelo que há de pior em si mesmo. O Demônio é a própria pessoa, e não há forma de expurgar esse espírito das trevas a não ser com a luz da intelectualidade. Pois observe bem como os demônios assolam apenas aquelas culturas e pessoas menos providas de educação. Você sempre ouvirá relatos de possessões demoníacas daquelas pessoas menos letradas e mais inclinadas a acreditar em monstros e fantasmas, bem como as crianças desprovidas de experiência do mundo que lhes mostre que obras malignas do sobrenatural não existem, mas sim obras malignas vindas de outros seres humanos, completamente capacitados para fazer o mal. Inclusive o mal de criar ideias como estas de possessões espirituais. Aliás, não são poucas as religiões que professam esse tipo de situação como o próprio cristianismo, o espiritismo, o candomblé, e sabe-se lá que outras denominações mentirosas de religiões.

Quando uma mente pouco trabalhada e ainda por cima mal-intencionada encontra uma mente também pouco desenvolvida e facilmente induzível está posta a combinação perfeita para a loucura que não gerará outros resultados que não confusão e escândalo. Puramente ridículo. Não nego que talvez possam haver em algumas denominações religiosas pessoas honestamente bem-

intencionadas e que agem pensando fazer algo de bom. Não agem a não ser por pura ignorância e baixo desenvolvimento intelectual. Mas é na verdade muito natural que assim seja, pois onde não há luz, há trevas. Onde não há Deus, há o demônio. Onde não há a ciência, há a credence. Onde não há filosofia, há a religião. Onde não há o pensamento crítico, há a fé cega. Não quero com isso dizer que está errado ter uma fé religiosa. Muito pelo contrário, acho louvável, transcendental e elevado. Acho errado sim ter uma fé cega desprovida de intelectualidade e crítica, que não pensa, não pergunta, e não aceita a dúvida. Essa falta de racionalidade é o Demônio encarnado.

Imaginemos a representação católica de São Jorge matando o Dragão. Perceba que nessa imagem São Jorge nunca mata o maldito Dragão. O Dragão sempre aparece representado apenas dominado com a boca perigosamente aberta contra a lança que o ameaça, mas que não o mata. Essa imagem é a representação perfeita do que acontece na mente de um ser humano. Há na mente humana também um embate feroz travado na tentativa do controle das ações do indivíduo, mas é um embate do indivíduo contra ele mesmo, ou contra o que a sua constituição biológica representa. No homem pode estar no controle tanto o Dragão como o São Jorge, dependendo de quem tenha mais força. Entretanto, ambos são parte da mesma pessoa, assim como ambos são parte da mesma pintura, e nenhum dos dois pode ser expulso deste corpo, ou daquele quadro, pois sem um dos dois, a pintura perde o significado. São Jorge representa na constituição humana a razão; a lógica; a inteligência; a espiritualidade verdadeira; a intuição; a sabedoria; ou seja, tudo o que há de mais elevado na capacidade intelectual do ser humano. O Dragão diametralmente oposto a São Jorge representa tudo o que há de mais sórdido no indivíduo: a maldade; a mentira; a fraqueza; o medo; as credences; a

pobreza; enfim, tudo o que há de menos desenvolvido na capacidade intelectual humana.

E veja bem como o Dragão nunca está morto na imagem da pintura. E perceba que por óbvio, o Dragão sempre aparece na pintura. Isso porque o Dragão, assim como o mal, nunca pode ser morto. Ele está inevitavelmente ali sempre presente dentro de nós, pronto para atacar a qualquer piscadela do grande guerreiro. Se o guerreiro titubear ou baixar a lança, o Dragão pode atacar ou dominar a vida do guerreiro, e quem sabe esse ataque pode ser derradeiro. Da mesma forma no ser humano. Satanás não pode ser expulso. Em primeiro lugar porque ele de fato não existe como entidade com existência própria. Em segundo lugar porque o Demônio é uma capacidade intrínseca do ser humano representada por sua capacidade de fazer o mal.

Cabe a cada um de nós seres humanos desenvolvermos a nossa capacidade racional para que possamos controlar o nosso lado inferior e menos intelectual. É inevitável, e puramente humano, que vez por outra o Dragão, ou esse mal que reside dentro de nós, assuma o controle sobre nossas vidas. E é hipocrisia imaginar que alguém pode extinguir Satanás de nossas vidas. Ninguém, a não ser nós mesmos, pode ter o controle sobre nossas ações, sobre o bem ou o mal que podemos fazer. O mal não se extirpa como num passe de mágica, mas sim com educação e autodesenvolvimento intelectual. Nenhum Demônio jamais foi e jamais será expulso de qualquer ser humano. Isso não existe. Isso é apenas uma mentira mantida por adultos que se negam a crescer como indivíduos. São pessoas que ao invés de desenvolverem suas capacidades racionais preferem crescer seus monstrinhos da infância, para justamente viver como crianças indefesas e irresponsáveis por seus próprios atos.

Muitos diriam que o mundo é cruel com algumas pessoas e que o mal do mundo as transforma em pessoas más, ou que a falta de acesso à educação as leva a serem pessoas pobres e de pouca vantagem social. Isso pode ser verdade em alguns casos sim, mas para todos os outros 95% casos da população tudo é uma questão de opção de vida. O mundo é muito justo com todos de certa forma, porque as possibilidades estão lançadas a todos. Todo o bem e todo o mal está disponível. A chance de fazer o mal e a chance de fazer o bem estão à disposição para serem escolhidos. Nascer em uma situação deplorável não é garantia de se tornar uma pessoa ruim, bem como nascer em uma situação de benesse não é garantia nenhuma de correta forma de vida. Em essência o bem e o mal residem dentro de cada um de nós. Seria muito mais conveniente acreditar que o mal que resulta em algumas pessoas é naturalmente uma interferência do mundo em que vivem. É muito mais difícil admitir que o mal que fazemos ou nos tornamos é uma liberdade de escolhas da qual nós mesmos somos responsáveis. Se tornar-se mal fosse meramente um resultado do meio, então tornar-se bom também pouco mérito teria, pois nada mais seria do que uma influência do meio. O meio pode até influenciar sim, e até muito. Mas é inegável e inevitável que o caminho que trilhamos é feito por nossas próprias pernas.

Se o mundo fosse completamente mal e cruel para com todas as pessoas, e as pessoas continuassem em virtude de terem nascido e vivido em um tal meio a perpetuar este estado de coisas, então não haveria demérito nenhum em suas ações, pois, afinal de contas, outra opção não teria lhes sido dada. E da mesma forma, se uma pessoa nascesse em um estado perfeito, em que todas as leis são respeitadas, em que há um alto nível de educação, de desenvolvimento social, e se tais pessoas se tornassem, portanto, pessoas de

bem, não haveria nenhum mérito nisso, pois essas pessoas teriam, portanto, sido naturalmente conduzidas por esse caminho. Agora as pessoas que nascem em um estado em que há ambas as possibilidades, em uma condição de vida em que há violência, mas que também há certo desenvolvimento educacional, mesmo que baixo, na qual há exemplos de corrupção, mas que também há exemplos de bondade, se uma pessoa se torna boa, é muito mais por mérito próprio do que por influência do meio, bem como se tal pessoa se torna má, é muito mais por sua própria responsabilidade do que por culpa do meio em que vivem.

O Brasil é um bom exemplo de país para se explicar tal ideia. Neste país é possível observar todas as formas de situações a que um Estado (país) pode estar sujeito. Esse não é um Estado perfeito, mas também não é a pior nação do mundo. Digamos que seja um país em nível intermediário de evolução, onde muito já foi conquistado, mas que também está longe de ser uma nação perfeita. Para uma pessoa que nasce nesse país, ela se deparará, por exemplo, com uma política corrupta, com empresas corruptas e com instituições religiosas corruptas, bem como terá a oportunidade de ver bons exemplos de políticos, empresários e representantes religiosos. Essa mesma pessoa também estará sujeita a um certo nível de violência. A educação no Brasil é precária, mas não é a pior. E assim por diante, para tudo o que uma pessoa nesse país tiver a oportunidade de ver de ruim, haverá também exemplos bons. Então, nesse caso, se uma pessoa acaba sendo uma boa pessoa, é muito mais por mérito próprio do que por uma influência do ambiente, pois como se percebe, o Estado oferece uma gama de oportunidades a serem seguidas, sem impor nenhuma necessariamente. E por outro lado, se a pessoa acabar sendo corrupta, criminosa e má, é

muito mais por demérito próprio do que em virtude de viver em um país decrépito.

Diferentemente de quem nasce em uma nação muito mais desenvolvida como Suíça ou Japão, por exemplo. Pessoas que nascem em tais nações têm muito mais tendência a serem pessoas boas em virtude de esta ser uma condição proporcionada pelo estado de forma equânime. É quase impossível em nações dessa característica tornar-se uma pessoa ruim, conseqüentemente há para tais indivíduos muito menos mérito em tornar-se uma pessoa dita correta. E por outro lado, para pessoas que nascem em uma nação completamente deteriorada e desprovida de valores, não sei dizer que nação esteja em tal condição negativa, mas uma pessoa que nasça em tal país, tornar-se ruim não é tanto um demérito de tal pessoa, pois as condições sociais não lhe permitem optar por algo muito melhor.

Entretanto, tenha a certeza de que o Estado de coisas não garante o resultado esperado. Nascer em uma nação extremamente desenvolvida não garante que cem por cento dos indivíduos serão positivamente condicionados, haverá casos de pessoas que cometerão atos atrozés. Da mesma forma que nascer em um país decrépito não é garantia de condenação de vida, haverá de surgir mesmo desses meios, pessoas geniais e com uma capacidade de bondade acima da média.

A formação do caráter de qualquer pessoa passa pela influência interna do que ela mesma é em essência e daquilo que a afeta enquanto ambiente externo. Quanto mais opções o ambiente externo oferecer de possibilidades boas e ruins, mais o que existe na essência interna será revelada. Ou seja, mais mérito há na própria pessoa, que nasce em um país com muitas opções, por aquilo que ela se torna. Pensemos alegoricamente da seguinte forma:

imagine que sobre uma mesa coloquem apenas frutas das mais variadas para que eu escolha. Será de pouco mérito próprio o fato de ao final eu escolher uma fruta. Agora considere a situação em que sobre a mesa são colocadas todas as mais variadas opções de comidas, desde frutas, chocolates, salgados, processados etc. Se eu optar por uma fruta nesse caso, isso se deve muito mais a um mérito próprio do que a uma constituição das possibilidades que me foram oferecidas.

Portanto, se avaliarmos o mundo como um todo, vemos que de forma geral e mediana, todos nós, principalmente com as possibilidades que os atuais meios de comunicação proporcionam, estamos sujeitos a todos os tipos de influências a que um ser humano pode estar sujeito. Então, para aqueles que optam por viverem uma vida correta, há mérito em suas escolhas, e para aqueles que acabam tornando-se pessoas ruins, não há ninguém mais responsável por sua situação do que essa pessoa em si. Essa regra, como já disse, de fato não vale para aqueles poucos, mas existentes, casos extremos.

Não há, portanto, como colocar a culpa em uma entidade diabólica sobre nossas ações. Não há dentro de nós diferentes entidades atuando. Há sim uma entidade com diversas potencialidades, algumas boas, outras ruins. Não é possível com algum superpoder expulsar algum Demônio de dentro de uma pessoa. Há sim a possibilidade de iluminar uma alma com boas ideias e boas possibilidades de vida. Não há como extirpar por completo uma personalidade que chamaríamos de demoníaca de uma alma. Há como sim controlar um dragão que insiste em mostrar os dentes contra a lança da educação, mas não há como expulsar o dragão de dentro de nossas mentes. Precisamos aprender a conviver com o mal que sempre residirá dentro do ser humano. Terei

eu que aprender a conviver com a dúvida de o porquê Jesus ter expulsado demônios de dentro de pessoas, sendo que essa ideia se mostra completamente errada. Provavelmente o que aconteceu foi que o testemunho de quem escreveu sobre as ações de Jesus não conseguiu expressar-se corretamente no momento de transcrever as ações que testemunhou Jesus operando. Uma pessoa ruim pode cometer atos atrozos sim, e não será culpa de uma entidade que toma o controle das ações desta pessoa. O que acontece sim é que essa pessoa abdica de sua capacidade de assumir as rédeas de sua própria conduta ou que nunca teve a capacidade de fazer uso completo de suas faculdades cognitivas. Uma tal pessoa não é inocente por ter sido conduzida por um ser diabólico a cometer ações ruins, tal pessoa é culpada por ter abdicado de sua potencialidade de fazer bom uso de suas faculdades mentais, ou seja, é culpada por omissão de decisão. Ou talvez por uma mera malformação cerebral, mas isso é um estudo para a ciência.

Existe uma horda de espíritos imundos circulando o mundo invisível à procura de vítimas a quem possam controlar e induzirem a fazer o mal? Não. Existem seres humanos com pouco desenvolvimento intelectual e incapazes de fazer bom uso de suas faculdades intelectuais? Sim. Existem pessoas mal-intencionadas que usam termos como Diabo, Demônio, Satanás para amedrontar outras pessoas e tirar vantagem desse medo? Sim. Existem pessoas também intelectualmente limitadas e até com boas intenções que se deixam levar e acreditam em tais entidades obscuras sem se darem conta de que vivem em um erro ridículo? Existem sim também essas pessoas. O que acontece é que a capacidade cerebral de um indivíduo é a tal ponto maravilhosa que até mesmo na ignorância essa capacidade se manifesta, criando

monstros fantásticos que fariam a imaginação de uma criança passar vergonha.

É comum o Diabo atacar apenas as pessoas pobres e as classes sociais mais humildes. O maligno não é expulso das pessoas que vivem nas universidades e em condições sociais mais desenvolvidas. Logo, Satanás é o símbolo da ignorância do ser humano. Não é atoa que as pessoas atormentadas pelo Diabo querem livrar-se dele como que por um passe de mágica, pois, afinal de contas, são capazes de intuir o mal que faz ser ignorante. Infelizmente acabam apelando em seu desespero para pessoas também possuídas pela mesma mazela da ignorância. Apela para pessoas que se dizem espiritualizadas e que, no entanto, são incapazes de perceber que o Demônio que expulsam é a mesma entidade maligna que as possui: a ignorância.

Talvez as palavras de Jesus na Bíblia quando expulsava os ditos demônios não foram bem compreendidas por aqueles que testemunharam esse homem dotado de inalcançável inteligência em ação. Para um leitor lúcido e desvencilhado das amarras da religiosidade é evidente a eloquência intelectual de Jesus se comparada com os outros personagens daquela época. Ele foi muito menos um personagem espiritual do que um advogado da intelectualidade. A todo o momento Jesus instigava seus interlocutores à racionalidade. Presos que estavam seus ouvintes às amarras religiosas e dogmáticas da época tentavam sempre puxá-lo para o campo da religiosidade. As pessoas tinham muita dificuldade em compreender a mensagem de Jesus, pois essa mensagem não se encaixava em nenhum forte paradigma daquela época. Ele não veio para assumir nenhum posto de autoridade religiosa nem política, as duas ambições máximas de qualquer humano um pouco mais intelectualizado daquele período. É perceptível na leitura dos quatro evangelhos a intenção

de Jesus de elevar as pessoas ao seu redor a níveis de consciência e intelectualidade em vez de elevar a si mesmo a qualquer posto social. Ele entendia que não há nada mais valioso do que uma mente que pensa com qualidade. Mas as mentes embrutecidas daquela época tinham muita dificuldade em acompanhar aquela nova forma de pensar. Talvez por isso que Jesus tenha chamado aquela ignorância perniciosa de Demônio. Talvez tenha dado aquele nome a um estado de consciência em que a pessoa não faz uso das suas faculdades mentais disponíveis. Provavelmente os demônios que Jesus expulsou nada mais eram que sua capacidade de trazer luz para a vida das pessoas por meio dos desbloqueios intelectuais que operava na vida daquela sociedade tão humilde. Infelizmente, vemos atualmente algumas autoridades religiosas querendo expulsar demônios da vida de algumas pessoas como se estes fossem espíritos que tomam o poder sobre a vida delas. É curioso perceber que Satanás gosta de invadir a mente de pessoas desprovidas de diplomas universitários ou um mínimo de capacidade cognitiva.

Mas então será que Judas foi ou não foi dominado por Lúcifer quando agiu contra Jesus Cristo? A Bíblia deixa claro que Judas agiu movido pelo Diabo. Lendo e relendo os textos que narram esse fato sempre dão eles a entender que um Demônio dominou Judas, levando-o à traição de Jesus. Então como conciliar essa interpretação de que o Diabo não existe enquanto entidade maligna que se apodera das pessoas e as palavras bíblicas que afirmam que Jesus expulsava Demônios e que Judas fora também dominado por uma entidade maligna? Há aqui dois fatos importantes a serem notados. Um, Jesus tendo o poder de expulsar os ditos Demônios, não o expulsou de Judas, por quê? E dois, Jesus nunca fazia nada que fosse para o próprio benefício. Ele nunca curava, operava qualquer

milagre, dizia qualquer coisa ou expulsava qualquer Demônio, se isso fosse trazer algum benefício para Ele próprio. Ele apenas agia e ensinava quando isso fosse levar benefício às pessoas. Mesmo quando Ele foi perfumado nos pés com bálsamo por Maria ele não estava recebendo aquele gesto em benefício próprio, mas em benefício de Maria. Pois não é grande o benefício daquele que quer agradar com um presente alguém a quem ama? Não nos sentimos bem quando fazemos o bem a alguma pessoa? Então quando Jesus deixou aquela mulher lhe perfumar os pés não é que ele precisasse de pés cheirosos, mas é que ele sabia que se se negasse aceitar aquele gesto, ele estaria ferindo os sentimentos de uma mulher que havia se preparado para perfumar os pés do mestre que tanto amava. Além do mais, com aquele gesto, Jesus estava dando uma cotovelada violenta no nariz daquela sociedade machista. Até hoje entidades religiosas pregam contra a intimidade entre homens e mulheres. Naquela época o ato de Jesus era uma afronta social de magnitude muito difícil de ser compreendida. Jesus estava naquele ato expulsando os Diabos da ignorância de todos aqueles que presenciaram a cena. Seus próprios discípulos não devem ter ficado menos chocados ao ver aquilo do que aqueles que não eram seus seguidores. Aliás, não foi outro que não Judas a expressar desaprovação àquele ato. Judas verbalizou seu desacordo e ao fazê-lo foi humilhanamente repreendido por Jesus. Jesus não estava expulsando os demônios da mente de Judas, mas colocando um por um ali dentro.

Então Judas não agiu movido por Satanás enquanto entidade externa que domina a mente de um ser humano sem o consentimento deste. Judas agiu com a pobreza de sua capacidade cognitiva. Capacidade intelectual se refere não apenas à capacidade de raciocinar, mas também à capacidade de perceber emoções e lidar com

elas. As obras de Jesus abalavam as bases emocionais daquela sociedade tão carente de educação no seu sentido mais completo. Judas foi um dos que mais sofreu com os ensinamentos de Jesus. Não é culpa de Judas ter sido um ser humano tão retrógrado. Jesus sabia que ele era assim. Jesus não o condenava. Ele tentava ensiná-lo, assim como tentava fazer com todos. Ele tentava expulsar os demônios da ignorância e falta de Amor, mas às vezes isso não era possível. Com Judas ele sabia que se tentasse ajudá-lo muito em certo ponto estaria ajudando a si mesmo. Então, quando, no momento derradeiro, percebe não ser capaz de demover Judas de seus planos malignos permite que ele vá e que aprenda com os próprios erros.

Às vezes nós, assim como Judas, nascemos em uma situação social inferior que não nos permite desenvolver nosso potencial racional. Essa infelicidade prejudica ninguém mais ninguém menos do que a nós mesmos. Seria muito vantajoso poder jogar a culpa por nossos atos animalescos sobre uma entidade tão terrível como o Diabo. Seria muito confortador saber que é possível expulsar essa entidade maligna de dentro de nós. A verdade dura é que isso não é assim. Todos os atos que cometemos são obra da nossa própria constituição física e intelectual, quer ela seja mais ou menos desenvolvida. Satanás não é outra pessoa senão nós mesmos. Não há como expulsar o Diabo definitivamente de nossas vidas sem que nos proponhamos a uma educação e desenvolvimento profundos de nossa capacidade intelectual. É muito enganador pensar que qualquer ser humano possa impor as mãos e tirar o mal de dentro de nós. Enquanto nós mesmos não empunharmos nossa força de vontade e exercitarmos nossa potencialidade intelectual, o demônio da ignorância continuará a fazer seus estragos sobre nossas vidas e sobre a vida de outras pessoas.

Capítulo XV — Caifás, Herodes, Pilatos e os Legisladores

Quem são as pessoas que determinam o que é certo e o que é errado em uma sociedade? Como é possível que uma pessoa que não fez mal a ninguém possa ter sido condenada a uma morte cruel como Jesus foi? Não só ele, mas Sócrates também foi condenado à morte sem ter cometido nenhum crime. E Giordano Bruno, que foi brutalmente queimado em uma fogueira? É fato inegável que todos esses seres que foram punidos pela lei foram teimosos o suficiente para desafiar o poder da lei, e corajosos o suficiente para aceitar a punição cruel que advinha de tal “desrespeito”. A lei dizia que eles parassem com o que estavam fazendo, mas eles desafiaram a ordem da lei e continuaram até a morte pregando suas verdades.

Nos casos tanto de Jesus como de Giordano Bruno, tanto a lei civil como a lei religiosa foram responsáveis por determinar a punição capital pelos crimes por eles cometidos. Nenhum dos dois desrespeitou constituições claras da lei. Eles foram punidos por um crime inovador que ainda não encontrava base histórica ou legal para ser julgada. Então as autoridades da época tiveram que agir rapidamente para julgar o tema. Basicamente os crimes desses grandes homens da história, incluindo Sócrates, e quem sabe tantos outros dos quais nem saibamos, foi o de ter pensado diferentemente da norma imposta pela sociedade de suas épocas, bem como de ter trazido junto consigo outros discípulos. É claro que existe a lei que visa

ao bem da vida em sociedade, mas há também uma lei que está sujeita à vontade dos poderosos de uma nação.

No Brasil temos uma situação em que nos julgamentos de crimes graves existem três instâncias de análise do processo. Já de antemão antecipo-me e peço que me perdoem aqui qualquer erro involuntário dos fatos legais, tenham compaixão de minha ignorância, e detenham-se apenas ao que eu gostaria de expor em termos de ideia em essência e não se atenham a minúcias inofensivas. As duas primeiras instâncias são julgadas por dois juizes com base nas leis interpretadas por eles. Não são lei inventadas por eles, são leis previamente decididas e registradas no grupo de leis do país. No entanto, a terceira instância é composta por onze juizes que baseados nas mesmas leis irão deliberar sobre a correta sentença do acusado. Entretanto, não é curioso que após dois julgamentos, ainda haja um terceiro para definir a sentença do réu? É suspeito, pois há aqui uma estratégia de desempate com relação a algo tão sério como um julgamento. Mas haver onze juizes que irão deliberar sobre a sentença definitiva me parece curioso. Pois não há de ser a lei apenas uma? Não há apenas uma determinação com base em um crime e suas devidas punições? É óbvio que eu sei que nem sempre as coisas são assim de tal forma simples, ainda mais quando se trata da acusação definitiva de qualquer indivíduo. Contudo, basicamente, se matar é crime e a pessoa matou, não é evidente o crime? Apesar de parecer óbvio, a resposta é não, o crime não é sempre evidente, e ele precisa passar não pelo crivo da lei, mas pelo desembaraço da opinião das autoridades jurídicas. Portanto, ao fim das contas o que vale não é mais a lei, mas a opinião de algumas pessoas sobre a lei. Mas se a lei pode gerar duas opiniões diferentes, então, conseqüentemente, ao final das contas, a interpretação da lei não passa da

opinião desses 11 ministros do supremo tribunal federal do Brasil. Bastaria, portanto, que pulassem diretamente para a terceira instância e perguntassem a cada um os ministros se eles consideravam a acusação e a punição válidos ou não. É claro que eu estou sendo apenas irônico e nem eu mesmo creio nisto que digo. Apenas provooco nossa imaginação.

As leis e os julgamentos importantes desde o tempo de Sócrates, de Jesus, de Giordano Bruno, até hoje, não são baseados em outro argumento que não o da opinião daqueles que tem a autoridade de julgar. O julgamento do homem é feito com base em sua própria opinião, e às vezes até mesmo interesse. Mesmo em um país com leis claramente estabelecidas, a decisão final é feita por pessoas que não conseguem achar na lei o argumento definitivo para a sentença, então deliberam sobre suas opiniões a respeito do fato e julgam com base nessas opiniões. Estuda-se incalculavelmente muito para ao fim ser obrigado a simplesmente desferir uma opinião pessoal a respeito de determinados crimes de elevada seriedade. Não acredito que depois de tantos anos a capacidade apreciativa de nossos julgadores, e seus interesses, tenha evoluído tanto assim depois das condenações de nomes como os acima citados. Aliás, além da opinião, claro, estão envolvidos também os interesses das autoridades jurídicas e políticas de cada nação. E creio que em todas as partes do mundo o mesmo aconteça em maior ou menor proporção, com mais ou menos frequência.

Em se tratando do julgamento de Jesus, a condenação à morte pela cruz, uma das mais brutais, apesar de não incomum naquela época, foi forçada pela autoridade religiosa da pessoa de Caifás. Jesus foi contra muitos dos ensinamentos religiosos de sua época, o que faz de Jesus uma figura muito menos religiosas do que

somos muitas vezes levados a acreditar. Provavelmente se viesse hoje, Jesus seria primeiramente condenado por ninguém mais ninguém menos que nossos líderes religiosos. Após a condenação de Caifás, Jesus foi levado a Pilatos, governador de Roma que tinha autoridade para condenar à morte. Mas Pilatos lava suas mãos ao proferir a condenação, dizendo que a faz em nome dos judeus e da vontade deles apenas, vontade essa expressa pela atuação de Caifás como líder religioso daquele povo. Então, resumidamente, Jesus foi condenado pela vontade de uma autoridade religiosa com influência política chamada Caifás. Esse é o nome que mais peso tem na decisão de condenar Jesus à morte por crucificação. O crime de Jesus basicamente foi o de blasfêmia contra o Deus dos judeus. Pilatos mesmo, bem como Roma, não se sentiam ameaçados pela atuação de Jesus. Já as autoridades religiosas dos judeus sentiam-se profundamente ameaçadas pelos ensinamentos daquele carpinteiro intelectual. Sentiam-se tão ameaçadas que preferiram trocar a condenação de morte de um preso político chamado Barrabás, condenado como salteador e assassino, para poder condenar Jesus à morte em seu lugar.

Tanto lá como aqui o que pesa mais em uma condenação é o que fere os poderes de uma sociedade. Quem está no poder usufrui de facilidades e controle sobre a massa ignorante de uma população. A grande massa precisa ser sempre mantida na ignorância. A pequena elite para perpetrar suas benesses precisa sempre abafar qualquer levante que tem por objetivo não o poder, mas a distribuição da intelectualidade entre as pessoas. As leis têm por objetivo favorecer os poderosos políticos e religiosos. Em última instância, não podendo fazer uso da lei como ferramenta de imposição de decisão, faz-se uso

de alegorias teatrais e de circo para justificar uma decisão que beneficie os interesses da parte dominante baseada unicamente na opinião.

Algumas sociedades são legislativamente mais severas do que outras. O nível de severidade legislativa é proporcional ao nível de ignorância das pessoas, ou ao nível intelectual de seus indivíduos. A imposição de leis pode ser feita tanto pelo Estado enquanto instituição reguladora ou por alguma organização religiosa. A opressão em ambos os casos é a ferramenta de controle. Diametralmente oposto a isso, a educação é a mais perfeita ferramenta de liberdade. Liberdade essa que não implica possibilidade de cometer qualquer tipo de desacato e irresponsabilidade. No entanto, educação pressupõe a capacidade de cada indivíduo de analisar por si só o impacto de seus próprios atos, fazendo assim por si só o julgamento e opção pelas melhores práticas, enquanto que em um Estado de pessoas ignorantes a imposição de leis se faz necessária para forçar a ação de seus indivíduos incapazes de optar por si só por aquilo que é melhor para si e para o todo. É como animais de circo que precisam ser castigados para que ajam da melhor forma possível no momento da apresentação para os espectadores.

Contudo, em um Estado em que as pessoas são ignorantes e precisam de um braço firme que as controle é inevitável que esse braço seja exercido por pessoas. E num Estado em que a maioria das pessoas é ignorante não é difícil raciocinar que as pessoas responsáveis por constituírem as leis também sejam menos intelectualizadas do que em um Estado com educação elevada para todos. Em tal situação é natural que aqueles que exercem o poder também se aproveitem da ignorância da maioria da população para tirar proveito em benefício próprio. É, portanto, necessário exercer um poder não apenas de

manutenção da ordem geral, mas também de manutenção da ignorância da maioria das pessoas, para que assim possam perpetrar as benesses de uma minoria poderosa.

Educação nada mais é do que o uso que um ser humano faz de suas capacidades cognitivas. Essa capacidade não precisa necessariamente ser desenvolvida por escolas, ela pode muito bem ser desenvolvida pelo ensino informal, por leituras, pela experiência prática ou até mesmo pela natureza intrínseca de indivíduos propensos a compreender as estruturas existenciais. Aliás, estruturas formais escolares são na verdade um excelente instrumento para que instituições governamentais ou religiosas imponham com eficiência sua ignorância dentro da mente das pessoas. Muitas coisas servem para desviar os indivíduos do caminho que os levaria ao desenvolvimento de suas potencialidades intelectuais e estados e religiões opressoras fazem isso muito bem por meio da imposição de dogmas absurdos que, se ensinados desde a infância, ficam tatuados na mente das pessoas, sendo difícil de mudar posteriormente. Cargas abusivas de trabalho e baixos salários, penalidades excessivas sobre a conduta das pessoas, medo excessivo, conflitos das mais diversas ordens, estresse e tantas outras ferramentas, tudo isso pouco a pouco vai reduzindo a capacidade das pessoas de pensarem por si próprias.

Foi desse sistema de opressão que pessoas como Jesus, Sócrates, Giordano Bruno, Galileu, Gandhi, Einstein e tantos outros tentaram livrar a humanidade. Esses e muitos outros foram seres capazes de pensar por si próprios. Desenvolveram e fizeram uso de suas capacidades cognitivas. Além do mais, tentaram ajudar as pessoas simples ao seu redor a alcançarem a mesma independência. Não uma independência desordeira, equivocada-se quem assim pensa e até problematiza ainda

mais a questão, mas uma independência que une as pessoas em prol do bem comum e do desenvolvimento equânime em vez do desenvolvimento e bem-estar de uns poucos. Mas é claro que a autoridade estabelecida não aceitaria facilmente esse tipo de nova ideologia que colocava em xeque sua hegemonia. Veja bem a prova disso de como todos os nomes citados acima foram em algum momento considerados criminosos por suas atividades e foram punidos ou com a morte ou com uma condição de vida muito difícil. Veja, entretanto, correlativamente o poder que a evolução intelectual exerce sobre o ser humano, pois todos esses nomes, mesmo sendo atacados pelo poder opressor do governo ou religião, não se deixaram desviar de seus propósitos, nem que para isso tivessem que morrer ou pagar um preço muito alto. A liberdade que a inteligência propicia não pode ser limitada por nenhum instrumento de opressão.

Os legisladores políticos e religiosos de nossa época não são os mesmos de épocas passadas, mas têm exatamente a mesma função, com o acréscimo inclusive de um novo personagem, aquele do grande empresário. Todos esses três poderes têm o único interesse de manter a grande massa de pessoas na ignorância. Veja que nosso sistema político é feito de um infinito número de leis que servem para condenar à condição de criminoso qualquer ser social por menor que seja o seu desvio de conduta, nada fazendo para auxiliar tal pessoa a sair da condição de ignorância que o leva a cometer atos equivocados de conduta. Veja as nossas religiões, que na grande maioria delas, salvo pouquíssimas exceções, servem para “estupidificar” os cidadãos com crenças infundadas e conceitos ultrapassados, não instigando nelas a habilidade de raciocinar, fazendo com que as pessoas acabem por acreditar naquilo que ouvirem de

outros, sem se darem o trabalho de construírem suas próprias ideias. E, por fim, temos o novo personagem de opressão que são as grandes empresas que sempre têm algo para oferecer às pessoas, mesmo que elas não precisem, nesse caso não a empresa que gera empregos e dá condições de subsistência aos cidadãos, mas empresa no sentido daquela que produz bens de consumo e opções de entretenimento que não são necessárias, mas que dependem de uma massa ignorante que consuma os produtos por ela oferecidos. Dessa forma esse sistema empresarial também conta com a boa vontade de pessoas ignorantes com a função única de consumir. Então para que o sistema funcione da melhor forma possível, é preciso manter as pessoas na mais completa ignorância.

Muitos se equivocam ao acreditarem que as escolas seriam a solução para o problema. As escolas nada mais são do que o instrumento que o governo utiliza para manter os sujeitos em um nível de intelectualidade suficiente para exercer suas funções mínimas de trabalho e consumo dentro da sociedade. Raros são os casos de estudantes que conseguem sair desse sistema aprisionador. Alguns até mesmo enganam-se achando que saíram, quando na verdade nada mais fazem do que acreditar e repetir conceitos justamente intencionalmente propostos por esse sistema alienante de educação. Um teste fácil de constatação da incapacidade intelectual coletiva é dar a um estudante formado em uma universidade qualquer um livro clássico de filosofia da era socrática e constatar o nível de dificuldade interpretativa que tal pessoa terá em compreender o que estiver lendo. Considerando que entre o livro escrito e a pessoa que faz o teste pelo menos dois mil anos já se passaram era de se esperar que a educação nesse meio tempo tivesse evoluído a tal ponto que tal material fosse de fácil compreensão ao nosso estudante

contemporâneo. Fato concreto é que isso não é assim, o que basicamente comprova a incompetência de nossas instituições educacionais em preparar os indivíduos para uma vida de usufruto de seu maior bem: a inteligência.

Sendo assim, Jesus continua a ser crucificado todos os dias na vida de cada um daqueles a quem não é dada a chance de crescer em sua linda e mais perfeita potencialidade intelectual. Todos os nossos mártires do passado tentaram a todo custo nos alertar da importância de sermos livres em nosso pensamento e responsáveis por nossos atos, mas a história insiste em se repetir e novos Caifás preferem libertar criminosos em vez de garantir a liberdade daqueles que querem alcançar a liberdade de pensar.

Uma diferença crucial que nos separa daquela realidade de antigamente e nos dá toda a possibilidade de viver uma vida muito mais livre é a disponibilidade e acessibilidade que temos ao conhecimento do mundo. A educação formal é um sistema há muito falido e que não tem salvação, e que, aliás, nem precisa ser salvo, pois afinal de contas, nós seres humanos com um mínimo de preparação somos capazes de aprender aquilo que mais nos interessa por conta própria e daqueles que dominam a arte da qual admiramos. E com o conhecimento ao dispor de todos, principalmente pela internet, é possível aprender tudo o que o mundo tem a oferecer de melhor e muitas vezes de graça. Claro que é um exagero pensar assim, pois sim, nossas escolas são importantes. Entretanto, é urgente repensar esse molde antiquado de sistema de ensino. Fato é que para desenvolvermos nossas potencialidades cognitivas, um intenso e constante esforço é preciso ser desempenhado para furar a barreira da ignorância. Cabe, portanto, a cada um de nós, batalhar por nossa independência existencial que apenas pode ser conquistada por meio da inteligência,

e servir conseqüentemente de exemplo para que outros também possam trilhar o mesmo caminho, e torcer para que o sistema opressor, os novos Caifás, Herodes, Pilatos, legisladores e religiosos de nossa época não queiram nos matar como criminosos.

Capítulo XVI — Maomé foi traído

É difícil desvencilharmo-nos de tudo aquilo que aprendemos no berço em que nascemos ou quem sabe nos libertarmos de nossa incapacidade de pensar por nós mesmos. Principalmente quando acontece de sermos criados em um meio de religiosidade fervorosa. Nossa capacidade lógica encontrará grandes dificuldades em contradizer tudo aquilo que aprendemos desde uma tenra idade, se é que em algum momento nossa mente sequer chegará ao ponto de fazer tal coisa. Uma criança que nasce em um seio budista ou um hinduísta dificilmente abdicará de sua religião em prol de alguma outra, ou até mesmo simplesmente para abandoná-la por completo. Um muçulmano terá grandes dificuldades em aceitar qualquer outra religião que não seja a sua. Um judeu provavelmente em raras exceções se converteria a outra religião. E um cristão católico terá grandes dificuldades em abdicar de sua religião em prol de novos conhecimentos religiosos. Isso acontece naturalmente porque nos identificamos com aquilo que ouvimos desde sempre. Isso acontece principalmente quando somos educados a acreditar que a religião que aprendemos de nossos pais é a correta, e as outras, erradas. E quão mais difícil não é permitir-se descobrir e aceitar coisas novas quando ainda por cima ouvimos que quem não crer na verdadeira fé será punido com o castigo eterno do inferno?

O medo e o crer pelo crer são os pilares fundamentais das religiões, por mais absurdo que suas doutrinas possam parecer. O medo, porque geralmente o inferno

é a punição para aqueles que não creem na religião defendida. E o crer pelo crer, pois como ouvimos desde muito jovens sobre determinada religião, acostumamos-nos a tê-las como verdadeiras, perdendo a capacidade de questioná-las sob a luz de uma análise crítica a respeito das religiões. Aliás, análise crítica, debate e desacordo parecem ser características abomináveis nas religiões. Por exemplo, imagine questionar um hinduísta a origem de seus vários deuses coloridos. Imagine questionar a um cristão a veracidade da ressurreição física de Jesus. O que aconteceria se propuséssemos a um muçulmano que Maomé nada mais teve do que algumas alucinações? E se questionássemos um budista a respeito da sua filosofia de renascimentos? A todos que questionássemos sobre essas e qualquer outra questão, a base para suas respostas não seria outra que não algum texto sagrado antigo sem base científica alguma que não pode nos dar prova concreta sobre nada, onde a punição para não crer em tais verdades em muitos casos é o inferno eterno no pós-vida, quando não em alguns casos, a antecipação da punição por meio da pena de morte.

Atualmente, questões religiosas voltam à tona em nossas vidas mesmo que não queiramos saber delas, isso em virtude da disseminação da violência em nome da religião que muitas vezes, infelizmente, joga a culpa nos muçulmanos. A religião Islâmica tem sido o carro chefe de ataques terroristas ao redor do mundo contemporâneo. Mas isso não é uma situação nova na história da humanidade. No passado tivemos outras religiões que pregaram sua fé por meio da violência. Há mais ou menos um milênio tivemos as cruzadas cristãs que tinham o falso propósito de cumprir uma missão cristã. Depois tivemos a violência religiosa cometida pelos explorados navais do século XVI sobre as colônias conquistadas. Há mais de três mil

anos também tivemos as invasões dos povos judeus sobre outros povos com a justificativa de terem sido guiados por Deus. Se procurarmos na história, exemplos não faltarão de violências cometidas em nome de Deus e da religião, fato que justificava a violência que era cometida então contra outros seres humanos, normalmente considerados pagãos, pecadores, impuros; todos dignos da punição do fogo eterno do inferno.

Entretanto, alguém que se diz seguir uma religião como a Cristã, por exemplo, que tem como símbolo um mestre que ensinou que se deve dar a outra face quando ofendido, que não fez nada para se defender contra acusações injustas, que foi morto em uma cruz por tudo aquilo que acreditava e que ainda perdoou seus carrascos, não está de fato vivendo de acordo com o que tal religião logicamente deveria determinar. Tal pessoa não está de fato representando a religião que se diz professar. Logo, pessoas que professam matar em nome de Alá não estão necessariamente agindo de acordo com as ideias daquele que instituiu tal religião, nesse caso, Maomé. Assim como as pessoas que matam em nome da religião representam uma parcela reduzida daqueles que professam a religião, tenho certeza que da mesma forma esses que matam em nome de Alá e do islamismo representam uma parcela muito pequena das pessoas dessa religião.

A busca por entender o que acontece com o islamismo fazendo um comparativo com outras religiões me fez chegar a algumas conclusões e ideias a respeito desses problemas religiosos, mas vou me deter principalmente em comparações entre cristianismo e islamismo para facilitar o entendimento, e por serem as duas bases das quais me sinto preparado para analisar. Em ambas as religiões temos a atuação de pessoas que se diziam inspiradas por Deus para agir. Quando ouvimos que

Jesus e Maomé foram inspirados por Deus, aceitamos isso com certa naturalidade, entretanto, se outra pessoa qualquer diz ouvir a voz de Deus, tenho certeza que nossa primeira reação é duvidar. Mas por que duvidamos deste e não duvidamos daqueles, afinal de contas, só ouvimos falar de histórias muito distantes de Jesus e de Maomé? O que faz com que a história de um seja verdadeira enquanto que a de outro pareça mentira? Apesar de parecer difícil compreender esse tema, na verdade ele pode ser muito mais simples do que parece. Se pararmos para pensar, na verdade todos nós somos inspirados por uma força que não dominamos. Entenderão essa ideia principalmente aqueles que têm algum contato com as artes. Pois quando temos uma inspiração, é como se recebêssemos a informação, antes de colocá-la em forma. Eu mesmo sempre digo às pessoas que o que escrevo não parte de meu próprio intelecto, mas é como se eu recebesse as informações, e não são inclusive poucas as vezes em que me pego surpreendido pelas coisas que escrevo. Eu poderia supervalorizar o que eu penso ou até mesmo mistificar dizendo que isso é uma inspiração divina e que todos deveriam seguir o que eu prego, mas apenas trato esse fenômeno como algo muito natural, até porque o percebo acontecer naturalmente em qualquer ser humano. Todos me parecem produzir uma vida que pouca iniciativa tem da pessoa em si. Pois veja bem que da nossa vida nós mesmos quase nenhum controle temos sobre ela, além do mais, não decidimos quando viemos à vida, não fazemos ideia de quando morreremos, não sabemos o que acontecerá conosco daqui a pouco, eu como escritor não sei que ideias terei para os próximos livros, e assim por diante, tudo o que acontece conosco parece pouca influência ter de nossas próprias vontades. Então para mim é muito natural que Jesus e Maomé

tivessem alguma inspiração divina, afinal de contas, todos nós de certa forma também a temos.

Aliás, acredito que é justamente aqui que reside o grande ensinamento desses grandes mestres, e é justamente onde não compreendemos suas mensagens. Todos nós seres humanos adultos, assim como as crianças, até certa fase de nossas vidas, vivemos como que autômatos, sem termos muita vontade objetiva sobre nossas existências, e sem aplicar muitos questionamentos críticos sobre as coisas que ouvimos e pensamos. Basicamente o que quero dizer é que por algum tempo de nossas vidas é como se não vivêssemos de acordo com nossas próprias vontades e pensamentos, mas vivêssemos sim baseados nas ideias e vontades daquilo que ouvimos e fomos programados para viver. Pensar por nós mesmos e com nosso próprio senso crítico é algo que demora um pouco mais para ser despertado no ser humano, para alguns pode demorar tanto que nem sequer desenvolvem isso em vida. Mas quando essa capacidade de pensar por nós mesmos acontece em nossa mente, passamos a criticar certas verdades que tínhamos como certas em nossa vida. Passamos a propor ideias que partem de nós mesmos, e não de influências externas. E é aqui que entra a vida de pessoas como Jesus e Maomé. Ambos viveram em sociedades extremamente religiosas e politicamente organizadas, ou seja, ambos nasceram em um sistema de pensamento concreto, estabelecido, fechado. Acontece que depois de algum tempo eles passaram a perceber que a vida era muito mais do que aquilo que eles foram educados para acreditar era. Para eles a vida passou a fazer muito mais sentido. A mensagem de ambos era muito nova para a época em que viveram, tão novas que ainda hoje encontramos ensinamentos valiosíssimos para nossas vidas no que eles disseram. Então, o que eles fizeram foi sair pelas ruas por

onde viviam espalhando essa nova forma de ver a vida. Não só isso, a mensagem deles não era outra a não ser a de que todos deveriam aprender a pensar por si próprios, assim como eles estavam fazendo, pois quando desenvolvemos a capacidade de pensar por nós mesmos somos capazes de trazer novas ideias para a humanidade. Jesus trouxe novas ideias para a humanidade, mas ele percebeu que essas ideias não partiam dele mesmo e que logo deveriam ser de algum ser mais elevado, pois ele mesmo não se sentia apto a pensar coisas tão lindas e diferentes para a sua época. Da mesma forma Maomé, ele conseguiu através de suas meditações alcançar pensamentos e inspirações muito elevadas, que de tão impressionantes acabaram o abalando até mesmo fisicamente, ele não conseguiu dedicar aquelas visões a suas próprias capacidades, pois se considerava limitado, então as dedicou a este ser mais elevado que ele chamou de Alá.

Algo muito similar acontece com os artistas, eles também conseguem alcançar ideias elevadas que uma mente não contemplativa simplesmente não consegue vislumbrar. Pessoas muito preocupadas com contas a pagar, o estresse do trabalho, falta de dinheiro no final do mês, família, e até mesmo doenças, estão tão inseridas em todas essas problemáticas cotidianas que não se permitem um pequeno tempo de contemplação para pensar ideias mais elevadas. Um compositor de músicas concentra-se alguns minutos para criar belas músicas. Um escritor precisa sentar e pensar ou dedicar momentos a pensamentos mais livres e fora das incumbências cotidianas. Um pintor tem de dedicar tempo diante da tela para criar suas obras de arte. Em diversas passagens da Bíblia Jesus incitava seus interlocutores a pensarem fora das responsabilidades cotidianas. Que exemplo maior não há da importância de refletir do que o de Maomé que se retirava para uma

caverna, no alto das montanhas em Meca, para meditar, e que aos quarenta anos de idade recebeu sua primeira inspiração divina? Para essas duas autoridades, tão imersas que estavam em uma sociedade religiosa, tais inspirações era algo tão fantástico que não conseguiram dar a isso outro nome que não o de inspiração divina. Mas para nós que já estamos muito mais habituados a essa potencialidade humana sabemos que sim, isso é algo maravilhoso, mas sabemos que não precisamos criar uma nova religião baseada em nossa criatividade.

Então vejamos que o grande ensinamento desses grandes nomes da religião não foi outro senão o de nos incentivar a fazermos o mesmo que eles fizeram, ou seja: pensar por nós mesmos. Ambos viveram em épocas em que as pessoas estavam intelectualmente acomodadas e ocupadas demais com afazeres rotineiros para separar algum tempo para suas capacidades intelectuais. Sentindo-se incomodados com aquilo e dando ouvido àquela voz interior que todos nós temos e que nos chama a fazer algo de especial com nossas vidas, eles conseguiram alcançar uma consciência presencial mais elevada, e imediatamente tentaram ajudar outras pessoas a fazer a mesma coisa, pois sabiam que o potencial que eles alcançaram qualquer um poderia alcançar. Nesse ponto Jesus parece ter sido mais consciente do que Maomé das potencialidades que estava desenvolvendo. Jesus nunca estabeleceu nenhuma religião ou qualquer forma de autoridade sobre a sociedade. A única coisa que ele queria era que as pessoas adquirissem a capacidade de pensar com mais elevação e que não fossem prisioneiras de conceitos antigos, nem políticos nem religiosos, representados pelos dogmas. Jesus tanto não criou uma religião como acima de tudo inevitavelmente entrou em atrito com as religiões daquela época. Jesus queria que as pessoas, mesmo as mais

humildes, descobrissem que trazem dentro de si uma capacidade intelectual divina, muito além da capacidade intelectual cotidiana, e que se ele, que era apenas um simples carpinteiro, conseguiu alcançar tal habilidade, então qualquer um de nós seria capaz de fazer a mesma coisa. Infelizmente seus discípulos não foram capazes de compreender sua mensagem, e assim que Jesus morreu, começaram a tropeçar em suas fantasias e interpretações errôneas das palavras de seu mestre. O que era para ser uma mensagem libertadora, acabou virando mais uma religião, assim como as outras que já existiam, cheias de dogmas e doutrinas que eram impostas às pessoas, que dizia que aqueles que não seguissem essas ideias seriam consideradas pecadoras e merecedoras da punição no inferno. Eles pregaram com base nos ensinamentos de Jesus tudo aquilo que ele tanto havia lutado para desfazer. Seus discípulos não foram capazes de aplicar o único ensinamento que Jesus deixou: pensar por si mesmo.

Assim como cada grande pensador, seja ele profeta, filósofo ou cientista, traz dentro de si uma grande mensagem exclusiva a cada um deles, também dentro de cada um de nós há uma mensagem única e especial que precisa ser expressa no mundo. O exemplo desses grandes líderes deve nos servir de inspiração para fazermos o mesmo. É para isso que fomos criados, para expressar o que há de especial em cada um de nós. Entretanto, se ficarmos escondidos debaixo do véu das religiões, pregados nas cruzes dos dogmas ou com medo de atravessar o mar das ameaças religiosas, nunca viveremos o que por nossos mestres nos foi ensinado. Não podemos ficar presos ao passado do que foi escrito sem evoluir os pensamentos da Torá (judaísmo), Bíblia (cristianismo) e Alcorão (islamismo), e todos os outros livros. Esses ensinamentos que deles tiramos são apenas bases não finalizadas sobre

o projeto de vida que estes profetas visualizaram para a humanidade. Cabe a cada um de nós, com o que há de mensagem dentro de nós, evoluir as ideias dos profetas. Não podemos resolver nossos problemas do século XXI e séculos posteriores com ideias fixas registras em livros de tantos séculos atrás. Para ser mais específico ainda, não podemos mais apedrejar pessoas em praças públicas, isso é de uma bestialidade sem adjetivos. Não podemos explodir pessoas que não pensam como nós. Não podemos atacar países e matar crianças por causa do óleo que se esconde embaixo do solo. Temos que parar com a vingança, senão essa história de sangria nunca terá fim. Alguém tem que dar o primeiro passo e largar as armas no chão. Alguém tem que ceder e aceitar levar o tapa na outra face. Alguém tem que promulgar a anistia sobre seus inimigos que, aliás, não são inimigos, mas apenas irmãos do mesmo sangue, mas com pensamentos violentos que jamais se extinguirão sem o exemplo do Amor e do perdão deixado por nossos mestres. Precisamos parar de dizer que as pessoas que não acreditam em determinada religião irão para o inferno infinito após a morte, sendo que não sabemos nada a respeito disso, e não é porque isso está escrito em algum livro que precisamos acreditar piamente, precisamos evoluir esse pensamento. Não podemos mais acreditar que temos o poder de expulsar demônios dos corpos das pessoas, pois se assim for, esses demônios voltarão. O que precisamos fazer é dar educação filosófica, religiosa e científica para as pessoas. Temos que parar de considerar as mulheres inferiores aos homens, e parar não só de considerar em palavras, mas em ações de verdadeiro respeito. Nos textos sagrados estão frases de preconceito com relação às mulheres, portanto, temos a responsabilidade de evoluir esses pensamentos. E temos que seguir os exemplos dos mestres que colocaram

as mulheres em seus devidos pedestais de seres humanos com capacidades emocionais e intelectuais muito mais elevadas que a dos homens, afinal de contas, são muito recorrentes as tragédias globais causadas por essas crianças imaturas chamadas homens (homem no sentido masculino de gênero). E também é preciso compreender que mulheres não devem usar véus sobre suas cabeças, escondendo uma beleza criada por Deus. Por favor, isso é de uma falta de razão completamente absurda. Imagine se fôssemos cobrir com um pano tudo o que Deus criou: as árvores, os animais, o sol. Faz algum sentido isso? Não podemos usar nossa intelectualidade para justificarmos o absurdo, temos que usar nossa razão para pensarmos o óbvio, o simples. Não podemos basear nossas vidas em um passado engessado, temos que evoluir constantemente. Se não fizermos isso, de tempos em tempos um mártir terá que sempre descer até nós para nos sacudir e nos acordar da nossa inércia e sono profundo. Se queremos tanto seguir os mandamentos dos profetas, sigamos os mais óbvios, que são o Amor e o perdão.

E acima de tudo, saibamos ouvir a mensagem que se esconde dentro de cada um de nós, pois fomos criados para levar a nossa mensagem ao mundo, seja por meio da música, da poesia, do teatro, do trabalho manual, religião, da filosofia, da culinária. A propósito, pense na religião como uma receita de algum prato muito especial. É claro que ele é muito bom, mas preparar sempre o mesmo prato seria de uma ilógica absurdamente desumana, sendo que temos a capacidade de criar muitos novos pratos tão deliciosos quanto a primeira receita. Não podemos ficar limitados a uma receita, temos que por meio de nossa capacidade intelectual usar a primeira receita como base de aprendizado para inventar muitas outras. Não lhe parece lógico que nossa existência seja justamente

a habilidade de criar, juntamente com a arte de apreciar o que há de bom? Não podemos ficar limitados. Assim como também não podemos ser como aqueles intelectuais da filosofia que sabem tudo sobre os autores do passado e são muito eloquentes em seus discursos, mas que não produzem nenhum pensamento original de sua própria autoria. Faz algum sentido estancar a corrente de criação de pensamentos apenas porque nos deparamos com grandes pensamentos de grandes filósofos? Não será o objetivo da existência humana justamente evoluir esses pensamentos para que coisas ainda mais elevadas possam ser oferecidas à humanidade? Não seria um desperdício de potencialidade intelectual atribuída ao ser humano pelo poder criador de Deus ficarmos acorrentados a essas bolas de ferro dogmáticas e religiosas? Lembre-se de que nossos profetas não deixaram nenhuma receita de bolo escrita de próprio punho e nunca pediram a ninguém que o fizessem, justamente porque não queriam que seguissemos copiando a mesma fórmula. Perceba que nossos mestres não deixaram nenhum livro de filosofia registrado, justamente para que não ficássemos restritos apenas às suas ideias. Eles queriam que nós nos tornássemos os autores de nossas próprias vidas e por isso não deixaram nenhum livro composto por palavras. Nem Jesus, nem Maomé e nem Sócrates deixaram qualquer coisa escrita de próprio punho. Tudo o que sabemos a respeito deles e de suas palavras foi escrito muito depois por seus seguidores. Pense nisso.

Não nos sintamos ameaçados pelas religiões dogmáticas e pela imposição de homens violentos que não compreenderam a mensagem libertadora de nossos profetas. Empunhemos a metralhadora do perdão sobre esses que nos ameaçam de morte por causa daquilo que acreditamos ou não. Unamo-nos aos infiéis para levar a

mensagem de Amor professada não apenas pelos profetas, mas acima de tudo por nós mesmos. Juntemo-nos a ateus para salvar a humanidade de sua cegueira religiosa a fim de levar a palavra da consciência libertadora do respeito pelas diferenças. Levemos não a mensagem de condenação ao inferno daqueles que não creem, mas da mensagem amorosa daqueles que acolhem e ouvem a diferença sem ameaçar e dos que dialogam com respeito e maturidade. E que se alguém quiser nos explodir ou matar apenas por pensarmos diferente, que morramos na paz daqueles que sabem perdoar as ações desses seres que não compreenderam a mensagem do evangelho da racionalidade. Alá, perdoe as pessoas que matam em seu nome, elas não sabem o que fazem. Não foi para ficar vivo para sempre que viemos a Terra, mas para não vivermos mortos na ignorância.

Maomé não foi tão genial quanto Jesus, mas teve a mesma capacidade que ele. Maomé com suas meditações foi capaz de alcançar uma forma de pensar própria e muito mais elevada do que a capacidade de pensar das pessoas de sua época. A contrapartida é que, diferentemente de Jesus, Maomé quis criar um sistema político e religioso renovado para aquela sociedade. Maomé se sentiu muito mais impactado pela descoberta do potencial que havia dentro dele do que Jesus. Maomé não foi capaz de perceber que o que ele conseguiu qualquer outra pessoa também seria capaz de vivenciar, mas que para cada pessoa essa potencialidade se manifesta de maneiras diferentes. Maomé também vivia em uma sociedade extremamente religiosa, e logo, deu ao seu novo nível de consciência uma roupagem mística e religiosa. Entretanto, mesmo que não tão voluntariamente quanto Jesus, Maomé também teve a intenção de despertar seus conterrâneos para a necessidade de questionar a forma de vida que levavam. A

sociedade de Maomé idolatrava muitos deuses, então ele veio com uma nova mensagem. Mas é muito importante notar que tanto Jesus quanto Maomé nunca impuseram nada a ninguém. Eles eram sim muito enfáticos em suas mensagens, mas se alguém se negasse a acreditar neles, não havia problema algum, era uma liberdade de cada um. Afinal de contas, é assim que deve ser sempre que temos uma ideia diferente de outras pessoas, mesmo que nossa ideia seja genial e aparentemente muito melhor, temos mesmo que respeitar quem sabe justamente a aparente ignorância do outro. Tanto Jesus como Maomé propuseram uma forma de vida para as pessoas que fosse baseada na justiça e no respeito; principalmente, uma forma de viver intelectualmente mais elevada.

Observemos mais uma vez um fato importante sobre a vida desses dois profetas. Nenhum deles deixou nenhum documento escrito. Nenhum deles teve a mínima preocupação em deixar qualquer documento a respeito de suas ideias para a posteridade. Por que será? Simples, porque eles não queriam que passássemos o resto da história da humanidade vivendo com base em suas ideias. O que eles fizeram foi usar sua inspiração divina para ajudar a humanidade por meio do Amor e do respeito a se elevar na condição de seres humanos. O ensinamento deles era o de que deveríamos fazer o mesmo para as gerações vindouras, usar nossa própria capacidade de inspiração divina para continuar o processo evolutivo da humanidade. No entanto, a primeira coisa que seus seguidores fizeram, após a morte de seus mestres, foi publicar as ideias deles em livros, e criar religiões rígidas e dogmáticas, baseadas em seus ensinamentos, não permitido que as pessoas evoluíssem suas formas de pensar, para que se adaptassem à realidade das vidas que passariam a viver a partir de então. E o que acontece

é que centenas de anos depois da vinda de pessoas iluminadas como Jesus e Maomé, nós continuamos a conduzir nossas vidas baseados em um ensinamento que foi muito útil para aquelas sociedades com aqueles problemas específicos, mas que são muito diferentes dos atuais. Chega a ser ridículo ver os rituais ilógicos que as pessoas mantêm mesmo depois de muitos anos passados daqueles ensinamentos. Por exemplo, no caso dos cristãos, a ideia de reverenciar uma cruz ou de continuar a pregar a punição no inferno. Essas são ideias já muito ultrapassadas e que precisam ser renovadas. E para os muçulmanos, a ideia de orar virados para Meca e de usar burcas. Por que isso? Não há explicação lógica nenhuma nessas ações. Jesus e Maomé foram pessoas realmente geniais para a época em que viveram, mas eles não foram seres perfeitos. Eles cometeram erros. Suas ideias não foram perfeitas e imutáveis.

Eles não queriam que nós vivêssemos o resto da existência como eles viveram. O grande ensinamento deles é o de que devemos usar nossa capacidade racional para resolver nossos problemas sociais de forma pacífica e amorosa, e que a grande beleza da vida está em desenvolver nossa consciência e a capacidade de receber inspirações divinas. Eles não criaram nenhuma religião. Quem criou as religiões foram pessoas que, ou não compreenderam a mensagem de seus mestres, ou são pessoas mal-intencionadas que viram na ignorância das pessoas uma oportunidade para tirar proveito do grande trabalho desenvolvido pelos profetas. Prova disso é a quantidade absurda de religiões e diferentes interpretações oriundas das mesmas ideias e dos mesmos profetas. É óbvio que algo está muito errado aqui, mas só irá perceber isso quem, assim como Jesus e Maomé, se propuser a pensar por si mesmo.

Um ponto crucial da mensagem dos grandes profetas e pessoas iluminadas da nossa história é o de que não deveríamos idolatrar a nada e a ninguém, exceto Deus. Isso é ponto comum a todos. Eles podem ter chamado esse Deus de nomes diferentes, mas a ideia é a mesma. No entanto, a primeira coisa que seus discípulos fazem após a morte de seus líderes é idolatrar alguma ou várias coisas. Para começar, idolatramos os próprios profetas. Sendo isso exatamente o que eles não queriam. Em segundo lugar, criamos uma religião, também para ser idolatrada. Em terceiro lugar, criamos livros sagrados, para serem idolatrados da mesma forma. Criamos a nossa identidade grudada a essa ideologia e somos capazes de matar outras pessoas em nome da religião que defendemos. E a partir daí criamos divisões entre as pessoas, exatamente o que todos os profetas tentaram combater. Todas as pessoas mais desenvolvidas que passaram aqui pela Terra tentaram derrubar as barreiras que dividem a humanidade, e ao mesmo tempo tentaram plantar a semente do Amor e do desapego a todas essas ideologias inferiores. Nós, professados seguidores, saímos por aí defendendo nossa religião e matando em nome dela. Sem autoridade nenhuma saímos professando condenações a um inferno do qual não temos conhecimento. Somos nós por caso os guardiões do inferno para ter autoridade sobre quem para lá deve ser enviado?

Nossos profetas são traídos justamente por todos nós que dizemos defender suas causas. Maomé lutou pela unidade dos povos da sua região. Tentou ao máximo reduzir o espírito de guerra daquele povo. Maomé, e o Islamismo, ao contrário do que vemos hoje em dia, não são uma religião de violência. Maomé foi um profeta que tentou extirpar a violência do seu meio social por meio

de seu exemplo. Jesus nem sequer levantou a mão para defender suas novas ideias. Ele aceitou passivamente ser levado condenado para uma cruz. Aceitou a punição física e verbal a respeito de nenhum crime. E que desculpa temos nós para desferir qualquer gesto de violência contra qualquer pessoa, mesmo aquelas que querem nos violentar?

Não devemos viver na idolatria de nossos profetas. Eles viveram em uma época com desafios particulares àquele povo. Temos que respeitar o que por eles foi feito, e usar agora nossa capacidade de consciência para criar novas soluções para os novos problemas que surgem em nossa sociedade. Nossos profetas não foram homens perfeitos. Eles cometeram erros. Discordar disso é idolatrar a pessoa que eles foram, e eles disseram que não podemos idolatrar ninguém a não ser Deus. Eles desafiaram a forma de pensar de uma época que pregava ser dona da verdade. Eles não fizeram isso para que agora nós aceitássemos como cordeiros que tudo o que eles mesmos disseram é a total verdade. Não. O exemplo deles serve para nos inspirar. Devemos criticar os paradigmas sociais, religiosos e políticos de nossa própria realidade. Devemos evoluir o que eles pensaram. Eles nos incentivaram a pensar por conta própria. O que nós fazemos é basear toda a nossa vida em ensinamentos muito antigos. Nossos profetas no mínimo esperam que façamos nosso próprio tema de casa e ouçamos nossa própria voz interior. Quem não fizer isso estará traindo o mestre que diz seguir.

Aliás, já traímos nossos mestres espirituais há muito tempo. Em primeiro lugar, quando criamos uma religião em nome deles. Em segundo lugar, quando atribuímos palavras à boca deles como verdades absolutas sendo que eles mesmos nunca tiveram a mínima intenção de fazer isso. Será que se eles realmente quisessem que

escrevêssemos livros sobre o que eles tinham a dizer não teriam eles mesmos organizado os ditos livros sagrados? Nenhum dos grandes pensadores de nossa história jamais deixou qualquer escrito sobre suas ideias. Todos os mestres que não tinham intenção nenhuma de impor sua forma de pensar não se preocupou com qualquer documento escrito. Maomé, Jesus, Sócrates, são páginas em branco na nossa história. Eles não escreveram uma linha sequer sobre o que tinham a ensinar. Você sabe por quê? Simples. Porque eles nos ensinaram a escrever nossa própria história! Eles não queriam que vivêssemos presos ao passado. Eles não queriam que fôssemos limitados. Eles queriam que usássemos o poder que eles nos ensinaram a usar: a capacidade de pensar.

Sem material escrito por eles não haveria como brigarmos a respeito do que eles disseram ou não, teríamos sempre que usar nossa lógica e comum acordo para resolver nossos conflitos. Agora, quando se tem um material escrito, é muito fácil confundir as interpretações e se manter fixo a ideias que podem nem mesmo mais fazer parte da realidade de um povo. Tudo o que foi escrito a respeito de nossos mestres religiosos foi colocado em papel muito tempo depois da vida deles. E agora se diz de tais livros sagrados que eles contêm verdades inquestionáveis. Mas como, se eles foram escritos por meros seres humanos? É imperativo que olhemos para os livros sagrados com total criticismo e atenção. Não podemos acreditar piamente no que ali se encontra registrado. Eles não deixaram nada escrito para que ninguém pudesse impor nada sobre ninguém. Eles não queriam que a sua mensagem fosse imposta como uma cartilha de instruções. A propósito, quem mais gosta de criar livros de regras senão aqueles seres humanos mais interessados em controlar e guiar o comportamento

das pessoas de acordo com seus interesses? Todas as sociedades têm seus livros de regras a serem seguidas. Regras essas que não beneficiam ninguém a não ser aqueles que as criam. Regras muitas vezes pesadas de serem respeitadas. O que as regras fazem é simplesmente pensar pelas pessoas para que elas não precisem pensar por si mesmas. Sem um livro de regras seria necessário que nós pensássemos por nós mesmos e assumíssemos a cada passo a responsabilidade por nossos atos. Mas com um livro de regras à nossa disposição não precisamos fazer isso, e conseqüentemente, tudo o que não se encontra descrito nesses livros de regras pressupõem-se possível de ser feito, por mais ignóbil que seja. E também tudo o que não fica claramente especificado, fica, portanto, sujeito a interpretações, por mais distorcidas e forçadas que sejam. Não é exatamente isso que as pessoas que cometem violências em nome de Deus e Alá fazem? Não é isso o que os terroristas fazem em nome do islamismo e do Alcorão? É exatamente isso o que eles fazem. Eles traem o seu profeta. Eles traem o povo que aceita a palavra de seus profetas. Eles traem o Amor pregado por Jesus e por Maomé. Qualquer pessoa que comete qualquer ato de violência em nome da religião é um traidor exatamente daquilo que se diz professar.

Não são as religiões as causas das violências no mundo. Não foram os judeus que mataram milhões de pessoas em nome de Deus no Antigo Testamento. Não foram os cristãos que mataram milhares de inocentes por meio de seus papas católicos no passado. Não são os maometanos que matam milhões de pessoas em nome de Alá. Quem faz isso são pessoas. Pessoas corruptas. Seres humanos ruins. Podres. Esses criminosos não precisam de justificativa para matar. Eles o fazem porque gostam. Eles não estão exterminando vidas em nome de nenhuma profissão

religiosa ou em nome de algum profeta. Não. Eles estão fazendo isso em nome de si mesmos. É óbvio. Nossos profetas nunca impuseram sua forma de pensar sobre ninguém. Mesmo que alguém vá para o inferno por pensar diferente do que os mestres disseram, isso é uma opção livre de cada ser humano. Nossos profetas preferiram morrer e ser humilhados por aquilo que acreditavam ao invés de impor suas ideias. Que desculpa teríamos nós agora para impor ou matar qualquer indivíduo que pense diferente da religião que professamos? Quem isso faz age em prol de si mesmo. Quem assim age, trai a ideologia que se diz representar. Aliás, não representa nada disso. Quem explode uma bomba em nome da religião o faz por causa de si mesmo e de sua sede de poder e de glória, agindo contra a religião que diz representar, não só isso, mas acima de tudo, manchando a história e o legado que os mestres deixaram. Quem sequer desfere uma palavra de ódio contra outro ser humano já age contra os ensinamentos de Jesus e de Maomé. Quem tenta impor sua religião sobre outro ser humano age em desacordo com o que foi ensinado. Quem condena outra pessoa ao inferno por discordar de suas posições religiosas age como se fosse Deus. Pois se Deus existe, somente a ele cabe dizer quem vai para o inferno ou não. Se é que o inferno de fato exista.

Ninguém tem sido mais traído atualmente do que o profeta Maomé. Não há religião no mundo mais incompreendida do que o islamismo. Os próprios muçulmanos são responsáveis por tamanha incompreensão. Maomé foi sem dúvidas um homem muito a frente de seu tempo, e que a todo o momento em que viveu buscou encontrar as melhores soluções para os problemas de seu povo, sempre do jeito mais pacífico e dialogado possível. Maomé nunca impôs suas ideias sobre ninguém. Ele sempre buscou a

conciliação. Em uma sociedade ritualística e dogmática ele foi o grande responsável por iniciar um processo de libertação intelectual e comportamental. A partir dele a sociedade arábica reiniciou um processo de evolução do pensamento e do comportamento. O que ele tanto lutou para que acontecesse na sociedade daquela época é que as pessoas analisassem as circunstâncias, e encontrassem formas salutares e racionais para resolver suas dificuldades, especialmente agindo em conjunto, nunca por meio do separatismo, que, aliás, era uma característica da sociedade antes de Maomé. Foi ele mesmo quem tentou unir os povos judeus e cristãos sob o mesmo teto.

Contudo, logo após sua morte a sociedade estagnou. Seus seguidores não foram capazes nem sequer de entrar em acordo sobre quem deveria suceder o seu mestre. Ainda hoje há separação de ideais sobre um problema que aconteceu na raiz da formação do islamismo. O que será que o profeta pensaria e diria a respeito disso? Pouco após a sua morte seus seguidores enrijeceram seus ensinamentos em um livro chamado Alcorão e o que era para ter sido uma evolução do pensamento estimulado por Maomé, tornou-se uma pedra rígida de disputa por gerações vindouras. O mesmo aconteceu com a Bíblia, que nada mais é do que uma pedra que representa o enrijecimento da capacidade humana de pensar. Maomé foi um grande líder, um grande homem, um grande político, um grande exemplo, uma grande fonte fresca de inspiração. Entretanto, seus seguidores sufocaram seu exemplo. Assassinararam no berço seu desenvolvimento e crescimento. Nós todos não compreendemos a mensagem de união do profeta. Ele nos mostrou o caminho da conciliação e do respeito independentemente da religião professada, e nós, como crianças mal-educadas que somos, optamos por negar o aprendizado do pai que busca a educação do filho, e

corremos para a idolatria de uma religião que nos separa uns dos outros, não como se irmãos fôssemos, mas como inimigos que não somos.

Enquanto não abandonarmos todos os rituais religiosos irracionais, estaremos carregando um fardo desnecessário sobre nossos ombros e estaremos deixando de lado o verdadeiro ensinamento que importa ser vivido, que é a liberdade que nossos mestres queriam que vivêssemos. Nossos mestres não usavam livros para basear seus ensinamentos, eles usavam a inteligência, que é apetrecho disponível a qualquer ser humano. Nossos profetas não nos ensinaram a usar roupas que nos distinguem por religião, eles nos ensinaram a usar o corpo para fazer boas obras. Eles não nos educaram para condenar pessoas ao inferno, mas a tirar pessoas do inferno que uma vida desprovida de inteligência pode se tornar. Eles não nos ensinaram a matar ninguém, muito pelo contrário, fizeram de tudo para salvar toda e qualquer vida, por mais indigna de viver que pudesse parecer. Eles não nos incentivaram a condenar, mas a perdoar. Pois como podemos nós ser perdoados, se não somos capazes de perdoar os outros? Todos nós somos seres humanos imperfeitos em nossas ações. Não há nada que possamos fazer para sermos dignos de misericórdia, não há nada que possamos fazer para Deus para que Ele nos absolva dos nossos erros, mas Deus está muito além de nossa lógica limitada e humana de pensar, e nos perdoa a todos simplesmente porque Ele tem o poder de tal ação. Nossos mestres nos ensinaram a não idolatrar, nem mesmo a eles mesmos. Nossos professores espirituais nos ensinaram a amar e não a odiar. Eles amaram até mesmo aqueles que os odiavam e pensavam diferentes deles, então quem somos nós para odiar quem quer que seja? Maomé quando conquistou Meca em 630 prometeu amnistia a todos os seus adversários, fato impensável para

aquela época. Então quem somos nós hoje para condenar uma pessoa sequer? Será que nos consideramos melhores do que Maomé?

Fato é que muçulmanos traíram Maomé, cristãos traíram Jesus e judeus traíram Moisés. A humanidade traiu a si mesma. O inferno que era para ser uma punição após a vida foi antecipado por nós mesmos sobre nossos irmãos em nome da religião que tanto dissemos professar. Se os nossos queridos profetas estivessem juntos hoje aqui na Terra vendo tudo o que foi feito em nome deles, sentiriam vergonha do fato de termos nos dividido como inimigos ao invés de termos vivido como os irmãos que eles nos ensinaram que somos. Felizmente para nós eles são misericordiosos e haverão de nos perdoar. E se assim não for, e o inferno realmente existir, não se preocupem com quem deverá ou não ir para lá, pois todos nós somos dignos do inferno. Todos nós somos traidores.

Capítulo XVII — Blasfemos, corruptos e demagogos

É natural nos sentirmos incomodados com as ações vis de certas pessoas e querermos alguma forma de justiça. A grande maioria de nós trabalha em busca de um mundo melhor para nós mesmos e para os outros, enquanto uma pequena, mas barulhenta minoria trabalha para destruir o que com tanto esforço construímos. Há certa sensação de impunidade no ar sempre que prestamos atenção ao que acontece ao nosso entorno. É como se a injustiça estivesse tirando vantagem da bondade das pessoas. Fica a nítida impressão de que agir mal traz mais benefícios do que o correto agir. Começamos a questionar nossos valores e a veracidade de se de fato vale a pena agir corretamente quando olhamos para o lado e vemos pessoas de má índole tirando proveito daqueles que agem de boa fé. Dá a impressão de que aqueles que agem bem são fracos, e os que agem mal são fortes. Há por todo lado um discurso volumoso de ódio. Vemos constantemente os bens públicos sendo corroídos pela ganância daqueles que justamente já usufruem de uma condição de vida financeira muito agradável. Ouvimos a mentira sendo proferida a todos os cantos falando justamente aquilo que queremos ouvir, mas que já estamos vacinados a duvidar pela constante repetição e decepção que gera. É como se nos questionássemos “o valor dos valores”. É como se estivéssemos a ponto de esmorecer diante de tão forte onda de negatividade.

A frase “não faça aos outros o que não quer que façam a você” parece não ser unanimemente óbvia. O mal praticado pelas pessoas parece não ser repudiado por todos. Alguns praticam atos reprováveis e outros ainda defendem os atos praticados por criminosos, expressando as mais absurdas formas de justificativas para isso. A noção de valores está completamente ruída na sociedade atual, e ser uma pessoa correta parece gerar até dúvidas quanto à sua valia. Permeia no ar a sensação de que os bandidos têm mais direitos do que os mocinhos. Há uma clara falta de noção quanto a certos princípios muito básicos de vida em sociedade. O mais grave deles sem dúvidas são aqueles de violência explícita em nome da religião ou de guerras que levam à morte milhões de pessoas inocentes. Nesse caso, não há dúvida a qualquer ser humano em perfeitas condições psicológicas de que tais ações são criminosas e que além de nos causar terror e medo, também devem nos causar total repúdio para com as pessoas que as praticam. Mas há também outras ações humanas menos agressivas e que também geram muita comoção popular, e até muita raiva. Entretanto, nesse caso elas não deveriam gerar tais sentimentos. São elas, para citar algumas, blasfêmia, corrupção e demagogia. No caso de práticas evidentemente criminosas e terroristas é nítido o nível de baixeza intelectual e moral das pessoas que as praticam e não passaria pela cabeça de um ser humano em sã consciência sentir-se inferiorizado por tais pessoas. Entretanto, no desses outros três tópicos mencionados parece às vezes gerar o sentimento de inferioridade por parte daqueles que não o praticam. E o escândalo e a vergonha que deveriam gerar naqueles que os praticam parece já não surtir mais efeito, e as leis parecem não os alcançar, criando em nós um sentimento de impunidade e inferioridade. Entretanto, não devemos

nos sentir assim, e vejamos os porquês, analisando estes três grupos de indivíduos sociais: os blasfemos, os corruptos e os demagogos.

No caso dos blasfemos, colocaremos aqueles que usam de violência verbal para dialogar com outras pessoas. A sociedade moderna tem sido um excelente laboratório para nos mostrar o que na verdade sempre esteve escondido dentro dos indivíduos: a falta de meios de expressão da opinião popular dava a falsa impressão de que a humanidade estava evoluindo em termos de comportamento social. O advento das novas mídias sociais de comunicação prova que não é assim. Os indivíduos não se envergonham de postar e comentar opiniões as mais rasas e agressivas possíveis. O ódio parece estar encontrando grande espaço na vida das pessoas, e de forma muito natural. Pessoas desferem os mais baixos ataques verbais geralmente contra pessoas com quem têm pouca ou nenhuma intimidade social, mas que nem por isso deixam de ser seres humanos que merecem um mínimo de respeito, por mais que discordemos de suas opiniões. Antigamente me incomodava muito ver nas novelas cenas em que os personagens encenavam situações em que usavam de violência verbal e até física em casos de briga familiar e romântica, por exemplo. Acreditava eu que aquilo podia ser um mau exemplo para as famílias que assistiam àqueles programas, e principalmente para as crianças, que geralmente acompanham os pais nesse tipo de atividade. O tempo passou e aplicativos da internet comprovaram que o que acontecia nas telas de televisão não era nada mais do que a realidade que de fato está na sociedade. E isso não é um mal que atinge um país em específico, mas todos, mesmo aqueles ditos desenvolvidos.

E o que é mais desconcertante em presenciar é que as pessoas não têm a capacidade de dialogar sobre assuntos

em que diferem. Não há a tolerância suficiente para compreender que sujeitos diferentes podem e devem ter opiniões diferentes, e que assim como repudiamos atentados terroristas de religiosos que desaprovam a forma de pensar daqueles que consideram pecadores, também deveríamos ter consideração e respeito social e virtual por aqueles que pensam diferentemente de nós. Basta alguém professar uma opinião contrária à nossa na rede social e não demora para que uma tripa de comentários violentos se desenrole, e o que é pior, em grande parte dos casos sobre assuntos que não mudam as vidas daqueles que comentam sobre eles, como por exemplo, futebol, política, economia, debates sobre gênero sexual e outras fogueiras de tópicos incendiados na internet. Será que não percebemos que estamos agindo ridiculamente nas redes sociais aos olhos de tantas testemunhas? Com tantos tópicos construtivos e suaves que haveríamos de ter em comum optamos justamente por aqueles que nos dividem enquanto espécie racional. E quando assim agimos, infelizmente estamos atuando como protagonistas para regredir o desenvolvimento de nossa própria espécie.

Há por incrível que pareça aqueles que deveriam ser os líderes de exemplo social por terem grande influência midiática e que infelizmente reforçam ainda mais essa tendência à violência verbal e adjetiva em veículos de internet e televisão. Sem citar nomes, mas apenas funções como título de exemplo, temos chefes de Estados que não se acanham de usar toda uma verborreia de palavrões e ofensas dando um péssimo exemplo a todo um grupo de pessoas que já é por si só facilmente influenciável. E de novo caímos na armadilha do separatismo social, como se, mesmo dentro de uma nação, fôssemos inimigos. Aliás, não deveria haver inimigos em parte alguma do mundo, muito menos dentro de uma nação, e muito menos

ainda por meio da influência de autoridades políticas. Eles deveriam de ser acima de tudo o exemplo máximo do caminho a ser seguido pelos cidadãos na construção de uma nação e sociedade mais solidária e compreensiva.

Entretanto, confesso que não escapa de minha atenção exemplos muito positivos de pessoas influentes em nossa mídia e que fazem um trabalho digno de elogio. O que acontece é que notavelmente esse tipo de comportamento não encontra o mesmo acolhimento social que os maus exemplos encontram. Um discurso de respeito terá sempre menos audiência do que um discurso de ódio. Isso é perceptível. Infelizmente muitas vezes quando teríamos a chance de fazer diferente de tudo aquilo que condenamos, somos os primeiros a agir mal nos pequenos gestos que revelam as verdadeiras cores da nossa alma.

É errado até mesmo nos alegrarmos com os tropeços daqueles que consideramos nossos adversários. É comum em nossa realidade atual até mesmo deboçarmos da humilhação alheia. Deveríamos sempre e em qualquer situação estender uma mão de auxílio a todo aquele que cai, mesmo que caia blasfemando contra a nossa pessoa. Pois deveríamos ter consciência de que a superioridade está em passar por cima do próprio sentimento de ofensa. Vejo muito a celebração daqueles que veem seu suposto inimigo sendo humilhado por alguma situação qualquer. Entretanto, aquele que por algum motivo tropeça poderia muito bem em qualquer outra situação ser um de nós. E não existe situação melhor para unir ideias diferentes do que por meio de um gesto de Amor em um momento de dificuldade. Pois, convenhamos, todos nós temos o direito de cometer erros e de ter opiniões erradas. Assim como todos nós temos o dever de pagar por nossos erros. E que quando alguém estiver pagando por seus erros, que não seja além de punido ainda desnecessariamente

humilhado. Gostar de ver a infelicidade alheia revela em nós baixaza de espírito.

Esses pequenos gestos de violência popular que são desmascarados nas mídias sociais e que são representados por pessoas influentes e por pessoas do povo parecem de alguma forma ter mais força que a bondade e respeito pelas diferenças que gostaríamos, ou que dizemos gostar, de ver no mundo. Supõem-se a ideia de que a força esteja na brutalidade das palavras, e que aqueles que falam com mansidão, ou que sequer se expressam, são o lado vulnerável dessa situação. Mas não é assim. Mesmo que sejamos poucos aqueles que ainda acreditam na gentileza e na compreensão e respeito pelas diferenças, e mesmo que às vezes preferamos ficar calados diante de comentários grosseiros, precisamos manter a certeza de que a bondade, por mais sutil que seja, ainda ressoa em algum lugar deste universo com mais força e verdade do que qualquer brutalidade humana. E que mesmo que sejamos derrotados em nossa mansidão, que tenhamos a certeza de que a verdadeira vitória reside na ação que gera Amor e respeito, mesmo que a contrapartida não seja recíproca. Não devemos ter medo nem raiva dos blasfemos, mas pena, pois encontram-se em um estado intelectual evolutivo inferior e precisam ser amados e quando possível auxiliados no seu desenvolvimento interpessoal.

O segundo grupo de pessoas que gera muita angústia e dificuldades sociais são os corruptos. Esses seres são como vírus que debilitam um corpo saudável. Talvez não haja na sociedade um caso mais evidente do seu poder destrutivo do que na política, pois é onde esse mal mais encontra meios para sugar o que a sociedade em conjunto constrói para o bem de todos. A corrupção é um desvio de conduta e em maior ou menor grau todos nós podemos

estar sujeitos a esse mal (sujeitos a sermos corruptos). A diferença é que algumas pessoas estão mais expostas às chances de serem corruptas enquanto outras estão em situação de segurança que não permite que a sua corrupção seja testada e revelada. É justo condenarmos o ato corrupto sim, mas temos que ter cuidado para não cairmos na mesma armadilha. E acima de tudo, é necessário ter muito cuidado com o mal não apenas material que a ação de outros quando corrupta têm sobre nossas vidas, pois de fato geram dificuldade financeira para aqueles que são vítimas desse mal, mas há também o mal psicológico que pode nos provocar. Isso ocorre pelo sentimento forte de injustiça ao qual somos vítimas.

Sentimo-nos como que injustiçados e vulneráveis. Há a sensação de perda e de inferioridade, enquanto que os que praticam esse mal aparentam nitidamente desfrutar de uma vantagem sobre aqueles de quem furtam. Estamos considerando principalmente para fim de compreensão aqueles casos de corruptibilidade monetária, em que dinheiro é oferecido para que um ato seja desvirtuado. Na política, onde esse mal está em maior evidência, políticos angariam além de seu justo salário pelo trabalho social que desenvolvem ainda outras formas de recursos pecuniários ilícitos, que por óbvio, favorecem a si mesmos e aos outros envolvidos, mas que inevitavelmente prejudicam muitas outras pessoas. As pessoas envolvidas nesse ato ilícito sentem-se beneficiadas, pois conquistam uma condição de vida financeira muito mais confortável e com muito menos esforço do que as pessoas que trabalham honesta e duramente para produzir recursos financeiros. Mas o que leva, nesse exemplo, os políticos, pessoas que não precisariam de ainda mais dinheiro, a cometerem atos que prejudicam outras tantas pessoas? Quando não ainda uma sociedade inteira, que de fato depende daquele recurso

para sua condição de vida, e que se fosse justamente distribuída por todos, traria o benefício e uma condição de vida, que se não fosse de muita riqueza, pelo menos de uma condição de vida agradável a todos. Mas com a corrupção a balança desestabiliza, produzindo muita riqueza e conforto para uns poucos, e dificuldades e atrasos para tantos outros.

Em nós fica a impressão de sermos lesados e de sermos inferiores àqueles que conquistam tais benefícios irregularmente. Entretanto, se analisarmos com mais cautela, perceberemos que devemos ter muita pena de pessoas que agem assim ilicitamente, pois são pessoas que acima de tudo agem por medo. Em primeiro lugar, antes de explicar o que isso quer dizer, é preciso reforçar a ideia de que sempre é muito mais vantajoso (mesmo que não em termos monetários) agir licitamente do que ilicitamente, mesmo que para isso tenhamos que viver na pobreza total. Quem se deixa corromper pelo dinheiro não merece nada mais do que o sentimento de piedade, além da devida punição cabida pela justiça. Falo aqui da piedade no sentido de sentimento de compreensão de que aquela pessoa se encontra em uma situação muito mais vulnerável do que a nossa. Pessoas que furtam o dinheiro público para benefício próprio em detrimento do bem-estar de muitas outras pessoas são seres com um sentimento de muito medo e de limitações intelectuais. Pessoas honestas e confiantes de suas capacidades cognitivas sabem que o fruto do trabalho e de suas potencialidades sempre lhes proporcionará uma condição de vida minimamente tranquila. Pessoas com força de vontade para produzirem atividades profícuas para a sociedade sempre terão o que oferecer, e nunca recearão serem incapazes de produzir tais efeitos positivos. Pessoas intelectualmente saudáveis sabem que o que garante o futuro não é o dinheiro, mas a

capacidade de gerá-lo por meio da atividade honesta e do respeito que outras pessoas têm por eles.

Logo, uma pessoa que furta, e que é corrupta, receia não ter nada de valor a oferecer, não se intimida em ter seu nome corrompido pela mácula da desonestidade, e por isso sabe que precisa de muito capital financeiro para garantir sua vida de limitações. Essas pessoas são, portanto, as mais pobres que podem existir na sociedade, pois são pessoas que têm medo de serem incapazes de produzir algo de valor que lhes garanta uma vida digna de sustento. Pobre não é quem não tem dinheiro, mas sim quem nem mesmo com muito dinheiro consegue viver em paz. Políticos corruptos são a espécie social mais pobre que pode existir, pois roubam de pobres e ricos, e mesmo assim, nem todo o dinheiro do mundo os faz parar de roubar, a não ser que a justiça os descubra. Precisam cada vez mais acumular riquezas financeiras, pois seu medo de voltar ao estado de pobreza é muito grande. São pessoas que repudiam os pobres e a pobreza. E além de pobres, são ainda acima de tudo covardes, pois não me recordo de sequer um corrupto que tenha sido apanhado no crime com coragem suficiente para assumir sua culpa ou pedir perdão por seus atos. Todos negam mesmo quando as provas estão na frente de seus olhos. Essas pessoas merecem, portanto, nada mais do que nosso sentimento de pena. Pois os corruptos são a pior espécie de ser social que pode existir. São eles os “financiadores” de toda a violência, pobreza, e falta de educação em uma sociedade. E apesar de acharem que ganham alguma coisa com o acúmulo de riqueza a custo do trabalho dos outros, nada mais são do que seres limitados e pobres. Não devemos, portanto, deixar a ação deles perturbar nossa calma psicológica, como muitas vezes acontece. É claro que devemos procurar

a reparação da justiça, mas não nos deixando abater pela ignorância e pobreza dos outros, no caso aqui dos corruptos.

Corruptos que enriquecem às custas dos outros são miseráveis. Eles vivem a ilusão de acharem que são melhores. Eles não se dão conta do medo que consome suas vidas. Por não terem capacidade de gerar riqueza eles roubam, geralmente dos pobres. E por saberem que o seu patrimônio veio da ilicitude, temem perdê-lo ou serem descobertos, e por isso roubam ainda mais. Acabam se acostumando com um padrão de vida além das suas condições naturais e precisam roubar ainda além do que já roubavam. Estão presos em um círculo vicioso que os traga cada vez mais para o fundo da miséria. Por fora sobem na escala social, mas por dentro se atolam no esgoto da falta de caráter. Por fora podem usar ternos e falar em um linguajar que engada uma audiência pouco atenta para perceber, mas por dentro são ratos sujos e maltrapilhos. O dinheiro que o talento não conquista reflete ainda mais uma miserabilidade que a eles mesmos não pode enganar. Eles sabem que são podres. Alguns até se iludem. Já vi como alguns deles andam pelas ruas de Londres ou Paris como se fossem reis ou deuses, enquanto as pessoas de quem roubaram muitas vezes não conseguem sair da pobreza real. Nunca se deixe abalar pela pobreza de uma vida difícil e regada a suor, seria muito pior sujar a alma com a pobreza de valores apesar de andar em carros luxuosos. As sandálias da dignidade valem muito mais do que os diamantes da corrupção.

E o terceiro grupo de humanos inferiores são os demagogos. Esses podem ser engraçados como palhaços quando ficam apenas nas bufonarias de suas palavras ou podem ser perigosos como religiosos e políticos que

deturpam a razão ou incitam a violência. O demagogo é aquele ser que diz uma coisa e faz outra. E quando age assim, pode não ser muito perigoso. Mas o demagogo pode ser também alguém que não apenas diz, mas exige uma conduta dos outros, quando ele mesmo não é capaz de cumpri-la.

Vemos esse caso principalmente na religião e na política. Na religião são aquelas pessoas chatas que insistem em empurrar aos outros uma conduta de vida pesada demais e cheia de regras e dogmatismos. São aquelas pessoas que por fora dão a aparência de serem perfeitas, mas que como sabemos, nenhum ser humano é perfeito, logo, também têm as suas falhas. Aliás, não existe nada mais chato do que um ser humano que se apresenta para nós como sendo perfeito. Não é bom conviver com essas pessoas. O próprio Jesus não era desse tipo de indivíduo, pois lembre que ele, apesar de ser um professor dos bons comportamentos, quando estava em uma festa de casamento e foi solicitado para intervir no problema da falta de vinho não foi inconveniente e pediu para que as pessoas parassem de beber, afinal de contas, para que tivessem acabado com todo o vinho da festa era porque já estavam muito bêbadas, mas foi gentil e mais do que generoso em transformar água em um vinho de qualidade superior àquele que estava sendo servido no começo da festa.

Agora, o religioso demagogo pode se tornar perigoso quando se torna um fanático religioso que acredita que somente ele está certo e que todas as pessoas que não pensam como ele estão erradas e estão condenadas ao inferno. Esse tipo de pessoa se senta na cadeira de Deus sem nenhuma permissão e aplica sobre os meros mortais a condenação divina antes da hora proposta pelo próprio suposto Deus. Pois Deus ameaça punir apenas após a morte dos pecadores, enquanto que o demagogo religioso

fanático promulga suas sentenças sobre os infiéis já em vida. Isso quando não decide antecipar o convite da morte sobre pessoas inocentes como frequentemente vemos pelo mundo todo fanáticos religiosos das mais diversas religiões matando em nome de Deus. Essas pessoas, além de claramente agirem por influência de uma falibilidade psicológica, ainda por cima mancham a imagem daquelas pessoas que defendem uma religião pacífica, de auxílio e de compreensão. A violência religiosa também pode partir daqueles que se dizem ateus, quando esses também apelam para a violência física e verbal, também manchando o trabalho daqueles ateus que fazem um trabalho muito importante de esclarecimento lógico sobre os conflitos religiosos e que são uma contrapartida mais do que importante sobre as visões teístas.

Sempre que temos um posicionamento teológico ou antiteológico baseado na compreensão de que nossas próprias ações podem comprometer nossas palavras e que tanto de um lado como de outro somos pessoas sujeitas a falhas e que se respeitam mutuamente, não há demagogia. Entretanto, quando acreditamos sermos perfeitos e pressupomos impor sobre outras pessoas códigos de conduta que nem mesmo os mestres religiosos do passado impuseram sobre seus seguidores, há uma falha de conduta grotesca nestas pessoas, e que muitas vezes, pior ainda, nem se dão conta de seus erros. Se essa aberração comportamental não interferir na paz e estabilidade social elas até podem ser ignoradas, mas quando atingem o nível de violência devem sem dúvidas serem forçosamente controladas.

Os demagogos políticos também podem ser tanto da esfera inofensiva como da perigosa. Todos estamos muito acostumados com a ideia de que políticos são por natureza pessoas faladoras e dadas a iludir a sociedade com

promessas que muitas vezes não têm a mínima intenção de cumprir, mas que o fazem com o intuito de angariar o maior número de votos possível. Alguns até prometem com o intuito benevolente de realmente fazer, mesmo sem a mínima condição. Esses casos não são de todo perigo para a sociedade e já estamos de certa forma até mesmo vacinados com uma dose de antídoto contra essas falsas expectativas. Entretanto, há também no caso dos políticos, assim como dos religiosos, aqueles demagogos que não apenas defendem uma ideologia política, mas que acima de tudo querem impô-la, como se fosse a única correta e a única que possa salvar a vida das pessoas.

Geralmente, tais políticos têm a visão de que a fim de gerar um bem maior é preciso comprometer a integridade de algum grupo menor. Não há dúvidas de que algumas vezes precisa ser assim. Um exemplo mais claro disso é em uma família, quando um pai, com mais experiência, proíbe e até mesmo castiga um filho que por algum motivo se aventura em ações reprováveis. A questão é que tal pai age sempre com Amor e pensando no melhor para a família e para aquele filho, ao passo que líderes políticos extremistas agem com uso da força, violência, e muitas vezes geram a miséria da população. Para comprovar isso basta ver manchetes de representantes políticos que comprometem toda uma estrutura social em nome de uma ideologia política insustentável.

É claro que nossa sociedade vive diversos problemas que precisam ser enfrentados e resolvidos. Entretanto, é necessário lembrar que uma sociedade sendo composta de seres humanos sujeitos a falhas nunca será perfeita, pois seres humanos sempre terão falhas, mesmo aqueles que procuram de todo fazer o bem. Logo, a sociedade, que é muito maior do que apenas um indivíduo, terá sempre muito mais falhas a serem reparadas. É importante que

pessoas em postos políticos façam uso de uma certa rigidez e que as pessoas aprendam a ter disciplina, mas isso nunca pode partir para o campo da violência e imposição que gera muito mais mal do que benesse às pessoas. Até porque mesmo o líder mais bem-intencionado e preparado para a coordenação de um cargo político também é um ser humano e, logo, sujeito às mais diversas falhas.

Em uma sociedade sempre haverá atos nitidamente reprováveis e que têm rápido impacto negativo sobre aqueles que por esses atos são atingidos. Um ataque terrorista é obviamente algo ruim para todos e que não deve ser praticado. Um furto a uma residência é uma ação criminosa inegavelmente. A agressão física é sempre um mal que deve ser a todo custo reprimido. Entretanto, há outras ações com impacto negativo sorrateiro de difícil percepção. E é nessa categoria que entram as atividades dos blasfemos, corruptos e demagogos. Entretanto, o mal que deles advém é certo e pode ser tão devastador como um mal que poderia ser imediatamente percebido. E apesar de que as ações desses três possam parecer em alguns momentos vantajosas e mais fortes, é preciso ter a certeza de que não são, e que mesmo que tenhamos que sofrer por causa de pessoas assim, é importante termos a consciência de nunca cairmos na tentação de nos tornarmos um deles, e isso pode acontecer sem que o percebamos. E assim como o diabético pode morrer por não sentir os efeitos mortais da sua doença, da mesma forma essas três falhas da personalidade podem matar nossa inocência e moral se para uma delas nos entregarmos.

Capítulo XVIII — O deus Dinheiro

Dinheiro é muito bom. Ter muito dinheiro é maravilhoso. Ser muito rico é uma grande alegria. Temos muitos desejos, e poder realizá-los por meio do dinheiro é um sentimento agradável. As pessoas jogam na loteria na expectativa de ficarem ricas. A maioria dos pobres quer ficar rica, e nenhum rico quer ficar pobre. Ter dinheiro é um meio para viajar, comprar, estudar, cuidar da saúde, cuidar da doença, viver bem, comer bem. Ter dinheiro, ter riqueza, traz coisas boas. Ter riqueza reduz o sofrimento. Ter dinheiro aumenta o número de amigos. Ter dinheiro nos faz ser mais amados. Ter dinheiro nos faz ter mais coisas. Ter dinheiro nos faz ser mais bonitos. Ter dinheiro nos permite ir mais longe. Ter dinheiro nos permite afastar-nos das mazelas. Ter dinheiro nos permite ajudar quem vive na mazela. Ter dinheiro nos permite agir com benevolência. Com dinheiro podemos desfrutar das delícias da existência com mais facilidade. Enfim, ser rico é maravilhoso.

Pessoas que não são ricas geralmente dizem que riqueza não traz felicidade. É claro que não. Riqueza por si só não traz felicidade, assim como pobreza por si só também não traz felicidade. Então, se riqueza não traz felicidade, também não traria tristeza. Mas me parece que muitas vezes pobreza traz muita infelicidade e angústia. Acredito que as pessoas utilizam certas frases como “riqueza não traz felicidade” para se conformarem mais facilmente com o fato de serem pobres, e pior do que isso,

para não se sentirem na obrigação de buscar algo melhor. Pois afinal de contas, ser rico não é exatamente para quem quer, mas para quem consegue ser.

Entretanto, antes de continuar é importante deixar bem claro de que tipo de riqueza, e a que tipo de rico estou me referindo. É claro que existem muitos abastados que desfrutam de uma riqueza angariada por meio de ações duvidosas. Políticos são o caso mais caricato de pessoas que enriquecem, muitos deles, às custas do trabalho e da contribuição dos outros. Existem empresários que ficam ricos explorando o trabalho de muitas pessoas. Sou completamente contra, e repudio qualquer riqueza gerada de forma sub-reptícia. Para mim, isso não é riqueza. Para mim isso é na verdade a forma de pobreza mais repugnante que existe.

No Brasil usamos as expressões ganhar dinheiro, ganhar um aumento, ganhar uma promoção. Os americanos usam a expressão *make money*, que traduzido significa fazer dinheiro. Em raras ocasiões dinheiro é uma coisa que se ganha. E em tais casos acredito que ganhar dinheiro traz mais dificuldades do que benefícios. Porque uma pessoa que não sabe fazer dinheiro, tampouco saberá manter o dinheiro que ganhou. Fazer dinheiro, mas fazer dinheiro honesto, requer muito talento e capacidade. Não é para qualquer pessoa criar riqueza. Muitos pobres são vadios, e por isso não ficam ricos. Alguns pobres são muito trabalhadores, mas são intelectualmente limitados para gerar riqueza. Para ficar rico é preciso uma junção de criatividade e trabalho. Alguns pobres pensam que trabalhando muito ficarão ricos, e chegam até a alcançar algum *status* social, conseguem comprar um carro um pouco melhor, investir em uma casa. Mas isso não é de forma alguma riqueza. Riqueza é quando a pessoa consegue gerar o

máximo de capital com o mínimo de esforço. E não se enganem com o fato de que porque a lógica parece simples, aplicá-la à prática é fácil. Usar a inteligência é um dos requisitos mais complexos que existem. Todos nós temos um cérebro com uma capacidade desconhecida até mesmo para o mais inteligente de nós. E não é apenas uma questão de ter uma ótima ideia. É também uma questão de ter coragem de colocar em prática tal ideia. É aqui que as pessoas não compreendem a importância da ação. Às vezes conseguem ter boas ideias, mas não têm a força motriz que transforma uma simples ideia em ação. Uma simples ideia como começar a estudar, e se manter nos estudos, pode ser um passo muito difícil para pessoas pobres. Ricos de verdade veem a solução para os problemas e agem imediatamente, sem medo dos resultados.

Ser rico não significa nunca falir, quebrar, perder. Ser rico significa não ter medo dessas consequências. Sabem do risco que correm sempre que tentam uma nova aventura, mas não a temem. Para ser rico é preciso não temer a pobreza. Para ser rico é preciso não ter medo da grandeza. A grandeza assusta os pobres. Eles querem as benesses que as riquezas trazem, mas eles não fazem nem ideia dos riscos e das dificuldades pelas quais os ricos passam. Sem falar, é claro, do trabalho que os ricos colocam na realização de suas ideias.

O pobre pode até trabalhar muito às vezes e continuar pobre. O que esse pobre não sabe é que para ficar rico ele precisa ter a capacidade de às vezes, por pelo menos algum tempo, trabalhar ainda mais do que já vem trabalhando, e sem ganhar nada em troca por isso. E esse pensamento assusta. Mas como, se eu já trabalho tanto? Ser rico é isso, trabalhar mais, ou muito mais, do que a maioria das outras pessoas. Com exceção daqueles que

roubam, e repito, esses não são ricos, são na verdade os miseráveis mais nojentos que existem, todos os outros endinheirados são pessoas que não têm medo do trabalho, muitos são inclusive muitas vezes chamados de *workaholics* (viciados em trabalho).

Junte ao fato de trabalhar muito o quociente de inteligência e pronto, você tem um rico. Não basta apenas trabalhar muito, é preciso ser inteligente, ter propósito de vida, capacidade de resolver conflitos. Os ricos são pessoas que estão constantemente resolvendo problemas. Resolvendo conflitos. Os ricos não têm medo das adversidades. Eles sabem que são nesses momentos que podem capitalizar (“ganhar dinheiro”) seus esforços.

Para ser rico, acima de tudo, é preciso ter pensamentos e ações de ricos. Ninguém é rico porque tem muito dinheiro. As pessoas são ricas porque elas são ricas. Suas ideias são ricas. Suas ações são ricas. Pensam grande. Agem grande. Às vezes, obviamente por quererem voar alto demais, caem lá de cima. Mas sabe o que os ricos fazem quando caem? Eles recomeçam a escalada. Os pobres podem até sofrer, mas os ricos sofrem muito mais. A diferença é que os ricos aguentam sofrer muito mais. Enquanto que o pobre reclama, o rico arregaça as mangas e vai ao trabalho.

O pobre economiza dinheiro em coisas insignificantes. O rico encontra uma maneira de adquirir o que quer. Ser rico dá mais trabalho. É uma atividade para pessoas motivadas, felizes, corajosas, trabalhadoras, pensadoras. Esse grupo de palavras assusta os pobres.

Os pobres querem um aumento de salário. Os ricos buscam mais tarefas para conquistar um aumento. Os pobres aguardam por uma oportunidade que nunca chega. Os ricos sabem que as oportunidades nunca vêm de graça e que é preciso construí-las, com bons contatos, trabalho e

dedicação. Os pobres reclamam. Os ricos veem um problema e buscam uma solução. Os pobres trabalham com esforço. Os ricos fazem por prazer. Os pobres economizam. Os ricos investem. Os pobres criticam os ricos. Os ricos criticam a si mesmos. Os pobres não gostam de estudar. Os ricos vivem estudando o que amam. Os pobres acham que ser rico é ter muito dinheiro. Os ricos sabem que a riqueza vem do fato de sermos o melhor que pudermos ser. Os pobres querem ser ricos hoje, mas têm preguiça de começar no caminho que leva até a riqueza! Os ricos sabem que alcançar a riqueza ou os objetivos de vida pode levar tempo, mas eles começam mesmo assim, e quando as coisas dão errado, não desistem. O pobre é pobre, e o rico é rico. Não é uma questão de possuir, mas de ser. É por isso que é preciso ter cuidado, porque existem muitos ricos que são pobres, e muitos pobres que são ricos. Qualquer pessoa que tem uma fortuna não oriunda do próprio esforço e talento, não é rica. Bem como toda pessoa com educação e cordialidade, valores e respeito, é muito rica, especialmente aquele que jamais roubaria, mesmo que tivesse a chance de fazê-lo sem ser descoberto; esse, mesmo que possa viver na pobreza financeira, é rico. O fato é que ninguém é mais do que ninguém e viemos todos do mesmo lugar e vamos todos para o mesmo lugar. Compreenda que não há demérito em ser pobre, assim como não há demérito em ser rico. Isso é apenas uma questão de capacidade e de condição de vida. O fato é que nem todos nasceram com o dom para ser rico. Encaremos os fatos e aceitemos-os. Em algumas situações é muito melhor levar uma vida humilde e sossegada do que uma vida atarefada que inevitavelmente caracteriza a vida de um rico. É preciso saber em que fatia do bolo nós nos encaixamos e aprender a conviver da melhor forma com isso.

Ter dinheiro ou ser rico por si só é melhor do que não ter dinheiro ou ser pobre. A pessoa será rica na mesma

proporção em que ela produz riqueza social. O bem-estar financeiro é uma retribuição natural para aqueles que geram algum valor reconhecido na sociedade. Pobres geram pouco valor social, logo, têm uma condição financeira limitada. Ricos geram muito valor social, logo, têm uma vida financeira abastada. Geralmente ricos são donos de empresas que geram empregos para muitas pessoas. São essas empresas que mantêm a roda social em funcionamento. Pobres se sentem sugados e explorados por essas empresas. Isso se deve ao fato de que os pobres têm a mentalidade do ganhar em vez do criar. São na verdade os empregados que na maioria das vezes exploram as empresas, pois trabalham geralmente menos do que para aquilo que são pagos, e ainda reclamam. E se querem ganhar um aumento ou uma promoção, esperam que isso aconteça passivamente, sem que eles façam nada para tal. Geralmente usam o argumento tempo como fator de negociação. Como se trabalhar muito tempo em uma empresa significasse lá muita coisa. O fator que realmente pesa para justificar um aumento de salário ou uma promoção é o que o funcionário estiver acrescentando de novo ao seu trabalho. Isso sim justifica um aumento.

Os chefes querem ficar cada vez mais ricos e os funcionários reclamam porque no fim das contas o dinheiro é algo bom. Todos querem mais dele (dinheiro). Algumas pessoas seriam capazes de fazer coisas deploráveis somente para aumentar os números positivos no banco. Novamente, alcançar riqueza de forma ilícita é a pior forma de pobreza. Agora, ser capaz de gerar riqueza social e acrescentar valor na sociedade é a maior e mais louvável forma de riqueza que há.

Existem os casos de pessoas que enriquecem fazendo simplesmente o que amam. Algumas dessas pessoas nunca pensaram em ficar ricas. Tudo parece ter acontecido

naturalmente. Foram em busca de alguma carreira que lhes dava prazer e acabaram sendo agraciadas com muita riqueza. Pessoas assim são até capazes de viverem na pobreza novamente sem se importarem, sendo que possam continuar fazendo aquilo que amam. Eis aí a forma de riqueza mais genuína que pode existir em uma pessoa. Pois fazer aquilo que se ama é fazer algo com muita dedicação e maestria, gerando o melhor impacto social possível para a humanidade.

O dinheiro, ou a riqueza, não é em si nem bom nem ruim. Não é preciso entrar no mérito de se o dinheiro traz a bendita felicidade ou não, se dinheiro isso ou se dinheiro aquilo. O que importa na verdade é o ser humano por trás do dinheiro. A índole do ser humano é que é boa ou ruim. O que o dinheiro pode fazer é revelar a verdadeira pessoa por trás dele. Uma pessoa pode ser humilde pelo simples fato de não ter condições de ser arrogante, por não ser rica, e logo não ter condições de esnobar pessoas. Se uma pessoa é rica e ainda por cima humilde e generosa, essa pessoa merece todos os louvores, pois é um ser de alta classe, que faz jus à riqueza que possui. Essa forma de riqueza nada mais é do que um reflexo da riqueza interna dessa pessoa. Pessoas ricas e esnobes nada mais são do que pobres disfarçados de ricos.

Mas o que faz uma pessoa ser pobre? Não necessariamente a falta de dinheiro, pois uma pessoa com muito dinheiro pode ser miserável e inútil. Avaliando ricos genuínos é possível identificar um padrão. A maioria descobre um talento que tem, trabalha duro para alcançar objetivos e gosta de aprender. Vamos analisar cada ponto com detalhe, pois eles são importantes: encontrar um talento, trabalhar duro e gostar de aprender. Compreendendo esses pontos, começaremos a entender o real sentido da palavra riqueza, que pode em alguns casos dissociar-se da palavra dinheiro.

Um talento não é apenas uma habilidade natural para alguma coisa, mas, sim, um prazer inesgotável por fazer algo. Esse prazer por fazer uma determinada atividade leva a pessoa a fazer cada vez mais dessa atividade, tornando esta pessoa uma expert em tal assunto. Então, um grande investidor vai ter elevado gosto pela atividade de negociar já na infância quando buscava naturalmente brincadeiras que envolvessem negociações imaginárias com seus amigos. Na escola pode ter também naturalmente se envolvido em atividades de liderança e responsabilidade que foram lhe dando noções básicas de como interagir com as pessoas, e como compreender as nuances das relações interpessoais que são tão importantes em qualquer atividade profissional. Com sorte seus pais também incentivaram essa criança percebendo seu gosto natural por atividades dessa natureza e foram incentivando e pagando cursos voltados para essa área e outras até complementares. Na época da universidade não é difícil imaginar que nosso exemplo de pessoa optaria por um curso no âmbito das finanças ou administração, além de, é claro, durante todo o trajeto de sua vida ter lido muitos livros e ter buscado o conhecimento por si só, pois essa é uma característica marcante das pessoas de sucesso, elas gostam de aprender constantemente, e o fazem por si só. Aprender não significa apenas estudar em escolas, diploma não garante nada, mas sim a capacidade de aprender por si só, e muitas vezes bons livros são os melhores professores. Enfim, quando nosso exemplo atingisse os trinta anos de idade com uma qualidade de vida considerável e finanças que fariam inveja em muitas pessoas, muitos diriam que nosso amigo teve sorte ou que tinha um talento natural para os negócios, o que veio a lhe favorecer na vida. Mas enquanto nosso amigo está

com trinta anos e bem-sucedido ele já terá posto algo em torno de 25 anos de sua vida dedicada a um gosto natural que ele tinha para fazer negócios, e que ele desenvolveu naturalmente e prazerosamente ao longo desses 25 anos. Enquanto que uma outra pessoa lá pelos 18 anos irá optar por uma carreira na área administrativa porque acha que é uma área que “dá dinheiro”, sem nunca ter tido qualquer interesse por tal carreira. Provavelmente essa pessoa estudará com sofrimento, pois está fazendo algo que não gosta de verdade, e acabará tendo uma vida medíocre. Seria melhor que tal pessoa tivesse avaliado a si mesma para ver em que setor é mais capaz e qual atividade lhe dá mais prazer. Provavelmente perceberia que acabaria optando, assim como no caso do primeiro exemplo, por uma atividade que já vinha de alguma forma exercitando desde criança e que com certeza lhe faria muito feliz. Talvez descobrisse que gosta de mexer com a terra e plantar flores. Daí poderia vir a ser um grande jardineiro. Se com a arte da jardinagem ele seria rico isso não é possível afirmar, mas que pessoas que desenvolvem seus talentos (aquilo que gostam de fazer) têm mais chance de alcançar condições financeiras consideráveis isso é fato. Mas não se deve buscar o *status* financeiro como primeiro objetivo, mas sim fazer aquilo que gosta, e nisso dar o melhor de si.

Então aparece a segunda qualidade inerente às pessoas ricas, elas trabalham duro. Ricos que constroem patrimônio com honestidade têm de absolutamente trabalhar muito. Principalmente aqueles que trabalham em áreas pelas quais são apaixonados. Descobrir um talento inerente, que na verdade, como vimos, nada mais é do que um gosto por fazer determinada atividade, naturalmente propulsiona a pessoa a fazer mais daquilo do que qualquer outra coisa. Uma pessoa que não gosta

de surfar raramente surfa, uma pessoa que gosta de surfar, surfa com frequência, mas uma pessoa que ama surfar, simplesmente parece não esgotar seu estoque de paixão pela prática do esporte. Da mesma forma com qualquer outra atividade humana. O indivíduo que ama ler, com certeza lerá muito mais do que aquele que somente gosta ou daquele que não gosta, e logicamente estará muito mais apto a atuar em atividades que requerem leitura, como advocacia, filosofia, história, e outras tantas. Simplesmente não há como competir com uma pessoa apaixonada pelo que ela faz. É preciso outra pessoa apaixonada para tentar competir com ela. Peguemos o exemplo de Michael Phelps, maior nadador da história do esporte. Ele disse em uma entrevista que chegou a passar cinco anos de sua vida treinando todos os dias, sem finais de semana, sem feriados e sem férias. Ele absolutamente ama o que faz e é capaz de fazer o impensável em outras circunstâncias, trabalhar todos os dias, para alcançar seus objetivos. Ele descobriu muito cedo algo pelo que sentia prazer em fazer, e isso justamente o impulsiona a fazer mais disso do que qualquer outra pessoa.

Vejamos o caso de Albert Einstein. Um cientista em total conexão com aquilo que fazia, imerso em pensamentos que ele não podia controlar, passava às vezes dias sem mal comer, em busca de algo que nem ele mesmo podia explicar claramente, sendo criticado e às vezes chacoteado por colegas de trabalho, não se importava com nada disso, pois o prazer de estar fazendo algo para o qual nasceu para fazer era muito mais forte. Dificilmente qualquer outro cientista que não se encontrasse na mesma situação seria capaz de competir com esse cientista doido.

É praticamente impossível competir com pessoas que estão fazendo aquilo que amam fazer. Mas quando duas pessoas com a mesma forma de pensar e a mesma

força de ação se encontram, o que vemos é uma colisão de proporções indizíveis, em que o resultado é assombrosamente positivo. Pegue por exemplo o caso de dois jogadores de futebol profissionais que jogam em times diferentes e que ocasionalmente se confrontam. O que vemos é uma partida de futebol lembrada por lances geniais que marcam a história da existência humana. Foi o que aconteceu no Renascimento, com artistas que desde criança haviam sido treinadas na arte para a qual mais se inclinavam. A competição que existiu entre aqueles artistas ainda serviu para propagar ainda mais a chama da paixão que queimava dentro deles, gerando resultados que ainda hoje, mais de quinhentos anos depois, são difíceis de sequer chegar próximo.

Agora pegue qualquer pessoa que não tenha nascido com apetite para determinada profissão, que não a tenha desenvolvido desde criança, e que depois de adulta decida andar por certo caminho por lhe parecer o mais interessante financeiramente. Ou pior ainda, pense naquelas pessoas que estão em uma profissão sem nunca nem sequer ter-se pensando fazendo tal coisa. Estão lá por simples acidente do destino. Vivendo sem conhecer a paixão para a qual nasceram para dar vida. Tais pessoas não serão mais do que medíocres em suas atividades e nunca chegarão perto, seja financeiramente, seja em satisfação pelo trabalho, comparando com o que pessoas apaixonadas pela profissão são capazes de alcançar. Pois pessoas que amam o que fazem não se importam de fazer ainda mais, e com muito mais vontade, do que aqueles que fazem sem saber por que fazem e com uma força motriz outra que não a paixão. É impossível competir com pessoas que dão o seu máximo por aquilo que amam fazer.

Porém, descobrir algo para o qual nascemos para fazer, e fazer isso por muito tempo e com intensidade extrema,

pode não garantir um resultado financeiro ou emocional satisfatório se não houver o último ingrediente da receita, que é a inteligência. Trabalhar duro em uma área que amamos pode ser como apenas acelerar com força máxima uma pick-up 4x4 turbo em um atoleiro com pneus carecas. É muita força e energia para zero de resultado. É preciso inteligência para trabalhar usando da melhor forma todo esse potencial. Ao observarmos nomes conhecidos como: Michael Phelps, Einstein, Ayrton Senna, Muhammad Ali, Pablo Picasso e tantos outros vemos que além de atuarem em áreas que sabiam ter um potencial latente e paixão, havia também uma inteligência sutil que fazia com que um grande potencial se transformasse em uma máquina de resultados consistentes e imparável.

Michael Phelps, no mesmo vídeo em que fala de colocar toda a sua energia em cinco anos de treinamento exaustivo sem intervalos, também fala em assistir a vídeos de suas performances anteriores não tão bem-sucedidas. Ele era esperto o suficiente para aprender com os erros a fim de não os repetir, fazendo com que todo o seu potencial fosse capaz de gerar os melhores resultados.

Essas pessoas de grande sucesso não estão atrás do dinheiro em si, veja bem. O que elas buscam é desenvolver o máximo de suas capacidades latentes. E automaticamente o dinheiro ou riqueza vem. A riqueza não precisa necessariamente se manifestar na forma de dinheiro. Ela pode ser interpretada como prestígio, bons contatos (o que muitas vezes vale muito mais do que todo o dinheiro do mundo), Amor, autorrealização, carreira estabelecida, segurança no emprego (mesmo que em alguns casos o salário não seja o melhor, em uma economia complicada ter a garantia do emprego vale mais do que o dinheiro em si), respeito, amparo em momentos difíceis, amizade e a lista segue.

Com esses três fatores mencionados, é muito provável que qualquer pessoa possa alcançar o sucesso financeiro. É claro que com tudo isso eu não quero de forma alguma dizer que o dinheiro ou a riqueza é a coisa mais importante da vida e que pode nos fazer feliz; não. Mas estou sim dizendo que o dinheiro facilita muito as coisas e que não deve ser colocado na balança como medida de uma vida feliz ou não. Ser feliz ou não vai depender de muitos outros fatores. Porém, ter muito dinheiro em qualquer das circunstâncias, sendo feliz ou não, vai fazer a vida ser muito mais agradável.

É por isso tudo que não precisamos ter medo do dinheiro. Não precisamos falar de riqueza como se fosse uma maldição, pois não é. Maldição é roubar para ser rico. Lembre que a maior forma de pobreza é precisar viver com muito dinheiro e roubar para consegui-lo. O maior rico é aquele que consegue viver com muito pouco e ainda se sentir realizado. Ter muito dinheiro será apenas uma situação que melhora as coisas um pouco. Uma pessoa que não é dependente do dinheiro sabe usá-lo muito melhor, pois não tem medo de arriscar. Ficar rico e manter a riqueza requer uma capacidade emocional e intelectual absurdas. Não é para qualquer um, é apenas para os fortes. Roubar para ser rico é para os fracos, para pessoas com problemas emocionais e intelectuais. Acomodar-se com a pobreza é apenas um sinal de preguiça e medo. Mas é melhor ser pobre do que um rico ladrão. Lembrando que existem pobres que simplesmente não estão nem aí para as riquezas, mas que são pessoas que desenvolvem seus potenciais latentes. De certa forma, essas pessoas também são ricas. Mas é muito difícil uma pessoa trabalhar suas capacidades intrínsecas e não angariar alguma das formas de riqueza listadas anteriormente, e muito possivelmente a mais visível de todas: o dinheiro. Pois pense que a forma

mais fácil que as pessoas encontram de retribuir pelo bem social que fazemos é nos dando riquezas. Afinal de contas, como é que você retribui ao Bill Gates por tudo o que ele faz pela humanidade? Não há nada que se possa fazer por ele, apenas lhe dar muito dinheiro e deixar que ele faça bom uso desse recurso a fim de gerar ainda mais benesses sociais. Ou também o que acontece com o Elon Musk, deixe que pessoas com tamanha capacidade façam bom uso de nossos recursos, já que outras pessoas não são capazes de tal.

Ou seja, ser rico dá muito trabalho e nem todos estão dispostos a pagar o preço por tal recompensa. Só condena o dinheiro e a riqueza quem não tem capacidade de cultivá-los.

Eu amo o deus Dinheiro.

Capítulo XIX — Emanuel

O nome Emanuel significa “Deus conosco”. Eu tive em minha vida a oportunidade de viver a presença física de Deus. Deus esteve conosco. Ele esteve comigo. Ele foi meu melhor amigo. Não apenas isso, ele foi o irmão que não tive. Eu tive a chance de conhecer Deus pessoalmente. Eu pude olhar em seus olhos e pude abraçá-lo quando bem quisesse, pude dizer eu te amo olhando em seus olhos, e pude ouvir de volta as palavras: eu te amo. O Amor de Deus é diferente. Isso porque ele nos ama por aquilo que somos: seres humanos cheios de falhas. E nesse caso, Deus não era uma pessoa que de forma alguma precisava de mim ou de qualquer outra pessoa ou de algo que pudéssemos lhe oferecer. Deus não queria nada de ninguém. Deus simplesmente nos amava e deixava isso bem claro. Deus gostava de estar na companhia das pessoas, Deus nos fazia sempre o bem e Ele nunca nos julgava. Nunca. Ele jamais tentou mudar ninguém. E antes de partir ainda me pediu para continuar sendo quem eu era. Deus se mostrou um cara incrível.

Não bastasse tudo isso, Deus ainda era um cara muito sensual. Todas as mulheres gostavam dele. Elas o desejavam fisicamente. E ele fazia bom uso de suas vantagens físicas. Eu não reparava, mas elas comentavam, que ele tinha uma boca muito apetitosa e olhos encantadores, além de um porte físico abençoado. De vez em quando treinávamos juntos, mas eu nunca

conseguia alcançar sua força física. Muito menos sua motivação. Aliás, sendo Deus, eu tenho minhas dúvidas quanto ao fato de Ele realmente dormir todas as noites, pois sei que muitas noites eram despendidas em baladas exageradas e regadas a muito álcool e charuto. Não sei como era possível ele ter toda aquela energia para treinar no dia seguinte. Aliás, energia era o que não lhe faltava. Ele amava trabalhar, ele queria festas o tempo todo, e ele precisava liberar a sua energia animal com quantas mulheres estivessem dispostas a transar com ele. E todas se sentiam satisfeitas e sedentas por mais.

Não eram apenas as mulheres que queriam Deus, os homens também. Mas não era a parte física dele que atraía a todos nós, isso era com as mulheres. Para todos nós, a atração que sentíamos por ele era a respeito daquele jeito dele. Ele era sedutor demais. Ele nos cativava. Ele nos divertia. Ele gostava de estar conosco. Ele precisava estar conosco. E Ele queria sempre nos ver bem. Eu e Deus éramos muito próximos, então eu sabia que muitas vezes Deus estava sofrendo. Mas ele não deixava isso transparecer. Ele podia até falar sobre seus sentimentos conosco, até para que não nos sentíssemos inferiores a ele e mais confortáveis com o fato de sermos meros humanos, mas mesmo nesses momentos de desabafo, Ele nos fazia absolutamente felizes.

Deus não tem intenção nenhuma de ser aceito. Deus não quer pregar aos seres humanos o que ele acha certo ou errado. Essa é uma tendência humana. Os seres humanos têm uma necessidade absurda de controlar, julgar, exercer poder. Deus não tem as preocupações mesquinhas que nós temos. Sempre que lemos textos religiosos podemos perceber a intenção do homem em criar um Deus que se encaixe em seus anseios. Não foi Deus quem nos criou à sua imagem e semelhança, fomos nós que criamos um

Deus à nossa imagem, semelhança e falhas. Diz a Bíblia que Jesus andava no meio do povo e que circulava no meio daqueles considerados a escória da civilização da região por onde circulou. Jesus pouco andava ou falava com os religiosos, poderosos ou ditos exemplos de conduta. Não. Ele andava com os simples, rudes e pecadores. Inclusive sua trupe de discípulos demonstrava comportamentos aberrantes para pessoas tão próximas de um ser tão fantástico. Assim deve ser um ser superior a nós. Dever ser alguém que quebra a nossa lógica. Alguém que confunde o nosso entendimento. Assim viveu o Deus que eu conheci. Primeiramente, ele andava comigo, um dos seres mais imperfeitos que existem, e ele nunca me criticou. Pelo contrário, incentivava-me. Ele me amava por eu ser quem eu era. Eu agia mal para com ele. Mas ele era emocionalmente forte e relevava. Amava-me e me admirava ainda mais. Eu me sentia importante na minha imperfeição perto dele. Eu achava que minhas falhas eram virtudes, porque Ele assim me fazia sentir. Não foram poucas as vezes que Ele e eu nos embriagamos. Fomos a vários shows de rock, metal e punk. Ele conversava com todos. Desde os mais ridículos até aos mais simples. As tias da limpeza dos bares e pubs eram as melhores amigas dele. Ele via e amava todos. E todos se sentiam amados por ele. Mas ele não se comportava bem. Longe disso. Ele era um turbilhão de confusão. Ele arrumava brigas. Ele causava inveja dos outros caras. Ele partia corações. Ele não se importava com a lógica das boas maneiras sociais.

Deus não respeitava nem as normas sociais dos grupos considerados disruptivos, um deles, a dos metaleiros. Nunca vou me esquecer do dia em que estávamos nesse evento de metal que eu muito queria ir, onde todos vestiam roupas pretas e faziam cara de mau. Os metaleiros enchiam a cara de trago e faziam papel de mau, porque

afinal de contas, eram metaleiros. Metaleiros vivem pelo código da agressividade, brutalidade, superioridade. Meu amigo Deus não estava nem aí para tudo isso. A banda tocava músicas violentas. O público agia com rebeldia. Todos estavam agindo de acordo com as normas daquela tribo social, inclusive eu, é claro. Mas o que será que Deus estava achando daquilo tudo? Deus não estava achando nada. A última vez que eu tinha O visto naquela noite Ele estava dando em cima de uma menina qualquer. Só lembro que era bonita e muito mais nova que Ele, e que usava um vestidinho leve, desses de verão, só que escuro, é claro, pois era um show de metal. O show continuava frenético e irracional, quando de repente, avisto meu amigo Deus e sua companheira. Quão surreal foi aquilo. A primeira coisa que reparei, e que todos repararam, foi que Ele estava usando o vestido dela! E ela, as roupas dele. E o mais legal de tudo, ele estava agindo como se nada estivesse acontecendo. Era uma atitude de deboche do tamanho do universo. Ele vinha caminhando no meio da multidão de metaleiros com o seu copo de plástico com cerveja dentro. E a menina vinha toda feliz do lado Dele (era sempre assim que as pessoas se sentiam na presença Dele). Aquilo era no mínimo desconcertante. Naquele momento eu aprendi que todas as nossas regras de etiqueta social são meras banalidades. O que as pessoas pensam de nós não vale nada. E os padrões sociais são meras convenções. Isso eu aprendi com o meu amigo Deus.

Esse era Emanuel, Deus conosco. Ele andou no meio de nós, meros mortais. E como não há como prever o que Deus tem em mente, ele optou por aparecer em uma região pouco conhecida, no meio de gente simples e cheia de defeitos. Sabe-se lá quantas vezes Ele já fez isso?! Talvez Ele esteja o tempo todo entre nós, de maneiras diferentes. Tentando nos ensinar da maneira menos convencional possível.

Por falar em ensinar, foi com Ele que aprendi coisas inesquecíveis, muitas delas nem um pouco didáticas. Deus escreve certo por linhas tortas. Deus ensina o certo com métodos duvidosos. Foi com Ele que eu aprendi a fumar charuto. Até hoje mantenho esse ritual como forma de brincadeira, pelo menos uma vez por mês. Esse é o meu ritual de comer a hóstia. Não faz sentido nenhum, até me incomoda aquela fumaça, mas é uma lembrança Daquele que um dia estive conosco. Eu adorava vê-Lo fazendo aquela fumaceira. Foi com ele que aprendi a gostar de Beatles, a apreciar e respeitar o punk rock dos Ramones e, acima de tudo, foi com ele que aprendi a apreciar e admirar o trabalho do mestre Júpiter Maçã. Hoje em dia escutar qualquer música de qualquer um desses artistas chega a ser difícil, mas sempre transcendental. Deixo aqui registradas algumas das letras do Júpiter Maçã, pois significam muito para mim e me fazem sempre me lembrar Dele, pois muito do que vivemos está emaranhado com essas músicas. E também porque por serem palavras lindas e geniais me lembram das coisas lindas e inesperadas que Deus dizia (e fazia). Essa tem a ver com os Beatles e com os nossos Beatles favoritos. “Ah, eu deveria parar de beber, porque (Ah!) não estou fazendo bem a quem me ama. Devia me converter ao hinduísmo, comida vegetariana, mantras e Krishna” (Júpiter Maçã — “Beatle George”). Essa próxima tem puramente a ver comigo, e o quanto eu gosto desse refrão. “O sol é lindo, a manhã é jovem, as peças de antiquário, se foram com ela, na chegada da manhã” (Júpiter Maçã — “Mademoiselle Marchand”). E essa última tem a ver com as minhas aventuras psicodélicas, que os nossos amigos mais próximos compreenderão a referência: “Doidão é apelido para a paranoia, toda jiboia, toda boia, toda claraboia, querida, que tal baixar o televisor?” (Jupiter Maçã — “A marchinha psicótica de Dr. Soup”).

Deus me ensinou a lidar com as mulheres. Ele era o mestre nessa área. Ele vivia rodeado delas. De todos os tipos, perfis e personalidades. Então, é claro, ele tinha que me ensinar algo sobre isso. Nunca vou me esquecer do ensinamento mais emblemático. Em uma de minhas investidas com uma mulher mais velha e talvez linda demais para mim, perguntei para ele o que deveria fazer, se mandar algum tipo de mensagem, esperar ou pedir para Ele intermediar a situação, já que era amigo dela também. A resposta dele foi definitiva. Homem de verdade liga para a mulher, não fica mandando “mensagenzinha”, muito menos fica de frescura. Ele me disse que mulher gosta de homem com coragem, homem que fala o que pensa e que tem coragem de dizer isso olhando nos olhos, e não um cara que fica mandando mensagem paralela e que fica de conversinha fiada. Deu certo, ele tinha razão. Mas acima de tudo, ele sempre me disse para agir com quem quer que fosse de maneira natural, sempre sendo quem eu era de verdade, e não tentasse fazer joguinho para agradar por aquilo que eu não era. Se alguém gostasse de mim, era para ser por quem eu era.

Foi com Deus também que tomei algumas doses de LSD. Fumei maconha algumas vezes. E obviamente, bebi muito álcool. Tenho até hoje a embalagem de um Jack Daniels que ele me deu de presente, garrafa que tomamos em um domingo na minha casa, ao som do álbum “Lulu” (Lou Reed e Metallica). Mas o grande ensinamento Dele foi de que homem de verdade não se vicia em drogas. Viciar-se em drogas na teoria dele era coisa para fracos. E de fato, depois de algumas experiências, algumas delas péssimas, como no caso da LSD, mas outras até boas, raras na verdade, como no caso da maconha, nunca nos viciamos. Para mim não foi difícil, pois eu realmente não tinha tendências para isso, mas ele tinha. Ele relatava

episódios muito bons com as drogas que provamos. Entretanto, eu só o vi usando essas drogas algumas vezes, e foi isso. Ele não dependia de nenhuma delas. E o resultado desses experimentos é o de que hoje nem cerveja eu tomo mais. A não ser esporadicamente, talvez duas vezes no mês.

Mas de tudo o que eu aprendi, a marca registrada é sem dúvida o charuto. Por essa eu nunca imaginei. Um dia Ele apareceu em um dos bares que frequentávamos com um charuto. Ele puxou um da jaqueta de couro e ascendeu. Aquilo exalou muita fumaça e contaminou o ambiente com um cheiro que não chegava a ser irritante como o do cigarro, apesar de não poder dizer que era bom. Ele me explicou que o charuto não deveria ser tragado como o cigarro, e que basicamente o charuto não tinha objetivo nenhum ao ser fumado, era apenas por estilo. Era fumado apenas para passar uma mensagem: quem fuma charuto tem atitude. Mantenho o hábito de fumar um charuto uma vez por mês pelo menos. Ontem quando voltava do curso de filosofia fumei um charuto enquanto dirigia em silêncio pela noite agradável. Isso me fez me lembrar do dia em que ele apareceu em minha casa com um charuto que ele havia trazido do Canadá. Era um charuto curto, mas robusto em forma de cone. Parecia um pão. No mesmo dia, à noite, fomos a um show de metal, o mesmo em que ele usou o vestido, e fomos fumando aquele charuto e ouvindo Slayer. Era uma noite fria, então tudo fazia sentido, o charuto, jaquetas pretas de couro, Slayer, show de metal. O mais marcante dessa história foi a cara de espanto das pessoas que nos viram na entrada do local do show fumando aquele charuto. Por ele ser muito largo na ponta, lembro que demoramos mais de uma hora para conseguirmos fumar aquilo, acabamos por apagar e jogar fora.

Ele viveu pouco, mas viveu intensamente. Deus é um cara legal que não impõe regras a ninguém. Deus sabe viver. Ele não perde tempo importunando a vida das pessoas. Emanuel foi o Deus mais *rock and roll* que eu tive a honra de conhecer. Graças a Ele eu posso dizer que acredito na vida, e não em dogmas e regras idiotas de conduta. Fique atento, pois Deus pode estar perto de você na forma de um amigo qualquer. Deus está sempre conosco.

Capítulo XX — As nove perguntas de Gerson

Assim como no livro *Intuição*, para a empreitada deste material sobre Judas eu pedi a contribuição do meu grande amigo Gerson Serini. No livro *Intuição* foram sete perguntas, neste, agora, são nove. Nove perguntas que ele criou e que eu tenho a responsabilidade não de responder, mas de falar a respeito, trazendo quem sabe ideias ainda não pensadas por outras pessoas. Ideias que talvez nos façam pensar diferente sobre velhos temas. Pensamentos que ou nos façam refutar respostas por muito tempo tidas como certas ou quem sabe pensamentos que justamente nos façam firmar os pés de fato em conceitos que não devem ainda ser mudados.

Antes de começar a escrever o livro eu apenas tinha em mente o título de capa e alguns capítulos. Em minha concepção este seria apenas um livro de filosofia que trataria de temas polêmicos sob um ângulo quem sabe ainda não apreciado. Entretanto, após explicar um pouco sobre as ideias que permeavam o conceito, o Gerson logo me alertou que este seria além de um livro de filosofia, também um livro sobre religião. Infelizmente hoje eu me dou conta de que este é um material muito mais sobre religião do que sobre qualquer outra coisa. A arte se impôs sobre mim mais uma vez, provando que o que se expressa por meio de mim não me pertence e nem é reflexo de minhas capacidades cognitivas.

Confesso que isso me surpreendeu um pouco, afinal de contas, eu gosto de manter certa distância das religiões. Pelo menos no que tange seu dogmatismo ou estar de fato fisicamente perto da religião. Mas era muito natural que isso acontecesse, pois tenho uma abertura muito espontânea para debater tudo o que se refere à religião, mesmo pontos que eu venha porventura a discordar. E além do mais, eu fui criado no berço católico, fui acólito por muitos anos, passei por todos os rituais de iniciação e confirmação da religião, por pouco não ingressei na carreira de padre e tenho na família pessoas que seguiram pela vocação religiosa, além de tantos outros familiares, ou quase todos, que são religiosos praticantes do catolicismo.

Assim como eu, o Gerson também tem os dois pés dentro do catolicismo. Mas assim como eu, ele também se permite debater e questionar o catolicismo, o cristianismo de forma geral, e falar curiosamente sobre qualquer outra religião, principalmente as exotéricas. Quando pensei no conceito do livro, logo imaginei que ele incomodaria muita gente, principalmente religiosos. Não que eu quisesse, muito pelo contrário, sou um ferrenho advogado de toda e qualquer liberdade. Por isso mesmo me permito expressar mesmo algo que eu saiba que talvez venha a ferir alguns paradigmas. Eu não me sentiria muito à vontade para falar sobre as ideias deste material com ninguém da minha família por exemplo, pois seria um choque. Eu não escrevi estes capítulos com a intenção de incomodar ou ofender as pessoas, nem mesmo as religiões das quais porventura tenho algo a discordar. Não. A única intenção era abordar os títulos aqui expostos de uma forma completamente desimpedida e diferente de qualquer coisa da qual eu mesmo já tenha encontrado. Eu tinha a clara intenção de rastejar por trilhas espinhosas e lamacentas. Minha

intenção não era estar certo sobre os assuntos, mas sim falar abertamente sobre tudo o que vinha na mente.

Eis a importância de contar com o auxílio de uma mente externa. No Gerson eu tenho uma pessoa em quem eu posso contar não apenas com o apoio emocional, mas com a crítica sincera e construtiva. Um exemplo disso é que quando no passado eu me aventurei em ter uma banda e ser vocalista, o Gerson foi a única pessoa que teve a coragem de me dizer com todas as letras que eu não cantava bem. Confesso que doeu, não o fato de ele ter dito aquilo, mas o fato de eu ter me deparado com uma realidade diferente daquela que eu queria ver. O Gerson não mede suas palavras quando quer expressar sua opinião, e da mesma forma que ele não se intimida para criticar construtivamente, sei da mesma forma que quando um elogio vier será com sinceridade, e não com o intuito de agradar.

O Gerson não contribuiu apenas com suas opiniões sinceras, mas também com o difícil trabalho de me ajudar a compor partes deste livro. E como podem ver, nove perguntas partiram daquilo que ele conseguiu absorver das ideias que expus a ele sobre o que seria este material. Além de compor as nove perguntas, antes e depois de criá-las, sentamos diversas vezes para conversar e enriquecer os pensamentos que comporiam este livro. Vejo neste trabalho elementos que aos poucos vão se perdendo em nossas relações de amizade modernas: a arte dos diálogos profundos. No Gerson tenho um amigo no senso mais completo da palavra. Tenho nele alguém em quem posso confiar ouvir uma opinião sincera. É esse amigo alguém disposto a contribuir com seu tempo e esforço para me ajudar a compor a construção de uma obra que demanda esforço, e também é ele alguém com quem eu posso sentar e conversar por horas sobre nossas

vidas, nossos problemas, nossos projetos e livros que estamos lendo.

Isso tudo é apenas um pouco da explicação do porquê de o Gerson ter composto essas nove perguntas. A razão principal de eu ter pedido sua contribuição, além dos motivos já mencionados, era o de saber que ele traria para o debate pontos de vista peculiares e instigantes. E de fato foi o que ele fez. As nove perguntas de Gerson me causaram muita motivação por escrever. Foram perguntas que me fizeram demorar no processo criativo por instigar muitos pensamentos e por trazer à superfície ideias com as quais eu não havia me deparado até então. Muito do processo de escrever um livro é acima de tudo um processo de aprendizado. Pois não é como se o autor soubesse tudo o que ele vai dizer antes de começar a escrever. A verdade é que as ideias vão surgindo à medida em que escrevemos. É como se ao mesmo tempo em que escrevemos também lemos e nos deparamos com novas ideias o tempo todo. Eis aqui o ponto nevrálgico da contribuição de Gerson. Ele conseguiu interpretar uma ideia muito bruta que estava em seu estágio ainda embrionário dentro de minha mente, e foi capaz de por meio de suas perguntas criar margens delineadoras para o processo de escrita que por muitas vezes pode ser disperso. Você irá perceber ao ler que as perguntas conseguiram se manter no mesmo rumo que norteia o livro ao mesmo tempo em que conseguiram dar profundidade suficiente para que os temas fossem explorados de forma ousada e profunda. Obrigado, Gerson, pela amizade e contribuição.

1. Religião, criada por Deus ou pelos homens?

O Gerson não poderia ter começado com uma pergunta melhor. Mas ela é muito perigosa e traiçoeira. Veja

como ela joga a dúvida na existência da religião, quase nos fazendo ignorar que o fato de Deus existir é que é a verdadeira incerteza na pergunta. Sem dúvidas a religião foi criada pelo homem. Ou as religiões, pois não existe apenas uma. E assim como todo ser humano é cheio de falhas, também algo que é criado pelo homem tem de ser cheio de falhas, da mesma forma como são todas as religiões, sem exceção. Todas têm sim muitas coisas boas, mas todas têm sim também muitas coisas ruins. E algumas têm coisas ruins que na verdade são péssimas. Algumas religiões são simplesmente completamente ilógicas, como é o caso, por exemplo, da umbanda, islamismo, catolicismo e algumas outras mais. Isso não quer dizer que as mensagens dos profetas que as criaram não sejam boas, o que passou a não ser bom é o trabalho religioso difundido pelos seguidores.

Todas têm valores que remontam há muito tempo no passado e possuem rituais que não se sabe mais por que são praticados. Em consequência disso, as pessoas aceitam o que é bom como óbvio, mas por conveniência acabam simplesmente aceitando o que é ruim ou ilógico. No catolicismo, por exemplo, acho louvável estudar a vida de um pensador como Jesus Cristo, mas acho absurdamente ridículo as vestimentas dos padres, ostentação de ouro das igrejas, adoração de imagens de santos (fato nitidamente proibido na mesma Bíblia que eles usam como pilar da fé) e observações como padre não poder casar (um sacramento da própria igreja) ou como o domingo ser o dia de descanso dos católicos, sendo que na Bíblia está claramente escrito que o dia de descanso é o sábado. Nesse ponto o sacrilégio é tamanho, que os católicos simplesmente mudam um mandamento que segundo eles vem do próprio Deus. É simplesmente absurdo tudo isso. Muitas vezes uma religião é justificada

pelo fato de fazer boas ações, entretanto, para fazer boas ações não precisamos de uma instituição mentirosa. Uma coisa não justifica a outra.

Outras religiões como a umbanda são ainda mais absurdas. Pessoas que acreditam sentir a presença de mortos. Isso é claramente uma mentira. Assim como também faz o espiritismo. Assim como também acontece no islamismo, que é uma religião radical, baseada nos ensinamentos de um profeta que era na verdade um líder militar, que dizia ouvir a voz do anjo Gabriel. Ele podia muito bem ser apenas uma pessoa com transtornos psicológicos. Eis um perigo das religiões, pessoas que dizem ouvir a voz de Deus. Essas pessoas não merecem a mínima confiança. Dentre todas essas religiões, talvez uma que se salve seja o budismo. Mas somente quando analisamos sua situação superficialmente, porque se formos estudar sua existência na prática, veremos disputas entre grupos diferentes de budistas que defendem pontos de vista distintos. Tudo isso ocorre porque as religiões são criadas por homens. Religiões são formas de convencer as pessoas a pensarem e andarem todos na mesma direção. É uma forma de controle das massas, e em alguns casos é também uma forma de manipulação. Muitas religiões cristãs no Brasil manipulam as pessoas a fim de explorá-las com o único intuito de roubar dos fiéis. A religião depende de pessoas que sejam completamente cegas do ponto de vista intelectual ou pelo menos parcialmente cegas. Ou simplesmente pessoas preguiçosas demais para pensar.

Mas no fim das contas somos todos condicionados desde crianças a não pensar e a não questionar que acaba sendo inevitável nos tornarmos adultos que agem da mesma forma. Os seres humanos estão armados do instrumento mais poderoso, incrível e extasiante que

existe, que é o cérebro, capaz de façanhas inimagináveis, mas que se não desenvolvido e praticado, simplesmente não age em todo o seu potencial. Aliás, mesmo usando todas as técnicas conhecidas pela humanidade para desbloquear as portas do potencial do cérebro humano, não conseguimos desenvolver seu potencial máximo. Além do mais, a maioria das religiões promete uma punição muito grave depois da morte para aqueles que não aderem aos seus ensinamentos. A maioria das religiões tem algum tipo de inferno atormentador reservado para os infiéis. Como não usamos nossa razão para pensar, não nos damos conta de que são os seres humanos que gostam de punir aqueles que não agem de acordo com suas regras. Somente o ser humano é cruel ao ponto de infligir dor e punição aos seus inimigos. O ser humano gosta de vingança. O ser humano tem sede de vingança. E se ele não pode infligir tal vingança em vida, já que as leis do bom senso geralmente não permitem, essa condenação fica para o pós-vida. O inferno é para os pecadores. Pense bem. Se Deus realmente existisse, ele estaria muito acima desse tipo de sentimento de vingança. Quem somos nós, míseros seres humanos, para importar a paz de alguém tão poderoso como Deus? Mas como a religião foi criada pelos homens, ela está sujeita a todo esse tipo de disparate. Mas a grande questão aqui não é a religião, mas esse tal de Deus, será que Deus teria criado a religião? Antes de tentar falar sobre isso precisamos pensar em quem é esse tal de Deus ao qual Gerson supõem ter criado a religião, em vez dos homens.

Gerson conseguiu mais ou menos pensar em algo que se compare à pergunta de quem veio primeiro, a galinha ou o ovo. Na pergunta da galinha e do ovo a resposta talvez seja inalcançável, mas o que é interessante de se observar é que nela é possível provar a existência de ambos, tanto

galinha como ovo existem, podem ser vistos e tocados, provas irrefutáveis de que existem. Já na pergunta de Gerson só é possível provar a existência do homem. Deus é uma incógnita. E é esse o ponto crítico da pergunta de Gerson e de tantas outras pessoas. Mas se existe a galinha, tem que existir o ovo, e vice e versa. Consequentemente, se existe o homem, então...?! Calma. Essa linha lógica estaria completamente errada, pois não existe correlação nenhuma entre uma proposição e outra. Entretanto, muitas vezes são argumentos como esse que muitas pessoas usam para provar a existência de Deus. E fazem isso por uma simples razão, não há como provar que Deus existe de forma material e definitiva com uma frase como a do tipo: “Ei, veja, este (ou isto) aqui é Deus.” Mas claro, a partir do momento em que não se pode provar que algo existe, também é impossível provar que não existe. E é a partir daqui que todos os conflitos se originam.

Aqueles que creem na realidade de Deus usam de estratégias indiretas para provar tal existência. Nunca é uma prova direta, sempre são fatos análogos difíceis de serem verificados. Geralmente existe algum milagre. Entretanto, esse milagre não é operado sempre, apenas em alguns casos. Existem aqueles que dizem ouvir a palavra de Deus, e como eu já disse, esses são os mais perigosos. Mas antes de tentar falar de Deus e de sua possível existência é preciso compreender de que Deus estamos falando! E talvez aqui esteja o maior problema. Se perguntarmos para qualquer pessoa o que é uma galinha ou o que é um planeta, todos vão ter um entendimento unânime sobre tal fato. Se perguntarmos quem é esse tal de Deus de que tanto se fala, a confusão é que será unânime. Não haverá consenso. Até podem dizer que é o criador do universo, mas isso é um tanto quanto abrangente, e mesmo assim não prova sua existência. Há ainda o argumento de que

assim como não podemos provar a materialidade do Amor, mesmo assim sabemos que ele existe. Sim, mas o Amor é algo que sentimos e criamos uma palavra para explicá-lo. Enquanto que Deus é algo que desconhecemos, e criamos uma palavra para delimitá-lo. A lógica não funciona da mesma forma para os dois casos, pois são diferentes.

Alguns religiosos usam os livros sagrados para falar de Deus. Alguns usam a Bíblia para contar a história de Deus. Mas o que acontece aqui é o mesmo que diz que uma mentira contada muitas vezes acaba tendo a aparência de verdade. Veja bem, eu mesmo cresci ouvindo falar de Deus e da Bíblia, e confesso que sinto calafrios cada vez que vou falar ou escrever algo que vá contra essas ideologias. Isso se deve ao fato de tais ideias estarem profundamente arraigadas em minha psique desde a minha tenra idade, mas isso não quer dizer que tais coisas sejam verdade. E é isso que acontece com a maioria das pessoas. Foram condicionadas desde pequenas a acreditar em algo absurdo e não conseguem sair desse lamaçal depois de adultas. Ou pior, nem tentam. Pensar a respeito disso pode ser um pouco traumático. E outros podem simplesmente ignorar tal ideia ou esforço completamente.

Um exercício que recomendo é ler a Bíblia por completo para construir uma opinião mais embasada a respeito do assunto para aqueles que se interessam por ele. Da mesma forma recomendo a leitura do Alcorão e textos de outras religiões, que sirvam ou para gerar uma crença mais sólida ou uma crítica mais substancial. Em minha opinião sobre a leitura da Bíblia, percebo que o Antigo Testamento é um texto de absurdos fantásticos e até cruéis e violentos muitas vezes. Nada mais são do que o relato de algumas civilizações que eram violentas porque aquela era a forma natural de viver, e isso não pode ser questionado ou criticado, é apenas um fato histórico. Aquelas civilizações

acreditavam em um Deus e sempre eram guiadas por um profeta que se dizia falar com tal Deus. Novamente, não se deve confiar em pessoas que dizem falar com Deus. Enfim, nada disso prova a veracidade de Deus. Na verdade, a impressão que tais textos sagrados me passam é de que tais deuses a que se referem no Antigo Testamento podiam muito bem ser algum tipo de forma de vida inteligente de outro planeta que vinha visitar aquelas civilizações primitivas na tentativa de dar-lhes alguma direção para uma evolução mais segura. Como se fôssemos filhos daqueles seres de outros planetas. Nesse tipo de Deus eu até estaria inclinado a acreditar, mas não há também qualquer evidência que prove essa tese. Por favor, não saiam por aí criando religiões baseados nisso que acabei de escrever, eu mesmo percebo o absurdo nisso. Também recomendo, como já disse, a leitura do Alcorão, mas desse livro pouco se tira de útil. É apenas um livro escrito pelos seguidores de um sonhador chamado Maomé, que talvez do muito pouco que se poderia tirar de proveito de seus ensinamentos, muito foi feito com base nele para criar uma religião extremista que acabou tendo o mesmo intuito distorcido que os livros do Antigo Testamento da Bíblia. Na narração histórica dos povos do Antigo Testamento da Bíblia, a briga toda é por terras, assim como continua sendo até hoje com os povos palestinos e israelitas, e tanto outros ao redor do planeta, e quem sabe logo também nos futuros planetas explorados pela raça humana. E por algum motivo, as pessoas acreditam que tal Deus estaria interessado na divisão de terras de alguns humanos. Quem está interessado nesse tipo de coisas somos apenas nós humanos. Também é base para suas ações desumanas o fato de pregar a conversão dos humanos à verdadeira religião de Alá ou Deus. Entretanto, de acordo com o próprio Deus, as pessoas seriam punidas por não crer nele

apenas após a morte, entretanto, os seguidores religiosos desrespeitam esse preceito e trazem a punição de Deus com antecedência. Ou seja, assumem o papel de Deus. Nessa mesma linha de pensamento, qualquer pessoa que se ache no direito de condenar qualquer outra pessoa está assumindo o papel de Deus e é por isso um blasfemo.

Contudo, tenho que confessar que o Novo Testamento da Bíblia é um compêndio de textos diferentes de qualquer outro que eu já tenha lido. Mas me refiro apenas aos quatro livros Evangélicos. Eles narram a vida de Jesus. Esse personagem se diferencia de qualquer outro personagem humano. Ele se assemelha em alguns pontos ao Buda. Sua mensagem é de Amor, respeito, autocontrole, humildade, desenvolvimento de nossas capacidades emocionais e intelectuais. Ler os quatro evangelhos nos faz ver o quanto as religiões que se dizem cristãs andam na contramão de tudo o que foi ensinado por Jesus. Ler atentamente os evangelhos fará qualquer religioso abdicar de sua religião em busca de uma vida mais centrada na responsabilidade dos próprios atos do que no conforto de uma religião que explora, critica e condena as pessoas ao inferno. Mas é claro que muitas pessoas não leem e não estudam as religiões profundamente, preferindo, em vez disso, ouvir a interpretação de outras pessoas que se dizem entendidas, ou pior, inspiradas por Deus. A preguiça faz com que os fiéis caiam nas armadilhas de pessoas mal-intencionadas. Se observarmos, nenhum mestre religioso criou qualquer religião. Eles apenas vieram com uma mensagem de vida na qual colocavam cada ser humano como responsável por seus atos, dando-lhes melhores ferramentas para enfrentar essa vida.

Quem cria as religiões são absolutamente homens mal-intencionados ou homens bem-intencionados, mas ignorantes. A religião é um artifício alienante e controlador das massas.

Mas e onde fica Deus nessa história? Ele existe? É nítido que o Deus criado pelos homens é um Deus muito parecido com os próprios homens. Não foi Deus quem criou o homem à sua imagem e semelhança, mas foi o homem quem criou Deus à sua imagem e semelhança. O homem é um ser inseguro e cheio de falhas, logo, criou um Deus inseguro e cheio de falhas. O homem gostaria de poder se vingar de todos os seus inimigos, mas como não pode, criou a ideia de um Deus que vai punir com o inferno todos os seus inimigos. Mas de novo, uma mentira contada muitas vezes acaba parecendo verdade depois de um tempo. Muitas coisas que sabemos sobre Deus e seus mitos simplesmente não fazem sentido.

A melhor maneira de compreender isso é pensar nas regras de uma religião da qual não fazemos parte. Por exemplo, se eu sou católico e penso na religião do budismo, para mim as regras do budismo não significam nada, pois não fui educado em seu meio, logo, os eventuais enganos do budismo têm pouco efeito sobre a minha psique e meu julgamento racional. Se um budista me diz que vou para o inferno por não acreditar no budismo, isso não me afeta. Eu simplesmente não acredito em tal afirmação. Mas se a minha religião católica me diz que vou para o inferno, pelo fato de eu ter sido criado dentro desse dogma desde a tenra idade, isso acaba me afetando muito mais, simplesmente porque esses conceitos estão arraigados dentro de meus pensamentos em um lugar que não consigo identificar. Só que todas essas mentiras remontam há mais de cinco mil anos. Essas histórias começaram a ser contadas e recontadas por muitas pessoas, por muitas gerações, e hoje chegam até nós como verdades, e uma das premissas da religião é não questionar os seus dogmas, e isso nos leva a ações ilógicas pelo simples fato de acreditarmos

cegamente em uma mentira que não sabemos nem ao certo quando começou.

Se analisarmos a vida de Jesus perceberemos que tudo o que ele fez foi desvincular-se da religião de sua época e tentar estimular seus seguidores a pensarem sobre as questões religiosas, morais e políticas que os afetavam, compreender por meio da lógica o que fazia sentido e refutar o que fosse insensato. Mas esse tipo de atitude requer muita força e seus discípulos, sendo bons seres humanos que eram, logo após a morte de seu mestre fizeram aquilo que ele mesmo tanto condenou: eles criaram uma nova religião. Mas eles ainda agiam com boas intenções apesar de suas capacidades intelectuais limitadas. Contudo, pessoas anos depois perceberam novamente a força de doutrinas religiosas para controlar e explorar as pessoas e se apoderaram das ideias de Jesus e as distorceram a fim de criar uma religião que ao longo dos anos matou, torturou, aprisionou, mentiu, corrompeu, enriqueceu sacerdotes às custas dos pobres, emburricou a massa de seguidores, apoderou-se do verdadeiro conhecimento, e por aí vai, uma lista infinita de crimes. As religiões são sem sombra de dúvidas criadas por homens, e Deus ou Alá não têm culpa nenhuma do que é feito e dito em nome Deles.

Mas e quem é então esse Deus de que tanto se fala? Será que ele existe? Gerson na sua pergunta quase dá a entender, talvez sem ele mesmo perceber, que Deus existe.

Se perguntarmos às pessoas quem é Deus, com certeza encontraremos respostas divergentes. Não conheço ninguém que já tenha visto Deus. Está escrito em muitos livros sagrados que algumas pessoas viram e falaram com Deus, mas não existe prova nenhuma disso. Por que Deus iria mostrar-se para algumas poucas pessoas e não para todas as outras e exigir que as pessoas acreditassem nele? Não seria mais fácil mostrar-se a todas as pessoas

do mundo de uma vez e então pedir que as pessoas acreditassem nele? É óbvio que ninguém conhece Deus e muito menos O viu. Se alguém diz o contrário sem apresentar nenhuma prova, tal pessoa está alucinando ou tentando tirar proveito de alguém.

Mas eu confesso que essa questão de Deus é uma questão interessante. Vamos estabelecer como parâmetro mínimo o de que Deus significa a ideia de que ele seria um criador. Criador dos seres humanos, do mundo, do universo, enfim, um criador das coisas.

O primeiro erro ao qual todos nós tropeçamos em acreditar é o de imaginar que esse Deus tenha que ser como nós, físico, com corpo, capacidades motoras como: fala, visão e audição. Já de início impomos ao tal Deus limitações físicas às quais nós somos prisioneiros. Fomos tão curtos em criatividade que muitos dos deuses criados pelos humanos sofrem dos mesmos males dos seres humanos. Na Bíblia, por exemplo, Deus se irrita com as pessoas, vingá-se, quer dominar, manda destruir povos de outras culturas, quer roubar a terra de outros povos, matar, condenar, enfim, tudo o que os seres humanos na verdade fazem.

É isso que me chama atenção nos quatro evangelhos de Jesus. Ele não navegava pelas águas da vida da mesma forma que os meros mortais fazem. Ele sim conseguiu viver de uma forma diferente e resolver problemas muito mais práticos, que nenhum dos outros deuses faz. Por exemplo, quando ele é preso, torturado e humilhado, sua reação de perdão e Amor por aquelas pessoas demonstra uma força emocional que não está registrada em nenhum outro texto histórico ou religioso. Entretanto, Jesus em si não prova a realidade de nenhum Deus. Ele falou de Deus com autoridade, mas não deu provas concretas. A abordagem dele foi diferente. Ele era um ser mais desenvolvido que

nós, portanto, conseguia entender coisas das quais ainda hoje não somos capazes de compreender, então, ele apenas pediu que crêssemos nele, e que isso bastaria, e que além disso amássemos uns aos outros. Digamos que ele foi um mestre muito mais prático e simples se comparado com todos os outros. Principalmente se comparado com tantos padres, pastores e ditos representantes de Deus na Terra que impõem fardos pesados demais aos fiéis de Cristo. Jesus aliviou o fardo das pessoas, os religiosos condenaram todos ao inferno. Que diferença gritante!

Enfim, não vou conseguir e nem ao menos tentar defender a veracidade de Deus. Ainda mais um Deus que ninguém consegue definir. Mesmo me limitando à definição de Deus como criador não conseguiria provar sua existência. E não se enganem, ninguém jamais conseguiu provar a existência desse Deus. Mas também ninguém conseguiu provar sua inexistência. É inútil fixar os pés em qualquer opinião a respeito do assunto. Sinceramente, é ilógico me comprometer com uma forma de pensar e me limitar a ela quando tenho a total liberdade de apenas divagar e aprender sobre qualquer assunto e diversas religiões com a total liberdade da não autoimposição de regras.

Mas se então o homem criou a religião, ainda resta a dúvida de quem criou o homem, certo? Ou quem criou a vida? Quem criou a existência? Para quem observa um pouco mais de fora como eu, fica nítido que tanto o lado que acredita na criação de tudo por Deus e daqueles que acreditam em forças naturais involuntárias, ambos conseguem acreditar que as coisas passaram a existir a partir da não existência, ou seja, a partir de algum nada vieram a ser como são. A única coisa da qual divergem de fato é na forma do criador. Para os religiosos é Deus alguém como que com forma e autoridade, capacidade de

vida parecida com a dos seres humanos. Para os cientistas ou ateus (não que cientistas necessariamente tenham que ser ateus) o criador é uma força científica passível de ser explicável, e que não recebe nem o nome de Deus e nem de criador, mas de Big Bang. Perceba como ambas as ideias andam próximas. Perceba como ambas as dúvidas bebem da mesma fonte da curiosidade que nos instiga a tentar compreender a nossa existência. Somos irmãos que bebem da mesma fonte, mas que falam línguas diferentes para compreender o mesmo fenômeno.

Somos tão rápidos em julgar, em nos posicionar com relação a uma opinião, em condenar opiniões opostas às nossas, quando na verdade não precisamos de nada disso. Foi o homem quem disse que existe inferno para aqueles que não creem. Foi o homem quem inventou que existe paraíso para aqueles que sofrem e creem. Ninguém tem certeza de nada disso. Não precisamos pular para dentro de nenhum círculo de opinião que nos defina. Podemos dialogar abertamente; e duvidar, questionar, aprender, amar, rir, errar. Estamos aqui não para julgar, mas para observar. Pronto. É simples. Sim, parece que algumas pessoas optam por ideias completamente erradas. Mas e qual o problema disso? Em que manual da passagem pela Terra está escrito que precisamos estar certos? Por que não podemos escolher simplesmente estar errados? Em que manual está escrito que existe o certo e o errado, o bem e o mal? Não existe manual de fábrica da criação. Tudo o que vivemos deve consistir de respeito mútuo entre as partes e consenso das possíveis divergências daquilo que parece melhor para as pessoas envolvidas em um debate.

Pense na vida sem a nossa possível participação nela. Quem iria perceber, observar, que tudo aí está? Nós temos a capacidade de ver a criação, a vida, a existência. Nós temos a capacidade de brincar com os elementos químicos.

Nós temos a capacidade de interagir com a vida, as vidas, os outros seres humanos e animais. Nós somos capazes de compreender o quão complexo tudo isso é. Sem a nossa presença aqui, quem iria apreciar a beleza que tudo isso representa? Nós somos uma manifestação da vida que tem a capacidade de observar o restante da criação. O restante da criação não parece ter a mesma capacidade apreciativa da qual nós humanos dispomos.

Como nós mesmos dispomos da capacidade criativa e transformadora, logo nos perguntamos quem seria o criador por trás de tudo isso. Deduzimos logicamente que alguém, ou algo, também deveria ter criado tudo isso de alguma forma. À essa especulação damos o nome de religião ou ciência. Ambas olham para perguntas como essa da criação por ângulos diferentes. Assim como a ciência foi criada pelo homem e se debruça sobre questões de difícil resposta, da mesma forma a religião também foi criada pelo homem. O problema de ambas é tentar impor certezas onde elas não existem, quando a única opção parece ser apenas a mera observação. Em nosso afã por tentar entender e encontrar respostas acabamos nos esquecendo de nos encantar por toda essa criação maravilhosa. Deixamos de usar uma qualidade que nos foi dada, que é a de perceber a beleza e a riqueza de tudo que nos circunda. E dentre tudo o que aí está criado, nos esquecemos de nos maravilhar com a mais bela criação de todas: o próprio ser humano. Mesmo o mais ignorante, agressivo, inútil e patético ser humano ainda assim representa um complexo emaranhado de fibras, tecidos e órgãos que juntos formam um corpo com uma máquina de processamento absurdamente complexo chamada cérebro. Esse é em sua mais rudimentar formação um ser humano, uma criação muito complexa para sequer ser copiada.

Não compreenderemos tão cedo a vida, Deus, religião ou ciência enquanto não compreendermos primeiramente a nós mesmos e aos outros seres humanos que se parecem tanto conosco. É nesse ponto ainda me parece que estamos muito longe de um entendimento minimamente satisfatório, quanto mais então dos outros tópicos. Antes de encontrarmos qualquer resposta para as grandes perguntas da humanidade, mais importante do que isso é simplesmente aprendermos a convivermos bem com todas as nossas diferenças e dúvidas. Enquanto não estivermos aptos a sentarmos, muçulmanos, cristãos, budistas, cientistas e ateus na mesma mesa para tomarmos uma cerveja, falarmos e ouvirmos sobre nossas diferenças com curiosidade pelas diferentes ideias e Amor pelas diferentes pessoas, tenham certeza de que não estaremos preparados para conhecer a Deus.

2. Deus sendo unipotente e diante dessa diversidade de religiões que existem, teriam elas o mesmo objetivo? Por que muitos fiéis entram em conflito, inclusive bélico, em nome de Deus, sendo ele único e representando paz e Amor?

Essa é uma pergunta complexa e a melhor forma de respondê-la é mantendo-a o mais simples possível. É o que farei, mesmo correndo o risco de ser tão simples e direto ao ponto de dar margem a críticas até mesmo razoáveis. Estabelecerei alguns pontos de partida e explicarei em mais detalhes, com simplicidade, a partir deles:

A. A priori, sim, todas as religiões têm o mesmo objetivo, que é tentar conhecer a divindade.

B. Grosso modo, esse Deus ou deuses, dependendo da religião, nada mais é do que uma suposição de que tudo o que foi criado teve um criador, ao qual chamamos Deus

ou deuses. Mas isso não é algo plausível de ser provado, e é daí que derivam tantos conflitos.

C. Cada ser humano tem uma visão particular da representação dessa divindade que está geralmente associada a fortes traços da religião e da cultura em que se encontra. Alguém que nasce na Indonésia no seio de uma família muçulmana tenderá a acreditar em Alá, e dificilmente acreditará em Buda. E mesmo o seu Alá estará sujeito a pequenos acréscimos de personalidade que lembrarão muito as ideias da própria pessoa em questão.

D. Nós seres humanos temos dificuldade em admitir que estamos errados, especialmente no que tange erros que são cultivados por muito tempo. E no caso da religião é comum que só venhamos a questionar nossas crenças somente depois de muito tempo sendo educados em um seio religioso.

E. Deus nem sempre representou paz e Amor. Por exemplo, o Deus do Antigo Testamento da Bíblia e o Deus de Maomé, Alá, são deuses bélicos e muito preocupados com a questão da ocupação de terras. Características de personalidade coincidentemente muito parecidas com a da maioria dos seres humanos.

F. Você nunca vai encontrar alguém que possa de fato provar a existência de Deus de forma prática e objetiva. Nós seres humanos, muito dados a uma gama de habilidades criativas, somos capazes de inventar uma série de explicações fantasiosas e imaginativas para convencer qualquer pessoa do argumento mais absurdo, até mesmo o da existência de Deus.

G. O ponto que mais gera problemas nessa questão é o fato de que na maioria das religiões, quando alguém não acredita no Deus que é ditado pela norma, é sugerido algum tipo de punição, geralmente associado a enviar a

pessoa ao inferno após a morte. Outro fato que jamais foi provado por ninguém.

H. Todos os livros religiosos são escritos por seres humanos que dizem ter contato com o divino. Nenhum desses autores deixa qualquer prova de isso ser verdade. Há conflito em diferentes religiões a respeito desses deuses.

Antes de qualquer coisa quero deixar claro que eu mesmo acredito em minha própria definição de Deus. Entretanto, eu não consigo explicar em palavras o que ou quem é esse Deus, muito menos que ele de fato exista. Para mim ele não precisa ser uma pessoa como nós. Para mim esse Deus pode ser uma energia que criou tudo o que vemos, inclusive nós mesmos. Para mim Deus é uma força que usa a lógica como princípio de criação, e acredito que ele colocou esse mesmo potencial em nós, seres humanos, por meio do nosso cérebro. E acredito que não sejamos os únicos seres inteligentes neste universo. Acredito que tanto as religiões e a ciência oferecem pensamentos interessantes para a explicação da criação, mas não me sinto na obrigação de ter de aceitar nenhuma certeza absoluta.

Só nessa frase anterior na qual explico a minha crença em Deus tenho certeza que devo ter cometido muitos erros, isso se a frase como um todo não estiver errada, e Deus nem deva de fato existir.

Esse é o objetivo principal de todas as religiões e de alguns ramos da própria ciência, que é o de conhecer os mistérios da criação do mundo, do homem, dos animais, plantas, universo etc. Essa é uma busca legítima e natural, porque olhamos ao nosso redor e percebemos as maravilhas que nos cercam. Percebemos a maravilha que significa ser um humano com um cérebro tão incrível, e logo nos perguntamos quem criou tudo isso. Entretanto,

saltar à conclusão de que alguém tenha de fato criado tudo isso é imprudente. É aí que entra o trabalho das religiões e da ciência, que é o de investigar sobre essa possibilidade. E qualquer doutrina ou ensinamento científico que force uma conclusão definitiva está cometendo um erro desnecessário, pois não há obrigação nenhuma em chegar-se a uma conclusão definitiva antes que respostas concretas sejam encontradas. É óbvio que temos pressa em descobrir algo que possa ser chamado de verdade, contudo, contentar-se com uma fraca verdade para acalmar nossa ansiedade, e ainda por cima forçar tal absurdo sobre outras pessoas, não me parece a ação mais prudente a se tomar. E tanto ciência quanto religião muitas vezes caem nessa armadilha. Entretanto, apenas a religião foi ao extremo de cometer atos de violência em nome de suas crenças.

Mas se Deus de fato existe ele poderia de uma vez por todas resolver elucidar esse enigma para nós. Alguns poucos seres humanos afirmaram terem ouvido a voz de Deus, e alguns até escreveram livros sagrados a respeito. No entanto, se Deus quisesse então que acreditássemos definitivamente em sua existência não seria muito mais fácil que ele se apresentasse a todos de uma vez por todas? Por que aparecer para uma minoria insignificante, e de forma diferente para cada um, quando ele sendo tão poderoso poderia fazê-lo de forma definitiva e inegável?

Acredito muito mais na percepção de Deus por meio de um diálogo lógico, que até pode nos levar à conclusão de que o que na religião chamamos de Deus, na ciência chamamos de energia que gera a criação e dá origem a toda uma evolução inteligente, do que em uma imposição ilógica radical infundada das religiões.

Confesso que é muito difícil falar de algo que basicamente não vejo, não conheço, e não sei se existe,

pois estou escrevendo sobre um conceito que me acostumei a aceitar desde sempre em minha educação. Sempre me perguntei se eu chegaria a esse conceito de Deus se nunca tivesse ouvido a seu respeito. Acho que seria uma experiência muito interessante criar um grupo de crianças sem nunca falar de Deus para elas e ver se elas desenvolveriam esse conceito por elas mesmas. De qualquer forma, estou divagando muito da pergunta principal sendo que me propus a explicar da forma mais sucinta possível aquilo que penso. Deixe-me tentar voltar a ela e aos pilares que estabeleci para facilitar minhas explicações.

Acredito que o ponto central da pergunta não tem nem tanto a ver com a questão da veracidade divina, talvez esteja aí minha dificuldade em apresentar de fato uma resposta concreta e direta, mas sim no fato de haver tantos conflitos entre religiões, e até mesmo dentro de uma mesma religião.

Sim, existem muitos conflitos violentos e bélicos por causa das religiões. Para depurar minhas ideias vou usar como base de entendimento a religião à qual me insiro e que me sinto mais apto a analisar, o cristianismo. Basicamente a denominação sugere uma religião baseada nos preceitos de Jesus Cristo. Ele foi morto e crucificado por defender suas ideias. Ele não impôs nenhum de seus pensamentos a ninguém. E quando decidiram que ele deveria morrer por aquilo que ele acreditava, ele não disse uma palavra em defesa própria. Além disso, ele pediu que perdoássemos todas as pessoas, pois ele mesmo perdoou a todos os seres humanos e também pediu que amássemos nossos inimigos, dando a face àqueles que nos agredissem em um lado do rosto. Ou seja, disse que não revidássemos a qualquer violência, que aceitássemos qualquer violência praticada contra nós mesmos. Logo, qualquer religião que

se diz cristã, mas pratica qualquer forma de violência, não é cristã.

Qualquer pessoa que se considere cristã não deveria jamais matar outra pessoa. Não deveria jamais tentar impor o ideal cristão sobre outra pessoa. E deveria acima de tudo aceitar a morte e violência contra si mesmo como algo natural, sem medo do além vida. Pois foi esse o exemplo que o mestre Jesus deixou a todos os autoproclamados cristãos. É claro que viver minimamente o que Jesus viveu é tentar impor a nós meros mortais um fardo praticamente impossível de ser vivido. Mas fazer o contrário do que ele viveu é não seguir seus ensinamentos e conseqüentemente não estar apto a ser considerado um cristão. Se não é capaz de seguir seus ensinamentos, basta não se autointitular um cristão, a fim de não manchar o trabalho que ele construiu com tanto carinho e Amor. Sair matando pessoas em nome de Cristo é simplesmente um ato de bestialidade ilógica. Ato mais amenos como tentar impor os ideais de Jesus sobre outras pessoas também está errado. E ainda pior é julgar e condenar os atos de outras pessoas como errados e passíveis de punição no inferno, sendo que o próprio Jesus não fez isso com nenhum ser humano.

Aliás, talvez o ponto mais importante de se observar é o fato de que Jesus foi uma afronta às religiões de sua época e ele mesmo não estipulou nenhuma forma de religião. Ele parece justamente ter vindo para livrar as pessoas de todas as normas e rituais religiosos. É como se ele tivesse vindo com o único intuito de despertar nos seres humanos suas capacidades lógicas e racionais, a mesma que os cientistas usam para encontrar suas respostas para as perguntas do universo. Então, todos aqueles que professam uma religião em nome de Jesus e não seguem o que ele ensinou estão agindo em desacordo com o que ele viveu. Provavelmente os nossos atuais cientistas são

os que mais se assemelham à forma de vida humanitária e racional vivida por Jesus.

Outro problema é que dentro das religiões que se dizem cristãs existem muitas denominações com interpretações diferentes do livro sagrado tido como base para o cristianismo, que é a Bíblia. Mas até aí tudo bem, é um fato curioso no mínimo. O problema é que cada denominação se autodefine como a única correta, na qual as outras estão erradas, na qual a igreja correta é aquela que salva do castigo do inferno, e as outras não. Para quem nasce no berço de religiões desse tipo é difícil se livrar do estigma do peso desse tipo de crença. Mesmo que a lógica pareça absurda para defender esse tipo de ideia, algumas ideias estão tão profundamente plantadas na mente das pessoas que é difícil mudá-las. Eu falo sobre isso por experiência própria. Nasci no berço católico e por muitos anos vivi os dogmas da religião. Foi muito libertador ter lido a Bíblia e especialmente os quatro evangelhos do Novo Testamento para descobrir que a igreja católica prega ideologias completamente contrárias àquelas escritas no próprio livro base de sua religião. É por isso que a igreja católica não incentiva seus fiéis a lerem a Bíblia. Também foi importante ter lido a Bíblia para me dar conta da quantidade de barbaridades escritas naquele livro. A quantidade enorme de passagens extremamente violentas e desumanas. O pouco que se encontra escrito nos quatro evangelhos comparado com todo o restante que se encontra na Bíblia é de uma diferença brutal. O que Jesus pregou e o que foi escrito no velho testamento e vivido pelos discípulos depois da morte de Jesus são absolutamente diferentes.

Entretanto, mesmo para mim, tendo uma visão racional do assunto, é difícil falar sobre isso sem sentir uma pontada de receio quanto ao que eu penso e digo.

Inexplicavelmente minha mente me prega uma peça que diz que talvez Deus possa não gostar do que eu estou dizendo e que talvez eu seja de fato enviado para o inferno pelas coisas que eu digo. Esse é o efeito psicológico que atormenta qualquer pessoa criada no seio de uma religião. Isso considerando que a igreja católica não é uma das religiões mais fanáticas que existem no mundo. Agora tento me colocar no lugar das pessoas que são criadas dentro de uma religião como o islamismo, em que as doutrinas são extremamente fervorosas e a punição para os que ousam discordar extremamente violenta. Fica claro que as religiões nesse aspecto não são nada mais do que instrumentos de controle e exploração de pessoas. Exatamente o oposto de que os símbolos das religiões pregaram, como é o caso de Buda, Jesus, Gandhi, Maomé. Essas pessoas pregaram a liberdade de vida e de pensamento, livre de qualquer dogma ou imposição, exatamente o contrário de que as religiões pregam.

Aqui cabe entender o pilar letra D do meu resumo inicial de ideias. Nós seres humanos temos muita dificuldade em admitir que estamos errados. Isso se agrava quando alimentamos uma ideia por muito tempo. Especialmente quando nos identificamos enquanto pessoas com essa ideia. Mudar de opinião depois de muito tempo alimentando uma certeza fantasiosa pode ter o impacto negativo de tirar completamente o chão existencial de um indivíduo. Para alguém que uma vida toda se identificou como budista é difícil em determinado ponto perceber que talvez a sua certeza religiosa nada mais é do que apenas uma bela história moral e de que talvez Buda nem tenha mesmo existido. Uma pessoa assim até certo ponto da vida terá vivido e se identificado com a ideia de que o budismo é a verdade e de que Buda que fato existiu, e que tal ideia é como se fosse um corpo vivo, ou como se fosse

um membro parte do corpo dessa pessoa. Dependendo da religião há ainda o fator complicador da ameaça de morte ou de eternidade no inferno pelo simples fato de questionar a religião, quanto mais ainda afirmar que ela é apenas uma bela história criada.

Não nego a importância de alguns ensinamentos religiosos para nossa formação moral enquanto seres humanos que vivem em sociedade. Contudo, acho errado ensinar tais ideias como sendo uma verdade absoluta ou fato histórico que tenha existido quando não há provas. Ainda mais quando tais ensinamentos vêm acompanhado de punições pós-vida do tipo condenação eterna no inferno. Das condenações em vida para aqueles que ousam questionar as religiões eu espero não precisar expor meu desacordo, pois é simplesmente absurdo quando religiões como o islamismo assumem a responsabilidade de punir pessoas por causa de suas falhas morais e comportamentais, um exemplo disso é o apedrejamento de mulheres adúlteras. Por parte do catolicismo havia no passado a excomunhão, acredito que não apliquem mais essa punição, pois seria difícil manter fiéis na igreja se o fizessem.

Alguns defensores das religiões são pessoas que agem com consciência e intenção de levar ao erro uma massa de pessoas. No entanto, há aqueles que agem na inocência do erro, acreditando que fazem o certo. Há muitos religiosos que acreditam piamente em suas certezas equivocadas. Há muitos que foram criados em um berço religioso e não são capazes de conceber a possibilidade de estarem vivendo em uma mentira. Sem falar nas religiões extremistas em que a possibilidade de questionar as verdades impostas é ainda por cima passível de punição. Apesar de nós seres humanos possuímos uma das criações mais extraordinárias da qual somos capazes

de perceber, que é o cérebro humano, infelizmente essa mesma máquina de extrema potencialidade também é passível de julgamentos equivocados, e o que é pior, é muito passível de programação externa. Uma criança criada à base de mentiras tenderá a acreditar em tais mentiras a não ser que seja dada a ela instrumentos que a ajudem a sobrepujar tais erros. E mesmo um ser humano em pleno uso de suas faculdades mentais é capaz de se autoinduzir ao erro, e acreditar em mentiras, encontrando inclusive argumentos que o levem a acreditar em fantasias absurdas.

Então os seres humanos podem ser divididos em alguns grupos no que tange suas crenças religiosas. Aqueles que sabem dos erros religiosos e dos falsos dogmas, mas os usam como forma de manipulação de outras pessoas. Aqueles que acreditam nos erros religiosos sem saberem que são um erro, e ainda por cima educam outros no mesmo erro, mas sem a mesma maldade dos do primeiro caso. Esses ainda podem ser de dois tipos, os que não admitem sequer questionar as suas verdades, e aqueles que até são capazes de um diálogo respeitoso, mas que não vão abrir mão daquilo que acreditam, pois se identificam com as suas certezas. Há outros que estão abertos ao diálogo e são capazes de abrir mão de certezas infundadas, podendo se considerar religiosos ou não. Há outros que estão inclusive na esfera da ciência, com um olhar extremamente crítico sobre a religião e seus erros, mas que mesmo assim abraçam questões religiosas que consideram importantes ou essenciais para um bom viver, mas que estão sempre prontos a questionar e criticar falsas verdades. E por último existem aqueles que simplesmente negam a religião e tudo o que ela produz ou aqueles que simplesmente nem sequer pensam em termos de debate religioso, pois estão à parte disso tudo.

Veja que podemos estar em qualquer um dos tipos de pessoas, pois temos o direito de até mesmo estarmos errados em nossas crenças e certezas. Ninguém disse que somos obrigados a estar certos. Agora acredito que somos capazes de concordar que a violência, como colocada na pergunta de Gerson, não deve ter espaço nessa questão. Quem discorda disso está absolutamente errado e age com má intenção. A violência não pode ser aceita quer seja por parte de religiosos ou não religiosos. Todos devem ter o direito de buscar e acreditar naquilo que bem consideram melhor para si sem estarem por isso sujeitos a qualquer agressividade, e muito menos que por acreditar estarem imbuídos de qualquer autoridade possam por isso impor violentamente suas ideias sobre outras pessoas.

A meu ver, a religião, assim como a ciência, é uma invenção humana. Respeito quem acredita nas inspirações divinas, mas para mim elas nada mais são do que a ação do homem. Esse ponto esclareci melhor na pergunta anterior, logo, não me debruçarei muito sobre ela aqui. O que quero dizer é que da mesma forma que religião e ciência são criações do homem, e que o conflito, violência e a maldade são tipicamente traços do ser humano, logo, é natural que a violência esteja presente não apenas na religião, mas também na ciência, e em qualquer outra área onde se encontre a presença do ser humano.

Incluo a ciência neste raciocínio não por dizer que ela esteja errada, assim como também não quero inferir que a religião esteja errada. Cito ambas, pois elas tratam de áreas investigativas que buscam a verdade para algumas perguntas. Buscar respostas é uma ação louvável, e não se contentar com meias respostas é ainda mais louvável. O que acontece muitas vezes principalmente na religião é que há uma tentativa abusiva de impor verdades. E essa é uma característica humana. O ser humano está fortemente

inclinado a defender suas opiniões e não a verdade. O homem desenvolve uma teoria e se abraça a ela como se ela fosse a única resposta possível para uma determinada pergunta. Não é raro presenciar debates nos quais duas ideias são defendidas para a mesma pergunta, ambas sem base conclusiva para defender uma posição, mas com os dois lados digladiando para que a sua teoria vença, em vez da verdade.

O que precisamos entender é que não há demérito nenhum em não conhecer a verdade de fato. Se não sabemos o que indubitavelmente é a verdade não somos obrigados a adotar uma postura de inflexibilidade. Temos o total livre arbítrio para assumir uma postura de incerteza e diálogo aberto. Não há vitorioso ou derrotado em um debate aberto sem imposição de ideias. Isso pode acontecer até mesmo na ciência, com a devida ressalva de que a ciência se mostra muito mais humilde para admitir e corrigir seus erros quando assim os percebe.

3. Seria o Amor o dom supremo?

Absolutamente, sim. Não existe nada maior do que o Amor. O Amor é o dom supremo. E aqui a pergunta está muito bem colocada, porque ela já vem na forma de interpretação completa, pois a palavra dom quer dizer muita coisa nesse contexto. Dom quer dizer algo que recebemos de graça e do qual podemos fazer uso com excelência ou não. Todos nós nascemos com o potencial de amar. Em alguns, esse potencial é desenvolvido desde a infância e fica mais acessível na vida adulta, enquanto que em outros essa habilidade é abafada no começo do desenvolvimento e de difícil acesso no decorrer da vida. Entretanto, em todas as pessoas o dom está ali plantado.

O Amor não pode ser confundido com uma espécie de emoção. Pois o Amor não é isso. Entretanto, explicar o Amor não é fácil. O Amor é mais uma determinação. Uma certeza. O Amor é como uma ponte que conecta pessoas sem se preocupar com quem caminha sobre a ponte. Para que seja Amor, essa ponte deve ser inquebrável, não importa o que aconteça. É uma ponte de física ilógica. Na prática uma ponte construída sobre águas violentas e, ainda, atacada pela ação do tempo, tende a ser abalada. Uma ponte no mundo físico é passível de ser destruída de alguma forma. Entretanto, com o Amor isso não acontece. O Amor é indestrutível. É isso que faz do Amor o dom supremo. Todos nós temos a capacidade de construir uma ponte que nos liga a algo ou a alguém de forma inquebrantável. Se assim não for, não é Amor.

O melhor exemplo disso é a conexão que existe por parte das mães por seus filhos. Existe um filme que ilustra o que isso quer dizer chamado “Precisamos falar sobre Kevin”. No filme o filho mata a família inteira exceto a mãe. Ele mata a irmã e o pai, mas poupa a mãe, pois ele alimentava ódio pela própria mãe. Além de matar membros da própria família ele também sai em um ato de matança pela escola onde estuda. No filme ele mata todas essas pessoas com um arco e flecha profissionais. Esse jovem é então preso. Mas de forma inexplicável a mãe vai visitar o filho na prisão, e apesar de toda a dor que sofre por tudo o que ele fez, continua tentando manter um canal de comunicação com um filho que no mínimo não sente nada por ela, a não ser talvez ódio. O que pode explicar o ato dessa mãe? O Amor.

É comum sabermos de mães que defendem seus filhos mesmo que claramente criminosos. É muito provável que essas mães, bem como a mãe do filme mencionado, também condenem a ação de seus filhos. O que as

diferencia é o Amor que têm por eles. Elas mantêm a ponte que liga os dois mundos de pé. Provavelmente apenas uma mãe é capaz de em casos assim manter a ponte firme. Alguns casos esporádicos na história falam de seres que tiveram uma capacidade assim por outros seres humanos. O único do qual me aventuro a falar por conhecer um pouco da história é Jesus. Ele pareceu amar as pessoas mesmo depois de pregado em uma cruz. Ele foi traído por seu melhor amigo e continuou amando. Ele foi humilhado em praça pública e continuou amando. O Amor dele era mais abrangente, envolvia todo e qualquer ser humano, sem distinção alguma. Independentemente de quem fosse; ele amava. Ele tinha uma ponte de conexão com todo e qualquer ser humano. Há esse Amor extremo que geralmente se trata de uma ponte de mão única, só vai. O Amor ou a ponte sempre permite a ida e a vinda, é uma mão de via dupla, mas nos casos extremos ela é navegada por apenas uma pessoa. No caso de Jesus ele foi amado de volta por muitas pessoas, principalmente, é claro, por aquela que foi sua mãe biológica, Maria. Também fica muito claro na Bíblia que outras mulheres tiveram muita coragem em amar Jesus em uma época em que demonstrações de afeto eram proibidas. O Amor daquelas mulheres superava qualquer medo ou imposição social. Muitos de seus seguidores também foram mortos na cruz por declararem seu Amor pelo seu mestre Jesus. Jesus conseguiu construir muitas pontes. Não apenas pontes temporais da época, mas também estruturas que atravessaram o tempo e ainda são levantadas hoje em dia.

O Amor é inexplicável. Estou apenas usando exemplos para ilustrar o que isso significa. Eu mesmo sei que não sou capaz de amar dessa forma. Sou rasamente capaz de compreender o que isso significa.

O Amor é uma entrega absoluta que não espera nada em troca. O Amor é uma força capaz de enfrentar a dor. As pessoas gostam muito de falar do Amor, mas ele pode ser um fardo muito pesado. Acho que muitas vezes o Amor é confundido com a paixão ou o romance. Nesses casos há troca recíproca de sentimentos bons, sentimentos que fazem bem um ao outro. E acho mais do que justo que nós seres humanos tenhamos experiências boas e recíprocas. Contudo, o Amor não é isso. O Amor é uma persistência mesmo diante da impossibilidade. O Amor é a luta mesmo diante da derrota certa. O Amor é ilógico. O Amor diz sim, mesmo quando o mundo inteiro diz não. Mas o Amor não é cego como se diz por aí, ele também é capaz de dizer não mesmo quando nossas emoções nos pedem para dizer sim.

Ele diz sim contra a opinião do resto do mundo quando uma mãe não abandona um filho mesmo que o filho a rejeite, pois o Amor não é como a paixão que pode acabar, o Amor é como uma decisão imutável que diz “eu vou continuar amando independentemente do quão vazio o outro lado seja e do quanto eu seja ferido”. Mas o mesmo Amor também sabe dizer não contra suas próprias vontades, quando a mesma mãe sabe que o melhor a fazer é deixar o filho buscar seu próprio caminho na vida, ou quando o filho se perde no caminho, que ele pague pelos seus erros, mesmo que essa mãe tenha vontade de defendê-lo, mas não o faz, pois sabe que é errado.

O Amor de verdade não é egoísta, pois não quer nada para si. É claro que se receber algo em troca, será bem-vindo, mas o prazer do Amor está em dar, e dar sem expectativa na retribuição, nunca, pois o Amor tem que ser infinito. Se não é infinito, inquebrável, irredutível, não é Amor. O Amor não aprisiona, ele deixa ir mesmo aquela pessoa que nós gostaríamos muito que ficasse. O

Amor é sutil, pois sabe se disfarçar para não assustar. O Amor é poderoso, pois pode conviver com a derrota. O Amor é riquíssimo, pois pode viver com nada. O Amor compreende sem necessariamente concordar. O Amor sabe que a única derrota que existe é desistir. O Amor abraça um cacto espinhoso por saber que ele precisa de afeto, nem que para isso precise arranhar os próprios braços. O Amor não tem medo da morte, pois sabe que a vida não é nada para quem desconhece o Amor. O Amor é livre, pois ele aceita todas as circunstâncias, apesar de lutar por aquilo que acredita sempre. O Amor não é sentimento, o Amor é certeza. O Amor é difícil de explicar. Para saber mais sobre o Amor, pergunte a uma mãe que já tenha filhos criados, ou se torne uma. As mães são os seres mais próximos do Amor total e incondicional que existe, pois apesar de muitos praticarem o Amor de fato, elas são as que estão mais aptas a vivê-lo de verdade.

O Amor não precisa ser algo absurdo. O Amor pode ser expresso em simples gestos também. Gostamos muito de falar do Amor, mas na prática ele pode ser muito mais difícil de ser aplicado do que parece. Isso mesmo, ele pode ser muito simples e difícil ao mesmo tempo. Ele pode ser praticado, por exemplo, no trânsito. Imagine que você está esperando em uma rotatória pelo carro na outra pista passar, porque ele chegou primeiro do que você. Você está fazendo a coisa certa e respeitando as leis e as regras de trânsito, além, é claro, de estar sendo gentil em um ambiente por si só muito hostil. Você até poderia ser mais esperto e rápido nessa situação, mas você optou pelo respeito. Entretanto, o carro atrás de você começa a buzinar com impaciência. Nessa situação ninguém perderá mais do que dois segundos, e você está acima de tudo agindo em acordo com a lei de trânsito. Mas a pessoa logo atrás de você está com pressa, e deixa isso bem claro.

Um gesto de Amor seria manter a calma, não reagir, e ainda desejar coisas boas a esse estressado. Isso é um pequeno exemplo do que um gesto de Amor verdadeiro significa. Você está dando algo de bom a alguém que só está lhe dando coisas ruins em troca.

Outra situação, também no trânsito. Você está em uma rotatória, esperando para passar, e de repente o seu carro apaga. Você tenta fazê-lo voltar a funcionar, mas algo está errado e ele não pega mais. Os carros atrás de você percebem a sua demora e imediatamente começam a buzinar. Você não consegue fazer o carro pegar e demora mais do que o esperado para arrancar, então os carros que estavam atrás começam a passar por você deixando bem claro a irritação deles. Novamente, não se perdeu mais do que cinco segundos nessa situação. Além do mais está chovendo muito, e você tem que descer do carro para empurrá-lo para um lugar apropriado, pois parou no meio da rua antes da rotatória e o seu carro está atrapalhando a passagem dos outros carros. Ninguém estaciona para ajudar. Nesse momento um gesto de Amor é você não se estressar e ainda por cima desejar o bem de todas aquelas pessoas que se irritaram com o seu infortúnio e ainda por cima nem sequer pararam para ajudar. Pois o Amor é isso. Não uma emoção, mas sim uma decisão, de fazer o bem, entregar o melhor de si, sem esperar nada em troca. Olhando por esse ângulo, o Amor perde todo o *glamour* dos filmes hollywoodianos, certo?

Novamente, é fácil falar do Amor e desejá-lo. É muito bonito ler sobre o Amor de Jesus na Bíblia e se autoprofessar um seguidor de Jesus. Mas muitas vezes falamos e desejamos o Amor sem de fato compreendê-lo. O Amor não é sentimento. O exemplo da mãe é a forma de Amor mais intensa e compreensível, essa é também a forma de Amor mais irracional e natural que há. O exemplo do

Amor no trânsito é mais difícil de compreender e aceitar, pois nesse caso estamos lidando com estranhos. Mas a essência do Amor é a mesma em ambas as situações. Ou seja, fazer o bem. Entregar coisas boas. Fazer boas ações. Mesmo que em troca não recebamos nada ou, ainda pior, recebamos ofensas. O Amor é ilógico, pois é capaz de trocar a dor pelo carinho. A lógica racional do mundo tem dificuldade em compreender e aceitar o Amor. Agora, a consciência ilógica do Amor compreende o bem que o Amor faz a quem ama, a quem age com Amor. O Amor compreende que a força não está em sobrepujar o outro, mas em deixar o outro vencer, pois há muito mais força em aceitar a dor a fim de ver o outro bem.

Mas o Amor não precisa ser só dor e dificuldade como tenho dado a entender até aqui. O Amor também pode ser recíproco, é claro. Pode acontecer de ter essa atitude de Amor e encontrar ao longo do caminho outra pessoa com a mesma postura. Isso gerará uma convivência singular. Há cônjuges que vivem juntos por Amor. Amar não significa necessariamente não se separar. Amar significa compreender os desejos do outro e permitir que eles sejam expressos com liberdade. E mesmo que haja dor, preferir a dor em vez da prisão ou da opressão.

Pode haver gestos de Amor por completos estranhos na rua, como já dissemos. Pode haver Amor pela profissão que se exerce. Pode haver Amor pela natureza. Pode haver Amor pelos animais. Pode haver Amor por si mesmo. Por mais absurdo que possa parecer, há pessoas que não sabem amar a si mesmas. Amar a si mesmo significa aceitar e apreciar nossos defeitos. Amar a si mesmo significa ser ilógico. Se for uma pessoa feia, significa me achar a pessoa mais linda do mundo. Se for uma pessoa irritadiça, significa não aceitar isso, e buscar melhorar. Se for uma pessoa sensível, significa cuidar com carinho

de minhas próprias emoções, e não me agredir com pensamentos negativos. Se for uma pessoa possessiva, significa compreender que eu preciso mudar, pois isso faz mal aos outros e a mim mesmo.

Amar é optar pelo caminho mais difícil, pois a recompensa é sempre melhor, mesmo que não haja nenhuma aparente recompensa. Amar significa viver os perigos da vida sem medo de se machucar, e juntar os cacos das dores das experiências sem rancor e ódio. É muito mais fácil falar do Amor do que o viver de fato. Eu mesmo, confesso, não sei amar. O Amor é para os fortes que não têm medo de sofrer e se machucar.

4. A traição se justifica sendo ela praticada para se atingir um nobre fim? Seria também um ato de Amor?

O Novo Testamento da Bíblia é muito mais um livro fascinante não pelo que ele diz, mas pelo que não está escrito nele. Por se tratar de um livro que narra a vida de alguém tão incrível é, portanto, um livro muito curto, e que dá margem a muitas perguntas e críticas. Apesar de falar de alguém que existiu, também permite a dúvida quanto à forma de vida daqueles personagens e veracidade de seus relatos.

O momento da traição de Judas é sem dúvida um dos pontos mais intensos no Novo Testamento. Porque 90% do que lemos no livro se refere a ações, fatos históricos, curas e dores físicas, entretanto, aqui a dor é no íntimo do ser. Aqui não há chicotada na carne, mas sim um beijo na face. Pregos perfuraram as mãos e pés de Jesus, mas esse beijo perfurou não apenas o coração de Jesus, mas o de Judas também. Pois trair é como perfurar com uma faca sem cabo, apenas com lâmina, a mão que fere também é ferida. O agravante dessa traição é que ela é desferida com um gesto de Amor, e não de ódio. Normalmente

uma traição é feita às escondidas e com medo, opressão ou rancor. Aqui não, aqui há coragem. Judas não se envergonha do que está fazendo. Bastava que Judas apontasse Jesus e tudo estaria resolvido. Mas ele foi ousado em beijar, em usar um gesto de Amor, para entregar seu mestre. É como se ele estivesse na verdade testando Jesus. Testando seus ensinamentos sobre dar a outra face. Seria Jesus capaz de dar a face para receber um beijo de morte? Talvez Judas esperava finalmente desmascarar a identidade imperturbável de Jesus. Talvez ele esperasse ver uma reação de ódio por parte de seu mestre, para que pudesse dizer: “Veja, ele é um ser humano como qualquer um de nós”. Qual não foi a sua surpresa quando Jesus não só não reagiu, como ainda por cima usou seu poder para curar a orelha de um carrasco que havia sido ferido por um dos seguidores de Jesus?

Mas nada a respeito das batalhas internas da mente e do coração de cada personagem está escrito na Bíblia, tudo isso são conjecturas. Mas a maior conjectura de todas seria supor que talvez Jesus e Judas tivessem armado essa situação toda para chegar ao desfecho fabricado por Jesus e que daria uma pitada mais do que dramática aos registros históricos de uma sucessão de eventos que não poderiam ser mais terríveis e poéticos. Muitos dizem que a crucificação era um ato muito comum naquela época com o intuito de diminuir o impacto das ações de Jesus. Sim, a crucificação era comum, mas quantos dos crucificados eram inocentes, quantos foram traídos com um beijo, quantos foram adorados enquanto eram crucificados, quantos foram crucificados por terem curado doentes e quantos foram crucificados amando seus crucificadores, bandidos, criminosos, implorando a Deus que os perdoasse?

E se tudo isso tivesse sido maquinado por Jesus e seus discípulos? Ou, senão tudo, pelo menos o momento da

traição e do beijo? Quem sabe se o beijo fosse o sinal para ficar registrado na história como o código que indicava às pessoas que tudo aquilo tinha sido autorizado por Jesus? Pois com o beijo compreenderiam que Judas não queria trair, e que Jesus aprovava aquela ação, pois aqueles meios eram justificados pelo fim que se esperava alcançar. Será que Jesus pediu a Judas que o traísse a fim de que tudo acontecesse de acordo com os Seus planos? Era a traição mais uma missão daqueles pobres discípulos? E se fosse, seria isso traição?

Se isso tivesse de fato acontecido assim como conjecturado, então, sim, essa teria sido uma ação de traição praticada por Amor. Pois aos olhos de fora vê-se a traição, mas os dois atores envolvidos sabem que tudo não passa de uma encenação que tem por intuito guiar os acontecimentos da maneira mais favorável ao desfecho intencionado.

Existem três possibilidades para o que envolve o beijo de traição. Uma: Jesus não sabia que Judas iria traí-lo. Duas: ambos sabiam que Judas iria trair Jesus, mas nada foi tramado entre os dois. Ou três: ambos sabiam o que iria acontecer, pois eles haviam tramado os acontecimentos. A hipótese um pode quase ser descartada, pois durante a última ceia Jesus indica Judas como traidor, restando, portanto, ainda a hipótese dois e três. Mas veja que independentemente de qual das três hipóteses seja a correta, o desfecho é sempre o mesmo, Jesus é crucificado e Judas comete suicídio.

Acredito que a crucificação de Jesus não é ocasionada pela traição de Judas, pois Jesus era odiado por muitos poderosos da época que se sentiam ameaçados por suas ideias, então ele teria sido crucificado em uma circunstância ou outra, inevitavelmente. A traição e o beijo de Judas têm um desfecho dramático apenas para

o próprio Judas. O fato de ele ter cometido o suicídio diz muito sobre o que aconteceu dentro dele após o ato do beijo. Em primeiro lugar, a traição pode ter sido motivada por dinheiro. Em termos modernos, a traição teria rendido a Judas (é difícil dizer em termos exatos) algo entre R\$ 5.000,00 ou R\$ 30.000,00. Na dúvida, digamos então que o montante recebido tivesse sido R\$ 10.000,00. Judas sabia que ao entregar Jesus apenas três coisas podiam acontecer, Jesus seria torturado violentamente; preso; ou condenado à morte. Judas não ficaria necessariamente rico por entregar alguém a uma condenação tão dura. O que se sucede é que após ouvir a condenação de Jesus à morte por crucificação Judas se arrepende e devolve o dinheiro e depois se mata.

Independentemente de quais tenham sido os planos de Jesus e Judas, e de quais tenham sido as motivações que levaram Judas a trair Jesus, apenas uma coisa é certa, Judas não queria que Jesus morresse. Apesar de qualquer coisa, Judas sabia que Jesus não merecia a morte. Algo estava acontecendo dentro de Judas. Judas se mata antes de Jesus ser crucificado de fato. Ele não conseguiria presenciar a morte de Jesus, porque ele se considerava culpado por aquilo. O que aconteceu no decorrer dos fatos entre aquele homem que tinha plena convicção ao entregar seu mestre com um beijo na face, e este que não admite que Ele seja condenado à morte? O que mudou em um espaço tão curto de tempo?

Será que existe traição por Amor? Ou pensando em um nobre fim? Enquanto escrevia, eu tentava encontrar alguma brecha que me permitisse responder que sim, que pelo menos em algum caso muito específico sim ou que talvez no desfecho da traição de Judas pudesse haver uma chance de que a traição tivesse sido movida por Amor. Trair por si só implica enganar. Pois quem trai não quer ser

descoberto, pois tem vergonha de seu ato, e sabe que está quebrando um pacto importante de confiança. Qual seria um nobre fim que justificaria um ato de traição, quando se sabe que na traição não apenas quem é traído sai ferido, mas quem trai também se fere? E se existe consenso em trair a fim de chegar a um nobre resultado, então já não é mais traição, pois não há mais enganação.

Após refletir sobre isso, na verdade a conclusão a que eu chego é a de que não há como compreender os motivos que levaram Judas a entregar Jesus e posteriormente cometer o suicídio. Há apenas uma conclusão a qual eu consigo chegar definitivamente, e ela diz respeito a não ter havido traição por parte de Judas. Jesus não foi traído. Judas não foi um traidor. Pois é claro, é óbvio. Jesus sabia que Judas iria entregá-lo. Jesus sabia e não fez absolutamente nada para impedi-lo ou defender-se. Jesus não foi surpreendido. E Judas sabia que Jesus sabia. Jesus deixou claro a Judas que sabia de suas intenções. Judas agiu com o consentimento de Jesus. Veja o que diz a Bíblia no capítulo 13 de João:

Então, aquele discípulo, reclinando-se sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: “Senhor, quem é?” Respondeu-lhe Jesus: “É aquele a quem Eu der este pedaço de pão molhado no prato.” E tendo molhado o pedaço de pão, deu-o a Judas Iscariotes, filho de Simão. Assim que Judas comeu o pão, Satanás entrou nele. Então disse-lhe Jesus: “O que tens para fazer, faze-o logo.” (João 13: 25)

Imagine que um homem sabe que sua mulher quer lhe trair com outro homem. Imagine que ele diga a ela que vá e o traia. O homem sabe o que ela vai fazer. Ela não agirá às escondidas. O que acontece é que ele sabe que ela quer quebrar o pacto que havia entre eles de respeito e monogamia. Por mais difícil que seja saber que ela quer quebrar esse pacto, o marido sabe que essa é a vontade

dela. O marido deixa e não faz nada para impedir ou para expressar seu desacordo.

Tanto na situação de Cristo com Judas, como da hipótese do homem a da mulher, há algo de comum e poderoso em ambas as situações. O homem conhece tão bem a sua mulher e tem tanta informação sobre ela que é capaz de saber o que ela quer fazer sem que ela o diga. Esse é um homem que de fato ama a sua mulher porque não tenta impedi-la de fazer aquilo que ela quer, por mais que saiba que ambos sairão machucados da situação, e também não age em nenhum momento com violência, fato que prova a sabedoria desse homem. É o mesmo conflito vivido por Jesus e Judas.

Não há traição, pois o pacto entre ambos já foi quebrado. Mas há Amor. E Amor mútuo. Um é o Amor da sabedoria, e o outro é o Amor que irá aprender com o arrependimento. Infelizmente na vida às vezes o arrependimento não dá oportunidade para uma segunda chance. Jesus não tenta impedir ninguém de cometer erros, pois ele sabe que os seres humanos são todos falhos. Veja como Jesus não tentou impedir Judas. Jesus estava preparado para sofrer por Amor, Judas não. Entretanto, os resultados das escolhas de ambos teriam consequências irreversíveis. Ambos iriam morrer, um pela força de suas convicções, e o outro pela dor do arrependimento. Tentar condenar as opções de vida de qualquer pessoa é um ato irrelevante. Saber quais ações tomar e suas consequências é o que realmente importa, pois alguns passos dados na vida podem não ter a opção de voltar atrás. Portanto, trair não é um ato de Amor. Entretanto, perdoar o traidor é um gesto de Amor incondicional. Judas não foi um traidor, pois Jesus sabia previamente das intenções de seu discípulo (Jesus conhecia a essência da personalidade de Judas

havia muito tempo). Todavia, o mais importante de tudo nessa história é que Jesus perdoou Judas, apesar de Judas não ter perdoado a si mesmo.

5. Altruísmo e compaixão, palavras de difícil compreensão. Quais os seus verdadeiros significados no desenvolvimento do ser?

A forma como a pergunta é colocada já ajuda a nortear a melhor maneira de respondê-la, pois de acordo com o desenvolvimento da pessoa, o entendimento e a aplicação de ambas as palavras podem ter leves diferenças de entendimento. Pois é dependendo da fase evolutiva de cada ser humano que essas palavras sofrerão uma quase imperceptível variação, mas que terão um resultado nitidamente diferente. E sim, são palavras de difícil compreensão, assim como qualquer palavra em qualquer língua pode ser de difícil compreensão, quando não se tratam de objetos, pois essas palavras nada mais são do que tentativas limitadas de compreender algo que não se pode ver. Isso acontece com diversas palavras como Amor, ódio, felicidade, medo etc.

Dentre as duas palavras, o altruísmo é a que pode causar maior confusão, pois altruísmo em sua forma mais simples de entendimento é uma ação boa. Mas essa ação pode ser boa para quem é beneficiado pela ação de alguém ou pode ser boa para a pessoa que a pratica. Pois veja que uma pessoa em situação difícil pode receber uma ajuda de alguém em melhores condições. A pessoa que está ajudando está gerando algo bom para alguém em dificuldade. Esse é, portanto, um ato altruístico que gera um valor positivo a alguém que precisa de ajuda. Entretanto, o impacto do ato altruístico pode ser difícil de ser percebido em alguns casos. Pois em certas circunstâncias o impacto da ação pode ser sobre

a própria pessoa que a pratica, e muito pouco na pessoa que a recebe.

Um caso muito confundido de altruísmo é muito fácil de ser percebido em épocas como o Natal. É muito comum algumas pessoas terem o hábito de nessas datas darem presentes a famílias carentes, crianças pobres, orfanatos, asilos ou qualquer outro grupo social em situação delicada. Não há dúvidas de que esse é um gesto altruísta e bom, e que não pode ser criticado de forma alguma. A questão que pode ser avaliada é, no entanto, sobre quem o verdadeiro impacto da ação gerou resultado positivo significativo. Pois datas especiais como o Natal de fato amolecem o coração das pessoas e são momentos em que pisamos um pouco no freio de nossas vidas tão corridas e de repente nos damos conta dos males do mundo ao nosso redor, e isso nos incomoda. Então, será que a ação altruística que praticamos é para o bem da alma das pessoas que precisam ou para aliviar um pouco o peso de nossa própria alma? Ação altruística envolve esforço. Então precisamos avaliar se o esforço que aplicamos na ação foi suficiente apenas para apaziguar a nossa própria angústia que percebemos ao ver o mal no mundo, ou nosso esforço foi suficiente para apaziguar o mal da pessoa, ou pessoas, a quem dedicamos nossa ação? Uma única ação altruística no ano tem o poder de apaziguar minha consciência, mas pouco faz pela pessoa necessitada, que ainda terá pela frente mais trezentos e poucos dias de dificuldade. Nesse caso a ação altruística teve mais impacto sobre mim mesmo, que pratiquei a ação, do que sobre a pessoa que recebeu a ação.

Entretanto, algumas pessoas estão em estado de desenvolvimento mais avançado e percebem que essa pequena ajuda, que apesar de louvável, teria pouco impacto na vida de alguém. Uma ação verdadeiramente

altruísta visa a ajudar completamente o outro lado, e não apaziguará a sua consciência enquanto a pessoa necessitada não sair da condição de dificuldade. A ação altruística não precisa necessariamente apenas envolver dinheiro. Há inclusive famílias em condições financeiras nem tão boas que paulatinamente ajudam outras famílias ao longo do ano inteiro. Pode ser uma ação prática como visitar hospitais ou lares de idosos. Há pessoas que dedicam parte de suas vidas a ajudar outras pessoas ou grupos carentes. Essa é uma ação altruística mais elevada, pois a pessoa empreende seu próprio tempo no interesse alheio com a intenção de realmente ajudar a resolver o problema da outra pessoa. Perceba a diferença dessa ação, que tem um claro objetivo de levar conforto a quem precisa pelo tempo que precisa, enquanto que a outra ação é apenas esporádica e visa acima de tudo a apaziguar os pensamentos de quem pratica a boa ação, independentemente da situação da pessoa necessitada ao longo do resto do ano ou da dificuldade por que passa.

Então o ato altruístico elevado é aquele que requer esforço voluntário de alguém que genuinamente se preocupa com o auxílio de outra pessoa. Essas ações geralmente encontram exemplos mais claros nas classes sociais mais pobres. Quando uma pessoa em condições financeiras limitadas ajuda outra pessoa, colocando em risco sua própria condição financeira ou de recursos, mas o faz mesmo assim, temos aqui um exemplo elevadíssimo de ação altruística. Ou quando alguém coloca sua própria vida em perigo para salvar a vida de outra pessoa, temos aqui também um caso elevado de ato altruísta. Quando uma pessoa é capaz de colocar em risco o próprio bem-estar a fim de que outra pessoa possa encontrar bem-estar é porque desenvolveu em si um potencial altruístico transcendente. Importante observar que esses seres não

praticam tais ações pensando em recompensa ou na glória. Fazem-no sim no silêncio e com o único intuito de ajudar aquela outra vida que naquele momento precisa de auxílio. A alma dessa pessoa não descansa enquanto a dificuldade do outro não for mitigada.

Há por exemplo pessoas de condição financeira merecidamente abastadas que praticam muitas ações sociais louváveis. É normal que tais pessoas sintam uma obrigação em ajudar a sociedade carente que percebem ao seu redor. Entretanto, a não ser que a ajuda coloque em risco seu bem-estar, isso não é necessariamente uma ação altruísta. No caso de pessoas ricas que fazem boas ações, chamamos a isso de filantropia. E essa ação de pessoas ricas deve ser aplaudida e reconhecida, pois esses seres têm um potencial de impacto de ajuda que muitas vezes famílias carentes não têm, ou que muitas vezes nem o próprio governo possui. Mas como pessoas ricas são indivíduos com capacidade de gerar riqueza, sua habilidade é capaz de transbordar ao ponto de poder ajudar outras pessoas em condições de dificuldade. Tais pessoas geralmente vão muito além da ajuda meramente financeira e usam, além do mais, sua destreza intelectual para de fato contribuir para com a sociedade. Isso acontece quando empresas e homens de negócio decidem investir em ações que geram massivos resultados positivos, como quando constroem escolas, centros de treinamento, de prática de esportes, bibliotecas e tantas outras ações. Tais ações têm o potencial de ajudar paulatinamente e consistentemente ao longo do tempo, e não apenas dando, mas ajudando a desenvolver na pessoa necessitada a capacidade de sair da condição de necessidade. Tais ações ajudam a apaziguar a alma do homem rico, mas geram um impacto positivo social considerável.

Há, claro, aquelas pessoas que fazem ações boas apenas pelo mérito próprio e para inflarem seus próprios egos.

Entretanto, não há como condenar qualquer ação que gere um mínimo de resultado positivo na vida de outras pessoas. É claro que o nível de altruísmo de tal pessoa é reduzido, mas é inegável que é muito melhor que uma pessoa faça um gesto de bondade, por mais egoísta que seja, do que cometer um ato de maldade. Aliás, uma ação altruísta não é aquela que tem necessariamente grandes impactos notáveis. Quem sabe um sorriso sincero que busca o bem-estar de uma pessoa triste possa ser mais necessário em um determinado momento do que qualquer dinheiro do mundo.

É importante notar que o gesto verdadeiramente altruísta é aquele que exige esforço por parte daquele que o pratica. Se for fácil para eu praticar um gesto de bondade é porque provavelmente o maior beneficiado com a ação serei eu mesmo. Quando é fácil para eu presentear com uma cesta básica uma família carente no final do ano, o maior beneficiado é a minha própria consciência. Quando é difícil para eu separar parte de meu salário todos os meses do ano para ajudar apenas uma família carente, então minha ação alcançou o propósito ao qual de fato buscava: melhorar a vida do outro, e não a minha própria. Se para mim é fácil perdoar meu amigo por ter me ofendido, o maior beneficiado sou eu mesmo. Onde há genuíno esforço de minha parte para ver o outro melhor, há grande chance de haver aí um gesto altruísta.

A compaixão também pode suscitar dúvidas quando ao seu entendimento. Mas fica mais fácil compreendê-la quando a comparamos com o altruísmo. Afinal de contas, um é um gesto prático, e o outro um sentimento pensado. Veja que o altruísmo requer uma ação, um gesto, movimento. É preciso fazer algo para que se reconheça a ação. Enquanto que a compaixão é um processo intelectual e emotivo que acontece dentro de nós que não quer dizer,

no entanto, passividade. Muito pelo contrário, pois requer esforço. Fazendo uma analogia pouco gramatical da palavra poderíamos dizer que compaixão é o mesmo que feito “com paixão” ou com força, com intensidade, pois a paixão tem essa característica. Mas o que a paixão pode deixar a desejar em capacidade de lucidez e razão, a compaixão é completa em sentimento e compreensão.

Enquanto que o altruísmo é a ação boa que visa ao bem do outro, a compaixão é a capacidade de receber a maldade ou incompreensão do outro sem revidar, sabendo que assim estamos agindo em prol do bem do outro. Ou, pelo menos, com o intuito de apenas não piorar uma situação. Compaixão é um processo silencioso como uma nuvem em um céu ensolarado que acontece dentro de nós. Pode que ninguém jamais veja nossa compaixão. Mas ela pode existir e ser grande como um planeta. Saber ouvir uma ofensa sem revidar é compaixão. Ao invés de receber um elogio, mas uma crítica, e não revidar, é compaixão. Continuar fazendo o bem apesar de qualquer crítica em contrário é compaixão. Amar e ser rejeitado, e continuar amando, é compaixão. Ser enganado e não buscar a compensação é compaixão. Se agir em prol de fazer o bem já requer esforço, e é difícil, não agir em prol de fazer o bem requer ainda mais esforço, e é ainda mais difícil. Especialmente porque, tanto em um caso como no outro, o bem que se busca alcançar não é o próprio, mas sim o do outro. Fazendo um comparativo definitivo, podemos dizer que o altruísmo é a ação que visa ao bem do outro, no qual este outro percebe que recebe a ação e é por ela beneficiado, enquanto que na compaixão, a pessoa que recebe o benefício da compaixão não percebe o benefício que recebe. O ato de dar uma cesta de rancho é um ato altruísta, pois a pessoa percebe que é beneficiado com a cesta e se sente feliz. A pessoa que xingou alguém

e não foi por ela revidado, pode em contrapartida nunca se dar conta de que foi alvo de um ato de compaixão de quem apesar de ferido, preferiu não revidar para não ferir de volta quem feria.

É por isso que eu disse que a pergunta de Gerson já incluía em si um pouco do elemento da resposta. Esses dois comportamentos pressupõem uma capacidade de indivíduos mais desenvolvidos. Não é qualquer ser humano que tem genuínas predisposições para o altruísmo e a compaixão. E nem é minha intenção ao louvar tais ações pressupor que eu mesmo as possua ou que eu venha a cobrar tais ações das outras pessoas. É um processo que requer amadurecimento intelectual e emocional e que demonstra acima de tudo muita força por parte de quem as pratica. Especialmente considerando a sociedade na qual estamos atualmente inseridos, na qual tais ações são consideradas como fraqueza. Fato que dá ainda mais força moral a quem as coloca em prática.

6. Violência física e psicológica praticadas por religiões justificam-se por serem praticadas em nome de Deus?

Absolutamente, não. Ao ler a pergunta em um primeiro momento considerei-a desnecessária de incluir neste livro por parecer tão óbvia. Entretanto, depois de dois segundos de pensamento infelizmente constatei que não é tão óbvio assim para muitas pessoas, para muitas religiões e para muitos governos. E a pergunta ainda foi muito bem colocada, pois não se restringiu ao problema da violência física, mas também psicológica, que é praticada com muita força. A violência física é inegavelmente visível e abominável, mas a psicológica às vezes “aparece” disfarçada de boas intenções e pode ser difícil de ser discernida mesmo por pessoas bem-

intencionadas, causando estragos irreparáveis, e que muitas vezes levam ao problema da violência explícita e física que tanto repudiamos.

Toda essa violência revela uma doença psicológica por parte das pessoas que as praticam em nome de uma religião, pois pessoas que defendem suas irracionalidades baseados na existência de algo que não podem provar, comprova sua deficiência intelectual. Acho muito saudável falarmos da dúvida quanto à existência de Deus, mas sempre tendo como ponto de partida a liberdade que devemos primeiramente conferir a nós mesmos de não estarmos presos a nenhuma necessidade de certeza. Mesmo acreditando em Deus não precisamos nos impor a obrigação de acreditar nessa ideia. Não há problema nenhum mesmo ao acreditar na força divina em deixar portas e janelas abertas para dúvidas e diálogos. Um crente não será enviado ao inferno por ouvir e dialogar respeitosamente com um ateu. E a primeira forma de violência que se comete é afirmar que alguém que não acredita na fé professada por nós, seja ela qual for, irá para o inferno ou ser um pecador. Qualquer forma de julgamento depreciativo já é uma forma de violência e está em desacordo com qualquer religião que professe a paz, o Amor ou o perdão. Apesar de Jesus e Maomé terem professado ideias religiosas e a existência de algum tipo de Deus isso não é prova de que sejam verdade, e apesar de não haver nenhum problema em eu acreditar nisso, é sim uma violência forçar essa ideia contra pessoas que não acreditam na mesma opinião que eu.

E quanto a matar outras pessoas por não acreditarem em nossa religião isso é por si só de uma ignorância absoluta. Pois os religiosos radicais dizem matar infiéis que não acreditam na religião verdadeira e que esses devem ser enviados ao inferno como forma de punição

por sua incredulidade. Analisando a questão por um viés puramente lógico, mesmo que Deus exista e que ele puna infiéis ao inferno, essa é uma responsabilidade do tal professado Deus, e não de seus seguidores. Então nenhum seguidor tem o direito de matar ninguém em nome de Deus, pois ao fazer isso assume a autoridade do seu próprio Deus, fato que a meu ver me parece um erro muito grave. Se eu fosse Deus eu me indignaria muito mais com aqueles que agem em meu próprio nome do que contra aqueles que simplesmente não acreditaram em mim. Ou, pior ainda, se Deus é tão estressado e punitivo como parece ser do que se ouve de tantos fiéis, ao fim das contas ele vai optar por mandar todos os seres humanos para o inferno, pois se avaliarmos bem as prerrogativas chegaremos à conclusão de que ninguém se salva. Por favor, perdoem-me tanta ironia, mas é que a impossibilidade de justificar qualquer violência em nome de Deus é tão nítida que parece que apenas a ironia é capaz de sacudir a compreensibilidade de pessoas radicais, pois um diálogo lógico e respeitoso parece não surtir efeito nenhum.

Os grandes profetas foram acima de tudo categóricos em repudiar qualquer tipo de violência. A violência é uma característica marcadamente animalesca e brutal e que deveria de ser rechaçada por qualquer ser humano que se diz espiritualizado. Mas há seres humanos que não compreendem nem as frases mais simples. Jesus disse para dar a outra face quando agredido. Disse também que se alguém nos quisesse roubar que déssemos até mais do que o ladrão estivesse querendo levar. Ele foi condenado à morte sem levantar uma vez a mão para tentar se defender. Que lição mais óbvia do que essa queremos de que não devemos praticar nenhum tipo de violência? Qualquer pessoa que pratica qualquer ato de violência que seja em nome de Jesus ou se autointitulando cristão está mentindo.

E o que dizer de Maomé que tentou a todo custo pelas vias pacíficas ajudar o seu povo a se livrar de toda ilógica e irracionalidade? Em seu último grande ato ele promulgou o perdão sobre todos aqueles que haviam lhe ameaçado e tentado matá-lo. Nenhum desses dois grandes profetas em momento algum tentou empurrar goela abaixo das pessoas suas ideias e filosofias religiosas. Quem não quisesse converter-se a suas ideias tinha total liberdade de fazê-lo ou não fazê-lo. Afinal de contas, se o inferno realmente existe, e se eu vou para lá quando morrer, isso é um problema somente meu, e se você acredita que será salvo, então por que se preocupar com a minha decisão de ir para o inferno? Se você já me explicou e mesmo assim eu optei por não acreditar, pronto, fim de conversa. Deus existindo irá julgar a minha causa, e não você, pois não lhe foi outorgado o direito de julgar, apenas de alertar. E para ficar bem claro, se você crê e será salvo, sintá-se feliz por isso e viva sua própria vida.

Mas não, mesmo o exemplo claro dos profetas não serviu de muita coisa. Alguns teimosos e radicais religiosos insistem em perturbar a paz da humanidade. E é importante deixar bem claro que não são todos, na verdade é uma minoria que não consegue compreender isso. A grande maioria dos religiosos são pessoas muito sensatas. É preciso deixar isso bem claro. São pessoas amáveis que só querem e conseguem fazer muito bem à humanidade. Mas há uma pequena minoria ignorante e mal-intencionada que consegue perturbar a paz de uma grande parte da população. E o grande problema é que a lógica nos aprisiona em um jogo sem saída, pois aqueles que têm um mínimo de inteligência, sejam eles crentes ou ateus, sabem que a violência não é justificável nem mesmo para defender nossos pontos de vista. Enquanto que os radicais religiosos não jogam por essa regra, então

conseguem perturbar uma paz que o puro uso da razão por si só estabeleceria.

Entretanto, eu não sou ingênuo de acreditar que esses radicais violentos religiosos agem por acreditar que estão fazendo a coisa certa ou de fato em nome da religião que professam. Absolutamente, não. O que eu acredito é que eles fazem por um dos dois seguintes motivos: um, ou porque eles são mal-intencionados e visam a angariar algum tipo de poder sobre as pessoas que eles veem vulneráveis em sua condição religiosa; ou dois, são puramente seres com graves distúrbios psicológicos. E quem sabe uma terceira opção, que seja a junção dos dois. Enfim, não há o que precise ser dito a fim de provar que a violência é errada em qualquer circunstância. Eu vou além em dizer que mesmo que a violência física em algum momento fosse justificada, mesmo assim eu seria contra ela. Eu firmemente acredito que a violência corporal não deve ser aplicada em nenhuma circunstância, mesmo que a violência esteja sendo aplicada contra mim e eu estivesse no direito de me defender, penso que eu não deveria revidar com brutalidade. Acredito que não deva haver espaço jamais para qualquer tipo de ação violenta física. Concordo plenamente com Jesus que educou a dar a outra face. Mas proclamo a plenos pulmões que não quero nenhum tipo de violência contra ninguém! É claro que isso provavelmente jamais irá acontecer.

No entanto, como poderiam os seres de fato evoluídos testarem suas teorias e pensamentos elevados se eles nunca fossem postos à prova justamente naquilo que advogam? E também como seria possível desmascarmos aqueles que são apenas demagogos religiosos pregadores da paz, da aceitação e do perdão se não fossem expostos a algum tipo de violência e injustiça? Jesus foi capaz de se posicionar com Amor mesmo quando era agredido e

traído. Maomé foi capaz de perdoar todos aqueles que queriam matá-lo. E nós que nos dizemos seguir nossos profetas, como poderemos colocar à prova nossas filosofias senão por intermédio daqueles que nos ofendem física ou verbalmente? Então, de certa forma a vida nada mais é do que um teste para ver até que ponto de fato acreditamos naquilo que professamos. Somos capazes de perdoar aqueles que nos ofendem? Somos capazes de amar aqueles que cometem atos atrozes? Senão, então também não estamos conseguindo viver aquilo que acreditamos. E para aqueles que defendem que sem religião os humanos tenderiam inexoravelmente à violência, tenho que confessar que tive uma prova elevada de consciência de compreensão e bom convívio social vinda de um ateu em uma entrevista com um religioso. Enquanto o religioso muçulmano perdia a compostura tentando impor seu ponto de vista, o ateu (Richard Dawkins) apenas colocava suas opiniões com muita gentileza e respeito (você pode assistir a esse debate no Youtube). Isso prova que ser religioso não é garantia de boa conduta social. E quem sabe considerar-se religioso não é nem garantia de absolvição contra a eternidade no inferno.

Não precisamos concordar com a opinião dos outros. Mas não temos o direito de tentar impor a nossa, muito menos pela via da violência. E quanto a uma forma de violência psicológica que acho não apenas absurda, mas até mesmo ridícula, é a dos religiosos e dos livros sagrados afirmarem que as pessoas que não crerem naquela religião serão enviadas ao inferno de fogo eterno. É curioso observar que toda religião acredita que apenas ela está certa e que tem a verdadeira condição de salvar. Beira o ridículo quando evidenciamos que não apenas isso, mas que cada denominação religiosa dentro de uma mesma crença acredita que apenas sua denominação é a correta.

Por exemplo, católicos acreditam que apenas eles serão salvos e que protestantes e outras denominações cristãs não serão salvas. Todas professam acreditar no mesmo Deus e no mesmo Jesus, mas por serem de denominações diferentes não serão salvas. Isso é humanamente ridículo e desprovido de razão. Deus há de perdoar a ignorância dessas pessoas com certeza.

A verdade é que cabe a mim aceitar e até mesmo respeitar que essas pessoas assim pensem. Existem religiões que eu considero completamente absurdas e irracionais. Entretanto, sou um ferrenho advogado da liberdade religiosa sob qualquer circunstância, desde que não professem a violência física contra ninguém. Tenho que admitir ter aprendido muito com defensores do ateísmo e de religiões que eu considerava erradas. Descobri em todos esses casos humanos com capacidade de amar e de serem racionais, e não somente isso, mas que absolutamente sempre a pessoa que estava nas trevas da ignorância era eu.

E por fim, a pergunta ainda nos questiona basicamente se o mal se justifica em nome de Deus. Ao fim das contas essa pergunta e sua resposta de óbvia não tem nada. Por pouco deixamos escapar a dúvida mais importante que poderia ser levantada sobre essa questão que é a real existência de Deus. Parece que de tanto se falar de Deus é como se ele passasse a fazer parte do mundo da realidade. Entretanto, se pararmos para pensar a respeito disso perceberemos que não temos uma definição clara de quem Deus seja, e muito menos garantia da certeza da sua existência. O que acontece é que de tanto ouvirmos falar a respeito Dele é como se Ele de fato existisse. Imagine que hoje eu tivesse uma visão profética e passasse a pregar a existência de uma força que atua sobre a nossa mente chamada Orian. E que apesar de essa força não poder ser

vista, ela tinha sim um poder muito forte sobre nós. Eu diria às pessoas que eu recebi visões e mensagens dessa entidade. Eu afirmaria que Orian é o criador de tudo, do universo ao ser humano, e que é o único ser digno de adoração. Além do mais, eu professaria que aqueles que não creem em Orian serão após a vida enviados ao inferno como forma de punição por sua descrença. É claro que isso está soado tão estranho para você quanto está parecendo absurdo para mim. Entretanto, é assim com a crença em Deus. Crescemos ouvindo falar dessa presença e passamos a acreditar nela. Mas na verdade nunca tivemos uma real prova de sua existência.

Não vejo problema, crime ou pecado algum em admitirmos nossa dúvida. Especialmente quando olho para as religiões que deveriam me trazer respostas esclarecedoras e percebo que mesmo elas não conseguem entrar em um consenso. Por exemplo, se eu perguntar sobre a existência do carro ou do avião, todos saberão do que se trata. Ou se eu perguntar sobre a dor e a raiva, todos terão uma clara noção do que isso representa. Mas quando falamos de Deus, cada religião vai para um lado, e todas se posicionam umas contra as outras.

Não estou de forma alguma advogando a descrença religiosa. Muito pelo contrário. A mim também muito intriga a existência humana e me fascina a busca por respostas. No entanto, penso que a melhor forma de trilhar esse caminho é pela via da dúvida e diálogo aberto com todas as fontes de conhecimento, sem qualquer imposição e sem qualquer julgamento ou condenação. O único imperativo ao qual acredito não haver erro em impor é o de que a violência física ou psicológica não deve ter espaço em nossa procura. E que todo o resto, de mais absurdo que possa parecer, deve ter total espaço para florescer.

7. Céu e inferno existem? Existindo, como compreender que determinada religião é verdadeira e única salvadora? E as demais, estariam condenadas ao inferno? Será que não vai faltar espaço para tantas almas perdidas?

Céu e inferno são conceitos criados pelos seres humanos. Não há qualquer prova da realidade tanto de um como de outro. Consequentemente, nenhuma religião pode se autointitular a salvadora. O que acontece é que se estudadas cuidadosamente e sem entrar em detalhes irrelevantes para um entendimento genérico, verifica-se que todas as religiões basicamente querem passar a mesma mensagem. Normalmente o que se verifica é que os mestres fundadores da maioria das religiões tiveram uma capacidade lógico-cognitiva-espiritual muito avançadas para sua geração, e até mesmo para gerações vindouras, mas que basicamente todos pensam algo muito parecido. Entretanto, quando essa mensagem começa a passar pelo filtro de entendimento dos seus seguidores, é natural observar deturpações e ruídos nas mensagens. Ainda mais no que tange a veracidade dos documentos que deveriam servir de base para os ensinamentos de ditos mestres.

A ideia de punir aqueles que discordam das nossas opiniões e daquelas ações que consideramos corretas é uma característica tipicamente humana. E a ideia de recompensar aquelas ações que consideramos virtuosas é também uma característica tipicamente humana.

Se olhamos para a natureza ao nosso redor percebemos que ela não funciona baseada na sistemática de recompensa e punição. Para a natureza tanto os atos considerados virtuosos como aqueles considerados repreensíveis parecem passar despercebidos. A natureza pouco se importa com essas definições. Quando um cão mata um gatinho indefeso sem justificativa para isso a natureza

parece pouco se importar com o fato, e não parece haver um tribunal de julgamento das injustiças animais. Quando um leão trucidava um veado que pastava no campo eu não vejo nenhuma reação de espanto por parte da natureza, e nem dos próprios animais que assistem à cena.

Portanto, todas essas ideias de Deus, inferno, paraíso e tantas outras, quando criadas pelos homens, é natural que possuam características reconhecidamente humanas. Se parar para pensar por um minuto é fácil de compreender que a ideia de inferno serve a interesses humanos de manipulação de outras pessoas, e que Deus provavelmente estaria muito pouco interessado em punir qualquer um de nós meros mortais. Porque sim, seguindo a lógica da pergunta de Gerson, se o inferno existisse, provavelmente ele estaria cheio, e o paraíso vazio, porque quem de nós seres humanos seria digno de entrar em um paraíso criado por Deus? E sendo nós tão sujeitos a falhas, estaríamos por acaso qualquer um de nós isentos de passar o curto tempo da eternidade no inferno? Sinceramente pensando, qual seria ao final das contas o interesse desse tal de Deus tão poderoso em fazer qualquer uma dessas coisas?

Nós temos que ser sinceros conosco mesmos, e as religiões devem parar de inventar fantasias para amedrontar as pessoas a fim de convencê-las a respeito de suas convicções, e admitir que simplesmente não sabemos o que acontece depois que morremos. Simplesmente não sabemos o que há depois. Da mesma forma que não sabemos o que havia antes de termos vindo aqui para a terra. Temos que ser humanamente humildes e admitir que nunca falamos com Deus. Pelo menos não de forma comprovável e inegável. Talvez até nos comuniquemos com ele diariamente sem nos darmos conta, mas não podemos afirmar algo do qual não temos certeza de forma categórica como muitas autoridades religiosas fazem.

Deus não vai nos castigar por sermos sinceros o suficiente para dizer que não temos as respostas para algumas de nossas próprias dúvidas. O próprio conceito de Deus desenvolvido por todas as religiões do mundo ao longo da história talvez esteja completamente equivocado. E não há absolutamente problema nenhum em admitir isso. E não é também porque está escrito em um dito livro sagrado que as coisas são exatamente assim que temos a obrigação de levar tudo ao pé da letra. Temos que ser humanamente racionais e admitir que em tais livros podem haver erros e que devem estar abertos a interpretações sem imposições autoritárias de argumentos. Não há qualquer garantia de que o Alcorão, a Bíblia ou a Torá estejam cem por cento corretos. Devemos lembrar que para cada profeta que dizemos seguir existiram muitos outros que passaram pela Terra e que foram simplesmente descartados. Ou talvez você apenas teve a sorte de nascer na denominação religiosa em que se encontra. Pense que poderia muito bem ter nascido em outra e agora estar professando aquela religião como a única verdadeira ao invés da que hoje tem por verdadeira.

Podemos, no entanto, sim, investigar e levantar hipóteses, inclusive as mais improváveis, com a maturidade e responsabilidade suficiente de dizer que não detemos a certeza absoluta sobre determinados assuntos. Além do mais, Deus não está nem um pouco interessado em esclarecer qualquer uma dessas dúvidas. Ou talvez Deus nem sequer exista e por isso não encontramos provas verídicas de sua existência. Porque se fosse do interesse Dele que soubéssemos a verdade definitiva, Ele teria os meios para fazer com que todos soubessem disso, e não apenas alguns poucos escolhidos.

Além de tudo, para que uma religião fosse a detentora da verdade, e conseqüentemente da salvação

das pessoas, essa religião teria que ter existido desde a formação da vida humana e ter a capacidade de abranger toda a humanidade. Pelo menos a essência lógica de salvação dessa religião deveria abraçar todo o período existencial humano e toda a extensão geográfica humana. Se assim não for, muitas pessoas seriam injustamente condenadas ao inferno pelo simples fato de não terem acesso a tal religião.

Além do mais, se fosse um pré-requisito de Deus o fato de seguirmos uma religião para que não acabássemos no inferno ele deveria ter sido muito mais claro e explícito em sua determinação. Afinal de contas, quando queremos que alguém siga uma regra a fim de não ser punido por ela, temos o cuidado de divulgar tal regra da forma acessível a todos. Isso em se tratando de meras banalidades mundanas. Agora imagine tal determinação para uma questão que envolve a existência pós-terrena para toda uma eternidade.

A lógica me permite pensar muitas ideias, e a fantasia ainda tantas muitas outras. Agora, provar que qualquer uma delas seja verdade, limita muito a possibilidade de qualquer uma delas existir.

Agora, explorando e indo um pouco além do que a pergunta delimitou, eu ainda me permitiria complementar um raciocínio com o qual comumente me deparo quando estudo esse tópico. Religiosos muito interessados em convencer as pessoas de seus argumentos acabam afirmando que sem a existência de Deus, do inferno e do paraíso, ou seja, sem a existência de um juiz que controla tudo o que fazemos que é considerado bom ou ruim, e que nos condenaria ou para uma punição eterna ou que nos recompensará com uma gratificação eterna, as pessoas agiriam de forma desenfreada e violenta, pois não temeriam qualquer consequência sobre suas ações.

Ora, mesmo eu crendo em Deus, um Deus meu e particular, sou capaz de logicamente concordar que mesmo sem a prova de Deus eu agiria de acordo com a norma dos bons costumes que prega que não devo fazer aos outros o que primeiramente não quero que façam a mim. Não preciso ser nenhum religioso ou fazer parte de nenhuma denominação religiosa para compreender que ações violentas são ruins para todos, e que agir em cooperação social é a melhor forma de vida para todos. Mesmo que nem Deus, nem o inferno, nem o paraíso existam, eu sou intelectualmente capaz de optar por uma forma de vida que seja a melhor possível para o conjunto existencial da sociedade.

Da mesma forma que não apenas acredito, como também vejo empiricamente na prática, o fato de Deus supostamente existir e de as religiões fazerem seu papel de policiais da moral não impede que o mal se propague e faça muitas vítimas inocentes em nome da religião. Há os que defendem que a violência está onde não há a presença de Deus. Isso não é verdade. A violência está em todos os lugares. A violência está onde o homem está, e onde a natureza está. Tudo tem violência. A violência não é um mal que deve ser eliminado. Ele deve ser evitado quando possível e, principalmente, não deve ser praticado pelo homem contra o homem e nem contra a natureza, pois somos seres com capacidade intelectual que nos permite buscar outras formas de existência mais elevadas. O que não pode acontecer é o homem usar de violência em nome de Deus. Mesmo que Deus explicitamente ordenasse que agíssemos com violência contra outro grupo ou pessoa, não deveríamos fazê-lo.

No Antigo Testamento da Bíblia vemos um Deus beligerante que incita seus fiéis a invadirem e destruírem outras nações. Esse Deus está errado e deve ser ignorado.

Isso não é obra de Deus, isso é obra do ser humano que cria um Deus para enganar outras pessoas e para justificar sua própria loucura. O homem é violento por si só e covarde demais para admitir seus próprios erros e criativo o suficiente para criar uma entidade extra corporal em quem pode jogar a responsabilidade por suas atrocidades.

Crer em Deus e fazer parte de uma religião não é garantia da eliminação do mal e dos atos de violência. Ser instruído com uma boa educação e versado nas artes das diversas ciências que existem também não é garantia nenhuma de eliminação da violência. Da mesma forma que a descoberta da não existência de Deus não significa que a humanidade automaticamente se tornaria mais violenta. Há inclusive a chance plausível de que ela se tornasse até menos violenta, pois então se daria conta de que a responsabilidade por seus atos recai sempre sobre si mesma.

A violência é uma característica inerente à própria natureza e o homem, fazendo parte da natureza, recebe automaticamente esse potencial de ação. A diferença é que a violência da natureza é um fator involuntário que acontece em virtude das leis que regem o universo, enquanto que o homem tem a capacidade de raciocinar sobre quando e por que usar a violência. Em alguns casos a violência é bem-vinda, como quando queremos abrir um buraco no solo, pois aqui alguma atitude violenta será necessária para atingir o resultado esperado. Mas é óbvio que nesse diálogo não estamos nos referindo à violência da natureza nem à violência do tipo inofensiva, mas sim daquela praticada para machucar e causar dor a outros seres humanos. Essa violência é injustificada sempre. E se é preciso agir com violência é porque algo está errado na essência do ser humano.

8. Judas, tendo traído Jesus, executou um papel fundamental para realizar o projeto do Salvador? Sendo dessa forma, por que Judas se suicidou?

Judas nada mais foi do que um ser humano com limitações e falhas como qualquer outro ser humano. Ele fazia parte de um processo de aprendizado do qual faz parte toda a humanidade. Para alguns, viver na Terra e vivenciar esse aprendizado pode ser algo mais agradável. Para outros, provavelmente em virtude de terem uma vida muito mais difícil, esse aprendizado pode ser muito mais dolorido.

Sem dúvidas Judas teve um papel muito importante no desfecho das circunstâncias que levaram à condenação e morte de Cristo. Jesus era em contrapartida um ser humano que estava muito à frente de todos nós, inclusive historicamente seus pensamentos e compreensão da vida sobrepujam ainda nossa atual forma de pensar. Portanto, Jesus sabia, ou conseguia calcular, tudo o que viria e precisaria acontecer em sua vida pelo simples fato de ser capaz de ler os acontecimentos que o circundavam.

Tudo isso não quer dizer que se Judas não tivesse traído Jesus com um beijo Jesus não teria sido condenado e morto. Jesus sabia que ele seria crucificado não necessariamente por causa das ações de Judas, mas por causa de suas próprias ações. Foram as ações e palavras de Jesus que o condenaram por serem modernas e evoluídas demais para aquela época e sociedade. De uma forma ou de outra ele seria crucificado, independentemente de Judas ter agido ou não.

Mas sim, da mesma forma como existe um aprendizado e uma vida que cabe a cada um de nós viver, da mesma forma, cabia a Judas viver aquela situação, pois nela havia um aprendizado. O desenrolar de tudo o que desencadeia no fatídico beijo tem pouco a ver com o que levaria à condenação de Jesus e sim muito mais a ver com o que levaria aos aprendizados pelos quais Judas precisava

passar. Judas estava cumprindo com uma missão que tratava de si mesmo. Jesus veio para nos ensinar muitas coisas difíceis de serem assimiladas apenas por palavras. O impacto de Seus ensinamentos seria tão potente que iria abalar as estruturas sociais por gerações vindouras, como de fato ocorreu. Jesus sabia que seria crucificado provavelmente quando decidiu falar daquilo que pensava, pois sabia que o que pensava ia contra os princípios e ensinamentos daquela época. Mas ele também sabia que muitas pessoas morreriam por aquelas ideias. Morreriam para defendê-las, para destruí-las ou porque, como no caso de Judas, eram simplesmente poderosas demais para sequer serem assimiladas.

A Bíblia mostra que durante os três anos de pregação de Jesus as pessoas pouco compreendiam o que ele queria dizer com tudo aquilo. É possível observar que os próprios discípulos de Jesus eram muito ignorantes em todos aqueles ensinamentos. Vemos os discípulos cometendo muitas gafes nos momentos em que Jesus ensinava. Aquelas não eram pessoas letradas e intelectualizadas como as pessoas da nossa geração. Aquelas eram pessoas muito simples que se caracterizavam por profissões como de carpinteiros e pescadores em sua maioria. Uma sociedade que vivia a opressão de um regime Romano e também religioso por parte dos próprios judeus.

A mensagem de Jesus era boa, mas ela conflitava com todos os ensinamentos e certezas daquela sociedade. Os discípulos queriam acreditar em Jesus e fazer o que era certo, mas eles não conseguiam nem compreender o que ele ensinava e nem agir de acordo com os ensinamentos de Jesus. Aquelas eram pessoas simples, rudimentares, brutas. Elas talvez até tivessem boas intenções, mas suas ações eram um reflexo de quem eram: apenas seres humanos cheios de falhas.

E quem era Judas senão apenas um ser humano com muitas falhas e medos, assim como qualquer um de nós? Nós podemos conviver com a certeza dos fatos históricos que nos dizem que Jesus foi então um grande homem com belas ideias, contudo para os seguidores e pessoas daquela época essa certeza não existia. Para eles Jesus era ou um grande homem ou quem sabe um grande charlatão.

Para aquelas pessoas, fossem elas discípulos, familiares, autoridades políticas ou religiosas, pairava no ar a dúvida quanto a tudo aquilo que Jesus dizia e representava. Eles não conseguiam compreender, assim como nós ainda hoje não compreendemos muito do que estava acontecendo. Jesus podia muito bem ter sido um grande impostor, um terrível criminoso. Jesus não era ingênuo de acreditar que suas ideias seriam facilmente aceitas. Jesus acima de tudo prezava pelo respeito e aceitação espontânea daquilo que ele falava. Em nenhum momento ele impôs seus pensamentos. Ele pode ter falado com veemência, mas nunca obrigou ninguém a segui-lo.

Tente colocar-se no lugar de Judas. Talvez ele fosse um ser humano que prezava por aquilo que era considerado correto de acordo com a época. Talvez para ele aquele homem chamado Jesus estava desvirtuando para o erro os passos daquela pequena sociedade. Talvez Judas quisesse muito fazer o que era certo. Quem sabe dentro de si havia um conflito brutal de dúvidas. Talvez Judas fosse apenas um devoto cumpridor das leis e normas de sua época e que via em Jesus alguém que colocava em risco a estabilidade social daquele povo. Talvez ele ouvisse pessoas falando de guerras em nome de Deus e de Jesus assim como ouvimos hoje em dia e talvez ele quisesse defender sua nação desse perigo. Talvez Jesus representava um perigo para tudo o que Judas aprendeu a respeitar durante toda a sua vida.

Talvez Judas imaginou que estivesse fazendo a coisa certa ao entregar às autoridades da época uma pessoa que poderia muito bem ser um grande criminoso corrompedor da paz e da ordem social. E quem sabe todas essas dúvidas caíram por terra no momento em que ele beijou Jesus na face e o encarou nos olhos. Jesus tinha força e certeza emocional para aguentar tudo o que estava por vir, até porque ele sabia do desfecho de tudo pelo menos três anos antes de tudo acontecer, mas Judas não. Judas era um simples ser humano tentando compreender tudo o que estava acontecendo naquele momento, e tentando optar pelo certo, tentando com todas as suas limitações fazer o melhor por si e por todos. E provavelmente foi no momento do beijo que ele finalmente conseguiu compreender não apenas tudo o que ele havia ouvido do mestre sobre o Amor, mas tudo aquilo que iria acontecer a partir das decisões e ações que Judas havia tomado até ali.

É óbvio que Judas se mata porque ele percebeu que estava errado em seu julgamento. É óbvio que ele conseguiu ver um mínimo de futuro a sua frente para saber que sua vida estaria destruída a partir daquele momento. Jesus sabia que mesmo que Judas não O entregasse, de uma forma ou de outra, Ele seria crucificado. Mas Judas não sabia disso. Judas acreditava que seu mestre e amigo seria crucificado por culpa sua. E por pensar assim ele não conseguiria conviver com a ideia de ser o responsável por ter entregado seu mestre à morte. O ato do suicídio é uma mensagem de profundo arrependimento.

Os atos de Judas são reprovados pelas pessoas, mas eles são apenas atos de alguém que transparece suas falhas. Claro que os atos de Judas são atos errados, mas não podem ser condenados. Acreditar que Jesus não teria sido crucificado caso Judas não O tivesse traído é errado, pois Jesus teria sido morto de qualquer jeito, mais cedo ou

mais tarde. E se não tivesse sido o discípulo Judas a traí-Lo naquele momento, talvez tivesse sido algum outro em alguma outra oportunidade.

Um exercício curioso de se fazer é o de tentar imaginar qual dos discípulos nós teríamos sido naquela situação. Ter sido um discípulo de Jesus naquela época não seria algo fácil. Isso implicava num ato de rebeldia política e religiosa de proporções difíceis de imaginar. Jesus era considerado um perigo direto para as autoridades políticas e religiosas daquela região. Longe de ser considerado um santo, Ele era muito mais associado aos criminosos do que aos moralistas. Jesus andava com aqueles considerados criminosos, excluídos, condenáveis, deploráveis e corruptos. Todos aqueles que eram passíveis de julgamento, reprovação e condenação eram os que rodeavam Jesus. Os próprios discípulos reprovavam muitas das ações de Jesus. Então será que um de nós teria tido a coragem de sequer ter sido um dos discípulos de Jesus?

Hoje em dia é muito fácil se dizer cristão e seguidor dos ideais de Jesus, mesmo que a pessoa nem sequer pratique aquilo que por Ele foi ensinado, mas para a época afirmar tal coisa seria motivo de exclusão social, e até familiar, críticas e agressão física. Ser um seguidor de Jesus significava ser forçado a andar com pessoas das quais você mesmo desaprovava. Pense na pessoa que você mais repudia, na figura política que você mais odeia ou no representante religioso que você mais discorda, provavelmente essa pessoa estaria entre aqueles com quem Jesus convivia.

Pior do que andar com Jesus ou posicionar-se contra Jesus, acredito que seria manter uma postura de neutralidade. Uma postura de esperar para ver o que acontecesse. Obviamente que não era isso que ele

esperava das pessoas ao seu redor. Com sua política de perdoar todo mundo era nítido sua intenção de envolver a todos em um cenário de convivência e aprendizados constantes. Jesus pouco estava se importando com as regras sociais, políticas ou religiosas da época. Ele queria que as pessoas se expusessem a elas mesmas para ver o que aconteceria, a fim de que se conhecessem melhor para que assim descobrissem o que era de fato viver. Portanto, pior do que descobrir-se com uma personalidade como a de Judas ou de Caifás, seria durante aquele momento único nem mesmo sequer chegar a conhecer-se melhor.

Muito bem. Judas foi um dos que se dispôs a ver o que aconteceria. Sim, Judas tinha falhas. E ninguém mais do que ele foi confrontado pelas próprias falhas e por seus erros. E sim, dói muito quando percebemos que estamos errados. E pior ainda, dói muito mais quando percebemos que não há muito o que possamos fazer para corrigir um erro.

Agora tente fazer o exercício de trazer Jesus para os nossos tempos modernos. Ele não seria filiado a nenhuma denominação religiosa ou partido político. Mas ele seria odiado por todas as denominações religiosas e partidos políticos. Ele viria em nome de um Deus que não se encaixaria em nenhum dogmatismo religioso, e diria ter um poder que vai além do poder político. Jesus rapidamente seria o centro das atenções por onde passasse, tendo a seu favor algo que políticos e religiosos tanto amam, a aprovação da grande massa. Para o pânico e ódio dos políticos e autoridades religiosas, Jesus despertaria nas pessoas uma capacidade crítica e argumentativa nunca antes vista, fazendo com que as autoridades temessem o pior: uma rebelião.

Não bastasse tudo isso, Jesus andaria com os piores políticos ao seu redor. Jesus teria em sua companhia

criminosos. Pessoas condenadas por atos deploráveis. Teria muitas prostitutas consigo. Pessoas com doenças muito comuns, mas pouco compreendidas hoje em dia como a AIDS e o câncer. Teria mendigos, pessoas deformadas e fedorentas por perto. Não bastasse tudo isso, Ele ainda não teria residência fixa. Às vezes dormiria na rua. Às vezes jantaria na casa de pessoas ricas. Às vezes comeria com pessoas muito pobres. Às vezes quem sabe nem sequer jantaria. Ele demonstrava muito interesse e cuidado para com pessoas que ele nem sequer conhecia, e seus discípulos desfrutavam da mesma “vida de luxo” da qual ele mesmo negava completamente a Si mesmo. Ele era convidado para estar em todos os lugares possíveis. Provavelmente descansava e dormia muito pouco. Ele era muito popular e ao mesmo tempo muito odiado.

Quem quisesse andar com ele era convidado a deixar para trás tudo o que possuía, inclusive família. Será que qualquer um de nós teria coragem de fazer o que os discípulos Dele fizeram? Será que teríamos coragem de fazer isso hoje em dia? Eu tenho certeza de que eu não teria coragem de fazer isso. Mas Judas teve coragem. Não só isso, ele não escondeu por um momento sequer quem ele de fato era, com todos os seus defeitos completamente expostos. Eu não tenho coragem de falar de meus defeitos nem para os meus melhores amigos.

Andar com Jesus era a certeza de andar na incerteza e na exposição. Era conviver com o aprendizado prático e brutal da vida mais intensa da qual se poderia desfrutar. Andar com Jesus era ser exposto a si mesmo da forma mais brutal possível. Todos os discípulos que aceitaram andar com Jesus com certeza foram profundamente machucados e imensamente transformados. Jesus não foi um professor cauteloso e paciente, ele jogou seus alunos em uma sala de aula incomensuravelmente cruel. Judas

foi o discípulo que mais errou com seu professor. Mas Jesus não queria pessoas perfeitas, Ele justamente queria pessoas como Judas. Jesus não condenou ninguém e ajudou a todos sem distinção. Entretanto, a sociedade e os próprios pensamentos de Judas não seriam e não foram tão clementes como Jesus.

A mensagem do suicídio de Judas serve para provar que Jesus de fato era quem ele pregou ser. Se assim não fosse, Judas não teria cometido suicídio. Judas obviamente não conseguiu compreender todo o Amor que Jesus nutria pela humanidade. Judas condenou a si mesmo, sendo que Jesus teria sido misericordioso com ele, como de fato o foi no momento mais dramático da traição por meio do beijo. Mas Judas não pôde ser condenado mais uma vez por seus atos. Ele agiu como um ser humano. Aliás, todos os discípulos assim o fizeram. Muitos discípulos fugiram e negaram Jesus. Muitos seguidores provavelmente ajudaram a condenar Jesus nos momentos derradeiros.

E se não fosse esse Judas a trair com um beijo, provavelmente haveriam muitos outros seres humanos disponíveis prontos a trair Jesus. Ou quem sabe algum dos outros discípulos teria assumido o papel de traidor. Ou talvez algum dos discípulos tivesse matado Jesus com as próprias mãos. Não importava para Jesus como a história iria se desenrolar, importava apenas não desistir da humanidade independentemente do quanto ela o ferisse ou quão brutalmente o matassem. Importava apenas amar incondicionalmente até o fim.

9. Espiritualidade e religião parecem se assemelhar, mas existem diferenças significativas, quais seriam as principais?

Sim, existem diferenças, e elas não são sutis. A espiritualidade é um trabalho ativo, em que eu mesmo

busco respostas para minhas próprias perguntas, e estou aberto às descobertas do caminho, enquanto que religião refere-se à minha conformidade em aceitar dogmas não questionados de uma determinada doutrina religiosa.

É importante observar que a espiritualidade não está associada a algo escandaloso ou sobrenatural. A espiritualidade é a busca natural por achar respostas àquelas perguntas que surgem involuntariamente, mas naturalmente dentro de nós, como: quem sou, de onde venho, quem me criou, para onde vou, existe vida após a morte, há comunicação com seres de outras dimensões? Logo, uma busca científica também pode ser uma ferramenta utilizada para a minha espiritualidade. A busca espiritual é marcada pela dúvida, questionamento, experiência e entendimento racional dos fatos que acontecem. Os fatos são perceptíveis. Na espiritualidade eu encontro respostas que me satisfazem. Provavelmente a ciência é na espiritualidade a ferramenta mais concreta para encontrar as minhas respostas. Deve, contudo, ser absolutamente vivencial e esclarecedora. A pessoa vai se definindo à medida que as respostas vão sendo encontradas.

A religiosidade também pode lidar com as mesmas perguntas, com a diferença de que na religiosidade eu aceito sem questionar. A religiosidade está marcada por atividades mecânicas irracionais. Até pode haver elementos científicos e passíveis de comprovação, mas as capacidades perceptíveis estão desativadas. Religiosidade implica pertencer a uma religião. É a religião que define a pessoa. Normalmente não há questionamentos, mas na verdade não há também entendimento. A religiosidade é marcada pelo conformismo e passividade. É uma atividade mecânica e com horário para acontecer. Não é necessariamente algo ruim, e pode até gerar resultados

positivos em alguns casos. Não é uma atividade condenável quando não utiliza ferramentas violentas ou quando não tenta tirar vantagem da ignorância dos seguidores.

A espiritualidade leva ao entendimento, a religiosidade mantém na ignorância. A espiritualidade está associada ao perdão e ao desenvolvimento pessoal, que envolve erro e aprendizado. A religiosidade está associada ao julgamento e a punição dos erros.

Jesus foi um ser espiritual, mas ele é geralmente explicado por instituições religiosas que se apropriam de seus ensinamentos, gerando desentendimentos entre as diferentes denominações religiosas que se dizem defender o mesmo pensamento, sendo geralmente deixado de lado por instituições técnicas, filosóficas ou científicas.

Os mestres espirituais vieram para ajudar a iluminar o entendimento e a capacidade lógica e argumentativa das pessoas. As religiões se apropriam desses ensinamentos e fazem com que as pessoas não questionem e não desenvolvam suas capacidades cognitivas.

A espiritualidade tem a capacidade de despertar os sentidos do entendimento para fazer enxergar a beleza e complexidade de tudo o que nos cerca. A religiosidade nos faz ver o mal em tudo o que nos cerca e nos impede de compreender a complexidade e maravilhas da existência, mesmo daquelas coisas que num primeiro momento pareçam ser ruins.

A espiritualidade nos dá força para enfrentar as dificuldades. A religiosidade é um fardo que os seguidores carregam para dificultar ainda mais uma vida que por si só já nos traz grandes desafios. A espiritualidade implica responsabilidade sobre os nossos atos. A religiosidade pressupõe interferências divinas inexplicáveis.

A espiritualidade convive com nossas falhas em busca da constante melhoria existencial. A religiosidade impõe

uma perfeição impossível de ser alcançada por qualquer ser humano.

A espiritualidade permite aceitar que temos dúvidas e que não somos possuidores de uma verdade total e definitiva. A religiosidade define-se como detentora da verdade.

Espiritualidade é vida. Religiosidade é morte. Espiritualidade dá a vida. Religiosidade mata.

Espiritualidade duvida de si mesma, sem medo. Religiosidade acredita em absurdos ilógicos.

A espiritualidade tem a capacidade de dizer: “Talvez eu esteja errado e você certo. Fale-me mais a respeito do que você tem a dizer para que eu possa aprender.” A religiosidade diz: “Eu estou certo e você está errado. Todos os que não acreditam no que eu acredito, ou que é imposto por minha religião, estão errados e serão condenados.”

Espiritualidade é caminhar pela incerteza e pelo constante aprendizado. Religiosidade é caminhar pelas certezas dogmáticas e perder a capacidade de aprender.

A espiritualidade fecha os olhos para as aparentes diferenças que existem entre os seres humanos e toda a natureza ao nosso entorno e nos faz conectar com aqueles que possam até mesmo discordar de nós ou agir em desacordo com aquilo que acreditamos. Já a religiosidade justamente foca nas definições que servem para nos diferenciar um do outro e da natureza ao nosso redor, gerando, assim, conflitos.

Por exemplo, na espiritualidade eu compreendo que apesar de usarmos palavras ou linguagens diferentes nós seres humanos temos os mesmos anseios por entendimento e compartilhamos de falhas que nos fazem errar, e também de situações de vida que nos fazem estar em diferentes momentos da vida e com diferentes percepções da vida, e

que a maior característica que define os seres humanos são suas diferenças, que servem para vivenciar as diferentes formas de perceber a vida.

Já a religiosidade quando se define por determinada ideologia religiosa, como católico, apenas um exemplo, serve para estipular uma clara diferença entre a minha religião e a sua, e ainda por cima tenta me igualar a todos aqueles que pertencem à mesma religião que eu. Aqui a religião faz duas coisas erradas. Primeiro ela me separa das opiniões (ou religiões) diferentes da minha, geralmente considerando-as como erradas. E segundo, ela tenta me igualar a todos os outros que sejam da mesma denominação religiosa que eu, impedindo que eu ouse pensar diferente desse grupo.

Ou seja, nós seres humanos somos diferentes um do outro, pensamos diferentemente e temos interpretações pessoais sobre a vida, e é justamente esse o ponto comum entre todos nós. Compreender e respeitar isso é ser espiritualizado.

É muito lindo compreender que a diferença é a característica mais importante que nos identifica como seres humanos, e que cada ser humano representa uma diferente manifestação contemplativa e interpretativa da existência.

Por tudo isso é, portanto, a religião algo abominável? Isso apenas depende. Pois quando a religião, ou a minha denominação religiosa, é utilizada como um instrumento de aprendizado e crescimento intelectual e espiritual, então a religião serve ao propósito para o qual foi criado. A palavra religião significa religar, ou seja, religar-me a algo do qual me desconectei, que no caso da religião e espiritualidade significam o contato com a mais elevada forma de viver que possa existir. Entretanto, se a religião for utilizada como uma bengala ou forma de me impedir

de realizar o esforço inevitável que é exigido quando se busca essa evolução, então a religião é apenas um corpo de ideologias dogmáticas que me impedem de alcançar uma vida mais elevada, e que me cegam e paralisam para me conectar com as diferenças que nos definem como seres humanos.

É possível um ateu ser espiritualizado? Sim. Acreditar em Deus não pressupõe ser espiritualizado e ser espiritualizado não pressupõe acreditar em Deus. Já testemunhei pessoas que se diziam ateias comportarem-se com muito mais espiritualidade do que pessoas que se diziam crentes de uma determinada religião. Afinal de contas, o que é mais importante, dizer que amo pessoas de diferentes religiões e que pensam diferente do que eu, mas afirmar que elas serão enviadas para o inferno por pensarem diferente do que eu, ou dizer que discordo completamente daqueles que pensam diferente de mim, mas ter a capacidade de dialogar e tentar compreender diferentes opiniões, sem proferir qualquer sentença condenatória a respeito de suas ideologias?

Ações falam mais alto do que meras palavras. Com isso, um bilionário pode ser mais espiritualizado do que algum papa. Um preso pode ser mais espiritualizado do que uma freira em um convento. Ou quem sabe até essa forma de pensar esteja equivocada, pois isso supõe que esse é melhor do que aquele, então aqui novamente se identifica um separatismo que não compete à espiritualidade. Entretanto, a fim de compreender essa ideia de uma vez por todas, podemos dizer que a espiritualidade é a capacidade de compreender e aceitar as diferenças sabendo que todos nós, apesar de nossas incalculáveis potencialidades, somos sujeitos a falhas e erros, e que não compete a nós julgar os erros dos outros. E ser espiritualizado não pressupõe acertar sempre ou não possuir

falhas, mas sim conviver harmoniosamente com elas, as falhas dos outros e as nossas mesmas, sem julgar e sem condenar. Mas, claro, com a consciência de que sempre devemos arcar com as consequências de nossos atos.

Capítulo XXI — Eu sou Judas

Judas pode estar associado a tudo o que há de pior em um ser humano. Não tenho certeza, mas acredito que Judas seja um dos vilões mais famosos da história. Provavelmente ele divida o pódio dos piores seres humanos que existiram com Hitler, Charles Mason, Stalin, Lúcifer, Bin Laden e tantos outros. Mas talvez o que faça de Judas o campeão dos vilões seja o fato de que ao contrário dos outros nomes, Judas não parece ter seguidores. Existe uma legião de adoradores ao Diabo, inclusive uma religião, mas não existe nada parecido sobre Judas. Existe uma legião de seguidores e apoiadores de movimentos nazistas e admiradores de Hitler, mas não existe nada parecido com relação a Judas. Não que eu saiba pelo menos. Não tão evidente quanto acontece com os outros personagens.

Judas foi descaradamente um ser humano invejoso, ladrão, irritadiço, traidor (não de acordo com nossa interpretação) e suicida. Tudo isso é possível deduzir dos textos bíblicos. Não bastasse tudo isso em um ser, ele ainda conseguiu servir de antítese a um dos personagens mais amados da história: Jesus. Acho muito difícil alguém conseguir a façanha de ser pior do que Judas. Acho que nem tentando com muita dedicação alguém conseguiria tal façanha. Mas Judas tem um mérito que por si só lhe garante muita admiração: Judas não escondeu de ninguém tudo de ruim que lhe caracterizava. Satanás perto de Judas é apenas um amator. O Diabo não conseguiu derrubar

Jesus, mas Judas sim. A maldade de Judas era extrema, ela era genuína. Diferente de todos os outros apóstolos, Judas não era covarde, porque é preciso muita audácia para fazer tudo o que ele fez. Por mais errado que ele agisse, ele não tinha medo de agir. Ele teve a audácia inimaginável de trair Jesus com um beijo na face. Ele teve a capacidade de fazer isso não para ficar rico, até porque o valor que ele pediu para tal ato nem foi tanto assim, ele fez isso porque ele queria. Ele era tão ruim e tão destemido que provavelmente teria tido a coragem de fazer isso por pura maldade, por valor nenhum. E no que pareceu ter sido um ato de arrependimento, Judas não titubeou em acabar com a própria vida quando percebeu o tamanho da bobagem que fez.

Judas foi um péssimo ser humano. Não é de se admirar que ninguém queira associar seu nome a um ser tão deplorável. Todos os outros vilões da história apresentam algum traço de aparente força que desperta nas pessoas alguma ideia de admiração. Neonazistas identificam-se com a origem alemã de Hitler e com seu poder de argumentação que levou ao engajamento de milhões de alemães a uma causa de dominação global e extermínio de pessoas consideradas desqualificadas. O comunismo que matou milhões de pessoas ainda hoje tem seguidores que defendem os ideais de líderes ditatoriais como Stalin e Mao Tse Tung. Charles Manson não matou ninguém, mas sua horda de seguidores foi responsável pela morte brutal de algumas pessoas, e até hoje Manson é idolatrado por nomes da música, que influenciam, por conseguinte, uma legião de fãs. O que todos esses criminosos famosos da história têm em comum que difere de Judas é que todos tinham um ego gigantesco que fazia com que buscassem a glória, a dominação, a criação de um ideal no qual eles são os líderes que guiam um séquito de liderados. Judas não.

Judas foi tão desprezado de tudo isso que ele destruiu tudo o que se associava à sua própria imagem. O Diabo tem o interesse de angariar condenados ao inferno, Judas não tem intenção nenhuma, a não ser a total aniquilação de si mesmo.

Judas destruiu tudo o que a sua vida representou. Judas destruiu tudo o que estava ligado ao seu nome. Nem mesmo a glória de se sentir poderoso ele quis. Ele não teve sequer um seguidor. Ele traiu a todos a sua volta, foi traído, e ainda traiu a si mesmo. Judas é, sem dúvida, o que há de mais execrável a respeito do que o ser humano é capaz. Todos repudiam Judas. Todos os religiosos usam Judas como ponto de referência a não ser seguido. Todos o condenam ao inferno. Todos o odeiam. Ninguém pensa duas vezes em se dissociar desse ser profundamente censurável.

Mas o problema é que todos nós temos um pouquinho de Judas dentro de nós. Nós o repudiamos tão profundamente porque na verdade vemos nele aquilo que se esconde dentro de nós. A diferença é que ele teve a coragem de mostrar exatamente o mal que era, enquanto que nós não. Entretanto, eu não tenho direito algum de jogar essa afirmação contra qualquer pessoa, a não ser eu mesmo. Se Jesus tivesse vivido hoje em dia, provavelmente eu teria sido a encarnação do que Judas um dia foi. Tenho profunda admiração pela vida de Jesus, mas tenho também plena consciência de que não teria tido condições de ter sido um de seus discípulos amados. Seria preciso muita força para ser um dos discípulos de Jesus. Força esta que eu não tenho. Eu teria provavelmente titubeado profundamente como Judas fez.

O mal é um vício latente dentro de mim. Ele parece às vezes estar adormecido, às vezes dominado, mas muitas vezes na verdade apenas acovardado. O mal de Judas

era corajoso, destemido, autodestrutivo e “inegoísta”. O meu mal é fraco, mas nem por isso menos vicioso quanto o de Judas.

Quando eu era criança eu lembro que tinha medo de pensar em palavras. Lembro da sensação de ter pensado em palavras rudes pela primeira vez. Aquilo despertava um sentimento de estar fazendo algo muito errado. Mas logo em seguida percebi que ninguém conseguia ouvir o que eu estava pensando dentro de minha própria mente. Dentro de mim estava o mal. Mas se eu não expressar o que eu penso ninguém vai saber o que eu de fato penso ou quem eu de fato sou. E se eu posso agir assim, então todo mundo pode da mesma forma. Logo, quem demonstra o mal que leva consigo é muito mais sincero do que aqueles que escondem quem de fato são. Dentro de mim desde criança sempre existiu o mal. Existe em mim o potencial para ser ruim. Existe em mim o potencial para ser Judas. Existe dentro de todos nós o potencial para ser Judas. Judas foi destemido em mostrar todo o mal que existia dentro de si.

Assim como eu fui um dia criança, ainda não completamente formada, e aprendendo aos poucos sobre a vida e sobre quem eu era (ou podia vir a ser), da mesma forma Judas também foi uma criança um dia. Ele não foi o pior ser humano de toda a história desde sempre. Por algum tempo nele foi depositada a esperança de que aquela criança um dia viesse a ser alguém especial. O que será que aconteceu na vida dele de tão ruim que o levou a ser alguém tão ruim? O que será que leva crianças inocentes de todo o mundo ao longo da história e do futuro a se tornarem adultos tão ruins?

De certa forma me sinto conectado com Judas. De certa forma consigo compreender, mesmo não sabendo os motivos, o porquê de ele ter se tornado quem se tornou.

Temos uma tendência natural ao ler os relatos da Bíblia em julgar e condenar aqueles personagens que tropeçaram, e exaltar os que alcançaram prestígio. Gostamos de associar nossos próprios atos aos atos daqueles que acertaram, e queremos nos afastar daqueles que tiveram atos ignóbeis, como se nós mesmos não fôssemos capazes de atos de tal índole. Eu de minha parte me identifico muito mais com aqueles que erraram do que com aqueles que acertaram. Se Jesus viesse hoje, tenho certeza de que não me associaria a ele. Eu estaria provavelmente do lado daqueles que o condenariam. Sempre que leio os relatos bíblicos admiro a vida e as palavras do Mestre Jesus. E claro, repudio as ações de Judas. Entretanto, quando paro para analisar quem sou e tento me colocar naquela situação ou trazer aquela realidade para os dias de hoje, duvido muito que seria muito melhor do que o pior dos personagens que ali são retratados. Minhas chances seriam muito mais inclinadas em ser o novo Judas.

Mas ainda pensando nas crianças que acabam se tornando más. Quantas coisas ruins devem ter se passado na vida de Judas para que ele chegasse ao ponto de trair com um beijo o homem mais amoroso da história? Quão dura foi a vida de Judas para que ele tivesse a força emocional e a dureza de sentimento para acabar com a própria vida? O quão desapegado de tudo de belo que existe na vida deve ele ter sido para vender a troco de nada a sua própria história? Judas não acabou apenas com a própria vida, Judas registrou o próprio nome na história como o pior homem que existiu. Ele era tão ruim que conseguiu manchar seu nome na história da humanidade. Ele não quis absolutamente nada para si. Ele não teve impulso nenhum de glória. Tudo o que ele fez, toda as vezes que seu nome aparece na Bíblia, são passos em direção ao autoflagelo, passos em direção à autodestruição de quem

ele era. Ele condenou a si mesmo da forma mais brutal que poderia existir. Ninguém condenou Judas. Jesus não o condenou. Ninguém o mandou para o inferno, ele foi para lá com as próprias pernas.

Ele foi de tal forma exímio em sua capacidade de destruir sua imagem perante a história da humanidade que provavelmente não existe mãe alguma no mundo que batize seu filho com o nome de Judas. A mancha sobre esse nome é em tal intensidade suja que qualquer criança batizada com ele carregaria automaticamente as mazelas que pertenciam ao autor de todos aqueles atos deploráveis dos quais Judas foi o autor. Mas com relação a essa ideia, tente pensar em quão suja era a vida de Judas para ele mesmo. Conforme o que pensamos anteriormente e agora, ninguém se associa ao nome de Judas atualmente, e também ninguém quer pôr o nome de seu filho de Judas, em virtude de tudo o que o nome carrega consigo, portanto, tente fazer o exercício de imaginar como era a vida de Judas para ele mesmo.

Se é impensável para nós nos associarmos a ele, imagine como era para ele estar associado a si mesmo 24 horas por dia sete dias por semana. Quão ruim e pesado deveria de ser o fardo existencial desse homem para que ele fosse a tal ponto ruim como ele foi, ao ponto de ser capaz de fazer as terríveis coisas que ele fez? O que será que aconteceu naquela que um dia tinha sido uma criança inocente para que se tornasse Judas? Quem será que foram os seus pais? Será que os pais dele o amaram? Será que ele teve irmãos? O que de ruim tem que acontecer na vida de uma pessoa para que ela se torne o personagem mais deplorável da história da humanidade? Nem os Satanistas idolatram Judas. Até mesmo a religião que opõem Deus e Jesus não tem como santo o homem que de fato traiu Jesus. Nem eles querem associar-se a este traidor.

Quem são as pessoas que você beijaria na face? Provavelmente aquelas por quem você tem algum carinho. Mesmo que fosse para ver o mal de seu pior inimigo, teria você coragem de beijá-lo na face para que esse mal fosse praticado contra ele? Eu não teria coragem de beijar na face uma pessoa que tivesse me feito qualquer mal e por quem eu alimentasse muito ódio. Mas Judas assim o fez segundo os relatos da Bíblia. Ele era um homem sutilmente brutal. Pense no seguinte. Quando alguém odeia outra pessoa geralmente essa pessoa arremete atos de violência contra a pessoa odiada. Os atos de ódio geralmente são impulsivos e violentos. Geralmente não são deliberados. Mas com Judas foi diferente. Ele usou um gesto que representa Amor para entregar à morte a pessoa que ele odiava. O quão sob controle seus sentimentos precisam estar para que você beije na face o seu inimigo! Pense na capacidade emocional de Judas. Judas era um homem extremamente racional. Ele queria entregar Jesus às autoridades. E ele escolheu um ato de Amor para entregar o seu inimigo. Pense no exato momento em que Jesus e Judas se olham nos olhos, sabendo ambos o que está acontecendo. Judas aproxima-se de Jesus e lhe desfere um golpe não de ódio, mas de Amor. Um beijo na face. Um beijo! O quão ruim há de uma pessoa ser para que tal ato seja levado a cabo?

Será que se eu estivesse na pele de Judas e tivesse passado por tudo o que ele passou eu teria me tornado a mesma coisa que ele se tornou? Será que existiu, existe ou existirá algum ser humano pior do que Judas? Ele foi quem ele foi em virtude de tudo o que aconteceu ou ele optou por ser quem ele foi? Será ele culpado? Sou eu quem eu quis ser ou sou eu apenas um produto de tudo o que aconteceu comigo em vida? Como seria conviver com Judas em nosso meio atualmente? E como seria a

minha vida se ele fosse o meu melhor amigo, assim como ele foi o melhor amigo de Jesus?

Quem foi você, Judas? O que quer será que se passava dentro de sua cabeça? O que você buscava alcançar com toda a sua maldade? Como será que Judas se sentiu percebendo que mesmo depois de tudo o que ele havia feito, Jesus não proferiu nenhuma palavra de ódio contra a sua pessoa? Será que essa foi a primeira vez em sua vida que Judas foi realmente amado? Porque, pense bem, a única forma de sabermos que somos realmente amados é quando não temos absolutamente nada a oferecer à outra parte e mesmo assim a outra pessoa ainda escolhe nos amar. Só saberemos o tamanho do Amor quando esse Amor sobrepuser nossas falhas. Judas não era necessariamente apenas uma pessoa ruim, Judas era acima de tudo uma pessoa com muitas cicatrizes da vida. Tudo o que Judas não conseguia demonstrar de sentimentos de afeto só pode ser pelo fato de nunca os ter recebido, ou por apenas ter sido educado na arte de alimentar sentimentos perversos. O tamanho da fraqueza de Judas serve também para revelar o tamanho da força de Jesus. Pois claro, para Jesus era muito fácil sair perdoadando os pecados dos outros, principalmente quando eram pecados que Jesus percebia serem irrelevantes, que apenas para aquela época retrógrada eram muito graves, mas principalmente, era fácil para Jesus perdoar pecados que não lhe atingiam diretamente, pois eram parte do problema da vida dos outros. No caso de Judas é diferente. Os erros de Judas foram gravíssimos e um deles, talvez o pior de todos, atingiu Jesus diretamente. Entretanto, Jesus mesmo assim não o condenou. Se Jesus o tivesse condenado, todas as teorias de Jesus cairiam por terra. Mas o mais incrível de tudo não é o que nós pensamos de Jesus quanto a tudo isso, mas sim o que Judas compreendeu naquele momento

fatídico. Judas era o único que conhecia o tamanho de sua dor e de seu passado, que com certeza deveria de ter sido muito duro, então somente Judas pôde de fato compreender o quão grande foi o Amor de Jesus por ele. Talvez aquele tenha sido não apenas o único momento em que Judas fora de fato amado, mas também amado com tamanha força.

Para Pedro que negou Jesus três vezes e foi perdoado, a dor de saber que tinha traído seu grande mestre talvez tenha se traduzido em uma dor no peito e uma vertente de lágrimas, mas para Judas que traiu seu mestre com um beijo e descobriu pela primeira vez o que era o Amor, qual seria o meio de liberação daquele tumulto de emoções outro gesto que não o suicídio? Como seria possível para esse pobre homem conviver consigo mesmo depois de ter descoberto o verdadeiro Amor, sabendo que foi ele a causa da morte daquele ser tão lindo? Antes de condenar Judas por seus atos, lembre que nem mesmo Jesus o fez. Jesus sabia desde o princípio quem Judas era, Jesus sabia durante a ceia que Judas o iria trair, isso está explícito na Bíblia, e não fez nada para impedi-lo. Quando Judas O traiu com um beijo e os soldados prenderam Jesus, quando seus discípulos tentaram impedir tudo isso com violência, lembre-se de que Jesus não fez nada para impedir. E tente entender o porquê. Esse foi o momento mais importante de toda a história da Bíblia. É esse momento que mostra toda a força moral e o poder sobre-humano de Jesus. Aqui Jesus não tinha como usar seus poderes de Deus, considerando que Ele os possuísse. Aqui ele não tinha como usar a ajuda de Seu pai, se é que isso era verdade. Nada do que os religiosos defendem da religiosidade e santidade de Jesus interessa neste momento. Durante esse momento trágico as únicas ferramentas que Jesus tinha a seu dispor eram Suas habilidades humanas, as mesmas

das quais nós dispomos, e que sabemos muito difíceis de serem usadas em momentos de estresse.

Jesus não impediu o ato traidor de Judas porque Ele sabia que precisava provar a seus discípulos e às gerações vindouras que as suas teorias não eram apenas da boca para fora. Ao permitir que Judas o traísse com um beijo Jesus estava vivendo na pele o que pregou no sermão da montanha, se alguém lhe ferir a face, ofereça o outro lado. Judas fez muito pior do que isso, ele usou um gesto de Amor para trair seu mestre. Jesus sabe o poder de um gesto de Amor, Jesus sabe a dor que é um ato de violência cometido contra nossa carne, mas usar um gesto de Amor para cometer um ato de violência é algo que nem mesmo Jesus pensou pudesse ser usado. Judas foi um canalha engenhoso nesse momento no sentido mais cruel da palavra. E Jesus, o homem mais incrível que já existiu.

Judas, por tudo isso, foi absolutamente um homem de extrema coragem. Tenhamos em conta esse fato importantíssimo. Judas não era acima de tudo um homem covarde. Judas era acima de tudo um homem de personalidade extremamente íntegra. Ela era ruim, e não tentava de forma alguma esconder isso e não se envergonhava de seus atos, e principalmente, tinha coragem acima da média de levar a cabo até mesmo o ato mais cruel e doloroso possível de se imaginar. Pois compreendamos. Geralmente um ato de traição é cometido de forma sorrateira, pelas costas e com um senso de extrema vergonha por parte de quem o comete. Veja que Judas não apenas trai seu mestre, mas acima de tudo, assume plenamente a responsabilidade por seu ato. Ele beija seu mestre como um gesto de total responsabilidade pela crueldade que assumia e conscientemente cometia. E quando percebe o erro e o

Amor que Jesus de fato nutria por ele apesar de tudo, não titubeou por um segundo em cometer mais um ato de extrema coragem: suicidou-se.

Judas era explícito em seus atos. Ele não titubeava naquilo que fazia. Ele era parte importante do séquito de discípulos de Jesus. Todos os discípulos de Jesus apresentavam medo diante de qualquer situação. No momento derradeiro que levou à condenação de Jesus, seus discípulos ou fugiram ou se acovardaram. Nenhum deles foi tomar uma atitude de genuína coragem até que Jesus ressuscitou e voltou a aparecer a eles. Somente com a confirmação do poder de Jesus foi que eles passaram a agir com intrepidez. Judas era intrépido muito antes de qualquer coisa. Em primeiro lugar era preciso ser corajoso pelo simples fato de seguir Jesus, que não era uma personalidade comum para aquela época e que provocava as mais diversas reações nos mais variados grupos sociais, então nesse tocante, mérito a todos os discípulos. Entretanto, imagine-se você como seguidor de Jesus. Era óbvio que você iria querer angariar a aprovação do seu mestre. Contudo, todos aqueles homens que seguiam Jesus eram da mais humilde estirpe e das mais variadas falhas de personalidade. Então, com isso, das duas uma, ou esses discípulos esconderiam ao máximo suas mazelas ou não se importariam com a opinião de Jesus e suas reprimendas, e exporiam quem realmente eram desde o princípio. Ora, assim me parece que o único íntegro e destemido o suficiente para enfrentar a autoridade e as reprimendas de Jesus tenha sido o próprio Judas. Foi Judas quem repreendeu a atitude de Maria que lavou os pés de Jesus com um perfume muito caro, e foi o mesmo Judas repreendido em contrapartida por Jesus. Judas era destemido desde sempre. Ele foi tão imperfeito quanto qualquer um dos discípulos de Jesus. No entanto,

ele era o único inteiramente transparente em atos diante de Jesus e de todos os outros apóstolos.

Judas era também o único que conhecia a si mesmo. Ele sabia que ele era um traidor, e não tentava se convencer do contrário. Enquanto que Pedro acreditava que iria defender Jesus até a morte, foi ele mesmo desmascarado por Jesus que disse que ele iria negá-lo três vezes antes que o galo cantasse, e assim o fez de fato. Judas por outro lado não titubeou em agir erroneamente quando informado por Jesus que ele seria o traidor quando recebeu o pedaço de pão molhado. Jesus conhecia muito bem cada um de seus discípulos. Jesus sabia quem eram os covardes que o negariam no momento mais difícil, bem como sabia quem eram os corajosos que não negariam sua índole nos minutos derradeiros no início de sua jornada mais difícil.

Judas aceitou a veste da traição. Judas não tentou defender-se quando Jesus lhe indicou como o traidor como fez Pedro, que afirmou a Jesus que jamais o negaria. Judas não claudicou em seus gestos. Ele prontamente levantou-se e foi em direção ao seu destino. Judas traiu Jesus com um beijo e depois se matou. Ações terríveis, sim, mas ao mesmo tempo ações que revelam sua intrepidez.

Quantos de nós tantas vezes tentamos nos esconder por trás de uma aparência que não é a nossa verdadeira personalidade? Como gostamos de ser admirados pelas pessoas. Buscamos a aprovação. Especialmente nos veículos das mídias sociais. Aos olhos do mundo somos seres humanos lindos e sorridentes. Temos *glamour* e não vivemos sofrimentos. Quantos de nós têm a coragem de mostrar quem realmente somos sem medo das reprimendas sociais? O mundo de hoje, apesar de muito mais evoluído tecnologicamente, ainda é muito parecido com aquele de dois mil anos atrás. As pessoas ainda julgam umas às outras. E mais comumente do que nunca este julgamento

é duríssimo. Cheio de ódio muitas vezes. Experimente revelar seus pensamentos que conflitam com a norma socialmente aceita e veja se conseguirá aguentar o peso do ódio das reprimendas sociais.

Todos nós seres humanos temos defeitos. Todos cometemos erros crassos. Entretanto, da mesma forma todos, com raras exceções, julgamos e condenamos uns aos outros como se tivéssemos a obrigação de sermos perfeitos. Na época de Judas era a mesma situação. Jesus foi condenado e morto pelo simples fato de expor suas opiniões. Judas é julgado e condenado ao inferno ainda hoje por todos aqueles que se denominam cristãos, e todos nós independentemente de termos uma religião ou não, também julgamos e condenamos outros seres humanos ao inferno. Julgamos o que os outros fazem e os condenamos. Definimos o certo e o errado, o que é aceito e o que é repudiado sem nenhuma consideração. Falamos de outros seres humanos, por pior que possam ser, como se eles tivessem a obrigação de serem perfeitos.

Claro que temos de evoluir e melhorar nossos atos. Claro que precisamos educar outras pessoas. Isso sim, sem dúvida, é inquestionável. Contudo, o que acontece em nossa sociedade é que facilmente criticamos a atitude de outras pessoas. Por vezes mesmo atitudes muito banais, pois nos consideramos donos da verdade e da melhor forma de conduta. Temos a síndrome do perfeccionismo que vale para os outros. Queremos impor uma forma de vida que se encaixe ao padrão que nós consideramos correto, sem levar em conta as diferenças entre as pessoas. A natureza e a existência são marcadas por um fato muito claro: tudo é diferente e nada é igual. Por mais parecido que duas coisas possam ser, elas ainda assim são diferentes de alguma forma. Autoincutimo-nos o fardo pesadíssimo do julgamento alheio como se fôssemos nós exemplos

imaculados de índole. Não fomos criados para julgar, mas para apreciar. Entretanto, esquecemos de apreciar, ato esse que é muito mais leve e de fácil prática, e nos intitulamos possuidores da capacidade difícilíssima de tentar julgar os atos dos outros. Não precisamos julgar ninguém. Se outra pessoa comete algum ato ilícito não nos cabe julgar esse ato. Não nos foi jamais imposta essa responsabilidade. E o mesmo direito que não nos foi outorgado também não é conferido às outras pessoas. Veja quão perfeita é essa construção social. Não devemos julgar ninguém, logo, também não podemos ser julgados por ninguém.

Jesus não julgou nem condenou nenhum ser humano que cruzou seu caminho. Entretanto, quantas pessoas são julgadas e condenadas por nós mesmos? E pense em quão distante estamos em atos morais se comparados com o mestre Jesus. Ele não julgou, logo, não temos o direito de julgar, ninguém foi condenado por ele, logo, também não podemos ser condenados por ninguém.

É claro que não estou me referido a ações de ordem prática. Estou apenas me referindo a ações de ordem moral. Ser roubado é uma experiência pela qual ninguém quer passar, então, se alguém roubar, deve ser punido ou forçado a restituir o mal que fez a outrem. Isso não é em si julgar, apenas estabelecer uma norma de bom convívio social que requer respeito, logo, quem desrespeita essa norma deve pagar, sem qualquer julgamento. Estamos, entretanto, aqui nos referindo àquele julgamento de ações que fazem bem ou mal ao indivíduo apenas. Por exemplo, se alguém quer ser um mulherengo alcoólatra isso é uma ação que afeta o indivíduo, e se alguém aceitar fazer parte das ações deste indivíduo é por opção própria e sem imposição de outros. Cada um tem o direito de fazer aquilo que lhe convier com sua própria vida e ninguém poderá julgá-lo ou condená-lo por isso, desde que suas ações não

gerem mal a outrem. E da mesma forma ninguém terá o direito de julgar-me por minhas próprias escolhas e atos.

Isso tudo acontece porque é fácil avaliar e julgar os atos das outras pessoas. É muito mais fácil fazer isso do que julgar nossos próprios atos. É penoso para qualquer ser humano olhar para si mesmo e dizer de si mesmo que é um traidor, um alcoólatra, um pervertido, um mentiroso, um fracassado. Entretanto, despejar esse mesmo caminhão de adjetivos sobre outras pessoas é um prazer de difícil interpretação, mas de fácil prática.

Jesus não julgou nem condenou nenhum de seus discípulos. Jesus sabia que estava lidando com meros seres humanos. E o que esperar de seres humanos desamparados, como somos todos nós ao final das contas, algo além de falhas? Quanto maior as falhas de uma pessoa maiores foram os percalços que a vida lhe atribuiu. O maior ensinamento de Jesus aos seus discípulos foi dar-lhes a capacidade de olhar para suas próprias falhas. Pedro se arrependeu amargamente de ter negado Jesus e chorou copiosamente (assim diz a Bíblia). Judas da mesma forma também se arrependeu e suicidou-se em uma tentativa desesperada de livrar-se de seus erros. É nesse ponto que fica óbvio a invenção dos homens da imagem de Deus. O Deus criado pelos homens é vingativo, pois todo ser humano é vingativo. Mas o Deus que de fato criou os homens não deve ter interesse nenhum em destruir aquilo que Ele mesmo criou.

Jesus veio para nos trazer a mensagem da autoanálise. Não importa o que os outros fazem ou como vivem. Não poderei fazer nada por eles nem os salvar ou condená-los. Entretanto, posso fazer uma autoanálise de meus próprios atos e então tomar uma atitude a respeito deles. Provavelmente não precisemos chegar à mesma

conclusão de Judas, de que para nos redimir de nossos pecados, ou erros, precisamos acabar com esta vida. Judas foi mais duro consigo próprio do que Jesus mesmo teria sido. É natural que quando desenvolvemos a capacidade de analisar nossos próprios erros queiramos compensá-los de alguma forma que nos dê paz de espírito para continuarmos vivendo de uma forma que nos deixe tranquilos conosco mesmos. Algumas vezes corrigir uma falha leva tempo. Foi talvez por isso que Judas se matou. Ele percebeu que não havia maneira de reverter tudo o que havia feito. Ele foi um dos principais responsáveis (apesar de não ter sido o único) pela morte de Jesus. Então deve ter raciocinado que a única forma de pagar uma vida seria dando outra vida em troca, nesse caso a sua própria, pois era a única de que de fato dispunha.

Contudo, aqui abrimos a oportunidade para outra observação. Sendo Deus quem se estima que seja, acho muito improvável que ele precise de qualquer coisa que possamos oferecer a ele. Pelo que observamos, fomos criados para apreciar tudo o que existe e não julgar. Mas como nos desviamos desse propósito tão simples é natural que precisemos voltar ao estado primordial de tentar remediar nossos atos errôneos com algum tipo de ação conciliadora. É fato sim que as pessoas irão nos julgar e dependendo do nosso ato nos impor algum tipo de castigo, o que sim deve ser cumprido com naturalidade. Mas além do julgamento e condenação humana, não existe nenhuma forma de condenação divina. Perceba que mesmo se Judas tivesse se arrependido e não cometido o suicídio, não haveria nenhuma punição divina sobre ele, assim como não houve sobre Pilatos, Herodes Antipas, Caifás, os judeus que condenaram Jesus ou os soldados que o alvejaram. Provavelmente Judas pudesse ser morto por outras pessoas que amavam Jesus e quisessem

condená-lo por seus atos. Mas Deus por si só permitiria que Judas vivesse. Entretanto, nossa consciência pode ser uma carrasca tão cruel quanto qualquer outra pessoa, seja no ato de julgar os outros ou no ato de julgar e condenar a nós mesmos. Nesse caso, Judas foi extremamente cruel em sua condenação de si mesmo.

Com tudo isso é apenas possível de imaginar o turbilhão que era a mente de Judas. Deveria de ter sido muito difícil de ser Judas. Algumas vidas são mais prazerosas de se viver do que outras. Algumas vidas são naturalmente mais abençoadas e fáceis de se viver do que outras. Algumas pessoas são desafortunadas desde a infância e são forçadas a viverem uma vida muito difícil. Em alguns casos é muito difícil conviver com algumas pessoas de personalidade complexa. Mas acredito que não haja forma mais difícil de se viver do que aquela de quem há de conviver consigo próprio em uma personalidade difícil. Se alguém já teve a infelicidade de conviver com uma pessoa que sofre de bipolaridade sabe da dificuldade que é aturar as variações de humor de tal pessoa. Agora imagine-se sendo a pessoa com tal doença. O quão difícil deve ser para ele próprio conviver com suas próprias variações de humor. Para quem convive com alguém com dificuldades de personalidade há a possibilidade de afastar-se de tal pessoa, mas para a própria pessoa com a doença não há a possibilidade de esconder-se de si mesmo. Para as pessoas que conviveram com Judas, ou até mesmo para nós, é muito fácil criticá-lo, agora para ele mesmo deve ter sido muito difícil conviver consigo mesmo, ainda mais depois de ter-se dado conta dos erros que cometeu. Como poderia ele ter convivido consigo próprio depois de ter entregado a pessoa que mais lhe amou à morte cruel pela qual Jesus foi condenado? Não fosse a condenação dos outros ou sua própria, ele poderia ter vivido livre de

qualquer condenação. A única coisa que importa quando percebemos nossos erros é decidir mudar. Não há por que tentar compensar nossos erros com ações boas, pois não há nada que possamos fazer que compense nossos erros, pelo menos não para “Deus”. E esse “Deus” com certeza não mostra nenhum indício de ultraje diante de nossos erros mais crassos.

Resumindo o parágrafo anterior, depois de óbvia digressão, não há nada que possamos oferecer a Deus ou a Jesus. Se eles existem, e se não foram uma criação da nossa imaginação, então eles não estão sujeitos a nossas características de personalidade que buscam sempre a punição, vingança e compensação. Eles são seres perfeitos, cheios de Amor. Só cabe neles o perdão. E o que seria para eles um ato nosso de tentativa de remissão de pecados? Nada. Para eles, nada! Eles não precisam de nós seres humanos. Eles não nos condenarão por nada. Por que o fariam? O que ganhariam com isso? Isso só provaria que estão no mesmo nível que nós. Uma lógica de tal forma limitada só provaria que eles não existem e que foram criados por nós. Se Deus e Jesus existem eles hão de ser puro Amor e perdão.

Mas falar das ações de Judas, dos outros seres humanos, e até mesmo desse famoso desconhecido Deus de todos os seres humanos é tão fácil se comparado com a dificuldade de falar de mim mesmo.

Mas o que eu teria para falar de mim mesmo que valesse a pena? Haveria algo que seria passível do julgamento e do apedrejamento das pessoas? Será que eu cometi alguma ação que possa ser considerada digna da condenação ou pelo menos depreciação por parte dos outros seres humanos? A verdade é que tenho sim. Fiz coisas não das quais me arrependo necessariamente, mas das quais tenho muito receio de falar para qualquer

peessoa, mesmo as mais próximas. Tem coisas que eu fiz das quais nunca falei para ninguém, por receio de como seria visto aos olhos das pessoas. Existem algumas coisas que fiz que já ensaiei contar a alguns amigos mais próximos, mas na hora derradeira titubeei e acabei não falando nada. Guardo segredos dentro de mim que talvez jamais conte. Ou quem sabe, quando já avançado em idade, lance um livro de memórias das coisas das quais me envergonhei de contar em vida. Tenho certeza de que se contasse, especialmente aos meus amigos, das coisas que fiz, eles ficariam chocados. Talvez não acreditassem. Vontade eu tenho de escrever tais coisas aqui e agora, mas não tenho a coragem de Judas. Quem sabe um dia, quando eu já estiver velho e o peso das críticas já não sejam um fardo que eu terei que carregar por muito tempo, então eu ganhe de fato a coragem para expressar o que guardo escondido na memória. Você se surpreende com esse meio jeito de falar? Não teria você também segredos guardados que nunca revelou?

Quando eu pensei em escrever este capítulo, a minha intenção era falar dos meus defeitos e dividir com as pessoas minhas falhas da mesma forma que Judas expôs suas próprias. Contudo, no decorrer dos dias e das ideias aqui registradas, fui me dando conta de que este capítulo seria muito mais sobre tentar entender quem Judas foi, e quem nós somos de forma geral, como seres humanos. Foi ficando cada vez mais difícil falar das minhas próprias falhas à medida que o momento de as colocar no papel chegava. Então me dei conta de que valorizo muito o que os outros pensam de mim, apesar de saber dos meus defeitos e erros, e apesar de saber que na verdade todo mundo é assim: cheios de defeitos e erros. Eu não deveria me importar com o que os outros vão pensar da minha vida, pois com certeza também guardam dentro

de si coisas das quais se envergonham de ter feito ou que julgam pesadas demais para serem compartilhadas com outras pessoas. Eu sei que é assim, pois em minha vida percebi que algumas pessoas têm muita facilidade de vir até mim e falar de seus problemas e mazelas, sem medo de que talvez eu pudesse falar desses problemas para outras pessoas. E elas sempre estiveram certas, pois eu nunca, em hipótese alguma, dividi com outras pessoas o que esses amigos compartilharam em segredo comigo. Entretanto, como o título deste capítulo é “Eu sou Judas”, então hoje eu vou quebrar esse silêncio e trair a amizade de todos esses amigos que comigo compartilharam seus segredos, e revelá-los a quem quiser lê-los, com o único cuidado de respeitar o anonimato de seus nomes. Afinal de contas, Judas foi acima de tudo um traidor, então eu seguirei seus passos, e na falta de coragem de falar de minhas próprias vergonhas, trairei a confiança de meus amigos próximos e falarei das vergonhas que eles dividiram comigo em segredo.

Um deles certa feita me revelou ter tido uma compulsão por roubar quando criança. Quando esse amigo me falou sobre isso já tinha provavelmente vinte e cinco anos. Eu estava com a mesma idade da pessoa na época em que me falou sobre isso, e hoje estou com trinta, então mesmo com o tempo que passou, isso ficou marcado em minha memória, pois aquilo para mim não parecia nem um pouco grave. Entretanto, para a pessoa aquilo parecia algo muito pesado de ser lembrado. Disse ele que aquilo ainda o incomodava. A lembrança de um erro que o acompanhou apenas durante a infância. Perguntei se ele ainda praticava atos de furto, e ele me disse que não, que atualmente não conseguia sequer roubar cinco centavos. Então perguntei como conseguiu se curar de tal falha. Ele respondeu que a cura foi mais simples do que pareceria possível para

alguém que tinha uma compulsão por roubar que era muito forte para ser controlada. Mas que simplesmente um dia decidiu que aquilo não podia continuar daquela forma, que era algo muito errado e que simplesmente assim, com a força da decisão, estava curado do impulso pelo roubo. Mais uma vez, aquilo para mim parecia muito pequeno, mas considerando a forma pesada com que foi colocada, tinha um impacto muito sério na vida dessa pessoa. Talvez esse impacto se devesse muito mais pelo fato de se imaginar o que poderia ter acontecido com essa pessoa na vida adulta se tal instinto não tivesse sido refreado ainda quando jovem. E pelo que percebi, não cheguei a perguntar, apenas deduzi, ele nunca precisou furtar nada por necessidade financeira. Apenas o fazia por mera compulsão. Mas o que pensar daqueles que roubam por compulsão e não conseguem parar como fez meu amigo ou daqueles que o fazem por necessidade? De qualquer forma, um erro que para mim parecia muito banal, para o meu amigo era quase inenarrável. Às vezes o julgamento que fazemos de nossos próprios erros é muito mais pesado do que aquele que os outros fazem de nós mesmos. Para mim essa história era apenas divertida, enquanto que meu amigo não conseguiu conter algumas lágrimas enquanto contava o fato. Acredito que eram lágrimas mais de vitória do que de vergonha.

Este próximo relato para mim é o mais surpreendente de todos, porque na verdade era algo que eu já sabia da pessoa. Aliás, todos que o conhecem já sabiam. Mas a mente humana às vezes é tão incrível que ela prega peças na própria pessoa. Acredito que muitos criminosos nem devam considerar a si mesmos criminosos. Talvez se considerem inocentes, mesmo tendo cometido crimes hediondos muitas vezes. Enfim, essa pessoa me disse que tinha compulsão por mentir. Acontece que eu nunca

acreditava nas coisas que essa pessoa me falava. Eu mesmo sempre gostei de brincar de inventar histórias para os meus amigos, e era capaz de levar uma mentirinha adiante por anos sem nunca revelar a mentira, então eu de certa forma sempre fui capaz de identificar uma mentira quando outros tentavam fazer o mesmo comigo. Mas acontece que essa pessoa exagerava tanto e com coisas por vezes sérias demais para sequer brincar a respeito. Essa pessoa mentia tanto e isso era a tal ponto perceptível que eu até procurava manter uma certa distância dela. O que me surpreendeu primeiramente foi o fato de ela me procurar para falar a respeito, pois eu não era próximo dela, o que de novo reforça a certeza que tenho de que as pessoas confiam em mim para falar de seus segredos. E o outro ponto que me surpreendeu foi o de ela me dizer que simplesmente sentia muita compulsão por mentir. Era algo do qual ela sentia muito prazer. Simplesmente gostava de mentir. Foi um pouco assustador quando ela me disse que era capaz de mentir olhando nos olhos de uma pessoa enquanto falava algo que estava inventando, e que o ponto crítico havia sido quando disse nos olhos do namorado que o amava, sabendo que o namorado era louco por ela, mesmo sem sentir absolutamente nada por ele, inclusive tendo relações com outros homens. Disse que sentia um certo prazer ao fazer isso, e como se tivesse algum poder manipulativo sobre as pessoas, e a certeza de poder brincar com os sentimentos dos outros sem correr o risco de se machucar. Apesar de não ser psicólogo, arrisquei o palpite de que ela provavelmente era muito insegura e tinha medo de revelar seus sentimentos por medo de se machucar. Quando eu falei isso ela desabou a chorar. Foi então que percebi que às vezes uma falha visível nada mais é do que um disfarce para uma falha ou dor ainda maior que está escondida mais profundamente.

Depois disso ela ainda me disse que nunca teve uma relação de confiança de Amor com os pais e que isso a fez desenvolver-se como um ser humano vulnerável e fechado, incapaz de demonstrar afeto verdadeiro, capaz apenas de mentir e fingir ser uma pessoa forte e independente. Recomendei a ela que procurasse uma ajuda profissional, apesar de estar à total disposição para ouvir sempre que precisasse. Duas semanas depois ela se matou. Mas antes de se matar ela me ligou para me dizer que eu tinha sido a única pessoa em que ela tinha conseguido confiar e se abrir completamente. Eu nunca imaginei que logo depois ela fosse fazer isso. E também nunca consegui imaginar o quão profundo eram as dores que ela deveria de estar sentindo e que não conseguia expressar e escondia por meio de suas mentiras.

O terceiro relato, ele, nesse caso, um rapaz, revelou-me que já tinha dormido com outro rapaz. Ou melhor, que já tinha transado com outro homem. Entretanto, ele me disse que isso só tinha acontecido uma vez, que não havia se repetido e que se considerava heterossexual, apesar da experiência que teve. Minha primeira reação foi simplesmente dizer que não havia problema nenhum nesse episódio, e que de fato não há, apesar de sim entender que para a sociedade em geral isso não seja assim tão simples. Ele enfatizou o fato de não se considerar homossexual, de que aquele havia sido um caso isolado, que aconteceu com seu melhor amigo, e que este sim se identificava como homossexual assumido. Ele me disse que não tem nada contra homossexuais, mas que simplesmente não era um, e que apesar de ter tido uma experiência homossexual, não se considerava um, e que a experiência somente serviu para reforçar sua opção por mulheres. Eu voltei a reforçar minha opinião de que isso não tinha sido nenhum problema, mas sugeri que ele não falasse a respeito disso

com mais ninguém além de mim, porque a sociedade de forma geral não está preparada para aceitar coisas desse tipo com naturalidade e que provavelmente acabariam espalhando esse segredo e fazendo um julgamento da sua vida privada de forma muito superficial e das mais maldosas possíveis. Ele pareceu ter concordado comigo.

Entretanto, depois de ele ter desabafado esse fato comigo, tentei me colocar na situação dele. Ou melhor, perguntei a mim mesmo se eu não seria gay? Procurei fazer esse exercício de imaginação para tentar compreender o que acontece com homossexuais em uma sociedade machista e homofóbica. Afinal de contas, esse é um tópico que permeia nossa sociedade atual, e parece ser um assunto que incomoda muitas pessoas, e traz estigma para tantas outras.

Em primeiro lugar, eu não vejo problema algum em qualquer tipo de opção sexual das pessoas. Não há nada de errado em que opção sexual as pessoas optam em viver, ou com a qual se identifiquem. Entretanto, o preconceito existe. Em segundo lugar, sempre me considerei um homem que gosta de mulheres, mas tentei me colocar no lugar de quem opta por uma vida sexual ou de gênero diferente do considerado padrão. Não sei se a minha decisão em uma situação real seria de fato essa, mas acredito que eu não me importaria com a opinião dos outros e iria viver de forma natural a minha opção. Mas acredito que assim como não saio por aí falando que sou heterossexual, provavelmente da mesma forma não sairia por aí falando que sou homossexual, bissexual ou outra opção hipotética. Acredito que eu simplesmente viveria isso de forma pessoal, não escondendo, pois não escondo ser hétero, mas sem alardes, pois também não alardeio minha vida sexual aos outros. E dando continuidade nesse pensamento, sou da opinião de que de fato nossa opção

sexual não é motivo de rotulação existencial. Ninguém deveria ser visto socialmente por ser desse sexo ou daquele, ou gênero ou coisa do tipo. Acredito que cada ser humano é uma amálgama de tantas coisas em um único ser, que é impossível chegar a uma rotulação assim como se faz com uma cerveja, por exemplo. Jamais se deve fazer isso com um ser humano. Além disso, acredito que no futuro cada ser humano será ainda mais complexo do que atualmente vivemos, e que tais rotulações serão ainda mais absurdas do que me soam hoje em dia, e de que teremos um trabalho muito difícil de autoeducação para aceitar as diferenças que hão de vir, mas mais importante do que tudo isso, teremos de nos reeducar para aceitarmos as transformações pelas quais nós mesmos iremos passar em nossa própria identidade.

E ao pensar sobre esse tópico de repente me dei conta de algo ainda mais importante: nossa alma não tem sexo. O que tem sexo e o que opta por uma forma de vida sexual é a expressão física de quem somos, e não nossa essência. Se perguntarem a mim enquanto corpo o que eu sou, digo ser heterossexual, mas se eu pergunto a mim mesmo o que sou em termos de alma, não tenho como responder de forma carnal a respeito de algo que não se manifesta no mundo físico. Eu nunca cheguei a falar sobre isso com o meu amigo, pois hoje em dia ele finalmente assumiu sua opção de vida sexual: ele tem um namorado e parece ser muito feliz.

O último caso que vou compartilhar com você é talvez um dos mais comuns. Até porque apesar de falar de uma pessoa em específico, já ouvi a respeito desse problema de mais de uma pessoa. Aliás, de muitas. É o caso da depressão. Essa pessoa havia me procurado algumas vezes para desabafar, pois sofria de depressão. Ele estava indo a um psiquiatra segundo me disse já há algum tempo.

Então, logo deduzi que essa pessoa estava tomando algum tipo de medicamento. Depois vim a confirmar que sim, ele tomava medicamentos, mas que como acontece com muitas pessoas nessa mesma situação, ele parava de tomar o medicamento ou tomava menos do que era receitado sempre que ele se sentia bem. E isso fazia com que as crises de depressão sempre voltassem. Também é sabido que pessoas nessas condições geralmente têm pensamentos suicidas. A vida para essas pessoas perde completamente o sentido, sabor, graça. Mas até então esse meu amigo próximo nunca tinha falado em suicídio, apenas demonstrava variações de humor perceptíveis, ora estando muito alegre, ora estando muito triste, e sempre me falava de suas crises de tristeza prolongadas, crises de choro, e às vezes síndrome do pânico, problema que também em alguns casos acompanha pessoas que sofrem de depressão. Aliás, pessoas que sofrem de depressão normalmente têm uma gama de outras alterações psicológicas com as quais é difícil lidar e compreender.

O curioso disso é que para pessoas de fora, a depressão pode ser imperceptível. Esse meu amigo, antes de vir falar comigo sobre o seu problema, dificilmente teria deixado transparecer qualquer indício do seu problema. Na verdade, isso acontece com muitas pessoas diagnosticadas com depressão. Aos olhos de todo mundo essas pessoas parecem estar bem, enquanto que por dentro elas choram e sofrem em silêncio.

Até que um dia ele veio conversar comigo para dizer que tinha pensado e quase agido em cima desse pensamento, em se matar. Havia inclusive escrito uma carta de despedida, tão grande era a certeza de que iria cometer tal ato. Apesar de ele não ter levado a cabo de forma definitiva tal plano, eu podia ver em seus olhos de que uma parte de sua vida tinha sim de fato ficado para

trás. Ele parecia muito apático. Além do mais, ele não se conteve e começou a chorar. Mas pude perceber que era um choro muito sofrido, que quase não saia, pois era como se ele já tivesse chorado tanto que agora chorar era uma ação que exigia um esforço extra, apesar da facilidade em estar naquele estado. É difícil de explicar o que acontecia com aquela pessoa na minha frente. Tomei coragem e perguntei a ele como ele pensou em se matar? Ele me respondeu que a forma mais prática teria sido dando um tiro em sua própria cabeça, mas que não possuía uma arma para agir de tal forma. Também poderia se pendurar em uma corda, mas tinha medo do sofrimento antes da morte, e isso também gerava vários transtornos práticos para levar a cabo tal ação. Outra forma bastante plausível teria sido pular de algum lugar muito alto, de preferência algum lugar onde o corpo não fosse encontrado com facilidade, ou nem mesmo encontrado. Mas, por fim, a melhor forma seria mesmo tomando todos os remédios de tarja preta que possuía em casa. Arrependi-me de ter perguntado isso, não em virtude de tudo o que ouvi, mas pela forma fria e calculada como aquilo foi explicado, como se aquele fosse um pensamento muito simples e corriqueiro. Pareceu-me claramente vir de alguém que de fato já havia pensado nisso há muito tempo e muitas vezes repetidas. Para mim era a primeira vez que ouvia algo assim, então doeu mais, pois eu não estava habituado àquelas ideias.

Mas ele me disse que acabou desistindo da ideia mais uma vez depois que escreveu a tal fatídica carta de despedida. Ao mesmo tempo em que eu fiquei aliviado em ouvir aquilo, no mesmo instante fiquei preocupado, pois assim como não pude prever que aquilo poderia ter acontecido, da mesma forma não tinha como prever quando aconteceria novamente, caso acontecesse. E o complicado

nesses casos, a experiência já havia me ensinado, é que quando uma pessoa de fato decide tirar a própria vida, só ficamos sabendo para tentar ajudar quando já pode ser muito tarde. A pessoa que conta que pensou em tirar a vida ainda é alguém que acredita que existe motivo para viver, e está pedindo ajuda. A pessoa que de fato decide cometer suicídio já abandonou qualquer esperança e comete o ato em um gesto silencioso.

O difícil nesse momento foi encontrar palavras que pudessem ajudar o meu amigo. Afinal de contas, o que eu posso dizer para alguém que dificilmente acreditará em meus motivos para viver? Uma pessoa que está pensando em suicídio é alguém que já pesou todas as possibilidades de justificativa para a vida ou para a morte, ainda mais no caso dele que já estava em tratamento médico profissional. O que mais eu poderia dizer que poderia de alguma forma ser mais relevante que as palavras e os medicamentos de um profissional da área? Além disso, o depressivo também está destituído de energia para buscar qualquer outra coisa que exija um mínimo de esforço. Contudo, por algum motivo acabei comentando sobre a ideia da meditação e o quão bem isso havia feito na minha vida. Eu sei que se você é médico ou já passou por depressão estiver lendo isso vai achar muito banal essa ideia, mas eu realmente estava em uma situação em que eu não sabia o que dizer, e eu não queria parecer superficial, entretanto, eu sabia que não podia simplesmente ouvir a um amigo dizendo que queria se matar e simplesmente não tentar dizer nada de relevante.

Eu sei que meditação não é receita médica para os problemas de ninguém, ainda mais pessoas com depressão, mas meu amigo acabou comprando aquela ideia e passou a praticar quase todos os dias. Provavelmente muito mais por ter continuado seu

tratamento médico do que por causa da meditação hoje ele parece estar muito melhor.

Enfim, a vida é cheia de percalços para todos nós, mas para alguns inevitavelmente a vida acaba sendo mais dura. Eu sei que este capítulo pode parecer estranho ao ler, e até mesmo confuso, e acredito justamente que ele deva ser assim por se tratar na verdade de algo tão complexo: nós enquanto seres humanos.

Depois de tanto tempo passado desse personagem histórico chamado Judas ter vivido, sinto que ainda somos débeis em entender as dores e a vida dos outros e a nossa mesma. Bem como ainda continuamos julgando e condenando Judas, e todos os seres humanos à nossa volta, sendo que ele mesmo já deu cabo de sua própria condenação. Contudo, o que dói mesmo, e por isso tentei trazer os relatos que abordei, é saber que nós mesmos acabamos assim como Judas nos condenando por erros, ou muitas vezes nem erros, mas simplesmente situações de vidas que outras pessoas consideram erradas, e que acabam sendo fardos muito pesados de carregar. Eu mesmo não tive coragem de falar dos meus próprios erros, fui covarde, admito, preferi expor a dor de meus amigos para tentar ilustrar o que penso, e para tentar dizer que é normal ter falhas, que não existe um Deus que irá nos condenar por qualquer coisa. Agora, pessoas que irão nos condenar, essas existem sim, e aos montes. Contudo, muitas vezes nós mesmos também nos condenamos, e às vezes de forma muito mais brutal do que qualquer outra pessoa.

Jesus não condenou Judas. É claro que alguns erros que cometemos fazem mal às pessoas. O mal que fazemos a outras pessoas é repudiável. Mas o mal que cometemos a nós mesmos não é passível de condenação. É passível de aprendizado sim, e de correção de rota.

Esse era talvez o intuito por trás deste capítulo. Mostrar o Judas humano que pouco foi explorado. Revelar o Judas que vive dentro de mim mesmo. E também buscar pelo Judas que vive dentro de cada um de nós. Aquele Judas escondido, que se disfarça de boas aparências. Aquele Judas que odeia em secreto e que comete o suicídio daquilo que é bom sobre nossa própria essência. E para lembrar que antes de apontarmos o dedo para o erro de nossos convivas devemos primeiro nos lembrar dos erros que residem dentro de nós mesmos, não com o intuito condenatório que permeia nossa sociedade, mas com a coragem de Judas que expôs seus erros e aceitou conviver com eles e arcar com as consequências de uma vida sincera que pode as vezes se tornar muito difícil quando vivida em sua totalidade.

E que, afinal de contas, possamos todos nós, especialmente eu mesmo, admitir que, um pouco mais ou um pouco menos, eu sou Judas.

Capítulo XXII — Quem andar^á com os exclu^ídos?

Quem andar^á com os exclu^ídos? Quem andar^á com as prostitutas, enfermos, loucos, ladr^ões, pol^íticos corruptos e mentirosos? N^ão me refiro ao andar no sentido de fazer parte de um deles ou de apoiar suas a^ções. Refiro-me a andar no sentido de n^ão julgar. Refiro-me ao sentido de humanizar todas as pessoas. Lanço essa pergunta n^ão aos outros, como forma de provoca^ção, mas a mim mesmo, como forma de autoan^álise de meu comportamento. Sinto que das li^ções ensinadas pelos grandes mestres que passaram pela Terra, o que h^á de mais importante n^ão foi por mim aprendido. Gostei de viver tudo o que fazia de mim um ser mais respeitado e admirado pelos meus pares, mas fui muito lento, ou praticamente estagnado, em colocar em pr^ática as ideias mais dif^íceis e genu^ínas.

Gostei de me sentir um fil^ósolofo que pensa e fala bonito. Senti-me bem ao me considerar um homem religioso que est^á salvo do pecado e que um dia ir^á para o para^íso. Entretanto, envergonhei-me ao descobrir que tudo isso n^ão passava de v^ãa autoafirma^ção. Essa era uma m^ásacara que escondia muito bem todas as minhas fraquezas e todos os meus defeitos. Achei que isso me fazia melhor do que os outros. Passei a acreditar possuir o direito de julgar outras pessoas. ^É muito f^ácil abra^çar essa parte da religi^ão. Confesso que ^é muito f^ácil abra^çar a parte da religi^ão que acredita cegamente na exist^ência de Deus, e que n^ão precisa de provas ou de argumentos. ^É

fácil abraçar uma nomenclatura religiosa e a partir disso distribuir julgamentos do que é certo e do que é errado. É muito fácil a partir de minhas crenças definir quem será e quem não será condenado, afinal de contas, eu não serei.

Faço isso porque tenho medo de viver a verdadeira mensagem deixada pelos profetas. Eles não vieram condenar ninguém. Eles vieram para nos unir ao invés de nos dividir. Eles andaram no meio de todos. Eles não excluíram ninguém da sua mensagem. Não criaram nenhuma religião. Entretanto, eu me escondi debaixo do guarda-chuva da religiosidade, esquivando-me de todos que não pensavam como eu. Tudo o que eu queria era estar certo e que os outros estivessem errados. Não percebi que essa era minha grande falha. Demorou muito para assimilar os relatos dos livros sagrados que dizem que os grandes profetas andavam no meio do povo, como um deles. Demorou para eu compreender que um dos humanos mais inteligentes (Sócrates) que já passou pela face da Terra descobriu que nada sabia. Se ele que foi tão inteligente, não teve vergonha de dizer que não sabia, por que então eu, tão cheio de erros, faço de conta que sei algo? Se um dos maiores exemplos de sabedoria (Maomé) foi capaz de perdoar os seus irmãos que o expulsaram com ameaças de morte de sua tribo, quem sou eu para não perdoar pessoas que muito menos mal fazem a mim? Se alguém que se dizia filho de Deus (Jesus) andava com prostitutas e bandidos, quem sou eu, filho do Adão e da Lúcia, para preterir quem quer que seja?

Não digo isso porque eu sei que sou melhor do que os outros e que deveria seguir o exemplo dos grandes professores e andar também com aqueles que eu considero inferiores. Digo isso porque tenho medo de mostrar o mal que existe dentro de mim, e ser excluído da sociedade, assim como essas pessoas que são muito mais fortes

do que eu, e que não têm medo de mostrar tudo o que são. Escondo-me atrás de uma máscara intelectual que vela as minhas mazelas. Não há por que negar, todos nós somos imperfeitos, isso já descobri. Nossos mestres tentaram nos ajudar a viver melhor ao nos mostrar que deveríamos aceitar a todos pelo que eles são, pois assim aumentaríamos a chance de sermos aceitos pelo que na verdade nós mesmos somos.

Vivemos atordoados pela mentira das aparências. Seguimos a religião da ambição, que diz que quanto mais melhor, que quanto mais caro mais eu sou, e esquecemos que por dentro, somos os mesmos. Mostramos ao mundo nossa felicidade, e escondemos nossas dores. Vivemos preocupados com os problemas do mundo, mas ignoramos os mendigos nas ruas. Defendemos todos os direitos humanos, mas não perdoamos nenhuma falha. Somos rápidos em condenar aqueles que não pensam como nós mesmo quando dizemos defender o Amor. Depois de tantos anos ainda consideramos as prostitutas como pessoas inferiores. Depois de tanta evolução ainda aceitamos ver pessoas dormindo no chão da rua. Após tantos anos, ainda não vamos visitar os presos nas cadeias. Não compreendemos ainda as mensagens. Foram tão simples o gesto e a mensagem, mas ainda não compreendemos que, quando agredidos, deveríamos dar a outra face. É bom defender uma religião quando ela nos empodera para julgar, mas parece irrelevante os aspectos que nos chamam à humildade e à humilhação.

Por que fomos tão rápidos em abraçar os aspectos da religião que nos dão uma certa autoridade para julgar o que é certo e o que é errado, e não fomos tão determinados em absorver as lições que nos falam da aceitação, do respeito e do perdão? Sócrates preferiu morrer pelo que acreditava e nunca impôs suas ideias a ninguém, enquanto

nós queremos a todo custo matar aqueles que divergem de nossos pensamentos. Jesus andou no meio dos demônios e nós não queremos sair de dentro das igrejas, com medo de servos desviados para o mau caminho. Maomé não se importou de ser expulso de sua tribo e família por causa daquilo que acreditava, e nós temos medo de dialogar com pessoas que pensam diferente de nós.

Tenho tanta preocupação com a minha aparência, mas esqueço que serei enterrado na terra e que vermes destroçarão minha carne. Há em mim tanta ansiedade em condenar ao inferno aqueles que não acreditam no meu Deus, mas pouca vontade em saber das dores secretas que afligem as pessoas que convivem comigo. Vive dentro de mim a inveja sobre os ricos e por isso ajo como se minha pobreza fosse uma virtude. Sou rápido em apontar o dedo contra os corruptos, mas esqueço que se eu fosse julgado por minhas próprias falhas, eu pegaria prisão perpétua. Condeno as prostitutas que vendem o seu corpo por prazer, mas esqueço que entreguei minha alma de graça por qualquer religião barata que só me faz sofrer. Não quero andar com os mendigos, porque tenho medo que as pessoas descubram que na verdade o mendigo sou eu, pois por dentro estou em farrapos.

Apesar de tantos anos terem se passado desde que pessoas tão evoluídas passaram por aqui com mensagens poderosas de Amor e de respeito, continuamos prisioneiros de pensamentos e atitudes retrógrados. Quantos de nós podemos dizer que temos em nosso círculo de amizade prostitutas, mendigos, ladrões, gays, lésbicas, corruptos, políticos, ex-presidiários, pessoas de religiões diferentes e de cores diferentes? Não digo isso porque acho que essas são pessoas inferiores, mas sim porque sei que ainda agimos como se fossem inferiores. Acredito que todos nós temos dentro de nós falhas, mas que muitas

vezes escondemos nossas falhas, por medo de sermos excluídos ou criticados por uma sociedade que ainda é extremamente condenadora. Mesmo depois de tanto tempo, mesmo depois de evoluirmos em tantas coisas, ainda somos como que recém-nascidos nas questões de humanidade e das nossas diferenças. Acima de tudo de nossas falhas. Ainda não aceitamos as falhas nos outros. Agimos como se pessoas diferentes fossem leprosas de quem tivéssemos que manter distância para não sermos infectados com a mesma “doença”, quando na verdade escondemos muitas doenças dentro de nós mesmos.

Fico aterrorizado quando vejo na mídia pessoas que representam religiões agirem com agressividade contra pessoas de opções sexuais diferentes, ou por opções políticas diversas. Fico mais aterrorizado ainda de ver em mim a dificuldade em vencer esses defeitos de caráter, mesmo quando vejo que estou errado. Fico imaginando como seria se Jesus estivesse entre nós hoje, e de como ele estaria andando com todos os tipos de pessoas, sem julgar ninguém, mas apenas trazendo alívio para o sofrimento e para as disputas de ideias. Ele andaria com todos e uniria a todos os que quisessem ser unidos, para provar que no fundo todos somos iguais, apesar de nossas diferenças, e que todos somos importantes, apesar de nossos defeitos. Fico pensando em como seria se Maomé estivesse aqui hoje e visse a quantidade de pessoas que são mortas em seu nome e a quantidade de costumes que foram criados baseados em uma religião que ele mesmo nem criou. O que ele sempre quis foi unir sua família e seu povo sob o manto da paz e da compreensão, sem imposição. Fico pensando em como seria ter Sócrates entre nós mais uma vez e nas perguntas avassaladoras que ele desferiria contra nossos preconceitos e teorias absurdas que não servem para nada além de inflar nossos egos intelectuais.

Precisamos parar de condenar Judas por aquilo que ele fez em um passado já distante. Precisamos desaprender a arte do julgamento e aprender de uma vez por todas a técnica do perdão. Devemos de uma vez por todas parar com a nossa habilidade em julgar o que as pessoas fazem de errado e iniciar uma jornada de compreensão e Amor pelas diferenças que temos em nossa sociedade. Precisamos deixar de lado nossa fé cega em rituais antigos e abraçar a capacidade lógica e intelectual que nos permite ver o óbvio, e que compreende que mais importante que estar certo é ter no fim das contas com quem conversar. É válido sim ter valores e ideais claros, mas é indispensável saber conviver com os valores e ideais de outras pessoas. E acima de tudo é imperativo aprendermos a conviver com o que parece ser o erro dos outros para que os outros também não se importem em conviver com o que parece aos olhos deles, serem os nossos erros, por mais camuflados que possam estar pela aparência da normalidade.

Que a próxima vez que eu vir um mendigo na rua eu tenha a capacidade de descer da minha carruagem de intelectualidade e tenha humildade suficiente de parar e conversar com essa pessoa. Que quando eu vir uma prostituta na rua eu pare não com a intensão de contratar os seus serviços, mas com a intensão de lhe perguntar se ela precisa de algo como compreensão, uma companhia amiga ou quem sabe uma boa conversa livre de qualquer interesse social ou financeiro. Que eu aprenda de uma vez por todas a tirar tempo para visitar as prisões e seus habitantes carcerários, pois ali estão pessoas que já foram julgadas pela sociedade, mas pouco amadas. Que eu aprenda que as pessoas que erram devem sim pagar pelos seus erros, mas que não devem jamais ser privadas da possibilidade de serem amadas. E que acima de

qualquer coisa, não cabe a mim o papel de Deus julgador e condenador da humanidade. A mim a única autoridade que foi outorgada foi a de amar, perdoar e compreender, principalmente a mim mesmo, pois se assim não for, não serei capaz de amar os outros, pois nossa falha, minha falha, é não amar primeiramente quem eu sou, e procurar tantas vezes erroneamente ser alguém diferente, alguém perfeito, alguém sem falhas. Que eu possa, além de pensar assim, viver dessa forma. Sei que minhas fraquezas não me permitem ser o ser que eu gostaria muitas vezes de ser. Reconheço minhas falhas e espero que as pessoas me amem e me perdoem mesmo assim; espero de coração que eu faça o mesmo por elas. Que eu aprenda e viva o verdadeiro significado do Amor.

Impresso por:



CHIADO

P R I N T